

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - FAFICH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**MARCELO WAGNER DE LIMA E SOUZA**

**O inconsciente e a Língua de Sinais: a (não)exclusividade da dimensão  
sonora na constituição do sujeito**

BELO HORIZONTE  
2021

MARCELO WAGNER DE LIMA E SOUZA

**O inconsciente e a Língua de Sinais: a (não)exclusividade da dimensão sonora na constituição do sujeito**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia em Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Área de Concentração: Estudos Psicanalíticos

Linha de Pesquisa: Conceitos Fundamentais em Psicanálise e Investigações no Campo Clínico e Cultural.

Orientadora:

Profa. Dra. Márcia Maria Rosa Vieira Luchina

BELO HORIZONTE  
2021

150  
S729i  
2021

Souza, Marcelo Wagner de Lima e.

O inconsciente e a língua de sinais [manuscrito] : a (não)exclusividade da dimensão sonora na constituição do sujeito / Marcelo Wagner de Lima e Souza. - 2021.

250 f.

Orientadora: Márcia Maria Rosa Vieira Luchina .

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1. Psicologia – Teses. 2. Psicanálise - Teses. 3. Inconsciente (Psicologia) - Teses. 4. Língua brasileira de sinais - Teses. 5. Surdez - Teses. I. Vieira, Márcia Maria Rosa. II .Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**O inconsciente e a Língua de Sinais: a (não)exclusividade da dimensão sonora na constituição do sujeito**

**MARCELO WAGNER DE LIMA E SOUZA**

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA, como requisito para obtenção do grau de Doutor em PSICOLOGIA, área de concentração ESTUDOS PSICANALÍTICOS, linha de pesquisa Conceitos Fund. Psicanálise Invest. Campo Clínico e Cultural.

Aprovada em 07 de maio de 2021, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Marcia Maria Rosa Vieira Luchina - Orientador  
UFMG

Prof(a). Angela Maria Resende Vorcaro  
UFMG

Prof(a). Luiza Ely Milano  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof(a). Giselli Mara da Silva  
UFMG

Prof(a). Virginia Lúcia Souto Maior Sanábio  
Faculdade Única de Ipatinga

Belo Horizonte, 7 de maio de 2021.



Datas e horários baseados no fuso horário (GMT -3:00) em Brasília, Brasil  
**Sincronizado com o NTP.br e Observatório Nacional (ON)**  
Certificado de assinatura gerado em 12/05/2021 às 15:26:38 (GMT -3:00)

## Folha Aprovação Marcelo Wagner

ID única do documento: #9790dae9-7f2f-46fe-9ac9-3e26df438631

Hash do documento original (SHA256): 7e3a7ed151c46a2d07b523210d621a1b267e400d893f4d726317734cf82e1265

Este Log é exclusivo ao documento número #9790dae9-7f2f-46fe-9ac9-3e26df438631 e deve ser considerado parte do mesmo, com os efeitos prescritos nos Termos de Uso.

## Assinaturas (5)

- ✓ **Márcia Maria Rosa Vieira Luchina (Participante)**  
Assinou em 14/05/2021 às 15:36:01 (GMT -3:00)
- ✓ **Virginia Lúcia Souto Maior Sanábio (Participante)**  
Assinou em 13/05/2021 às 09:27:47 (GMT -3:00)
- ✓ **Luiza Ely Milano (Participante)**  
Assinou em 12/05/2021 às 17:11:52 (GMT -3:00)
- ✓ **Giselli Mara da Silva (Participante)**  
Assinou em 12/05/2021 às 15:56:05 (GMT -3:00)
- ✓ **Angela Maria Resende Vorcaro (Participante)**  
Assinou em 13/05/2021 às 16:21:56 (GMT -3:00)

## Histórico completo

### Data e hora

12/05/2021 às 15:26:38  
(GMT -3:00)

### Evento

Marcelo Wagner de Lima e Souza solicitou as assinaturas.

**Data e hora****Evento**

13/05/2021 às 09:27:47  
(GMT -3:00)

Virginia Lúcia Souto Maior Sanábio (Autenticação: e-mail virginiasoutomaior@yahoo.com.br; IP: 128.201.1.74) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <https://verificador.contraktor.com.br>. Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.

12/05/2021 às 15:56:05  
(GMT -3:00)

Giselli Mara da Silva (Autenticação: e-mail gisellimara@gmail.com; IP: 191.185.138.41) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <https://verificador.contraktor.com.br>. Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.

12/05/2021 às 17:11:52  
(GMT -3:00)

Luiza Ely Milano (Autenticação: e-mail luizamilanos@gmail.com; IP: 179.219.186.7) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <https://verificador.contraktor.com.br>. Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.

13/05/2021 às 16:21:56  
(GMT -3:00)

Angela Maria Resende Vorcaro (Autenticação: e-mail angelavorcaro@uol.com.br; IP: 177.182.174.200) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <https://verificador.contraktor.com.br>. Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.

14/05/2021 às 15:36:01  
(GMT -3:00)

Márcia Maria Rosa Vieira Luchina (Autenticação: e-mail marcia.rosa@globocom.com; IP: 177.25.213.143) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <https://verificador.contraktor.com.br>. Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10o, §2.

*Ao Lu, pela parceria que me sustentou ao longo deste projeto...*

## AGRADECIMENTOS

À Prof.a Dr.a Márcia Rosa pela acolhida e por aceitar o desafio de orientações deste tema de pesquisa conduzindo com o rigor necessário, o andamento deste trabalho;

Aos professores Dr. Hélio Miranda, Dr.a Carla Capanema e Dr.a Ângela Vorcaro pelas contribuições no momento da banca de qualificação. Suas pontuações foram necessárias para o andamento desta pesquisa;

Às professoras Dr.a Virginia Sanábio, Dr.a Giselli da Silva, Dr.a Laura Milano e Dr.a Ângela Vorcaro, pelo aceita de participarem da banca de defesa da tese;

Ao Programa da Pós-Graduação em Psicologia - UFMG pelo apoio acadêmico;

Aos professores do Programa da Pós-Graduação em Psicologia – UFMG por compartilharem seus conhecimentos e possibilitarem novas reflexões teóricas sobre minha pesquisa;

Às colegas da pós, em especial à Paula Felix e Gesianni Gonçalves pelas trocas teóricas que foram importantes durante minha pesquisa;

Agradeço, em especial, ao meu parceiro de jornada e companheiro de vida: Lú. Sua presença me deu forças e me sustentou em momentos de dificuldade durante a escrita deste trabalho;

À minha família, em especial meus pais André e Estella, cujo exemplo de uma vida de estudos me incentivou à sempre buscar novos conhecimentos;

À minha querida irmã Adriana pelo incentivo, desde pequeno, a manter um rigor nos estudos;

Aos colegas intérpretes do Núcleo e Acessibilidade e Inclusão da UFMG pela compreensão nos momentos de ausência diante do cumprimento das exigências do programa de pós-graduação;

À direção do NAI, professoras Rosana Passos, Regina Céli e a ex-diretora Adriana Valadão pelo apoio durante o período de estudos no doutorado;

Às intérpretes do NAI, Cristiana Klimsa, Luciene Vieira e Sônia Romeiro, que atuaram no dia da defesa possibilitando a acessibilidade linguística para as pessoas surdas;

À Sonia Romeiro, amiga e parceira de trabalho, que contribuiu com sua presença na sinalização dos trechos dos discursos em Libras, marcando com seu corpo, a presença da Língua de Sinais neste trabalho;

Ao grupo de estudos Psicanálise e Libras, com o qual pude estabelecer novas conexões e novas propostas de pesquisa. Obrigado Rose, Priscila, Carla e Sofia;

Um agradecimento especial ao Edigleisson, pelas conexões e trocas nos últimos meses. Suas contribuições nos momentos finais da tese foram singulares;

À querida amiga Paula Felix, pela parceria e interlocução. Companheirismo que surgiu durante as aulas da pós-graduação que almejo levar para a vida;

Aos amigos queridos Leopoldo Bernardi e Lívia Audino pela amizade e pela presença, mesmo à distância, acompanhando o meu percurso de escrita deste trabalho;

À “Soninha”, por ter acreditado em mim, desde o início de minha jornada com a comunidade surda;

À comunidade surda, que me acolheu e com quem pude me inserir no aprendizado e conhecimento da Libras e cuja convivência me impulsiona a novas investigações e reflexões.

*“... Não há outra coisa na experiência analítica, senão a linguagem”. (Miller, 1997, p.25)*

## RESUMO

O objetivo desta tese é investigar a dimensão sonora na constituição subjetiva de pessoas surdas a partir do reconhecimento da língua de sinais como meio de expressão das formações do inconsciente. Partimos questionando a dimensão sonora, verificando a exclusividade ou não desta dimensão na operação clínica com sujeitos surdos que falam a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Estes sujeitos que se expressam nessa modalidade de linguagem, cuja sonoridade não é condição imperativa, nos provocam uma reflexão teórica. Afinal, a teoria psicanalítica teria condição de oferecer uma sustentação que permitisse um percurso terapêutico destes sujeitos através da escuta do inconsciente através de uma língua de modalidade espaço-visual? Indagamos se o campo da linguagem em psicanálise poderia favorecer a inclusão de uma articulação teórica que sustenta uma prática clínica conduzida em língua de sinais. Realizamos uma investigação que percorreu em um primeiro momento a teoria freudiana sobre a definição de inconsciente e em um segundo momento a teoria lacaniana em seu encontro com Saussure. Neste percurso, indagamos a presença do Outro como condição para a constituição subjetiva do sujeito de modo a avançarmos na discussão para um além da dimensão fonemática. Por fim, apresentamos a discussão sobre a noção de letra de modo a argumentamos a possibilidade de leitura do inconsciente, mesmo diante de pessoas surdas falantes de Libras. Nos servimos de alguns fragmentos de casos clínicos que juntamente com outros elementos em vídeo compõe a nossa casuística que possibilitou a articulação entre nossa questão e os pontos teóricos nos quais sustentamos. Desta forma, realizaremos uma discussão conceitual sobre o reconhecimento da dimensão sonora do inconsciente na constituição subjetiva tangenciando a viabilidade de acolhimento da pessoa surda falante de Libras. É relevante apontar a necessidade de abertura do campo psicanalítico para estas questões que se apresentam, advindas da clínica com pessoas surdas falantes de Libras. Reconhecemos no singular de cada sujeito, sua resposta à castração, marcada no real do corpo pela surdez sensorial, cuja linguagem se expressa gestualmente, nos implicando na investigação da hipótese de que o inconsciente pode ser lido nas manifestações languageiras de uma língua de sinais.

### **Palavras-Chave:**

Língua Brasileira de Sinais; Psicanálise; Inconsciente; Surdez; Constituição Subjetiva

## **ABSTRACT**

The aim of this dissertation is to investigate the sound dimension in the subjective constitution of deaf people based on the recognition of sign language as a means of expressing the formations of the unconscious. We started by questioning the sound dimension, verifying the exclusivity or not of this dimension in the clinical operation with deaf subjects who speak the Brazilian Sign Language (Libras). These subjects who express themselves in this language modality, whose sonority is not an imperative condition, provoke a theoretical reflection. After all, would psychoanalytic theory be able to offer a support that would allow a therapeutic path for these subjects through listening to the unconscious through a language of space-visual modality? We asked if the field of language in psychoanalysis could favor the inclusion of a theoretical articulation that supports a clinical practice conducted in sign language. We carried out an investigation that first covered Freudian theory on the definition of the unconscious and secondly, Lacanian theory in its encounter with Saussure. In this path, we asked for the presence of the Other as a condition for the subjective constitution of the subject in order to advance the discussion beyond the phonetic dimension. Finally, we present the discussion about the notion of letter in order to argue the possibility of reading the unconscious, even in front of deaf people who speak Libras. We use some fragments of clinical cases that together with other elements on video make up our series that enabled the articulation between our question and the theoretical points on which we support. In this way, we will conduct a conceptual discussion about the recognition of the sound dimension of the unconscious in the subjective constitution, tangent to the viability of welcoming the deaf person who speaks Libras. It is relevant to point out the need to open up the psychoanalytic field for these issues that arise, arising from the clinic with Libras-speaking deaf people. We recognize in the singular of each subject, their response to castration, marked in the real of the body by sensory deafness, whose language is expressed gesturally, involving us in the investigation of the hypothesis that the unconscious can be read in the linguistic manifestations of a sign language.

### **Key Words:**

Brazilian Sign Language; Psychoanalysis; Unconscious; Deafness; Subjective constitution

## Lista de Figuras

Figura 1 - Esquema do signo linguístico para Saussure .....	32
Figura 2 - Espectro de movimento.....	39
Figura 3- Espectro de movimento.....	39
Figura 4- Sinal PSQUIZMO .....	44
Figura 5- Configuração de mão 1 .....	44
Figura 6 – Configuração de mão 2 .....	45
Figura 7 – Configurações de mão da Libras configurações de mão da Libras.....	45
Figura 8 - Espaço de realização dos sinais .....	46
Figura 9 - Tipos de orientação da palma da mão.....	47
Figura 10 - Sequencialidade nas LO e simultaneidade nas LS.....	49
Figura 11 - Sinal em Libras referente o conceito de PSICOLOGIA .....	49
Figura 12 - Parâmetros do sinal PSICOLOGIA .....	50
Figura 13 - Alfabeto Manual da Libras .....	51
Figura 14 - Alfabeto manual da Língua de Sinais Japonesa (Nihon Shuwa) .....	52
Figura 15 - Alfabeto manual da Língua de Sinais Alemã .....	52
Figura 16- Sinal em Libras do referente à ÁRVORE.....	58
Figura 17 - Sinal ÁRVORE e sua composição icônica com o referente .....	58
Figura 18 – Tree – British Sign Language .....	59
Figura 19 - Albero - Língua Italiana de Sinais .....	59
Figura 20 - Interação entre pai surdo e sua filha recém-nascida .....	64
Figura 21 - Avó surda conversa com sua neta .....	65
Figura 22 - Interação entre mãe surda e sua filha .....	66
Figura 23 - Interação mãe surda e sua filha (continuação).....	66
Figura 24 - Pai surdo conversa com seu filho que está chorando.....	67
Figura 25 - Soletração manual do nome da criança: T-A-Y-L-O-R.....	67
Figura 26 - Criança tenta reproduzir gestualmente os sinais que ela acabou de ver .....	68
Figura 27 – Esquema da formação da representação palavra-coisa .....	75
Figura 28 - Esquema de uma possível ligação da imagem de movimento para associações de objeto.....	77
Figura 29 - Sinal em Libras referente ao conceito: CASAR .....	87
Figura 30 - Sinal em Libras referente ao conceito: ENCONTRAR .....	87
Figura 31 - EU CASAR [com] VOCÊ .....	88
Figura 32 - EU ENCONTRAR VOCÊ .....	88
Figura 33 - Grafo do Desejo .....	116
Figura 34 - O Grafo 2 .....	118
Figura 35 - Segundo andar do Grafo do Desejo .....	120
Figura 36 – Grafo do desejo destacando a questão “Che voui?”.....	121
Figura 37 - Fragmento de fala 01, de Wagner .....	159
Figura 38 - Fragmentos de fala 02, de Wagner .....	160
Figura 39 – Sinal em Libras: OBJETIVO .....	161
Figura 40 - Fragmento de fala 03, de Wagner - Trajetória.....	162
Figura 41 - Fragmento de fala: Eu grito .....	163
Figura 42 - Fragmento de fala: "Eu tenho vergonha" .....	164
Figura 43 – Fragmento de fala: "Me sinto confusa" .....	165
Figura 44 - Pontuação do analista.....	165
Figura 45 - Fala da paciente - "Eu cuido do meu marido" .....	166
Figura 46 - Sinal CUIDADO – variação 1 .....	167

Figura 47 - Sinal Cuidado - variação 2 .....	167
Figura 48 - Fala de Lana em Libras.....	168
Figura 49 - Taylor reagindo ao chamado/nomeação do pai .....	194
Figura 50 - Sinalização em Libras do conceito: “palavras que recebe do outro, atingem meu corpo”. .....	197
Figura 51 - Tradução do discurso em Libras: "Como se eu tivesse duas vozes na minha cabeça." ....	198
Figura 52 - Tradução do discurso em Libras: estas vozes são como se ele estivesse separado, como se um lado estivesse brigando com outro lado.....	199
Figura 53 - Tradução da Libras: "desde criança eu fui ensinada” .....	200
Figura 54 - Transcrição do discurso em Libras .....	203
Figura 55 - Transcrição da Libras.....	204
Figura 56 - Tradução da Libras - "Problemão".....	209
Figura 57 – Fragmento - Slam 01 .....	216
Figura 58 - Fragmento 02 – Slam 01 .....	217
Figura 59 - Fragmento 03 – Slam 01 .....	218
Figura 60 - Fragmento 01 - Slam 02.....	220
Figura 61 - Fragmento 02 - Slam 02.....	221
Figura 62 Fragmento 03 - Slam 02 .....	221
Figura 63 - Exemplo de um texto na Escrita de Sinais.....	223
Figura 65 - Texto escrito no sistema ELis .....	225
Figura 66 - Identificação dos sinais escritos.....	225
Figura 67 - Tradução do texto escrito no sistema ELiS.....	226

## Lista de Abreviaturas

ASL	<i>American Sign Language</i>
INES	Instituto Nacional de Educação dos Surdos
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LS	Língua(s) de Sinais
LSF	<i>Langue des Signes Française</i>
LO	Língua(s) Oral(is)
LP	Língua Portuguesa

# Sumário

Introdução .....	15
1. Linguagem e Psicanálise.....	23
1.1. No princípio.....	23
1.2. No princípio era o signo.....	29
1.3. No princípio era o gesto.....	35
<b>1.3.1. Línguas de Sinais</b> .....	38
<b>1.3.2. Gestualidade</b> .....	53
1.4. No princípio era o sonho.....	68
1.5. No princípio era o significante.....	80
1.6. “No princípio era o verbo” .....	95
02. Constituição subjetiva e sua relação com a pessoa surda falante de Libras. ....	100
2.1. Constituição subjetiva para a psicanálise .....	104
<b>2.1.1. Pela linguagem</b> .....	104
<b>2.1.2. Estádio do Espelho</b> .....	111
<b>2.1.3. O despertar do desejo</b> .....	115
2.2. Constituição subjetiva e inconsciente.....	123
<b>2.2.1. Inconsciente</b> .....	123
2.3. A pessoa surda .....	131
<b>2.3.1. A dimensão sonora na constituição do sujeito</b> .....	139
2.4. Efeitos terapêuticos.....	144
2.5. Casuística.....	149
<b>2.5.1. Fragmentos de caso</b> .....	156
03. A “escuta” da letra .....	172
3.1 Introdução .....	172
3.2. (H)á letras .....	178
3.3. A escrita no corpo .....	193
3.4. Por uma prática da letra em Libras: <i>Slam</i> do Corpo.....	210
<b>3.4.1. Escritas de sinais – um breve panorama</b> .....	222
3.5. Considerações .....	228
4. Considerações finais .....	231
5. Referências .....	237

## Introdução

*Os processos psíquicos inconscientes circunscritos por Freud encontram-se, no princípio mesmo de sua descoberta, submetidos à dimensão psíquica da linguagem (...). (Dor, 1989, p.11)*

Esta pesquisa de doutorado se configura pelo percurso instituído entre o campo dos estudos da linguagem e o campo da psicanálise. Esta relação pode ser identificada na origem dos trabalhos de Freud, que sempre considerou a importância do material de linguagem no tratamento do inconsciente. Alguns de seus textos, como *A interpretação dos sonhos* (1900), *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901), *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905), podem ser reconhecidos como referências desta estruturação do inconsciente como uma linguagem (Jorge, 2002).

Outros trabalhos de Freud também compõem este *hall* de textos que apresentam a dimensão indissociável entre inconsciente e linguagem. Mas, não podemos deixar de incluir algumas das referências de Lacan<sup>1</sup> que, ao propor a articulação entre linguagem e psicanálise, contribuiu no avanço e consolidação desta prática. Diante do esforço de sua proposta de retorno à teoria freudiana, Lacan apresentou – em sua primeira clínica<sup>2</sup> – uma formalização da psicanálise a partir do pensamento estruturalista, desenvolvendo sua teoria de que o inconsciente se constitui enquanto *estrutura de linguagem* através de diversos processos, como por exemplo processos metonímicos e metafóricos (Lacan, 1957/1998).

Nas palavras do psicanalista,

---

<sup>1</sup> Como por exemplo, os textos: *Função e Campo da Fala e da Linguagem* (1952), *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1954), *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente* (1957-58) e *O Seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante* (1971), *Conferência em Genebra sobre o sintoma* (1975).

<sup>2</sup> Esta divisão de primeira e segunda clínica lacaniana circula no campo psicanalítico como modo de demarcar discussões específicas do ensino de Lacan. Sabe-se que tanto ele, quanto Freud, contribuíram constantemente com produções teóricas sobre o fazer clínico. Lacan, especificamente, propõe elementos conceituais que se destacam ao longo de sua doutrina e que são agrupados em dois momentos específicos, a saber: primeira clínica (a partir da década de 50) em que há uma primazia do registro do simbólico como núcleo norteador. Neste ponto, temos a ênfase do aforismo “inconsciente estruturado como linguagem”. Já a segunda clínica, pode ser compreendida a partir da década de 70 quando Lacan passa a apresentar uma ênfase maior à dimensão do real. Sabemos que esta divisão compreende uma tentativa de agrupamento de uma vasta produção teórica que representa um percurso extremamente longínquo de ser cumprido em uma tese. Diante disto, esta pesquisa se concentra em alguns momentos da chamada primeira clínica lacaniana, sem desconsiderar que outros momentos podem e devem ser considerados em discussões futuras sobre este tema.

Se digo que tudo o que pertence à comunicação analítica tem estrutura de linguagem, isso não quer dizer que o inconsciente se exprima no discurso. A *Traumdeutung*, a *Psicopatologia da vida quotidiana* e o *Chiste* tornam isso transparente – nada dos rodeios de Freud é explicável, salvo que o fenômeno analítico como tal, seja ele qual for, é, não uma linguagem no sentido em que isso significaria ser um discurso – eu nunca disse que é um discurso, mas estruturado como uma linguagem. É nesse sentido que se pode dizer que é uma variedade fenomenal, e a mais reveladora, das relações do homem com o domínio da linguagem. Todo fenômeno analítico, todo fenômeno que participa do campo analítico, da descoberta analítica, daquilo com que lidamos no sintoma e na neurose, é estruturado como linguagem. (Lacan, 1955-56, p. 192)

Também nos orientamos pela premissa de que a psicanálise não surge para disciplinar o sujeito em padrões normativos. A prática clínica não se orienta por ideais de conduta, e ousamos questionar<sup>3</sup>, por ideias de um determinado idioma. A psicanálise se orienta na compreensão de que o sujeito que não se conduz pelos ideais, mas “pelos desejos” (Miller, 2011).

Sujeito que não se reduz às representações e/ou classificações normativas de determinado campo de saber, como por exemplo, o saber médico que define a pessoa enquanto *deficiente auditivo*. A psicanálise traz luz sobre um sujeito dividido, orientado pelas pulsões que não se deixam classificar. Neste sentido, cabe ao analista escutar, e por quê não, ler o sintoma como uma resposta do próprio sujeito à sua condição de ser castrado, e essencialmente afetado pela linguagem. E o sujeito, enquanto efeito de discurso<sup>4</sup>, não se restringe apenas na condição privilegiada pelas pessoas que ouvem. Os surdos, principalmente aqueles que falam

---

<sup>3</sup> Este questionamento sobre o que nomeamos de ideal de idioma, orientado pela ênfase nos idiomas de modalidade oral, apresenta-se como um dos pontos centrais desta tese. Ao longo de nossas discussões desenvolveremos melhor esta colocação levando o leitor pelo percurso que definimos como meio de comprovação de nossa hipótese.

<sup>4</sup> A noção de discurso é compreendida a partir de alguns pontos específicos na obra lacaniana. No início, em meados dos anos de 1950, Lacan estava às voltas com a dimensão simbólica da linguagem, e assim reconhece o discurso em termos da dimensão de enunciação; relacionado à palavra e à linguagem. Podemos destacar um ponto de seu texto *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* no qual o psicanalista trata o discurso em termos do falar do sujeito do seu sintoma por símbolos, pois o sintoma é uma construção a ser interpretada. Como ele afirma “os símbolos do sintoma” (Lacan, 1953, p. 294). Com o avanço de sua teoria, podemos localizar em outro momento de sua obra, especificamente no momento do Seminário XVII, *O avesso da psicanálise*, o discurso é tomado em relação com o gozo. Não é mais referido como uma dimensão de enunciação, mas enquanto efeito da linguagem. Além disto é tomado como um modo de laço social. Conforme a letra lacaniana: “os discursos em apreço nada mais são do que articulação significativa, o aparelho, cuja mera presença, o status existente, domina e governa tudo o que eventualmente pode surgir de palavras. São discursos sem a palavra, que vem [a palavra] em seguida alojar-se neles” (Lacan, 1969-1970, p. 177).

por uma língua de sinais (LS), também se constituem enquanto sujeitos afetados pela linguagem<sup>5</sup>.

É este o sujeito, caracterizado também pela condição de surdez biológica, com o qual nos encontramos na clínica e que nos procura demandando ser escutado. Sujeito que se apresenta com suas particularidades, suas questões – das mais diversas para além da condição da surdez - e em uma língua de sinais pela qual ele se enuncia.

Neste sentido, reconhecer que a psicanálise opera com o inconsciente a partir de suas manifestações languageiras, não é novidade. Contudo, um desafio surge a partir do momento em que se pretende reconhecer as formações do inconsciente através de línguas cuja dimensão sonora não se faz presente: as línguas de sinais. Estas línguas são utilizadas pelas diferentes comunidades surdas de todo o mundo, sendo distintas umas das outras. Podemos citar, por exemplo: Língua Brasileira de Sinais (Libras), *American Sign Language* (ASL), *Langue des Signes Française* (LSF), dentre outras. Estas e outras línguas de sinais permitem que as pessoas surdas possam interagir socialmente e são reconhecidas enquanto línguas distintas umas das outras.

Diante deste fenômeno, e das provocações que nos causam, esta pesquisa se consolida na investigação e revisão de alguns pressupostos da teoria psicanalítica, na construção de argumentos que contribuam para uma possível prática clínica que inclua as pessoas surdas falantes<sup>6</sup> de Línguas<sup>7</sup> de Sinais (no nosso caso aqui no Brasil, a Libras).

A partir da procura que estes sujeitos fazem por um atendimento, adentrando ao consultório com uma determinada queixa, questionamos o modo pelo qual é possível sustentar uma prática clínica com o arcabouço teórico psicanalítico disponível, articulando sobre este ponto específico: a de uma possível manifestação do inconsciente através de uma língua cuja articulação material não ocorre pela sonoridade, mas pelo gesto.

A princípio, vale destacar que, para que estes atendimentos sejam viabilizados, faz-se necessário a proficiência nesta Língua de Sinais por parte do profissional que se dispõe a acolher estes sujeitos. Esta é a condição básica para a realização de um atendimento a este

---

<sup>5</sup> Esta afirmação será desenvolvida ao longo da tese.

<sup>6</sup> Compreendemos o termo *falantes*, utilizado neste contexto referindo-se às pessoas surdas, enquanto a ação de se comunicar pela língua de sinais.

<sup>7</sup> Línguas de sinais são caracterizadas enquanto línguas que se ancoram na articulação gestual, i.e., que se manifestam à partir da gesticulação manual e corporal, diferente das línguas orais, cuja emergência material ocorre pela articulação sonora. No próximo capítulo, esta diferença será melhor apresentada.

público e ainda mais, para refletirmos de modo consistente<sup>8</sup> sobre esta especificidade. Contudo, mais do que isso, é necessário demonstrar um uso teórico responsável e coerente dos conceitos psicanalíticos. Afinal, apesar de encontramos alguns trabalhos que propõem a investigação da relação entre a psicanálise e as línguas de sinais (Nunes, 2004; Solé, 2005; P. Pereira, 2007; E. Pereira, 2016 e Halabe, 2018), ainda é necessário realizar uma revisão teórica que reflita os principais postulados da teoria psicanalítica. E no caso desta pesquisa de doutorado, o postulado de maior relevo: o conceito de inconsciente. Outros conceitos, como o de pulsão, transferência e repetição, não podem ser dissociados uns dos outros, mas diante da proposta deste trabalho, o foco direcionado na discussão do inconsciente e especificamente nesta problematização da dimensão sonora, já se coloca de bom tamanho para a escrita de uma tese.

Portanto, um dos pressupostos que apresentamos se sustenta no reconhecimento de uma língua de modalidade gestual<sup>9</sup>. Reconhecemos que a discussão não se limita à especificidade do código de expressão de uma determinada língua uma vez que a articulação da linguagem pela psicanálise, parte do código linguístico, mas não se limita a ele. Indagamos se o campo da linguagem em psicanálise poderia favorecer a inclusão de uma articulação teórica que sustentasse uma prática clínica conduzida em língua de sinais.

Apesar de alguns autores, como os supracitados, já iniciarem a constituição de um campo de investigação específico sobre esta temática, defendemos a necessidade da construção de um percurso teórico que sinalize a possibilidade, ou não, de se valer do dispositivo psicanalítico no tratamento de pessoas falantes de libras. Esta empreitada se apresenta de forma muito ousada uma vez que é necessário um percurso que seja viável dentro de um programa de pós-graduação.

Diante disto, faz-se necessário um recorte teórico que seja o início de uma jornada de pesquisa que possa apresentar a viabilidade ou não do uso da teoria do inconsciente no atendimento de pessoas surdas falantes de Libras. Vale destacar que não pretendemos responder sobre a possibilidade de uma análise conduzida em uma língua de sinais, mas

---

<sup>8</sup> Consideramos que as pesquisas deste fenômeno não se limitam ao contexto de profissionais que são fluentes em alguma língua de sinais. Mas, afirmamos que o domínio deste idioma permite o reconhecimento do funcionamento desta modalidade de língua de modo mais próximo e com isto, um olhar mais aprofundado.

<sup>9</sup> A literatura disponível sobre estudos linguísticos de línguas de sinais caracteriza essas línguas por sua diferença de modalidade em relação às línguas orais. Logo, a diferença é discutida a partir do canal de comunicação usado (Quadros & Karnopp, 2004). As línguas orais se realizam pela produção dos fonemas a partir da articulação do som e sua recepção pelo ouvido, enquanto as línguas sinalizadas se realizam pela articulação das mãos e corpo produzindo no espaço, gestos e movimentos que são captados pelos olhos.

verificar se a teoria disponível pode suportar esta questão advinda do encontro com os sujeitos falantes de Libras.

O recorte escolhido para este projeto se configura na discussão da **dimensão sonora/fônica do inconsciente na teoria freudiana e lacaniana na constituição subjetiva do sujeito surdo**. Para tanto, temos no horizonte a discussão da exclusividade (ou não) da dimensão sonora na constituição do sujeito.

Diante deste ponto, pretendemos demonstrar a hipótese de que a constituição do inconsciente não se restringe apenas à dimensão sonora, mas que comporta também a dimensão da escritura (Birman, 2007) e, a partir disso, verificar a aproximação das línguas de sinais desta dimensão de escrita como um possível suporte das formações do inconsciente nas pessoas surdas falantes desta língua.

Além disso, esta tese desdobra-se no questionamento sobre os limites e impasses que a experiência da surdez nos sujeitos interpela a teoria psicanalítica em alguns de seus postulados fundamentais. O que podemos identificar como desafiador para esta proposta de pesquisa é a possibilidade da teoria psicanalítica tal qual está consolidada, de incorporar, ou não, as línguas de sinais como meio de escuta do inconsciente. Afinal, estaríamos diante de pelo menos duas possibilidades distintas: (1) ou estaríamos diante do reconhecimento da amplitude da teoria psicanalítica no atendimento de pessoas falantes de uma língua de sinais (especialmente as pessoas surdas), o que pode ser visto como uma “validação” da teoria para este campo que fora desconsiderado<sup>10</sup> pelos grandes teóricos (Freud e Lacan); ou (2) estaríamos diante do limite da teoria psicanalítica que se sustentaria apenas da dimensão sonora da linguagem.

Reconhecemos de início, conforme nos aponta Coutinho (2002), que “a psicanálise opera através de um único meio, a palavra do analisando, [assim] Lacan estabelece na obra de Freud a relação iniludível entre as diversas formações do inconsciente e a linguagem, através da qual elas necessariamente se manifestam” (p.65).

Fundamentados no campo da psicanálise, tendo no horizonte a centralidade da investigação acerca do inconsciente, como metodologia a ser adotada neste trabalho, apresentamos duas que nos orientam, a saber: *estudo de caso* e *pesquisa teórica*. Por mais que ambas sejam metodologias distintas de investigação e conseqüentemente suficientes de serem

---

<sup>10</sup>Ao afirmar que a temática da surdez foi ‘desconsiderada’ dos textos clássicos da psicanálise, não estamos realizando uma crítica de que não houve interesse por parte dos teóricos, mas apontando que este tema não fora trabalhado, uma vez que os estudos linguísticos das LS que possibilitaram seu reconhecimento se ampliaram a partir da década de 60. Para maiores detalhes consultar Pereira (2007).

utilizadas separadamente em pesquisas, optamos pela conjunção das duas. O motivo de tal ousadia se justifica mediante a própria definição da nossa pergunta de pesquisa.

Para conseguirmos responder esta questão iremos partir de alguns fragmentos de caso que nos direcionam, de imediato, a formulação da própria pergunta de pesquisa. Ou seja, é a partir dos casos e seus impasses que nos interrogamos sobre pontos específicos da teoria.

Contudo, tais questões nos orientam no retorno à teoria, na consulta de textos específicos das obras de Freud e de Lacan que não apenas constituem o marco teórico deste trabalho, mas cujo retorno de leitura e investigação se constitui também um trabalho de investigação teórica. Afinal, a postura diante do texto não se enquadra em uma leitura passiva que busca extrair os sentidos já demarcamos. Ao contrário, a nossa postura de leitura será orientada mediante uma ação de questionamento do próprio texto.

Sobre o uso da metodologia do caso clínico, compreendemos que esta, produz interrogações sobre método analítico e conseqüentemente, este método analítico também interroga o caso e que ambos são formas de abordagem do real da clínica (Vorcaro, 2010). Além disso, o “essencial na abordagem do caso clínico na pesquisa em psicanálise é a função de exponenciar o saber adquirido com os ensinamentos do caso, tornando-o capaz de interrogar, reformular, distinguir ou ultrapassar o que já foi explicitado pela generalização teórica psicanalítica” (Vorcaro, 2010, p.14).

Outro ponto fundamental é de se reconhecer que não é apenas o caso clínico em si mesmo que define seu uso na pesquisa, mas ao “encontro que a clínica promove” (Vorcaro, 2010, p.12). A construção do caso envolve, necessariamente, um movimento de escrita, cujo enredo se sustenta no que há de mais singular da clínica, afinal esta “literalidade da narrativa escrita é cara à psicanálise porque o que o analista grava e apaga da clínica é o que concebe como relevante ou desnecessário, evidenciando que seu ato de escrever está regulado pela responsabilização quanto ao seu ato clínico” (Vorcaro, 2010, p.16). Isto é, no que o caso desperta no analista e o implica numa construção que recolhe o que de mais essencial ou de mais obscuro lhe permite tecer uma narrativa.

Assim, a construção de um caso clínico, implica em um ponto de interrogação da teoria na perspectiva de singularizar o caso em questão reconhecendo que o caso é o início destes questionamentos e não uma ilustração ou comprovação teórica.

Além da escolha da metodologia de *estudo de caso* como metodologia de pesquisa, compreendemos que nosso objeto de investigação impõe a necessidade de uma segunda proposta de trabalho, a saber uma *pesquisa teórica*.

Vale destacar que compreendemos que a existe uma distinta relação entre pesquisa teórica e estado da arte. Este último, como um levantamento bibliográfico que permite a contextualização teórica do objeto a ser investigado. Consiste também como um levante das principais literaturas que abordam e sustentam a discussão a ser feita em torno do objeto de pesquisa (Triviños, 1987). O estado da arte é um ponto crucial na produção acadêmica, uma vez que é de onde se parte para avançar na pesquisa. Contudo, a pesquisa teórica costuma ser confundida e deve ser compreendida como uma metodologia que visa “a reconstruir teoria, conceitos, ideias, ideologias, polêmicas, tendo em vista, em termos imediatos, aprimorar fundamentos teóricos” (Demo, 2000, p. 20).

Ou seja, esta modalidade de pesquisa se orienta na perspectiva de revisar postulados específicos ou quadros conceituais. Afinal, o “conhecimento teórico adequado acarreta rigor conceitual, análise acurada, desempenho lógico, argumentação diversificada, capacidade explicativa” (Demo, 1994, p. 36).

Portanto, pretendemos realizar uma investigação que possa percorrer em um primeiro momento a teoria freudiana sobre o inconsciente e em um segundo momento a teoria lacaniana em seu encontro com Saussure e, para, assim, apontar quais as possibilidades teóricas de se afirmar a exclusividade ou não da dimensão sonora (fonêmica) na constituição e funcionamento do inconsciente.

Diante desta premissa, em que o inconsciente pode ser concebido para além de uma língua fonética, reconhecemos a abertura para discussões futuras sobre os atendimentos psicanalíticos com pessoas surdas que falam uma língua de sinais. Contudo, dedicaremos neste trabalho a constituição de um fundamento teórico que possa sustentar esta prática, organizado do seguinte modo:

No primeiro capítulo abordaremos algumas noções norteadoras sobre a dimensão da linguagem e psicanálise. Tomaremos um percurso no qual buscamos apresentar os argumentos que reconhecem as Línguas de Sinais enquanto línguas e das possibilidades de reconhecê-las enquanto possível suporte de manifestação do inconsciente.

No segundo capítulo, propomos avançar na discussão sobre a constituição do sujeito para a psicanálise destacando o caso das pessoas surdas. Abordaremos a dimensão sonora na constituição da subjetividade e da presença do Outro, especificamente do desejo do Outro nesta operação como ponto que nos possibilita avançar para além da dimensão sonora da linguagem.

No terceiro e último capítulo, abordaremos a discussão sobre a dimensão do inconsciente enquanto significante e enquanto letra. Tal discussão servirá de suporte para uma

possível articulação acerca da defesa da premissa de leitura do inconsciente, nos sujeitos surdos falantes de Libras.

Diante disto, nos interrogamos acerca do impacto que este fenômeno das línguas de sinais pode imprimir no campo da psicanálise, especificamente na forma como o sujeito pode vir a se constituir através da entrada no campo simbólico por uma língua de materialidade gestual. Nos interrogamos sobre esta possibilidade e, mais ainda, sobre as especificidades que podem ser reconhecidas através desta modalidade.

Ao final do percurso, reconheceremos o testemunho do inconsciente nas pessoas surdas falantes de Libras além de demonstrarmos, com os fragmentos de casos clínicos, que é possível lermos o inconsciente para além da modalidade sonora da linguagem. Tal constatação nos permite avançarmos ainda mais em novas discussões acerca deste fenômeno das línguas de sinais lidas a partir da psicanálise.

Convidamos o leitor a acompanhar-nos neste percurso desafiador e ao mesmo tempo instigante.

## 1. Linguagem e Psicanálise

*Quer queiramos, quer não, o inconsciente se faz presente e revela que, quando o sujeito fala, há alguma coisa que fala através dele e apesar dele. (Jorge, 2017, p.241)*

### 1.1. No princípio...

Espera-se que uma investigação científica introduza um ponto de abertura. Um ponto inaugural diante da constatação de um determinado *problema* de pesquisa, ou seja, de que algum conhecimento a mais pode – e deve – ser produzido. Este princípio marca uma origem. Um tempo inaugural, do qual é possível referenciar-se em coordenadas que apontam para onde se quer chegar.

Uma pesquisa, pode ser considerada como uma cartografia que orienta o leitor no trajeto que o pesquisador realizou ao longo da investigação de suas questões. E neste percurso, ele destaca as paradas nas quais é necessária deter o olhar, em uma sequência de coordenadas que traçam um sentido a ser construído (Filho & Teti, 2013).

Mas, todo início, se insere em uma cadeia de eventos. Não começamos *do zero*. Não inauguramos algo por si só. Afinal, o fenômeno investigado já está posto e o que se destaca neste processo é uma nova leitura do objeto a ser investigado.

É a partir deste encontro com a psicanálise e com as Línguas de Sinais (LS) que nos propomos a realizar esta pesquisa. O início deste percurso se constitui a partir de uma inquietação. Diante de um arcabouço teórico que se sustenta, em certa medida, pela definição do *inconsciente enquanto estrutura de linguagem* (Lacan, 1957), cuja compreensão de linguagem se ancora na dimensão sonora, como seria possível manter esta formulação no encontro com línguas *não-sonoras*? Mais especificamente, como podemos revisar tal concepção de inconsciente, ampliando a noção de linguagem, na compreensão da constituição subjetiva de um sujeito surdo falante de Língua de Sinais.

Reconhecemos de início, conforme nos aponta Coutinho (2002), que “a psicanálise opera através de um único meio, a palavra do analisando, [assim] Lacan estabelece na obra de Freud a relação iniludível entre as diversas formações do inconsciente e a linguagem, através da qual elas necessariamente se manifestam” (p.65)

Em Lacan (1957-58), destacamos uma questão que ele propõe, mas que recolhemos neste trabalho com uma possível resposta que nos movimenta em busca dos fundamentos de nossa pesquisa: “E como não haveria até mesmo um psicanalista de hoje de sentir que chegou a isto, a tocar na fala, quando sua experiência recebe dela seu instrumento, seu enquadre, seu material e até o ruído de fundo de suas incertezas?” (p. 497).

Destacamos que o *tocar na fala*, carrega um dos alicerces de nossa pesquisa, a experiência da fala<sup>11</sup> que não só funda o sujeito, mas também é o material com o qual o psicanalista trabalha. Portanto, é necessário iniciarmos a tese discutindo sobre esta experiência da fala, nas quais o sujeito se constitui e a partir de então, investigarmos como o sujeito surdo poderia se constituir através de uma Língua de Sinais.

Retomamos Lacan, que ainda em seu texto de 1957, *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, afirma que “é toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente” (Lacan, 1957, p.498). E ainda complementa, “também o sujeito, se pode parecer servo da linguagem, o é ainda mais de um discurso em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito em seu nascimento, nem que seja sob a forma de seu nome próprio” (Lacan, 1957, p. 498). Ou seja, a experiência da linguagem está intimidante ligada à experiência de constituir-se sujeito. Diante disto, pensar uma pessoa surda, imersa em uma rede simbólica através da circulação em sua comunidade de pessoas falantes de uma determinada língua de sinais, não seria a demonstração de que este sujeito também estaria sob estes efeitos de significação e constituição subjetiva? Não sejamos prematuros nesta colocação, afinal atentamo-nos para o alerta, como próprio Lacan (1957) o faz, de que “a referência à experiência da comunidade e da substância desse discurso não resolve nada” (p. 498). Afinal, o principal é se concentrar nas *estruturas* que “revelam uma ordenação de trocas” (p.499). Ainda no mesmo texto, *A instância da letra no inconsciente...*, ele defende a necessidade de um aprofundamento sobre os estudos da linguagem. Neste ponto, recuperamos que no histórico da consolidação de sua obra, Lacan se serviu das discussões do reconhecimento da linguística enquanto ciência, mais especificamente da apresentação de seu

---

<sup>11</sup> Compreendemos a noção de fala a partir dos desdobramentos que Lacan propõe a partir da linguística saussuriana. Esta apresenta a oposição entre fala e língua na constituição da linguagem. Para Lacan, a dicotomia se estabelece pela oposição entre fala (*parole*) e linguagem (*langage*). Para o psicanalista, a fala é caracterizada como meio de cura. Em suas palavras: “Quer se pretenda agente de cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise dispõe apenas um meio: a fala do paciente” (1953/1998, p.248). Além disto, ele ainda caracteriza o método psicanalítico da seguinte maneira: “[...] são os da fala, na medida que ela confere um sentido às funções do indivíduo” (1953/1998, p.259). Assim, compreendemos e adotamos a noção de fala enquanto elemento material que o analista maneja no tratamento analítico. Nesta tese, compreendemos a fala em sua materialidade sonora e também gestual.

objeto de pesquisa: a linguagem. Lacan, define a linguística como “o estudo das línguas existentes em sua estrutura e nas leis que nela se revelam” (Lacan, 1957, p.499).

A partir de tal relação, percebemos a necessidade de abordamos o encontro da pessoa surda, falante de uma determinada língua de sinais, com a psicanálise. Tal encontro, nos remete à uma série questionamentos, dos quais podemos destacar o seguinte movimento: O que vem a ser uma linguagem? O que vem a ser uma língua? A dimensão gestual poderia ser reconhecida enquanto uma manifestação linguística? E mais, poderiam as línguas de sinais serem reconhecidas como meio de manifestação do inconsciente? Tais questões se permeiam ao longo do nosso texto e acompanharão o leitor neste percurso.

Também nos atentamos diante da argumentação que Lacan (2005) faz em seu texto *O simbólico, o imaginário e o real* no qual ele reconhece a linguagem como uma condição emergente cuja investigação de uma possível origem não deve ser investida. Em suas palavras:

Naturalmente, a questão da origem da linguagem é um dos temas que melhor podem prestar a delírios organizados, coletivos ou individuais. Não é o que temos a fazer. A linguagem está aí. É um emergente. Agora que emergiu, jamais saberemos quando nem como começou, nem como era antes que fosse. (Lacan, 2005, p. 24)

Neste sentido, dedicaremos nossos esforços em abordar este fenômeno, como o das Línguas de Sinais, como uma realidade já emergente. Não pretendemos defender posicionamentos sobre uma possível origem da linguagem através da primazia da articulação sonora *versus* a articulação gestual ou vice e versa.

Apesar de alguns estudos apresentarem esta discussão da origem da linguagem a partir da gesticulação (Corballis, 1991, 2002; Rastier, 2009; Cavalcante e Brandão, 2012), o essencial é reconhecer que o fenômeno das Línguas de Sinais oferece novos subsídios para a compreensão da própria dimensão e constituição humana de forma ampliada. Reforçamos que não nos deteremos na explanação de uma posição em defesa à uma origem da linguagem, seja gestual ou sonora; mas, apresentaremos alguns pontos essenciais que, de algum modo, oferecem as coordenadas básicas com as quais avançaremos na argumentação de nosso objeto de pesquisa.

Portanto, inaugurar um ponto de partida, estabelecendo uma certa origem, não significa recuperar um tempo mítico de um início de tudo; mas é necessário recolher argumentos, já consolidados, que nos permitam avançar em nossa investigação. Assim, a jornada definida

neste capítulo como *pequenos princípios* se constitui no recolhimento de argumentos que serão alinhavados na trama de nosso percurso de investigação.

Reconhecer que as Línguas de Sinais ocupam hoje um lugar de destaque em pesquisas científicas não é uma novidade. Trabalhos no campo da linguística (Stoke, 1960; Friedman, 1975; Klima & Bellugi, 1979; Liddell, 1980; Liddell & Johnson, 1989; Ferreira-Brito, 1995; Emmorey, 2002; Quadros & Karnopp, 2004) e psicanálise (Nunes, 2004; Solé, 2005; Rengifo, 2008; Pereira, 2016; Halabe, 2018), tem evidenciado o interesse de investigação das particularidades que esta língua apresenta.

O trabalho de Lúcia Maria Nunes (2004) é sua tese de doutorado intitulada *A escrita em gesto: um caso de surdez*, defendido na Universidade Estadual de Campinas. Em sua tese, ela propõe refletir sobre a produção escrita de uma jovem surda com surdez bilateral a partir da psicanálise. Nunes sustenta que é possível compreender este fenômeno reconhecendo a inclusão do sujeito como efeito de linguagem e que a produção escrita é considerada como “a manifestação de uma inscrição subjetiva” (p.15). A autora afirma que “que a integridade do organismo não constitui condição suficiente para a aquisição da linguagem, no sentido de que a inclusão do sujeito na língua não configura um ato redutível à esfera cognitiva ou mesmo biológica, mas leva a considerar a estruturação do sujeito em uma trama confeccionada na lógica da efetuação da função da fala no campo da linguagem” (p.15).

Ela se guia na relação de corpo e linguagem e deste modo, parte de alguns trabalhos que discutem a relação entre aquisição de linguagem e a escrita na surdez e assim partir da localização que o caso com o qual irá trabalhar. A autora avança na discussão sobre a noção de corpo para a psicanálise, corpo este capturado pela linguagem. E por fim, ela aborda a dimensão da escrita na proposta de ler seu caso clínico recolhendo os “momentos de ruptura, escansões, marcadas pela entrada de novos registros (gestos, oralidade, língua de sinais, escrita) que certamente produziram efeitos na estrutura psíquica” (p. 20).

Assim a análise da escrita do caso revela a possibilidade de efeito de uma estruturação psíquica que não tem uma relação direta com a surdez, mas de uma estruturação do sujeito que ocorre na relação com o Outro que determina que a criança entre na linguagem. Ou seja, “tomando o corpo como receptáculo na relação com o Outro que sobre este corpo escreve diferentemente” (p.110).

Já o trabalho de Maria Cristina Petrucci Solé (2005) intitulado *O sujeito surdo e a psicanálise: uma outra via de escuta*, é um livro fruto de sua tese de doutorado, defendido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Solé discute a possibilidade de a psicanálise ser

desenvolvida em língua de sinais. A autora também discute que a “surdez é uma marca no corpo que individualiza o sujeito” (p.175) e que por si só não é a causa de patologias. Ela afirma que é a falta precoce da escuta da voz da mãe que pode gerar efeitos prejudiciais à criança surda. A autora defende a tese de que “a surdez precoce impediu que o sujeito tivesse a voz da mãe como suporte de sua constituição e como acesso ao simbólico” (p.176). Por fim, a autora propõe a necessidade do analista saber a língua de sinais para o acolhimento de pessoas surdas.

O trabalho de Rengifo (2008) é um artigo publicado em francês, intitulado *Psychanalyse et Clinique de la Surdit * no qual o autor trabalha questões da clínica psicanalítica com pessoas surdas. O autor argumenta que a surdez não   causa primeira de transtornos das pessoas surdas. Além disto, ele sustenta que a prática da análise poderá acontecer uma vez que o analista saiba a língua de sinais (no seu caso, a língua de sinais francesa). O autor defende especificidades no manejo do inconsciente pela língua de sinais argumentando a possibilidade de uma análise com pessoas surdas.

A pesquisa de mestrado de Erick Leornado Pereira (2016), intitulado *Sobre a pulsão invocante na reabilita o auditiva com sujeitos surdos: um estudo teórico* apresenta o trabalho de investiga o com uma criança surda que se submeteu   cirurgia de implante coclear (IC) em Natal sendo que aos dez anos de idade ela apresenta “uma vacila o importante em rela o   linguagem” (p. 59). O autor propõe investigar os efeitos deste procedimento cirúrgico a partir da teoria psicanalítica focando no conceito de pulsão invocante. Ele parte da indaga o que a estimula o auditiva não   suficiente para que a “representa o psíquica do som possa existir” (p. 10). A partir do caso clínico, o autor discorre que estimular a audi o não   suficiente para que a representa o do som possa existir e assim o sujeito possa se servir da língua oral. A pesquisa conseguiu demonstrar que para além da materialidade das línguas orais e de sinais, a dinâmica invocante se fez presente. Percorrendo o ensino de Lacan, o autor afirma que em rela o aos sujeitos surdos, diante da ausência da percep o sonora cujo registro do som pode servir a dinâmica da invoca o, a pulsão invocante “compartilharia do mesmo objeto da pulsão escópica” (p. 61). Além disto, Pereira (2016) sustenta a premissa lacaniana da rela o que os homens estabelecem com a linguagem, no modo singular que o sujeito responde ao encontro com o Outro da linguagem, sendo ele surdo ou ouvinte. Ao final de sua disserta o, a autora afirma que

a análise realizada mostra que não basta que o profissional Psi acolha as angústias dos pais e indique os recursos terapêuticos e tecnológicos para a reabilita o, aplicando as políticas de saúde ou demonstrando o quanto alguns métodos/metodologias são eficazes, sejam moralistas ou fundamentados nas línguas de sinais.   necessária uma aposta no

sujeito, que mesmo com as vias auditivas prejudicadas está inserido no mundo da linguagem e a ela poderá responder de diferentes maneiras. (...) No atendimento à criança surda apostamos que a análise pode sustentar o valor linguístico das produções dessas crianças, promovendo o deslizamento dos significantes a partir dos recursos da criança (Pereira, 2016, p.62).

E por fim, apresentamos a tese de Dannilo Jorge Escorcio Halabe (2018) intitulada *A Psicanálise realizada em Libras: Demandas e desafios da clínica com pacientes surdos* defendida no ano de 2018 no programa de pós-graduação em psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação do professor doutor Alfredo Naffah Neto. Halabe (2018) propõe como temática principal de seu trabalho, o atendimento clínico com pessoas surdas, após constatar a pouca produção sobre este tema e reconhecer que em sua cidade, São Luiz, não havia analistas “preparados” para o atendimento de pessoas surdas. Assim, a partir da temática da surdez, ele pretendeu investigar as bases psicanalíticas que sustentam o atendimento psicanalítico, verificando a necessidade de modificação deste método – diante da especificidade da surdez – e conseqüentemente a necessidade de especificidades na formação do analista. Destacamos os seguintes argumentos que ele discorre mesmo que não estejam claramente delimitados: (a) A configuração do atendimento psicanalítico tomando como referência as obras de Freud e Lacan. Mas neste aspecto, sem demonstrar um fio condutor central ou um conceito com o qual ele invista um revisão teórica; (b) Logo depois, considera os atendimentos psicanalíticos com pessoas surdas através da leitura labial, indicando este como o recurso majoritário dos analistas que não conhecem a Libras; (c) Advoga a importância dos atendimentos acontecerem através da Libras e da inclusão de uma discussão sobre as manifestações culturais da comunidade surda; (d) Discorre sobre a importância da formação dos analistas em Libras e sua participação na cultura surda para a realização dos atendimentos e por fim (e) reforça o entendimento da Libras enquanto língua materna (L1) dos surdos, em qualquer momento de seu desenvolvimento.

Ele apresenta como resultado:

que a análise em LIBRAS não é tão diferente da análise em uma língua oralizada, como a Língua Portuguesa, e que a maior parte do método psicanalítico pode ser aplicada sem nenhuma alteração, bastando o analista conhecer aquele idioma que possibilita ao sujeito surdo sua melhor forma de expressão (p.14)

Nossa tese se apresenta como um produto investigativo que se soma a estes e outros trabalhos de pesquisa que consideram a relação das LS com a psicanálise. Mas antes de avançarmos na discussão dos conceitos psicanalíticos, é necessário iniciarmos por algumas considerações do campo da linguística.

No histórico de investigações das LS pela linguística, há um primeiro movimento de pesquisa que buscava, reconhecer as similitudes entre estas línguas e as línguas orais. Partindo de um primeiro movimento de reconhecimento destas manifestações enquanto línguas e não puramente como gesticulação simples, abriu-se um novo campo de pesquisas e de compreensão acerca da própria cognição humana.

Afinal, estas línguas demonstram a capacidade inata de processamento linguístico. Atualmente, temos evidências que a modalidade gestual não restringe e nem prejudica a faculdade de linguagem. Ao contrário, os estudos referenciados acima, demonstram os ganhos que a modalidade gestual pode apresentar para os indivíduos que adquirem esta língua na primitiva infância.

Para avançarmos nisso, faz-se necessário um percurso acerca da compreensão destas modalidades de língua e algumas de suas especificações que serão aproveitadas ao longo desta tese.

Deste modo, trilhando por algumas considerações sobre a linguagem, avançando sobre a gestualidade e assim discutindo sobre línguas de sinais, para em seguida nos determos em Freud e sua metapsicologia na compreensão da linguagem e inconsciente e com isto ancorarmos em Lacan, em sua teoria do significante. Após este percurso, reconstruiremos nossos passos no objetivo de produzirmos uma nova compreensão sobre o fenômeno da linguagem, em psicanálise, com as línguas de sinais.

## **1.2. No princípio era o signo...**

A partir deste ponto, abordaremos alguns dos pressupostos que orientam a compreensão e definição da noção de linguagem. Demonstraremos como tal noção é permeada por um entendimento de que a articulação sonora é tomada como dimensão exclusiva da linguagem. Objetivamos revisar a ideia desta exclusividade, confrontando-a com novos fenômenos, como o da Língua de Sinais. Assim, podemos abrir um terreno que, reconhecendo as peculiaridades

desta forma de manifestação linguística, nos permite a aproximação com a temática do inconsciente, especificamente na constituição do sujeito, na qual esta tese se propõe a discutir.

Para início deste percurso no campo da linguagem, é necessário retomamos os estudos de *Ferdinand de Saussure* (1978) na formalização da linguística enquanto campo da ciência que apresenta a língua como seu objeto de estudo. Saussure (1978), considerado o *pai da linguística*, estruturou esta disciplina que tem por objetivo o estudo da linguagem. Ele compreendeu a necessidade de definir o que seria um objeto científico que pudesse ser analisado, descrito e conseqüentemente agrupado em determinadas leis que ampliassem a compreensão deste fenômeno.

Mas, é necessário ter no horizonte, a compreensão de que os avanços concernentes a ciência da linguística, desde sua origem a partir da publicação do *Curso de Linguística Geral*, evoluíram ao longo da história, uma vez que “no contexto das problemáticas abordadas pela linguística atual, a teoria saussuriana adquire valor histórico, e nem sempre um valor instrumental (Vicenzi, 2009).

Contudo, é necessário apresentarmos alguns de seus conceitos principais, como o conceito de *signo linguístico*, formado a partir da composição das noções de *significante* e *significado*. Tais noções inspiraram Lacan no esforço de reelaborar a dimensão econômica do funcionamento psíquico em sua dependência da linguagem. Afinal, Lacan se serve inicialmente da base conceitual de Saussure para a construir sua própria concepção de linguagem<sup>12</sup>.

A importância deste conceito se dá, pela definição de sua constituição dual, marcado por uma relação de diferenças dentro do sistema linguístico. De acordo com d'Escragnolle Cardoso (2012),

É justamente nisso que Saussure se distingue de todos os outros modelos linguísticos em vigência no final do século XIX. A dualidade do signo em Saussure, postulando a anterioridade lógica da relação sobre os termos, rompia com o dualismo metafísico vigente na época (...). (d'Escragnolle Cardoso, 2012, p38)

---

<sup>12</sup> Sabemos que a obra de Lacan não se reduz à esta articulação das noções de signo, significante e significado inspirados pelo trabalho de Saussure. Ao contrário, sua obra avança com a inclusão de outros campos teóricos, como o da matemática, através da topologia. Contudo, consideramos pertinente fazer esta incursão inicial para nos servirmos dos pontos de sua obra que aproveitaremos para a construção desta tese.

Neste sentido, a relevância de Saussure se dá pela formalização que ele propôs ao fenômeno da linguagem, disponibilizando as bases que serviriam à Lacan como ponto inaugural de sua formalização da teoria freudiana do inconsciente.

Saussure (1978) toma a linguagem enquanto um fenômeno *heteróclito e multifacetado*, uma vez que se constitui a partir de diversos domínios, como por exemplo, fisiológicos (articulação corporal), físicos (a materialidade física da articulação sonora) e também psíquica (processos mentais envolvidos na produção e compreensão). A linguagem é reconhecida como um sistema complexo e por isto a língua é reconhecida como parte essencial da linguagem.

Para Saussure, o estudo sobre a linguagem divide-se em dois campos de estudo: o campo da *língua* e o campo da *fala*. O primeiro, a *língua*, que se constitui o objeto de estudo da ciência linguística. Para ele, a língua é definida como “social em sua essência e independente do indivíduo” (Saussure, 1978, p.27). Deste modo a língua é tomada em sua coletividade, na junção de todos os indivíduos que compartilham determinado conhecimento sobre o todo da língua. Além disto, o sujeito de serve da língua sem ter o controle de como a adquire e de com ela se estrutura. Sem a língua o indivíduo não conseguiria se inserir em suas relações sociais<sup>13</sup>.

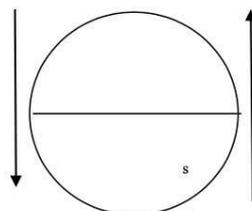
Por outro lado, a fala é considerada por Saussure como um objeto de estudo secundário da linguística, pois diz da *parte individual da linguagem*, sendo a parte concreta produzida pelo falante. Dito de outro modo, “a *fala* é a *língua* concretizada pelo falante. É um ato individual, resultando das combinações feitas pelo sujeito utilizando o código da língua. Neste sentido, o indivíduo quando fala se utiliza de *partes* da estrutura maior que é a *língua* (Vicenzi, 2009, p.29).

Assim, com o algoritmo fundado por Saussure, o signo linguístico se constitui a partir do seguinte esquema:

---

<sup>13</sup> Tal premissa vale também para as pessoas surdas, quando são impedidas de terem acesso à uma determinada Língua de Sinais. Afinal, sem uma língua, seja ela oral ou sinalizada, o sujeito fica privado de um desenvolvimento pleno, seja no aspecto cognitivo e social. Contudo, o encontro com as línguas de Sinais, mesmo em sujeitos surdos com aquisição tardia destas línguas, oferece um avanço, demonstrando que a privação de uma língua não se restringe às línguas orais. A privação de uma língua, seja ela de sinais ou oral, gera prejuízos tanto em pessoas surdas quanto em pessoas ouvintes. Logo, pessoas surdas se valem de uma determinada língua de sinais, cuja estrutura linguística as possibilita na realização de uma "fala". Sendo, nestes casos, a "fala" realizada pela articulação gestual e não oral.

**Figura 1 - Esquema do signo linguístico para Saussure**



Fonte: Saussure, 2006, p. 133

Neste esquema a significação que compõe o signo linguístico ocorre enquanto a articulação de duas instâncias: significado sobre o significante. Em suas palavras, "o signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica" (Saussure, 1978, p.80). O primeiro enquanto uma imagem mental do conceito do que se diz e o segundo enquanto uma imagem, também mental, da representação do material sonoro, conhecido como "imagem acústica". Saussure acreditava na reciprocidade biunívoca entre o significado e o significante, o que lhe impeliu na busca das leis que dariam conta de esclarecer a articulação entre eles (Ferreira, 2002). Para tanto ele afirma a relação de arbitrariedade entre estas instâncias. Ele afirma, por exemplo, que

a ideia de 'mar' não está ligada por relação alguma ao interior à sequência de sons m-a-r que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual; como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes. (Saussure, 1978, pp. 81-82)

Ou seja, não existe uma motivação entre a forma sonora do signo e seu significado, isto é, uma veiculação direta entre a palavra dita e o objeto no qual ela se referencia. Percebemos tais características na pluralidade de palavras dos diversos idiomas que se referem à um determinado conceito como *árvore*, na língua portuguesa, *tree*, na língua inglesa e *Baum*, na língua alemã. Não há nada em nenhuma destas palavras que indique uma referência direta ao objeto árvore. Neste sentido, "a conexão entre sua forma e significado é arbitrária visto que, dada a forma, é impossível prever o significado, e dado o significado, é impossível prever a forma" (Lyons, 1987, p. 31)

Ainda discutindo a arbitrariedade do signo, Saussure apresenta uma metáfora no mínimo curiosa, de que a língua seria uma “carta forçada<sup>14</sup>” (Saussure, 1978, p. 85). Tal metáfora, apresentada pelo linguista, se constitui na ideia de que o indivíduo teria a pretensa possibilidade de escolha dos signos que pretende utilizar. Contudo, uma escolha imposta diante daqueles existentes e compartilhados pela comunidade a que pertence. É possível associar à uma ideia de contrato, do qual o pacto se firma na assinatura ou não de determinado documento, sendo que o indivíduo não tem a possibilidade de alterar as cláusulas contratuais, a ele se restringe a escolha compulsória de apenas assinar ou não; mesmo diante dos impactos que a aceitação ou recusa podem acarretar.

Vale destacar que tanto para Saussure, como para outros linguísticas que lhe sucederam, o significante “em sua essência, (...) não é de modo algum fônico; é incorpóreo, constituído, não por sua substância material, mas unicamente pelas diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras” (Saussure, 1978, p. 137-138). Ou seja, a representação mental da massa sonora calcada na diferença entre elas que se constitui enquanto o significante.

Outro aspecto também abordado por Saussure é a linearidade, tanto a cadeia de signos, como os fonemas que os compões se manifestam sequencialmente. Ou seja, não é possível articular dois fonemas simultaneamente, sendo necessário a apresentação linear dele. Neste sentido, ao enunciar a palavra CASA, temos a seguinte sequência sonora:

/k/a/z/a

Ou seja, a articulação sequencial de cada fonema. Tal propriedade pode interferir na enunciação de palavras distintas como

/l/o/b/o/

Cuja troca dos sons /l/ e /b/ cria a palavra

/b/o/l/o/

---

<sup>14</sup> Nas palavras de Saussure (1978): Se com relação à ideia de que representa, o significante aparece como escolhido livremente, em compensação, com relação à comunidade linguística que o emprega, não é livre: é imposto. Nunca se consulta a massa social, nem o significante poderia ser substituído por outro. Este fato, que parece encerrar uma contradição” poderia ser chamado familiarmente de “a carta forçada”. “Diz-se à língua: Escolhe!”, mas acrescenta-se: “O signo é este e não outro.” (p.85).

Esta propriedade, que se difere nas línguas de sinais será discutida na próxima sessão. E por fim, concordamos com Lyons (1987) ao afirmar que

Talvez a característica mais gritante da língua, se comparada a outros códigos ou sistemas de comunicação, seja sua flexibilidade e versatilidade (...) Podemos referir-nos ao passado, presente, futuro; a realidades remotas em relação à situação de enunciação – até mesmo a coisas que não precisam existir ou não podem existir. Nenhum outro sistema de comunicação, humano ou não, parece ter sequer de longe o mesmo grau de flexibilidade e versatilidade. (Lyons, 1987, p.30)

Portanto, através deste sistema é possível uma infinita possibilidade de expressão de ideias, eventos e ademais, o reconhecimento destes efeitos, estruturantes na constituição subjetiva do sujeito.

O que podemos recorrer para finalizar uma caracterização possível da linguagem humana, inclusive diferenciando-a das formas de comunicação/interação dos animais é com o psicólogo e linguista Steven Pinker (2004/1994) ao afirmar que

O sistema combinatório discreto denominado “gramática” torna a linguagem humana infinita (não há limite para o número de palavras ou frases complexas numa língua), digital (obtem-se esta infinidade pelo rearranjo de elementos discretos em determinadas ordens e combinações, e não pela variação de algum sinal ao longo de um *continuum* como o mercúrio num termômetro) e composicional (cada uma das combinações tem um significado diferentes previsível a partir do significado de suas partes e das regras e princípios que as ordenam. (Pinker, 2004, p. 428)

Esta pluralidade de construções enunciativas, carregadas da multiplicidade de significação dos enunciados, a partir de regras gramaticalmente constituídas, faz da língua um sistema que produz um impacto significativo no sujeito. Mas tal reconhecimento já se estabelece em relações às línguas orais, sendo que em alguns momentos há o risco de permanecerem as dúvidas destas características quanto às línguas de sinais. Portanto, avançaremos na apresentação das línguas de sinais e de suas particularidades, especificando em alguns momentos a Língua Brasileira de Sinais (Libras), para assim, termos os argumentos que sustentem a definição desta modalidade de língua.

### 1.3. No princípio era o gesto...

A necessidade de percorrermos alguns trabalhos, especificamente sobre a linguística das Línguas de Sinais (LS), incorre da necessidade de melhor compreendermos o funcionamento destas línguas a partir de sua particularidade essencial, se comparada com as Línguas Orais (LO), a saber: a modalidade gestual. Isto é, a articulação gestual na produção de signos linguísticos. Portanto, a diferença essencial é discutida a partir do canal de comunicação que se manifesta (Quadros e Karnopp, 2004): as línguas orais se manifestam pelo canal oral-auditivo, ou seja, a produção dos fonemas ocorre a partir da articulação do som e sua recepção pelo ouvido, enquanto as línguas de sinais utilizam-se das mãos e corpo produzindo gestos e movimentos no espaço que são captados pelos olhos (Ferreira Brito, 1995; Bernardino, 2000; Quadros e Karnopp, 2004).

Tais elementos devem ser explicitados para assim, termos condição de avançarmos na afirmação de que tais características podem ser considerados como possíveis manifestações do inconsciente; podendo ser considerados, tal qual os significantes, em acordo com a teoria de Lacan.

Além do mais, tal percurso se faz necessário também, uma vez que uma das condições que pretendemos discutir é a de que a constituição subjetiva do sujeito surdo mediada por uma língua de sinais seria possível, tal uma *mediação* através de uma língua oral. Esta reflexão se apoia na compreensão de que tal operação não se restringe apenas à decodificação de determinado suporte material, cuja língua se sustenta, mas, por outros processos que serão abordados nos próximos capítulos. Contudo, consideramos que o suporte material, gestual ou sonora, pode gerar efeitos no manejo e reconhecimento do inconsciente.

Para avançarmos, faz-se necessário uma concepção de linguagem que acolha as línguas de sinais como línguas naturais. Por isso, destacamos uma primeira referência de que a compreensão da linguagem humana pode ser reconhecida como uma capacidade biológica (Hauser, Fitch e Chomsky, 2002<sup>15</sup>), cuja emergência pode ser variada. Ou seja, do ponto de

---

<sup>15</sup> Tal concepção de linguagem apresentada pelos autores é fruto de anos de pesquisa nas quais eles apresentam esta capacidade humana como programada geneticamente. Esta concepção, apesar de não ser desdobrada nesta tese, nos serve como um argumento inicial de inclusão do reconhecimento das línguas de sinais enquanto línguas humanas naturais e consequentemente, demonstrando a abertura de várias pesquisas que demonstram as especificidades e semelhanças das modalidades oral e gestual. Neste sentido, pretendemos avançar, em uma perspectiva da leitura psicanalítica tendo como pano de fundo o reconhecimento tácito das LS enquanto língua sem a necessidade de nos delongarmos na apresentação de argumentos que já são debatidos nas pesquisas com línguas de sinais.

vista do processamento cognitivo, as línguas de sinais e línguas orais são semelhantes, uma vez que a capacidade de operação da linguagem é semelhante em ambas as modalidades. A diferença se encontra na emergência, ou seja, na manifestação externa destas operações (Souza, 2013), que se apresentam na seleção de determinados grupos de sons, no caso das línguas orais e de grupos de gestos, no caso das línguas de sinais.

Desde a seleção específica de sons (como português que seleciona determinados sons/fonemas e outras línguas que selecionam outros fonemas/sons) até um nível mais complexo das LS que selecionam determinados movimentos/gestos, que podem ser - inclusive - diferentes entre si.

Entretanto, apesar dessa diferença de modalidades gestual e oral, é sabido que outros aspectos são necessários para a definição e reconhecimento de uma língua e, por conseguinte, a possibilidade da leitura da linguística sobre as LS.

Diante disso, concordamos com a seguinte afirmação de Quadros e Karnopp (2004):

As línguas de sinais são consideradas línguas naturais e, conseqüentemente, compartilham uma série de características que lhes atribui caráter específico e as distingue dos demais sistemas de comunicação, por exemplo, produtividade ilimitada (no sentido de que permitem a produção de um número ilimitado de novos temas); criatividade (no sentido de serem independentes de estímulos); multiplicidade de funções (função comunicativa, social e cognitiva no sentido de expressarem o pensamento); arbitrariedade da ligação entre significante e significado, e entre signo e referente; caráter necessário dessa ligação; e articulação desses elementos em dois planos - o do conteúdo e o da expressão. As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo, e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem. Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que a língua de sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na síntese e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças. (Quadros e Karnopp, 2004, p. 30).

Portanto, as línguas de sinais, poderiam demonstrar outros tipos de emergência como manifestações dessa capacidade inata do homem:

Inicialmente, não está provado que a função da linguagem, tal como ela se manifesta quando falamos, seja inteiramente natural, isto é, que nosso aparelho vocal tenha sido feito para falar, assim como nossas pernas para andar. Os linguistas estão longe de concordar com esse ponto. Assim para Whitney, que considera a língua uma instituição

social da mesma espécie que todas as outras, é por acaso e por simples razões de comodidade que nos servimos do aparelho como instrumento da língua; os homens poderiam ter escolhido o gesto e empregar imagens visuais em lugar de imagens acústicas (Saussure, 1978, p. 17).

Complementando, segundo Chomsky (1995):

A concepção de que a articulação e a percepção envolvem a mesma interface (representação fonética) é controversa, e os problemas obscuros relacionados à interface C-I (conceptual-intencional) é ainda mais. O termo “articulatório” é tão restrito que sugere que a faculdade da linguagem apresenta uma modalidade específica, com uma relação especial aos órgãos vocais. O trabalho nos últimos anos em línguas de sinais evidencia que essa concepção é muito restrita. Eu continuarei a usar o termo, mas sem quaisquer implicações sobre a especificidade do sistema de output, mantendo o caso das línguas faladas. (Chomsky, 1995, citado por Quadros e Karnopp, 2004, p. 29).

A partir disto, é possível reconhecer que o modo pelo qual a linguagem se manifesta pode ter tomado como consequência de uma faculdade de linguagem enquanto uma característica singular do humano, independentemente de como possa emergir.

Mas pretendemos avançar neste aspecto. O ponto central que nos interessa neste capítulo, e neste trabalho, é a concepção de linguagem para a psicanálise. De certo modo, podemos afirmar que nem Freud, nem Lacan, questionavam o *status* de suas respectivas línguas (ou de outras que eles falavam). Já era dado como pressuposto de que o alemão e o francês eram línguas, que se enquadravam nas características fundamentais que consideravam o que é ou não uma língua.

Então, podemos questionar o porquê de realizarmos este percurso: porque ainda constatamos a existência da concepção de que as LS não seriam línguas (Gesser, 2009) ou de que seriam uma forma de comunicação inferior, se comparada às línguas orais (Gesser, 2009).

Neste ponto, autores como Quadros e Karnopp (2004) e Gesser (2009) abordam em suas discussões a presença de alguns “mitos” relacionados às línguas de sinais e às pessoas surdas. Alguns destes mitos podem assim ser descritos: a. A língua de sinais seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos; b. Haveria uma única e universal língua de sinais usada por todas as pessoas surdas; c. Haveria uma falha na organização gramatical da língua de sinais que seria derivada das línguas de sinais, sendo um pidgin sem estrutura própria, subordinado e inferior às línguas orais; d. A língua de sinais

seria um sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito, sendo estética, expressiva e linguisticamente inferior ao sistema de comunicação oral; entre outros. Estas afirmações, ainda carregadas de preconceitos, costumam permanecer na visão do senso comum e ainda, em alguns debates dentro da academia por pessoas que não estão integrados quanto os avanços de áreas que pesquisam as línguas de sinais. Por isso, faz-se necessário esta colocação neste texto e a necessidade de apresentarmos algumas das descrições das LS que demonstram seu funcionamento linguístico, que servirá de base para compormos as análises dos efeitos que podemos identificar da possível emergência do inconsciente em pessoas surdas.

Portanto, afirmamos que potencialmente todo sujeito estaria em condições de exercer a linguagem à medida que o sujeito recebe os estímulos necessários no meio no qual está inserido, através das relações sociais que o envolvem (Chomsky, 1965; Pinker, 2004, Chomsky, 2010). Tal capacidade se manifesta de modo especial através da língua, este sistema composto por signos, com os quais o indivíduo se apropria para sustentar suas relações, se constituindo enquanto sujeito. O que as línguas de sinais evidenciam é que esta capacidade, se manifesta de um modo para além do sonoro. Neste sentido, as línguas de sinais não seriam manifestações inferiores, mas confirmadoras dessa capacidade do sujeito operar com um sistema de diferenças. Da capacidade do sujeito de operar com a língua por estar imerso em uma dimensão simbólica.

Mais do que um instrumento, a linguagem é uma parte proeminente do meio em que vivemos: diríamos que o ar é um instrumento dos pássaros? A criança nasce cercada pela língua (...) linguagem não tem origem, pois ela está na origem, senão de tudo, pelo menos dos mitos de origem, mesmo que sejam neodarwinianos. A linguagem é um meio e não uma simples faculdade: é por isso que, na filogênese, por mais longe que possamos ir, ela não aparece após o homem. (Rastier, 2009, p. 109.)

Portanto, por que não considerarmos o contexto no qual a criança está inserida em uma comunidade (mesmo que familiar) de pessoas falantes de línguas de sinais? Passemos agora a conhecer um pouco mais sobre as características desta modalidade de língua.

### ***1.3.1. Línguas de Sinais***

Um das abordagens possíveis de pensar a língua de sinais é a de considerá-las como uma experiência da língua ancorada no corpo, que se manifesta para além da articulação sonora. Podemos compreendê-la através da manifestação rítmica dos gestos, dos movimentos de mãos, braços. Ao contrário do som que não se vê, uma língua de sinais *produz imagens*, que se desenham no espaço em cada movimentação, em cada gesto, do mais simples, um dedo, ao mais amplo, do corpo inteiro. Uma experiência de linguagem com o corpo, que apesar do silêncio aparente, da ausência da articulação sonora, há a presença de um ato que preenche este vazio.

Conforme podemos observar nas figuras 2 e 3 abaixo, através de um efeito estroboscópico de movimento de imagem, percebemos o *continuum* da sinalização durante a narração de uma história na Língua Americana de Sinais:

**Figura 2 - Espectro de movimento**



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=MTgGOnxX5Uw>

**Figura 3- Espectro de movimento**



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=MTgGOnxX5Uw>

Nesta pequena narrativa, o autor descreve o processo de metamorfose de uma lagarta até se tornar uma borboleta. Através de um recurso próprio da língua de sinais, denominado

*classificador*<sup>16</sup>, o sujeito sinaliza as etapas desde o estágio larval, passando pela formação do casulo até se tornar uma borboleta. Estes trechos do vídeo foram selecionados por demonstrar como ocorre parte da produção gestual em língua de sinais. Podemos perceber, pelo recurso da exibição do vídeo, um *rastros* referente ao movimento de determinados sinais que ele utiliza. Assim, conseguimos perceber a composição que existe no movimento. Este exemplo, nos mostra como uma língua de sinais se comporta na composição das imagens das articulações gestuais que não se constituem blocos cristalizados, mas, como apresentado, um *continuum* gestual. Outros elementos estão presentes, no que podemos destacar deste processo de manifestação do sinal. Estes, serão abordados na sessão seguinte demonstrando a compreensão de que a gesticulação presente nestas línguas, compõem um produto complexo.

Além disto, um modo de olhar para as línguas de sinas, é reconhecer esta expressão como uma narrativa e principalmente uma forma de se reconhecer um sujeito que enuncia esta língua. Um saber fazer com o corpo que se expressa por movimentos.

Contudo, apesar de na atualidade temos a possibilidade de enriquecemos nossos debates e pesquisas com a análise deste tipo de fenômeno, ao longo da história, vemos momentos de total desconhecimento desta capacidade humana de comunicação gestual, com relatos que desde a antiguidade clássica, não só as pessoas surdas, mas deficientes em geral eram sacrificados por representarem castigos divinos (Strobel, 2008; Gesser, 2009).

A pesquisadora surda Karen Strobel (2008), ao investigar sobre as concepções de surdez ao longo da história, localiza esta informação de que na Grécia antiga, já se acreditava que a ausência da fala implicava a existência de uma debilidade do pensamento:

Em 355 a.c. o filósofo Aristóteles (384 – 322 a.C.) acreditava que quando não se falavam, conseqüentemente não possuíam linguagem e tampouco pensamento, dizia que: “... de todas as sensações, é a audição que contribuiu mais para a inteligência e o conhecimento..., portanto, os nascidos surdomudos se tornam insensatos e naturalmente incapazes de razão”, ele achava absurdo a intenção de ensinar o surdo a falar (Strobel, 2008, p. 18).

Na Idade Média, com a ascensão da igreja católica, inicia-se um novo olhar para as pessoas deficientes com uma abordagem caritativa de acolhimento, mas sem o devido reconhecimento de suas capacidades. Avançamos na história e temos no século XVII o início de uma nova abordagem no trato com as pessoas surdas. Apesar de algumas experiências de início de acolhimento e de educação de surdos através da gestualidade na Espanha, no século

---

<sup>16</sup> O termo classificador refere-se à um recurso de construção morfológica das línguas de sinais que possibilita a representação de ideias semanticamente motivadas relacionadas à ações (movimento) e objetos.

XVI, se destaca na França uma iniciativa que perdura na história até os dias de hoje. Um monge beneditino chamado *L'eepe* acolheu surdos da cidade de Paris reconhecendo que eles se comunicavam através das mãos. A partir disto, ele se aproximou e aprendeu esta forma de comunicação e com o auxílio do francês, criou o que foi chamado de sinais metódicos<sup>17</sup>. Assim, uma iniciativa de reconhecimento da forma de comunicação gestual de pessoas surdas e também de uma prática pedagógica embasada em uma experiência visual teve seu início. *L'eepe* foi um dos fundadores do *Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris*, atualmente chamado de *Instituto Nacional de Jovens Surdos de Paris*<sup>18</sup>. Instituição centenária, em funcionamento até os dias de hoje, responsável pelo ensino de surdos e também de formação de professores surdos. A partir de então, testemunhamos o aumento de iniciativas ao longo de toda a Europa de instituições de ensino que utilizavam as línguas de sinais como meio de instrução e comunicação das pessoas surdas.

Sobre a Língua de Sinais Francesa (LSF), podemos citar

A comunidade surda desenvolveu meios de fala muito eficazes, particularmente a Língua Francesa de Sinais (LSF); e é precisamente essa peculiaridade linguística que pode nos capacitar a conceber a comunidade surda como uma cultura em si mesma. Essa ideia de "cultura em si" justifica-se pelo fato de a língua francesa de sinais ser uma linguagem que funciona como operador e pivô em torno do qual a comunidade é organizada. A LSF é o vetor em torno do qual é organizada uma rede de significados peculiares à comunidade surda. Representa o corpo regulador da troca de significado; Jacques Laborit coloca assim: "A cultura surda, essencialmente a LSF, traz à civilização uma linguagem que prova que a capacidade semiótica, esse poder de formar uma linguagem, está presente em todo ser humano que pode inventar novas formas expressivas de expressar seu desejo, quando um déficit sensorial bloqueia seu acesso ao seu desenvolvimento usual<sup>19</sup>. (Rengifo, 2008, pp.72-73)

---

<sup>17</sup> Sinais metódicos: nome dado à primeira formalização de uma língua gestual na França, que fazia uso dos gestos já utilizados pela comunidade surda mais usos de palavras do francês soletradas com as mãos. Esta forma de comunicação evoluiu ao longo do tempo até se tornar o que hoje é conhecida como *Langue des Signes Française* (Língua de Sinais Francesa).

<sup>18</sup> *Institut National de Jeunes Sourds de Paris*. Para mais informações sobre o instituto é possível acessar o website da instituição: <http://www.injs-paris.fr/>

<sup>19</sup> No original: *La communauté sourde s'est dotée de moyens très efficaces de parole, en particulier la Langue des signes française (LSF) ; et c'est justement cette particularité linguistique qui peut nous permettre de concevoir la communauté sourde comme une culture à part entière. Cette idée de « culture à part entière » trouve sa justification dans le fait que la Langue des signes française est une langue qui fonctionne comme opérateur et pivot autour desquels s'organise la dite communauté 2. La LSF est le vecteur autour duquel s'organise un réseau de significations particulières à la communauté sourde. Elle représente l'instance régulatrice de l'échange de sens ; Jacques Laborit le précise ainsi : « La culture sourde, essentiellement la LSF, apporte à la civilisation une langue qui prouve que la capacité sémiotique, ce pouvoir de former une langue, est présent chez tout être humain qui peut inventer de nouvelles voies expressives pour exprimer son désir, lorsqu'un défi sensoriel lui barre l'accès à son développement habituel (pp.72-73).*

Um marco na história nacional brasileira ocorre em 1857 com a fundação do então Instituto Nacional de Educação de Surdos-Mudos, atualmente Instituto Nacional de Educação dos Surdos<sup>20</sup> (INES). Fundado por Dom Pedro II, na cidade do Rio de Janeiro, esta instituição acolhia surdos de todo o Brasil. Para tanto, veio da França, um surdo formando no instituto de Paris chamado Hernet Huet. A partir da convivência cotidiana das pessoas surdas que estudavam no INES, constituiu-se o que hoje conhecemos com a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Apesar deste breve histórico de avanço no reconhecimento das línguas de sinais, temos um marco na história que aconteceu em 1880. O conhecido Congresso de Milão foi um evento que definiu a proibição das línguas de sinais ao redor do mundo uma vez que foram consideradas, de forma equivocada, como uma forma de comunicação inferior às línguas orais. Tal congresso contou com a presença do cientista Alexander Graham Bell, um dos defensores da metodologia *oralista* que impunha a ensino da oralidade – uso da articulação fonarticulatória e da leitura labial – para as pessoas surdas.

Diante disto, ocorre um declínio do reconhecimento das línguas de sinais que somente na década de 60 teve um novo despertar, a partir dos trabalhos de um linguista norte-americano chamado William Stokoe. A partir deste momento ocorre o início do novo reconhecimento das línguas de sinais enquanto línguas naturais. Este linguista, professor em uma universidade americana que recebia alunos surdos, a *Gallaudet University*<sup>3</sup>, reconheceu um ponto fundamental na Língua Americana de Sinais: padrões que pudessem descrevê-las em comparação aos universais linguísticos das línguas orais. Stokoe publicou o livro *Sign Language Structure* (1960), no qual ele apresenta argumentos na descrição da estrutura da *American Sign Language*<sup>21</sup> (ASL) enquanto uma língua natural como qualquer outra língua conhecida.

Um de seus argumentos se pautou no questionamento das unidades mínimas dos sinais da ASL. Este termo – sinal – é utilizado para se referir à unidade lexical dessa língua, podendo ter como equivalente o termo *palavra*, referente à unidade lexical das línguas orais (Johnson e Liddell, 2011). Contudo, os estudos sobre as línguas orais já comprovam que uma palavra pode

---

<sup>20</sup> Website oficial do Instituto Nacional de Educação de Surdos: <http://www.ines.gov.br/>

<sup>21</sup> ASL: Sigla para *American Sign Language*, que em português significa Língua Americana de Sinais. É a língua utilizada pela comunidade surda dos Estados Unidos.

ser decomposta em unidades menores e que essa descrição pode relevar processos básicos dessas línguas. Stokoe (1960) conseguiu demonstrar, após uma observação detalhada da ASL, que também seria possível decompor os sinais dessa língua em unidades menores que ele nomeou como *parâmetros*<sup>22</sup>. Durante a fala de usuários da ASL, Stokoe (1960) demonstrou que os sinais são formados a partir dessas estruturas menores. A partir desta constatação, seus estudos contribuíram no reconhecimento da ASL.

Os enunciados nestas línguas, caracterizados por seus recursos gestuais, apresentam uma modalidade de análise que se diferencia das línguas orais. As LS, através de marcadores espaciais, expressões faciais e da intensidade dos movimentos, permitem o estabelecimento de relações entre os signos linguísticos desse sistema (Quadros e Karnopp, 2004).

Ou seja, a partir de elementos mínimos e discretos, i.e., o sistema de diferenças, era possível combinar e recombinar em unidades maiores (morfemas) que por sua vez, também se recombinavam e com isto tinham-se a composição dos sinais da ASL.

Tal descoberta possibilitou formalizar este fenômeno da linguística: a capacidade humana de expressar a linguagem através da articulação gestual. Temos neste momento a formalização do reconhecimento de uma modalidade distinta da oralidade, enquanto emergência de uma língua natural.

A partir de Stokoe, outros estudos foram realizados na descrição e análise das línguas de sinais. Autores como Supalla e Newport (1978), Klima e Bellugi (1979), Padden (1983), Liddell (1984), apresentavam cada vez mais evidências da língua americana de sinais enquanto uma língua. Eles demonstravam a semelhança entre a ASL e o inglês, além de demonstrarem as diferenças entre os dois sistemas.

No Brasil, é a partir da década de 80, com a linguista Ferreira-Brito (1995), que temos o início das pesquisas com a Língua Brasileira de Sinais. A pesquisadora aplicou as regras da ASL e constatou que a Libras também era formada por unidades mínimas discretas. Deste modo, novas pesquisas foram realizadas ampliando a compreensão do sistema linguístico da Libras.

Portanto, é a partir da década de 60, que temos o marco da ampliação dos estudos e pesquisas com outras línguas de sinais e da fundamentação de um novo campo de pesquisa. A modalidade gestual se tornou alvo de pesquisas, tanto que atualmente, as línguas de sinais estão presentes em diversos trabalhos de pesquisa que buscam compreender melhor o próprio fenômeno da linguagem e dos efeitos de modalidade da cognição humana.

---

<sup>22</sup> Para uma descrição mais aprofundada consultar os trabalhos de Quadros e Karnopp (2004).

Deste modo, é necessário nos determos agora sobre algumas características das LS destacando aquelas que poderão auxiliar na investigação de nossa questão de pesquisa.

Partimos da noção de parâmetro, fundamental para o reconhecimento da ASL enquanto língua, na época de Stokoe. Podemos caracterizar tal noção enquanto um componente das LS que se define como o conjunto de elementos mínimos da língua de sinais que se combinam na formação dos sinais. Deste modo é a combinação de pelos menos três ou mais, dos cinco parâmetros que temos a composição do que é chamado de sinal.

Assim, quando destacamos o seguinte sinal da língua brasileira de sinais, referente ao conceito de PSQUISMO<sup>23</sup>, podemos ter a seguinte decomposição:

**Figura 4- Sinal PSQUISMO**



Fonte: <http://www.glossario.libras.ufsc.br/exibirsinal/exibirsinal/id/656>

Inicialmente percebemos a necessidade de termos dois recortes do sinal, que representam dois momentos de realização deste léxico no qual ocorre a mudança da forma da mão. No primeiro tempo temos a mão com a seguinte forma:

**Figura 5- Configuração de mão 1**



Fonte: <http://www.glossario.libras.ufsc.br/exibirsinal/exibirsinal/id/656>

---

<sup>23</sup> Utilizamos a escrita em caixa alta como modo de identificar uma referência direta ao conceito realizado em Libras. Assim, toda vez que um determinado sinal for referenciado neste trabalho, ele será escrito em caixa alta.

E no segundo tempo, uma outra forma:

**Figura 6 – Configuração de mão 2**



*Fonte: <http://www.glossario.libras.ufsc.br/exibirsinal/exibirsinal/id/656>*

Estas posições, dos dedos e do punho, são denominadas de Configuração de Mão (CM). Os sinais podem apresentar uma única configuração de mão, ou duas em tempos distintos (como no exemplo acima) ou ainda configurações distintas simultaneamente.

Os estudos de Ferreira Brito (1995), citados por Quadros e Karnopp (2004), evidenciam que em Libras existem 46 configurações de mão diferentes. Outras fontes<sup>24</sup> revelam um número maior de configuração de mão, mas neste trabalho consideramos as informações dos estudos das autoras supracitadas.

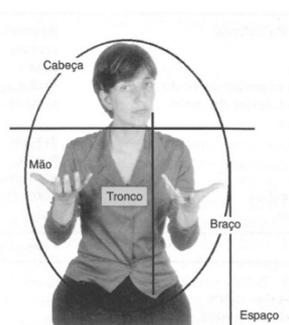
---

<sup>24</sup> O INES (Instituto Nacional de Educação dos Surdos) no Rio de Janeiro possui a informação de que existem 64 configurações de mão na Libras.

**Figura 7 – Configurações de mão da Libras**

Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 53

Outro aspecto que pode ser observado é a localização do sinal, que se concentra na região frontal da cabeça. Este parâmetro, denominado *ponto de articulação*, referente ao espaço no qual o sinal é realizado, pode ser em alguma região específica do corpo ou no espaço em volta do falante da língua. Friedman (1977), citado por Quadros e Karnopp (2004, p. 4), afirma que o Ponto de Articulação “é aquela área no corpo, ou no espaço de articulação definido pelo corpo, em que ou perto da qual o sinal é articulado”. Referente à Libras, a figura abaixo (figura 8) exhibe o espaço de sinalização que a literatura específica como sendo o espaço em que a sinalização ocorre.

**Figura 8 - Espaço de realização dos sinais**

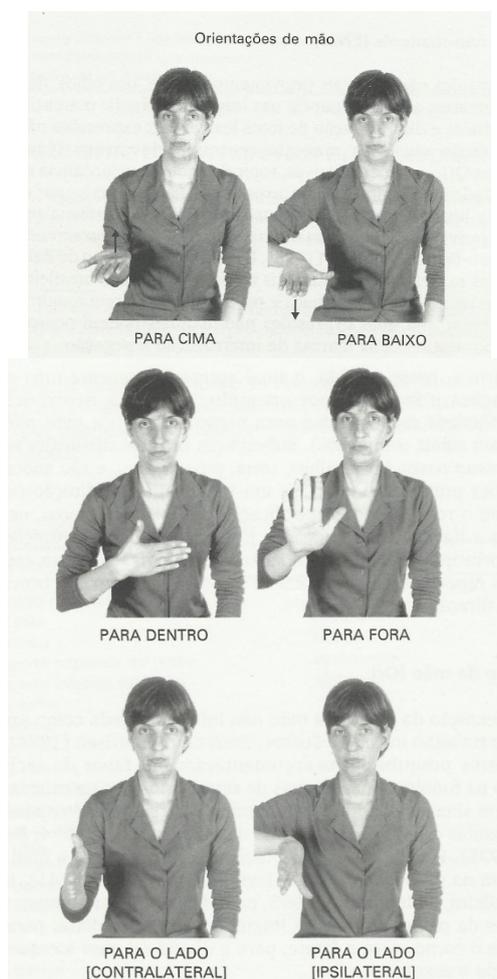
Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 57

Outro parâmetro presente no sinal (figura 4) referente ao conceito de PSQUISMO, é o movimento, que no registro impresso pela imagem não é possível visualizar; mas que é possível recuperar pela diferença de configurações de mão do *tempo 1* até o *tempo 2* do sinal e pela percepção do afastamento das mãos. Esse parâmetro “é definido como um parâmetro complexo

que pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso e os movimentos direcionados no espaço” (Klima & Bellugi, 1979 citado por Quadros & Karnopp, 2004).

O quarto parâmetro das LS, denomina-se *Orientação*. Ele ocorre em sinais cuja posição da palma da mão determina a semântica do que está sendo enunciado. Ferreira Brito (1995) enumera seis tipos de orientação da palma da mão:

**Figura 9 - Tipos de orientação da palma da mão**



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, 2004, p. 40

Por fim, o último parâmetro se denomina *expressões não-manuais* e desempenha dois papéis fundamentais nas LS, o primeiro sendo nas marcações de construções sintáticas e o segundo referente à diferenciação de itens lexicais. Tais marcas ocorrem pelo movimento de

sobrancelhas, movimento de lábios e boca, intensidade dos sinais, dentre outros. Conforme Quadros & Karnopp (2004)

As expressões não-manuais que têm função sintática marcam sentenças interrogativas sim-não, interrogativas QU, orações relativas, topicalização, concordância e foco (...). As expressões não-manuais que constituem componentes lexicais marcam referência específica, referência pronominal, partícula negativa, advérbio, grau ou aspecto (...) (p. 60).

Bernardino (2000) afirma que o uso de expressões não manuais, como a direção do olhar (isoladamente ou acompanhada de algum outro sinal da Libras) e as expressões faciais (sem nenhum outro recurso ou acompanhadas do movimento do corpo), caracterizam recursos de referenciação da Libras.

Um ponto fundamental também discutido na fonologia das línguas de sinais é sobre o modo como estes elementos se combinam, de forma simultânea. Conforme afirma Karnopp (2009):

A diferença fundamental entre línguas de sinais e línguas orais, segundo Stokoe e o grupo de pesquisadores que se dedicou à investigação das línguas de sinais durante os anos de 1960 e 1970, diz **respeito à estrutura simultânea de organização dos elementos das línguas de sinais**. Stokoe (1960) realizou uma primeira descrição estrutural da ASL, demonstrando que os sinais poderiam ser vistos como partes de um todo. (p. 32, grifo nosso).

Esta característica de simultaneidade se faz como uma marca de distinção forte em relação as línguas orais. Enquanto estas línguas se articulam pela sequência de articulação dos fonemas, como os exemplo citados anteriormente com as palavras lobo e bolo, nas línguas de sinais, os parâmetros ocorrem de forma simultânea. Uma das formas de considerarmos estas duas características específicas, de simultaneidade e de sequencialidade, podemos fazer uso do esquema proposto por Hulst (1993, p. 210) para representar a sequencialidade nas línguas orais e simultaneidade nas línguas de sinais.

**Figura 10 - Sequencialidade nas LO e simultaneidade nas LS**



*Fonte: Hulst, 1993, p. 210*

Neste esquema, temos a representação do que seria um determinado morfema da língua ( $\mu$  = morfema) que se decompõe em fonemas ([ ] = um fonema). Nas LO a composição do morfema, a palavra, ocorre pela sequenciação dos fonemas, como na palavra /b/o/l/o/. Já nas LS, os fonemas – reconhecidos como parâmetros – se realizam simultaneamente, como na figura abaixo, referente ao sinal de PSICOLOGIA:

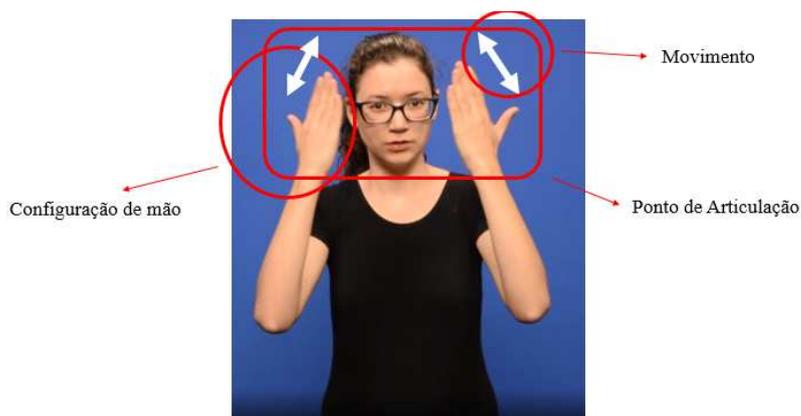
**Figura 11 - Sinal em Libras referente o conceito de PSICOLOGIA**



*Fonte: <http://www.glossario.libras.ufsc.br/exibirsinal/exibirsinal/id/647>*

Deste sinal, podemos reconhecer pelo menos 3 parâmetros, a saber: configuração de mão, movimento e ponto de articulação. Todos se realizam simultaneamente para a composição final do sinal em Libras.

**Figura 12 - Parâmetros do sinal PSICOLOGIA**



Fonte: <http://www.glossario.libras.ufsc.br/exibirsinal/exibirsinal/id/647>

Tal descrição, das LS, com exemplos da Libras mesmo que de forma breve, nos auxiliam na compreensão e reconhecimento das LS enquanto meio de expressão dos falantes desta língua.

Conforme já apresentado, as línguas de sinais não são universais, apresentando variações dialetais influenciadas pelos mais diversos fatores, como também ocorre com as línguas orais. Neste sentido, contribuições de outras línguas de sinais, nos ajudam a compreender melhor o funcionamento desta modalidade específica de manifestação da linguagem.

Com isto, trazemos uma contribuição da Língua de Sinais Francesa, pela citação do trabalho de Rengifo (2008), mas que pode valer para as demais LS:

Na língua de sinais francesa (LSF), o transmissor e o receptor permitem, com facilidade, a circulação do significado, pois compartilham um código que lhes dá acesso à troca. Essa forma de comunicação tem, é claro, diferenças em relação à linguagem falada, mas apenas em sua modalidade expressiva. O conteúdo permanece tão complexo quanto em qualquer outro idioma, exceto que os significantes circulam visualmente.<sup>25</sup> (Rengifo, 2008, p.73)

<sup>25</sup> No original: *Dans la Langue des signes française (LSF), émetteur et récepteur permettent, de façon aisée, la circulation de sens, puisque ceux-ci partagent un code qui leur donne accès à l'échange. Cette forme de communication possède, certes, des différences au regard de la langue parlée mais uniquement dans sa modalité expressive. Le contenu reste aussi complexe que dans toute autre langue, sauf que les signifiants circulent de manière visuelle.*

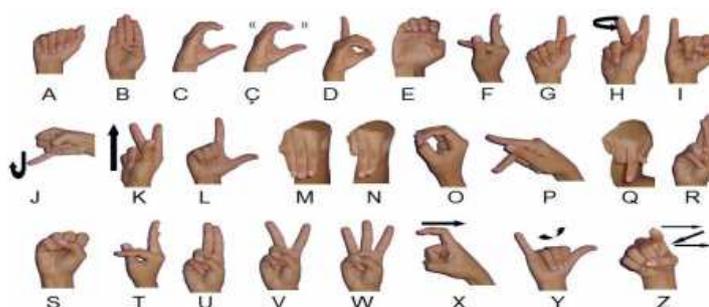
Neste ponto, nos detemos na possibilidade de reconhecer o conteúdo dos enunciados em LS de forma tão complexa como de línguas orais. Tal código, da forma como se estabelece, na articulação simultânea dos parâmetros, permite a construção de enunciados que fazem circular, de forma gestual, as ideias, opiniões, de seus falantes.

Uma articulação gestual que produz sim, um sentido para quem se propõe e ler o que é dito. Uma experiência singular com o silêncio, que contorna uma ausência. Mas, que com o gesto, algo se constrói. Um para além da sonoridade. Afinal, a clínica com pessoas surdas, nos mostra que já "que a palavra não está ausente, mas, ao contrário, mais presente do que nunca, por estar "encarnada no corpo", o déficit oral é preenchido pelo toque e pelo olhar<sup>26</sup>. " (Rengifo, 2008, p.73). Assim, afirmar que a palavra não está ausente, é afirmar que outro suporte faz a vez da palavra; em nosso caso os sinais das LS.

Vale ainda destacar um recurso muito presente nas línguas de sinais: o alfabeto manual, ou alfabeto datcológico. Este recurso, se expressa por determinadas configurações de mão que representam o alfabeto escrito de determinada língua.

Temos por exemplo abaixo os alfabetos da Língua Brasileira de Sinais (Libras), da Língua Japonesa de Sinais (*Nihon Shuwa*) e da Língua de Sinais Alemã (*Deutsche Gebärdensprache*):

**Figura 13 - Alfabeto Manual da Libras**



Fonte: <https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/4121/1/Apostila%20em%20LIBRAS%20-%20Curso%20Básico%20ENAP%202019%20%281%29.pdf>

<sup>26</sup> No original: Puisque la parole n'est pas absente mais au contraire plus présente que jamais, du fait d'être « incarnée dans le corps », le défi cit oral est comblé par le toucher et le regard.

**Figura 14 - Alfabeto manual da Língua de Sinais Japonesa (*Nihon Shuwa*)**



Fonte: <https://www.memrise.com/course/384424/japanese-sign-language/>

**Figura 15 - Alfabeto manual da Língua de Sinais Alemã (*Deutsche Gebärdensprache*)**



Fonte: <http://www.weckt-die-lebensgeister.de/frame-index.html?/dgs/font.php>

O alfabeto manual é utilizado em contextos específicos de soletração de nomes próprios ou na referenciação de determinadas palavras da língua oral com a qual se refere. No caso das pessoas surdas brasileiras, normalmente fazem uso da soletração manual quando se apresentam para pessoas ouvintes, fazendo a configuração de letra, por letra até compor todo o nome. Ainda, quando querem saber o significado de determinada palavra do português, eles soletram a referida palavra durante o discurso. Erroneamente, ainda circula na sociedade a ideia de que as pessoas surdas conversam soletrando as palavras do português. Tal impressão é equivocada, uma vez que os sinais – signos linguísticos das LS – são o modo com o qual as pessoas surdas se expressam.

Observamos um uso específico desta estratégia das LS na clínica com pessoas surdas. Tais considerações serão abordadas no terceiro capítulo desta tese.

### **1.3.2. Gestualidade**

As línguas de sinais se aproximam pela modalidade de articulação manual. Mas as pesquisas (Klima & Bellugi, 1979, Bernadino, 2000, Lourenço, 2014, 2017, 2018) revelam que estas línguas não se limitam apenas pela produção manual. Ao contrário, o corpo como um todo é utilizado durante a enunciação desta língua: dedos, mãos, braços, ombros, tronco, pescoço, olhos, sobrelombos são elementos que estão presentes na articulação das LS.

Um dos pontos fundamentais de discussão aqui nesta tese, se coloca diante do questionamento do papel da gestualidade na comunicação e interação humana. Afinal, a gestualidade não se restringe apenas aos falantes de línguas de sinais; estando presentes nas interações de pessoas que falam línguas orais. Mas, não podemos deixar de afirmar o grau de especialização e de refinamento que os falantes de línguas de sinais fazem da gestualidade. Neste ponto, queremos refletir sobre a presença da gestualidade na interação humana nos perguntando sobre: (a) o papel/função de tal gestualidade na comunicação; e (b) se podemos reconhecer a gestualidade presente nas línguas de sinais como componente que marca a presença da noção de significante, tal qual cunhada por Lacan.

Para iniciarmos esta reflexão, apresentamos a seguinte ideia sobre a gestualidade humana:

Assim, se a língua é posta como uma atividade cognitiva e, se as expressões gestuais estão intimamente envolvidas em atos da expressão linguística falada, então parece razoável observar os gestos mais aproximados do campo das atividades cognitivas. Isto fundamenta uma nova forma de pôr e analisar a questão do relacionamento existente entre os gestos e a língua (Cavalcante e Brandão, 2012, p. 56).

A gestualidade está presente da forma com a qual as pessoas interagem, sejam elas surdas ou não. Dos mais simples, como solicitar uma conta em um restaurante, como avisar ao motorista do ônibus que deseja pegar determinado coletivo, aos sinais em contextos específicos como jogos esportivos, atividades laborais como os funcionários de aeroportos na sinalização

para as aeronaves. Tal manifestação revela esta capacidade comunicativa de expressão através da gestualidade.

Além disto, mesmo diante de uma determinada comunidade, os gestos podem variar entre as pessoas, implicados por fatores “intrapessoais que afetam cada pessoa (Laver, citato por Cavalcante e Brandão, 2012, p. 56), devendo ser considerados como uma possibilidade de expressão particular.

Estudos em neurologia cognitiva, já evidenciam a similaridade na forma com a qual o cérebro processa a produção oral e gestual (Cavalcante e Brandão, 2012). Neste ponto é possível reconhecer o gesto como coparticipante da matriz da linguagem (Cavalcante e Brandão, 2012). Outros estudos também evidenciam que existe uma interdependência do gesto e a língua, tanto em termos simbólicos, como interativos e também cognitivos (Santana et. Al. 2008).

A tradição dos estudos da linguagem, separava a relação do gesto e da língua como componentes independentes. Mas, recentemente a discussão desta relação tem aumentando, mesmo que ainda de modo insuficiente. As LS evidenciam como a gestualidade faz parte do componente de linguagem, comprovando esta interdependência. Autoras como Fedosse e Santana (2002) ressaltam a relação entre gesto e fala, contribuindo na mudança do *status* da gestualidade apenas como acessório da fala. Afinal, os gestos fazem parte dos enunciados, podendo ser considerados tão relevantes como os aspectos prosódicos.

Reforçamos que as línguas de sinais seriam uma das evidências de como a gestualidade está presente com a fala e ainda mais, como a própria emergência de uma fala, de uma língua.

Conforme aponta Cavalcante e Brandão (2012), o reconhecimento da relação entre gesticulação e fala possibilita uma ressignificação dos procedimentos de linguagem e também de aquisição de língua.

Neste sentido, podemos reconhecer a presença da multimodalidade na linguagem, em que diversos canais estão envolvidos na interação humana. Afinal, “a *fala* em sua caracterização é concebida na sua relação com recursos de outra ordem, como salienta Marcuschi (op. cit.). Isto é, a *fala* integra outras modalidades, caracterizando-se enquanto multimodal”. (Brandão e Cavalcante, 2012, p. 57).

Portanto, privilegiar apenas a produção oral como única instância de realização e manifestação da linguagem é desconsiderar “a compreensão do processo como um todo” (Cavalcante e Brandão, 2012, p. 64), desconsiderando a linguagem enquanto um fenômeno multimodal “em que diversos elementos co-atuam para que as interações linguísticas

aconteçam e promovam a passagem do infante à falante/usuário de sua língua”. (Cavalcante e Brandão, 2012, p. 64).

Ainda a partir dos trabalhos de Cavalcante e Brandão (2012) é possível reconhecer que os gestos compõem um contínuo que pode ser desdobrado da seguinte forma: (a) gesticulação; (b) pantomima; (c) emblemas e; d) a(s) língua(s) de sinais:

a. A gesticulação se caracteriza pelo conjunto de gestos que acompanham o fluxo de fala e que envolvem as mãos, braços, movimentos diversos como o de cabeça, pescoço e postura corporal. A gesticulação possui marcas tanto da comunidade de fala, recebendo indícios sociais e também do estilo individual;

b. A pantomina se compõe por gestos que representam ações ou personagens na execução de ações; uma certa teatralização de um ato individual, com o caráter de narrativa envolvendo uma sequência de ações;

c. Os emblemas são os gestos que são determinados (convencionalizados) culturalmente, como por exemplo: o polegar para cima com a mão fechada significando aprovação, uma avaliação positiva;

d. A(s) língua(s) de sinais são sistemas linguísticos complexos, próprios de uma determinada comunidade.

A partir desta definição, reconhecemos não só a relevância da gesticulação como componente da comunicação humana, mas como presença de elaboração e refinamento de manifestação de determinadas línguas.

Teorias de aquisição de linguagem apontam que a criança, através das interações e com uso de gestos fônicos e manuais adquirem um saber sobre a construção do léxico, da gramática e dos usos de uma língua (Albano, 2001).

Em crianças surdas, pode-se constatar este fenômeno, principalmente nos casos em que as crianças surdas estão inseridas em famílias ouvintes que não falam a língua de sinais. Estas crianças acabam por fazer uso de gestos indicativos e icônicos (denominados de sinais caseiros<sup>27</sup>) para estabelecer comunicação com as pessoas ouvintes à sua volta. Mas as crianças surdas também produzem e interpretam gestos durante seu desenvolvimento.

---

<sup>27</sup> Os sinais caseiros, também conhecidos como *Comunicação Gestual Caseira* ou *Linguagem Caseira*, são definidos como gestos e expressões limitadas que são realizados por surdos que não possuem contato com alguma língua de sinais. São gestos criados pelas pessoas surdas em ambientes familiares onde não circular a língua de sinais. Surgem como forma bem rudimentar e limitada de comunicação, por uma gesticulação compreendida apenas pelas pessoas de convivência muito próxima da pessoa surda. Essa forma de gesticulação pode mudar de acordo com a experiência do indivíduo uma vez que as realidades e vivências são distintas, não possuindo nenhuma correspondência com o sistema linguística das Línguas de Sinais. (Albares e Benassi, 2015)

No caso de crianças surdas inseridas em famílias de pessoas falantes de Libras, presencialmente de familiares surdos, sua gesticulação ganha o valor de signo na medida que se integra em um determinado sistema simbólico (Santana, et. al., 2008). Afinal, os gestos das crianças filhas de surdos são interpretados pelo Outro e a partir de então, recebem um significado e um reconhecimento dentro do registro simbólico. Assim o gesto da criança passa a ser um elemento enunciativo.

Considerando o período de aquisição de língua tanto de crianças surdas como crianças ouvintes, o gesto constitui um dos primeiros processos simbólicos da criança, no caso de crianças ouvintes, de forma precoce uma vez que a oralidade ainda não está desenvolvida de forma privilegiada. Assim a gesticulação está presente de forma interdependente da linguagem desde as primeiras interações do *infans*, constituindo-se “como um dos primeiros processos simbólicos da criança” (Santana, et. Al., 2008, p. 299)

Além disto, podemos considerar que “é por essa interdependência das funções simbólicas que o gesto parece servir como intermediário para a aquisição tanto da linguagem oral quanto da língua de sinais. (Santana, et. Al., 2008, p. 299)

Afinal, durante o processo de aquisição seja da linguagem oral ou de sinais, a relação entre língua e gestualidade é de interdependência, um *continuum* simbólico que se inicia na expressão visuo-manual nas crianças em geral, mas que nas crianças ouvintes se modifica para a expressão áudio-verbal, na articulação oral da linguagem e nas crianças surdas permanece na expressão visuo-manual, na qual a articulação gestual se refina adquirindo um estatuto de língua (Albano, 1990).

Deste modo, podemos afirmar que

A realização do gesto permeia o aspecto simbólico e é por ele permeada, não se tratando, simplesmente, da realização de um ato motor. O gesto serve como mediador entre outras funções simbólicas, o que sugere que não há processos simbólicos dicotômicos ou independentes entre si. (Santana, et. Al., 2008, p. 299)

Durante a fala de pessoas ouvintes, o gesto é empregado como complemento da fala oral, de modo a cooperar na compreensão global do enunciado. Nas crianças ouvintes, à medida que ocorre o desenvolvimento da fala oral o gesto acaba sendo empregado como pano de fundo e a articulação oral fica em primeiro plano. Já em crianças surdas, ocorre o inverso: a articulação gestual ganha um primeiro plano de expressão sendo acompanhado, como pano de fundo, de algumas vocalizações.

Neste sentido, podemos reconhecer que

É por essa razão que alguns autores creditam ao gesto a mesma unidade cognitiva que à linguagem (oral e/ou de sinais) ou, melhor dizendo, uma mesma “origem” psicogenética. McNeill (1992) afirma que os gestos e a fala são sistemas unitários, produzidos no interior de uma mesma matriz de significação. Os gestos e a fala desenvolvem-se conjuntamente nas crianças. No início eles são concretos, depois icônicos, e só depois se tornam metafóricos e abstratos. Em geral, seguem o mesmo progresso do desenvolvimento da fala. (Santana, et. al., 2008, p. 299)

Mas vale ressaltar que é a interação que possibilita o desenvolvimento da linguagem. Ou seja, o foco não deve ser restrito na capacidade que o humano possui de manifestar a linguagem pela articulação oral ou gestual, mas nas interações que se propiciam a emergencial gestual e oral. É a partir do momento que o adulto que interage com a criança atribui sentido à gesticulação, manual ou vocal, do *infans* que tal manifestação recebe um estatuto diferenciado: tal gesto ou som passa a significar algo; não apenas para a criança, mas também para o interlocutor, que interpreta. Afinal,

São os interlocutores, nas interações dialógicas, que chegam a um ‘acordo’ quanto ao sentido do gesto e, a partir daí essa significação é ‘convencionalizada’. É porque os gestos são interpretados pelo outro e, assim, internalizados, que há a possibilidade de ‘criação’ de outros gestos. Essa atividade de “mão dupla” é própria da natureza dialógica e interativa da linguagem e é o que possibilita a criação de um sistema gestual. Não é um *input* linguístico que proporciona a linguagem, mas sim, a relação de interdependência entre contexto social e linguagem, entre um signo e o seu sentido compartilhado por duas ou mais pessoas. O lugar da linguagem deixa de ser o reservado à natureza, ao biológico, e passa a ocupar um lugar histórico-cultural. (Santana, et. Al., 2008, p. 300).

Desde modo, a criança surda enfrenta um problema não diante da ausência de acesso à uma língua oral, mas diante da ausência total de uma língua, partilhada por uma determinada comunidade. E no caso específico, quando privada de uma língua de sinais. A criança que está em um contexto familiar onde não circula a língua de sinais não possui um déficit de linguagem à priori. O problema está na falta de acesso à uma língua de sinais, à falta de estimulação nesta língua. Em termos psicanalíticos, por uma falta de um Outro que interprete o que ela sinaliza e invista a sua gesticulação de sentido. Contudo, mesmo diante desta ausência, a criança emite sons, a criança gesticula, ela apela ao Outro.

Diante do mínimo esforço de atribuição de sentido, a literatura do campo das línguas de sinais, identifica que crianças surdas filhas de pais ouvintes acabam por desenvolver uma gestualidade própria restrita ao contexto familiar. Tal capacidade comprova que os gestos refletem o desenvolvimento desta capacidade linguística inata ao ser humano (Morford, 1996).

Tal capacidade pode ser reconhecida no desenvolvimento de uma gesticulação que se ancora em aspectos visuais, evidenciado pelo caráter icônico presente nos sinais.

Contudo, mesmo que se reconheça um forte grau de iconicidade destes gestos, ou seja, uma semelhança da articulação gestual em relação ao objeto que se referênciam, tal iconicidade não corresponde diretamente à realidade, mas sim a uma representação.

Podemos indicar que sinais como o do conceito de **ÁRVORE**, na Libras se consolida a partir de aspectos visuais que podem ser considerados icônicos.

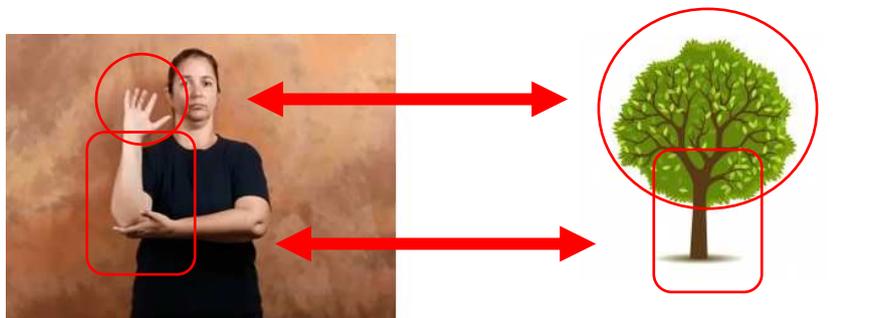
**Figura 16- Sinal em Libras do referente à **ÁRVORE****



*Fonte: <https://www.spreadthesign.com>*

Conforme vemos abaixo, o sinal da Libras possui uma representação relacionada ao formato de um protótipo de árvore com tronco e copa.

**Figura 17 - Sinal **ÁRVORE** e sua composição icônica com o referente**



*Fonte: Elaborado pelo autor*

Contudo, este sinal corresponde a qualquer tipo de árvore, independente do formato. Como a própria língua portuguesa, existem nomes específicos para determinadas espécies (coqueiro, pinheiro, macieira, etc), mas a palavra *árvore* designa este objeto de forma geral. Em Libras também existem outras formas de especificar as espécies de diferentes árvores. Concordamos com Eco (1976) ao afirmar que “o signo icônico constrói um modelo de relações homólogo aos modelos de relações perceptivas que construímos ao conhecer e recordar o objeto. Se com alguma coisa tem o signo icônico propriedades em comum, não será com o objeto, mas com o modelo perceptivo do objeto” (Eco, 1976, p. 111-112).

Mas tal aspecto de iconicidade não se reproduz da mesma forma em outras línguas de sinais. Apesar destas línguas também valerem da percepção visual, aspectos culturais e do sistema interno de conceptualização destas línguas produzem sinais diferentes como os exemplos a seguir:

**Figura 18 – Tree – British Sign Language**



Fonte: <https://www.spreadthesign.com>

**Figura 19 - Albero - Língua Italiana de Sinais**



Fonte: <https://www.spreadthesign.com>

Com estes exemplos, é possível constatar o caráter diferencial dos significantes gestuais afinal, para além de uma manifestação gestual que se realiza a partir de elementos visuais do objeto, tal representação é simbólica uma vez que um determinado gesto, diferente uns dos

outros, se referencia à um determinado objeto. Além disto, se investigarmos outros itens lexicais das diversas línguas de sinais, é possível verificar o distanciamento entre o gesto realizado a coisa referenciada. Tal fenômeno, inclusive, se revela na incompreensão total de enunciados entre falantes de diferentes línguas de sinais. Assim, a iconicidade apesar de ser um caráter predominante nas LS, não significa que os sinais apenas expressam elementos concretos. Ao contrário, o fato de ser uma representação, inclusive simbólica, já demonstra o caráter abstrato destas línguas.

Portanto, mesmo o caráter icônico, presente nas LS, inclusive em contextos de interação mais rudimentares, como no caso de mães ouvintes que desconhecem LS com sua criança surda, no qual as mães produzem gestos simples, a criança consegue desenvolver uma habilidade gestual mais complexa (Goldin-Meadow, 1979). Contudo, tal contexto não extingue a necessidade de contato com falantes de LS para o maior desenvolvimento da criança.

Mas vale destacar sobre esta forma de comunicação caseira, entre mãe e criança, que

mas nem sempre o que é realizado “iconicamente” coincide com o que a mãe consegue interpretar. Embora saibamos que há alguns signos que coincidem, como o gesto de tesoura e o léxico da língua de sinais que significa tesoura, esses signos só adquirem valor dentro de um mesmo sistema, ou seja, essa relação não é direta, embora tenham propriedades semelhantes (simbólicas, interativas, interpretativas). Isso porque nos gestos as escolhas subjetivas que a criança faz para a sua produção são resultantes de sua percepção do mundo. Essas escolhas, ao mesmo tempo em que demonstram um trabalho simbólico e interpretativo da criança sobre o mundo, demonstram as limitações dos gestos domésticos em termos linguísticos. O gesto, por sua natureza semiótica (e não semântica), não pode ser interpretante e interpretado, como a língua. (Santana, et. al., 2008, p. 304)

Afinal, o sujeito de posse de uma língua, no caso dos surdos acessando uma língua de sinais, modifica sua relação com a gestualidade. Neste sentido, concordando com Santana *et al.* (2008) que gesto também é linguagem.

Assim, podemos sustentar a defesa da naturalidade do uso da gestualidade humana, de que desde os primórdios os gestos estão presentes na comunicação, de que estes possuem uma orientação cognitiva comum à capacidade de linguagem. Tal expressão não seria uma forma “menor” de expressão de comunicação, mas uma forma de expressão complexa tal qual a oralidade. Seu uso qualitativamente menor em pessoas ouvintes, seria pelo fato do uso privilegiado que estes fazem da oralidade. E por isso, não necessitam de um uso refinado da gestualidade. Mesmo ciente da presença da gestualidade durante a comunicação em línguas orais, a articulação gestual não acompanha o refinamento da articulação das línguas de sinais.

O contrário também é válido, uma vez que a articulação oral de pessoas surdas não reflete o refinamento da articulação de pessoas ouvintes. Deste modo, a gestualidade pode ser considerada como parte de da linguagem e o uso que os surdos fazem deste recurso é mais refinado devido sua integração ao sistema simbólico da linguagem.

### **1.3.3. Aquisição de linguagem**

Outro argumento que agregamos nesta tese, refere-se ao processo de aquisição de língua por compreendemos que percorrer esta temática contribuirá no melhor entendimento das LS como línguas naturais. Trabalhos como de Chomsky (2008), Santos (2008) apontam as etapas do processo de aquisição de língua e trabalhos como de Karnopp (1994), Quadros (1997), Quadros e Pizzio (2011) demonstram a existência dos mesmos processos em crianças surdas (em contextos de famílias surdas nos quais a língua de sinais é a língua corrente dentre da família).

Neste contexto, um debate permanente é sobre a relação biunívoca do signo gestual da LS e com a coisa com a qual o signo se referencia. Inclusive, algumas dúvidas recorrentes nas pessoas que desconhecem as LS podem ser destacadas nas seguintes interrogações: (a) “como o surdo sabe que mesa é mesa?” Ou ainda, (b) “como o surdo aprende o nome dos objetos?” Tais indagações sustentam-se na premissa de que o ato nomeação acontece em uma relação transparente entre o signo e a coisa, esquecendo-se do processo que ocorreu na aquisição de língua. Processo este que ocorreu através de fases específicas cuja naturalidade da relação existe apenas na cabeça do falante de determinada língua e não está implícito no ato de nomeação. Neste ponto podemos recorrer a Lacan (1957-8) que afirma que tal relação não é biunívoca mesmo diante do fenômeno que a criança, em processo aquisição de língua, faz uso da apontação com o dedo para referenciar objetos. Ele afirma que “contrariando as aparências que lhe são conferidas pelo papel imputado ao dedo indicador que aponta um objeto, na aprendizagem da língua materna pelo sujeito *infans*, ou pelo emprego dos chamados métodos metódicos escolares concretos no estudo das línguas estrangeiras” (p.500)

Estudos com crianças surdas em processo de aquisição de língua de sinais (Lillo-Martin e Klima, 1990; Moreira, 2007; Pizzuto et al., 2009) demonstram que este uso de apontação não é natural e que a criança precisa consolidar as regras gramaticais que estão implícitas neste ato. Isto demonstra que a relação entre a ponta do dedo e o objeto referido não é natural e

transparente, sendo necessário uma maturação cognitiva para o uso correto deste recurso de língua, além do processamento gramatical correspondente. Neste processo de maturação um estágio fundamental é o do balbucio. Tal fenômeno, para além dos sentimentos de afeto que desperta em adultos, é um comportamento considerado natural de qualquer criança; seja ela surda ou não.

Este comportamento pode ser indicado como uma primeira fase do processo de aquisição de língua sendo caracterizada, em crianças ouvintes, pelo início de uma experimentação da articulação sonora. Não acontece de forma aleatória, mas podendo ser reconhecida com um determinado padrão, como por exemplo: articulação silábica simples, repetição desta sílaba e ainda, como resposta à um estímulo. Percebe-se que este comportamento se inicia com um balbucio simples até um balbucio mais complexo, pela manifestação de prosódia. Após esta etapa inicial percebe-se outras etapas que ocorrem de forma sistemática em crianças ouvintes. Mas diante destes achados em crianças ouvintes, podemos nos perguntar sobre este processo em crianças surdas. E o que pesquisas evidenciam e nos apresentam é que crianças surdas, filhas de pais surdos, também percorrem as mesmas etapas.

Um fato importante, diz respeito à maturação de perícia manual em bebês. Esta, acontece de forma mais rápida do que a capacidade de articulação orofacial, permitindo que bebês surdos antecipem o estágio seguindo ao balbucio: estágio de *uma palavra*, ou no caso destas crianças: de um sinal (Quadros, 2008). Este estágio refere-se ao momento em que a criança articula um único significante de modo a apresentar uma ideia completa. Também é chamado de holofráscico pois uma palavra pode significar uma sentença inteira. Como por exemplo, quando a criança enuncia a palavra “água” em um contexto que pode ser interpretado como “eu quero água”

As evidências apontam que é possível identificar este fenômeno de balbucio em crianças surdas, uma vez que o padrão motor nos bebês é de movimentos simétricos. Nos bebês surdos durante o balbucio percebe-se movimentos assimétricos (apenas uma mão está se movimentando), percebe-se a manifestação de uma configuração de mão simples e a repetição deste padrão; como ocorre em crianças ouvintes.

O principal destaque a este fenômeno se dá pelo reconhecimento do balbucio como resposta à um estímulo externo. A criança está às voltas com o sistema linguístico, brincando com o sistema, aprendendo a lidar com o sistema; e mesmo que faça isso sozinha por um tempo, tal comportamento se consolida mediante a interação, mediante um modelo de língua – normalmente o adulto que interage com ela. Neste sentido, percebemos a importância do Outro,

na interação com a criança. O Outro já está lá, e o *infans* é completamente dependente deste que lhe abre as portas da significação.

Podemos ilustrar este fenômeno através de fragmentos de vídeos coletados em uma rede social<sup>28</sup>. É possível perceber a forma natural com a qual uma criança surda exposta à um ambiente linguístico com uma língua de sinais inserida neste campo simbólico. Ou seja, é notório reconhecer os possíveis ganhos que a criança surda recebe ao estar inserida em um contexto favorável de aquisição de linguagem, cujo desenvolvimento linguístico pode ocorrer de forma natural

Afinal, como já foi exposto, a língua de sinais oferece para a criança surda, plena possibilidade de inserção e aquisição linguística. O que lhe falta de percepção auditiva e conseqüentemente na percepção sonora de uma língua oral, não é abalado diante do encontro com a língua de sinais. Não estamos dizendo que para uma criança surda em um contexto familiar em que a LS é presente, haja a percepção da falta da audição. Ao contrário, não há percepção de perda nenhuma. Somente crianças surdas filhas de pais ouvintes, que desconhecem uma determinada LS, vivenciam este desencontro entre o que é falado e a ausência de percepção sonora da língua.

Nos vídeos recolhidos encontramos algumas interações entre crianças de pouca idade (alguns com meses de vida) e adultos surdos. Vemos evidências de uma interação linguística consistente. Vale destacar que estes vídeos nos auxiliam a compreender a relação simbólica que se constitui desde cedo entre a criança e o adulto, através de uma língua de sinais.

No primeiro vídeo<sup>29</sup> vemos um pai conversando com seu bebê recém-nascido em língua de sinais americana (ASL). A legenda do vídeo informa que a criança, uma menina, também é surda uma vez que o “teste da orelhinha<sup>30</sup>” comprovou sua surdez. Vemos que o pai, surdo e falante da ASL, interage com seu bebê. Já vemos que esta criança está inserida em um universo simbólico, cuja língua de sinais faz efeitos de mediação com o campo do Outro. Em uma parte do vídeo, percebemos o bebê olhando fixamente para seu pai. De certo modo, é possível reconhecer esta possibilidade de simbolização que as LS também oferecem

---

<sup>28</sup> Os vídeos selecionados já estavam disponíveis em uma rede social, sem nenhum indicativo de proibição de uso e ou reprodução dos mesmos. Tais vídeos foram selecionados tendo como referência o reconhecimento de que o adulto com quem a criança interage é um adulto surdo. Deste modo, visamos preservar a seleção de um ambiente em que a LS circula de modo natural.

<sup>29</sup> Link de acesso ao vídeo: <<https://www.facebook.com/watch/?v=374541563312564>>

<sup>30</sup> Exame de Emissões Otoacústicas Evocadas. Testagem realizada no recém-nascido que avalia a audição de modo precoce. No Brasil, através da lei nº 12.303, de 2 agosto de 2010, o teste é obrigatório em todos os recém-nascidos. Nos Estados Unidos é conhecido como *Automated otoacoustic emissions* (AOAE) *test*.

Na primeira parte do vídeo, vemos os seguintes enunciados que ele fala para sua filha:

**Figura 20 - Interação entre pai surdo e sua filha recém-nascida**



Imagem 1 – DADDY (PAPAI)



Imagem 2 - I'M (EU [SOU])



Imagem 3 – DADDY (PAPAI)



Imagem 4 – I LOVE YOU (Eu te amo)



Imagem 5 – BEAUTIFULL (lindo)



Imagem 6 – COLORS (cores)



Imagem 7 – GREEN (verdes)



Imagem 8 – EYES (olhos)

Fonte: <https://www.facebook.com/watch/?v=374541563312564>

Uma possível tradução para a língua portuguesa seria:

“Papai, sou o papai. Eu te amo. Que lindos olhos verdes você tem”.

Neste segundo vídeo<sup>31</sup>, vemos uma senhora, a avó de uma criança surda, conversando com sua neta de 9 semanas de idade. É possível identificar que diferente do vídeo anterior, esta

<sup>31</sup> Link de acesso ao vídeo: <<https://www.youtube.com/watch?v=E7IlnTG7wzk>>

é uma criança algumas semanas mais velha que inclusive responde com sorrisos, à interação que sua avó faz, também em ASL.

Destacamos os seguintes momentos do vídeo:

**Figura 21 - Avó surda conversa com sua neta**



*Imagem 01 - GRANDMOTHER  
(avó)*



*Imagem 02 - Avó segura o braço da neta reproduzindo o movimento do sinal de GRANDMOTHER (avó) na Língua Americana de Sinais*



*Imagem 03 - Criança gesticula por si só*

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=E7IlnTG7wzk>

Na figura 21, na imagem 01, a senhora fala repetidamente que ela é a avó da criança, cujo olhar se mantém atento. Na metade do vídeo (representado aqui pela imagem 02), a senhora pega o braço da criança e reproduz o movimento deste sinal da ASL como que “ensinando” sua neta. E na parte final do vídeo (imagem 03) a criança gesticula por conta própria, apenas com um dos braços, com movimentos repetitivos.

No terceiro vídeo<sup>32</sup>, vemos a interação da mãe com sua segunda filha (6 meses de idade), também surda, em uma gravação na qual a mãe escreve como o primeiro sinal que sua filha realiza em língua de sinais; este sinal se refere ao conceito de COMER, que a mãe contextualiza como sendo “papá”. Inclusive a forma que a criança, realiza o sinal enquanto aprendiz da língua.

<sup>32</sup> Link de acesso ao vídeo:

<<https://www.facebook.com/odiariodafiorella/videos/360312001526033/UzpfSTEwMDAwNTI0NTQxODMzMDoxMTEyNzUxMjQyMjQzMDQ2/>>

**Figura 22 - Interação entre mãe surda e sua filha**



*Imagem 01 - Interação de mãe e filha surdas – Sinal “papá”*

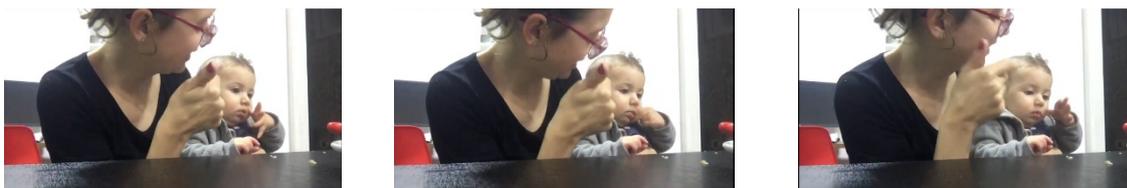
*Imagem 02 - Interação de mãe e filha surdas – Sinal “papá”*

Fonte:

<https://www.facebook.com/odiariodafiorella/videos/360312001526033/UzpfSTewMDAwNTI0NTQxODMzMDoxMTEyNzUxMjQyMjQzMDO2/>

Nas imagens acima percebemos o olhar atento da criança tanto para o rosto da mãe como para sua mão, que realiza o sinal do conceito de comer. O que vemos na sequência é a tentativa da criança de “reprodução” do sinal. Percebemos a criança, não apenas imersa em uma rede simbólica, mas captada e se envolvendo na produção significativa:

**Figura 23 - Interação mãe surda e sua filha (continuação)**



Fonte:

<https://www.facebook.com/odiariodafiorella/videos/360312001526033/UzpfSTewMDAwNTI0NTQxODMzMDoxMTEyNzUxMjQyMjQzMDO2/>

Nas imagens acima, a criança tenta reproduzir o sinal realizado pela mãe, tendo a todo o momento uma reação positiva.

Neste quarto e último vídeo, vemos um pai surdo interagido com seu filho que aparenta ter uns 9 meses de idade. No vídeo, o pai filma seu bebê chorando e fala que “*deseja mostrar*

*uma situação muito legal*”. Ele se deita ao lado do filho dizendo que o bebê está chorando (figura 24) e no momento seguinte ele faz a soletração manual do nome do filho: TAYLOR (figura 25). Imediatamente ao ver a mão do pai fazendo as letras do alfabeto manual em Libras, a criança cessa o choro e fica completamente atenta ao que o pai está sinalizando. Inclusive no instante seguinte ao pai parar a soletração, o bebê tenta reproduzir (figura 26), por alguns instantes, os movimentos que o pai fez para ele.

**Figura 24 - Pai surdo conversa com seu filho que está chorando**



*Imagem 01 - Bebê chorando demandando colo ao pai*



*Imagem 02 - Bebê continua chorando enquanto seu pai grava o vídeo*

*Fonte: Arquivo pessoal*<sup>33</sup>

**Figura 25 - Soletração manual do nome da criança: T-A-Y-L-O-R**



*Fonte: Arquivo Pessoal*

<sup>33</sup> Vale esclarecer que este vídeo foi recolhido em um grupo de discussão sobre surdez da rede social, *Facebook*, e salvo nos arquivos pessoais do pesquisador. Quando foi necessário referenciar a fonte deste vídeo, constatou-se que a origem na rede social referida não estava mais disponível. Por isso, a fonte está descrita como “Arquivo Pessoal”.

**Figura 26 - Criança tenta reproduzir gestualmente os sinais que ela acabou de ver**



*Fonte: Arquivo Pessoal*

Nestes quatro vídeos, reconhecemos como a interação com os bebês acontece independente da língua utilizada não ser em uma língua oral mas se destaca a presença do Outro como essencial neste processo. Ou seja, diante da expressão de uma língua de sinais, reconhecemos a possibilidade do Outro convocar a criança para o campo da linguagem. Estas evidências, corroboram em nossa argumentação de que as LS podem ser tomadas como um sistema linguístico de articulação gestual, passíveis de transmissão para o *infans* de modo natural.

Além disto, destacamos a presença do Outro, que pode ser encarnado tanto na figura materna, como paterna e até mesmo na avó que ocupa o lugar daquele que acolhe o sujeito e atribui sentido à sua produção gestual.

#### **1.4. No princípio era o sonho...**

Podemos afirmar que para a psicanálise, a subjetividade é dividida basicamente em duas instâncias: uma correspondente aos processos conscientes e outra correspondente aos processos inconscientes. Estes, os processos inconscientes, são foco de investigação que não só orientou uma prática clínica, mas que mobilizou Freud na construção de uma epistemologia específica que sustentasse sua atuação com seus pacientes. Nesta perspectiva, o sujeito, “é um sujeito de

desejo marcado e movido pela falta e conseqüentemente distinto do ser biológico e do sujeito da consciência filosófica”. (Toresan & Aguiar, 2011, p. 256)

O inconsciente, portanto, é o conceito que Freud consolidou para compreender os fenômenos que ele observava como os atos falhos, esquecimentos de palavras, sonhos e a própria formação sintomática de suas pacientes histéricas (que eram passíveis de interpretação). Estas manifestações eram reconhecidas como efeitos do inconsciente e Freud descobriu que para tratá-las era necessário evidenciar *poder* das palavras, o *poder* da linguagem na etiologia da neurose. Era imprescindível a fala. Mas para chegar neste ponto, Freud realizou um percurso anterior que compreendemos como sendo necessário para se iniciar a investigação desta pesquisa.

Freud, em seu texto de 1890, *O tratamento psíquico [mental]*, um ano antes de escrever o seu livro sobre as afasias, já abordava “a função das palavras no tratamento psicoterápico” (Coutinho Jorge, 2017, p.35). Freud, neste seu texto preliminar, já toca de forma surpreendente precoce em teses que ele irá desenvolver ao longo de sua obra entre “as formações do inconsciente (sintomas, sonhos, atos falhos, chistes) e a estrutura da linguagem, depois minuciosamente abordadas por Lacan em seu ensino” (Coutinho Jorge, 2017, p.35). Um momento de antecipação, conforme completa Coutinho Jorge (2017), “...em 1890, embora ainda não faça qualquer alusão à dimensão da sexualidade, surpreendentemente Freud já é capaz de afirmar de forma categóricas a importância da linguagem” (p.18).

Nas palavras de Freud (1890/2006)

(...) as palavras são também a ferramenta essencial do tratamento anímico. O leigo por certo achará difícil compreender que as perturbações patológicas do corpo e da alma possam ser eliminadas através de ‘meras’ palavras. Achará que lhe estão pedindo para acreditar em bruxarias. E não estará tão errado assim: as palavras de nossa fala cotidiana não passam de magia mais atenuada. Mas será preciso tomarmos um caminho indireto para tornar compreensível o modo como a ciência é empregada para restituir as palavras pelo menos parte de seu antigo poder mágico. (p.271)

Destacamos o final desta citação quando Freud afirma que “tornar compreensível o modo como a ciência é empregada para restituir as palavras (...) parte de seu antigo poder mágico”, um ponto que podemos apontar como uma antecipação daquilo que Lacan fará a partir da linguística saussuriana tomando o significante como um elemento teórico fundamental em sua formulação sobre o inconsciente. Freud se coloca à frente de seu tempo e nos oferece indicações para as questões mais atuais que vivenciamos.

Neste texto, o psicanalista detém-se na discussão sobre o tratamento hipnótico apresentando indicações, contraindicações e efeitos terapêuticos. Aborda, de modo crítico, o abandono da relação da mente com o corpo e da ênfase em métodos que simplesmente sugestionam comportamento e que reforçam a “estrutura neurótica do sujeito” (Coutinho Jorge, 2017). Não discorre muito sobre o “poder mágico das palavras” de forma mais evidente, mas é um texto valioso que nos ajuda a compreender, dentro da cronologia de sua obra, os destaques que suas formulações sobre o funcionamento do inconsciente, evidenciando suas reflexões desde a fase pré-psicanalítica. Inclusive, ao apontar que diante de um movimento da medicina de abandono das questões referentes as condições anímicas, “os pacientes histéricos, com sua ‘copiosa e variedade de sintomas’ (...) obrigam os médicos a se deter na relação mútua entre corpo e mente”. (Coutinho Jorge, 2017).

Neste texto, mesmo sem nomear explicitamente os conceitos de transferência, “Freud já estabelecia as bases do método psicanalítico” (Coutinho Jorge 2017, p. 20). De algum modo, ele também recorre às línguas para estudar e compreender o Inconsciente. No texto de 1910, *A significação antitética das palavras primitivas*, Freud afirma “nós, psiquiatras, não podemos escapar à suspeita de que melhor entenderíamos e traduziríamos a língua dos sonhos se soubéssemos mais sobre o desenvolvimento da linguagem”. (Freud, 1910, p.167)

Assim, podemos afirmar que o início da psicanálise e de seu dispositivo de tratamento, pode ter sua origem reconhecida nas inquietações de Freud (1895) diante dos fenômenos que ele acolhia de suas pacientes histéricas, inicialmente através do método hipnótico, logo abandonado, para a evolução do seu método da associação livre, manifesto na linguagem. Tais fenômenos se concentravam na forma como suas pacientes se apresentavam com seus corpos manifestando sintomas corporais (paralisias, tremores, entre outros) que não se relacionavam com nenhuma etiologia orgânica. Diante do embaraço que tais manifestações causavam no saber médico de sua época, Freud (1895), ao contrário de seus pares, deu crédito a tais manifestações, oferecendo sua escuta para suas pacientes, permitindo que através de suas narrativas, o inconsciente fosse evidenciado. O sintoma corporal foi lido como uma mensagem a ser decifrada; afinal, o que não era dito em palavras, era dito no corpo.

Freud, começou a perceber que uma possível causa de tais fenômenos se originava em experiências, muitas das vezes discursivas que suas pacientes vivenciavam. De acordo com Moares (2003): “Freud percebia que as palavras não só faziam adoecer, ao provocar nos pacientes um comportamento corporal determinando o sintoma, como também remanejavam toda a trama psicológica desatando os nós dos sintomas” (p.62).

Deste modo, a linguagem foi tratada como manifestação do inconsciente e não como veículo de comunicação ou apenas como relato narrativo de situações do cotidiano. Freud também reconheceu o enigma por trás da fala de suas pacientes e se dedicou, inicialmente, ao trabalho de deciframento.

Freud observara que um deslocamento da função da linguagem, que deixa de ser mero reflexo de funções superiores do pensamento, linguagem para designar as coisas, para ser aquilo que separa o falante de seu corpo. Freud percebe que o sintoma histórico tem relação com as coisas ouvidas, mas a paciente não faz essa relação, porque a lembrança do trauma toma a forma de uma significação que insiste como um corpo estranho, persistindo como um saber sobre o qual ela nada sabe. (Moraes, 2003, p. 62)

Freud apresentou uma nova leitura para a forma como a fala se manifesta em suas pacientes e o lugar que a linguagem ocupa na formação e manifestação dos sintomas. Compreendemos, com Vorcaro (2003) ao afirmar que a psicanálise ao libertar a fala da linguagem, destaca a singularidade do sujeito. Neste sentido, a autora compreende que a fala “tece a singular tensão entre a pulsão e o gozo, inquirindo o defeito insistente de realizar a satisfação. É o que faz, da fala, um trabalho – ato de produção do desejo – que enlaça o sujeito à língua e ao inconsciente. (Vorcaro, 2003, p. 125)

O que podemos reconhecer com Freud é que ele demonstrou como as palavras operam nos sujeitos independentes da vontade e demonstra que a linguagem não revela o que poderia ser descrito como *essência* das coisas ou de acontecimentos, mas que se apresentam em múltiplas significações. Desta forma, ele demarca um modo de reconhecer o inconsciente pela linguagem e conseqüentemente um modo singular de tratamento via palavra.

Reconhecemos em Freud, como a temática da linguagem permeia seus textos, antecipando o que Lacan irá desenvolver com uso da linguística.

Retomando Freud, tomemos a monografia, *Sobre as concepções das afasias* (1891/2013), em que ele apresenta a proposta do *aparelho de linguagem*. De início podemos reconhecer que o autor se dedica em descrever os processos mentais (e nessa obra, relacionados aos distúrbios da linguagem) afastados de explicações puramente anatômicas. Seu esforço se concentra na compreensão do funcionamento da linguagem - esforço este que se consolida tempos depois em seu método de *talking cure*.

Um ponto relevante em sua monografia é quando ele discute que o campo de representações da palavra seria limitado às imagens sonoras, motoras, de escrita e de leitura -

uma “representação fechada” (Freud, 1891, p.103) - sendo que através das imagens sonoras haveria a ligação com as representações do objeto formado a partir das impressões visuais, táteis, acústicas e demais impressões. Assim, para Freud, a fala seria a associação entre a imagem sonora da representação-palavra e o elemento visual da associação de objeto. A função do aparelho de linguagem através deste esquema de associação de representações seria o de produzir significação. Basicamente o argumento que Freud sustenta é da existência de um funcionamento específico da linguagem enquanto um sistema de representações que - apesar da base biológica - funcionam de forma integrada através de associações destas representações.

Reforçando este argumento é possível reconhecer em outro trecho do texto de Freud (1891) afirma que

Recebemos, durante as atividades de escrever e de falar, sensações cenestésicas dos movimentos que os respectivos músculos realizam. **As sensações cenestésicas de mão são mais claras e intensas que as da musculatura fonadora**, seja porque costumeiramente atribuímos a essas sensações da mão um grande valor também por outras funções, seja porque elas estejam ainda conectadas a impressões visuais. Nós nos vemos, portanto, escrever, mas não nos vemos falar. (p. 121 – grifo nosso)

Outro pesquisador, Tha (2004), ajuda a compreender que Freud em sua obra:

Ora, como referiu anteriormente, a representação de coisa consiste nos traços de memória do complexo associativo derivado da percepção dos objetos. A representação de palavra para Freud é, também ela, um complexo associativo que reúne elementos de origem visual (sua imagem escrita), acústica (sua imagem sonora) e cenestésica (sua imagem motora ou articulatória). Assim como a imagem visual representa o complexo associativo do objeto, a imagem acústica (ou sonora, como Freud a chama), representa o complexo associativo da palavra. E a imagem sonora da palavra liga-se à imagem visual do objeto. É essa ligação que dá o significado das palavras. (Tha, 2004, p.130)

Em seu texto *O Ego e o Id* (1923/2006), Freud afirma que:

Os resíduos verbais derivam primeiramente das percepções auditivas, de maneira que o sistema Pcs. possui assim dizendo, uma fonte sensória especial. Os componentes visuais das representações verbais são secundários, adquiridos mediante a leitura, e podem inicialmente, ser deixados de lado, e assim também as imagens motoras das palavras, que **exceto para os surdos-mudos**, desempenham o papel de indicações auxiliares. Em essência, uma palavra é, em última análise, o resíduo mnêmico de uma palavra que foi ouvida. (Freud, 1923, p. 34) [Grifo do autor]

Em seu texto *Conferências introdutórias sobre psicanálise*, Freud (1915/2006) apresenta a importância da palavra:

Nada acontece em um tratamento psicanalítico além do intercâmbio de palavras entre o paciente e o analista (...) a paciente conversa (...) o analista escuta (...). Originalmente as palavras eram mágicas, e até os dias atuais conservaram muito do seu antigo poder mágico. Por meio de palavras uma pessoa pode tornar outra jubilosamente feliz ou levá-la ao desespero (...). Palavras suscitam afetos e são, de modo geral, o meio de mútua influência entre os homens. (p. 29)

Vemos, portanto, que no início de seu trabalho, Freud - ao propor um aparelho de linguagem - se preocupa em explicar os processos de fala para além de uma concepção puramente biológica, contudo calcados na dimensão sonora da linguagem. Já percebemos em seu texto um Freud que demonstra traços de uma preocupação mais funcionalista da mente do que as concepções *localizacionistas*<sup>34</sup> vigente nesta época (Grenha, 2004). Tal postura demonstra um olhar diferenciado com o qual ele se valeria no encontro, mais tarde, sobre os fenômenos psíquicos, em especial sobre o fenômeno inconsciente. Afinal, o que percebemos é que em sua monografia, ao propor um *aparelho de linguagem*, tal concepção se tornaria mais tarde no *aparelho psíquico*.

Ao postular um aparelho psíquico, Freud tenta apresentar uma leitura específica dos fenômenos inconscientes propondo uma forma de funcionamento e uma possibilidade de intervenção a partir de seus mecanismos identificados. Uma tentativa ao longo de sua obra de dar conta de uma série de fenômenos inconscientes e, em especial, nos fenômenos relacionados à linguagem, lapsos, atos falhos, troca de letras, esquecimentos, dentre outros.

A discussão da sonoridade fica mais evidente em Freud em sua obra sobre os *chistes*. Em suas análises dos processos de condensação e deslocamento do conteúdo inconsciente basicamente de elementos sonoros.

Contudo, é necessário retomar que ele realiza uma primeira tentativa de formalização em seu *Projeto para uma psicologia científica (1895)*, em que ele descreve o funcionamento

---

<sup>34</sup> O texto de Freud sobre as afasias trata de sua crítica ao modelo vigente na época de que havia centros corticais específicos que concentram determinadas funções executivas, como a da linguagem. Freud critica modelos como os de Werneck e Meynert enquanto modelos que apresentavam as afasias como condições de prejuízo da linguagem devido a lesões em centros específicos. Freud apresenta casos clínicos nos quais a constatação destas enfermidades não coincidia com a literatura da época demonstrando que alguns problemas de linguagem não apresentavam lesões nos centros corticais esperados. Deste modo, Freud lança luz para uma compreensão mais funcionalista da linguagem para além do modelo localizacionista médico vigente em sua época.

do aparelho psíquico enquanto excitações neuronais, de traços, trilhas, barreiras, fluxos de energias. Este texto, lido em conjunto com a *Carta 52* (1896) para Fliess, demonstra sua tentativa de formalização do funcionamento dos fenômenos inconscientes, na forma um mecanismo que pudesse demonstrar seus elementos internos.

Retomamos então que Freud, desde seus primeiros trabalhos pré-psicanalíticos, rejeitou modelos de explicação anatomopatológica do funcionamento da linguagem e enfatizou uma dinâmica associativo-imagética enquanto base subjacente do então nomeado aparelho de linguagem (Rossi, 2013). Assim, para dar conta de sustentar este conceito, Freud se apropria de argumentos de que a “palavra” era a unidade mínima da função de linguagem. E “a partir do conceito de representação (*Vorstellung*) ele pôde desenvolver sua tese sobre o paralelismo psicofísico e, assim sendo, transpor as fronteiras dos estudos meramente fisiológicos” (Rossi, 2013, p.156) e avançar na compreensão de que os distúrbios afásicos seriam “tipos de rupturas entre as associações normais de representações no psiquismo” (Rossi, 2013, p.156).

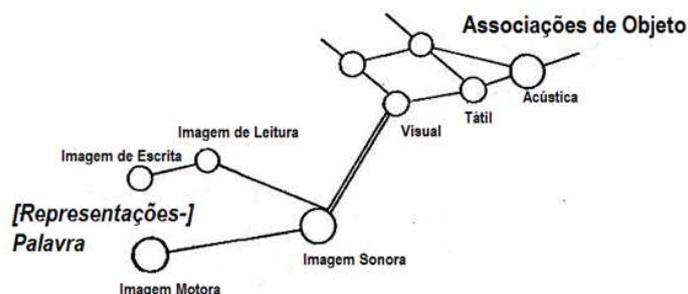
Neste momento, Freud não se limita a definir uma relação causal de nomeação dos objetos do mundo, mas apresenta que a relação entre palavra-objeto é uma relação complexa.

De acordo com Moraes (2014):

Freud apresenta (...) o conceito de representação de maneira inédita, ao escolher a palavra, para apresentá-la como um intrincado processo associativo para o qual concorrem elementos de origem visual, acústica e cinestésica. Com isto, avança a tese sobre uma diferenciação entre representação de palavra [*Wortvorstellung*] e associações de objeto [*Object-Associationen*], dois complexos que, não estando em uma relação de oposição, vão possibilitar as mais variadas configurações das funções da linguagem a partir de singulares trajetos associativos das representações. (p.394)

Assim, a partir do esquema abaixo, que aparece no *apêndice C* do texto metapsicológico *O Inconsciente* (1915) Freud fundamenta a linguagem em um campo complexo de associações de representações:

**Figura 27 – Esquema da formação da representação palavra-coisa**



Fonte: Freud, 1891/2013, p.102

O campo de representações da palavra seria limitado às imagens sonoras, motoras, de escrita e de leitura - uma “representação fechada” (Freud, 1981, p.103) - sendo que através das imagens sonoras haveria a ligação com as representações do objeto formado a partir das impressões visuais, táteis, acústicas e demais impressões. Este não seria limitado como a representação da palavra. Assim, para Freud, a fala seria a associação entre a imagem sonora da representação-palavra e o elemento visual da associação de objeto. A função do aparelho de linguagem através deste esquema de associação de representações seria o de produzir significação.

Basicamente o argumento que Freud sustenta é da existência de um funcionamento específico da linguagem enquanto um sistema de representações que - apesar da base biológica - funcionam de forma integrada através de associações destas representações.

Portanto, reconhecemos, com a contribuição de Rossi (2013), Moraes (2014), Costa (2015), que Freud, desde a época da escrita de seu trabalho *Sobre as concepções das afasias* se dedica em descrever os processos mentais (e nesta obra, relacionados aos distúrbios da linguagem) já “descolados” de explicações puramente anatômicas. Além disso, ele revela uma preocupação em caracterizar e explicitar os processos de linguagem em uma perspectiva que considerada funções “problemáticas” para caracterizar seu aparelho de linguagem.

Afinal, para Freud a relação entre palavras e objetos é qualificada como simbólica. Se ele próprio reconhece que o aparelho de linguagem contém associações de elementos ópticos, acústicos, motores (cenestésicos), não seriam então as Línguas de Sinais facilmente reconhecidas neste mesmo aparelho de linguagem? Afinal, apesar da ausência de elementos acústicos, os elementos ópticos e cenestésicos estão preservados<sup>35</sup>?

<sup>35</sup> As línguas de sinais são línguas cuja manifestação ocorre pela articulação das mãos e das expressões faciais e percepção desta articulação através da visão.

No caso específico de pessoas surdas falante de uma LS, a imagem sonora poderia ser substituída por uma “imagem gestual” ou dentro do esquema freudiano, pela “imagem motora”? Ou seja, neste caso específico a imagem da produção gestual desta língua poderia ser tomada como equivalente da imagem sonora de uma língua oral? Isto é, o sinal da LS teria o mesmo estatuto que uma palavra articulada oralmente. E com isto, o processo de associação de “representação de palavra” e de “representação de objeto” seria realizado normalmente.

Freud afirma que “a atividade associativa do elemento acústico se encontra no ponto nodal de toda a função de linguagem” (p.116). Mas, questionamos se este elemento acústico poderia ser “substituído” por um elemento gestual/motor que é característico da produção e articulação da língua de sinais. Freud ainda afirma sobre o elemento visual que “este não está em ligação direta com as associações de objetos” (p.118); mas tal premissa não seria pelo desconhecimento de uma língua de sinais? Afinal as LS despertam a necessidade de revisão destas premissas uma vez que pela modalidade visual, as associações com a representação do objeto seriam pela imagem motora e não pela imagem sonora.

Reforçando este argumento é possível rerepresentar este trecho, tal como já dissemos há pouco, em que Freud afirma que

Recebemos, durante as atividades de escrever e de falar, sensações cenestésicas dos movimentos que os respectivos músculos realizam. **As sensações cenestésicas de mão são mais claras e intensas que as da musculatura fonadora**, seja porque costumeiramente atribuímos a essas sensações da mão um grande valor também por outras funções, seja porque elas estejam ainda conectadas a impressões visuais. Nós nos vemos, portanto, escrever, mas não nos vemos falar. (p. 121 – grifo nosso)

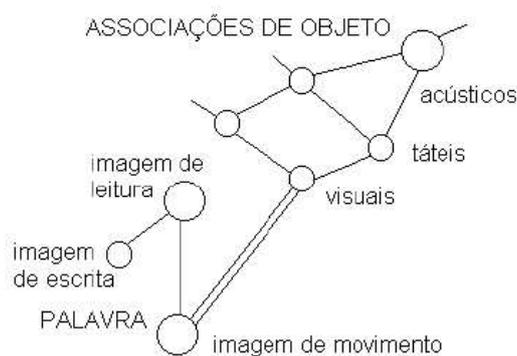
Assim, nos falantes de LS as imagens cenestésicas dos movimentos das mãos e das expressões faciais durante a aquisição e produção da LS seriam proeminentes e, com isto, o “ponto nodal” para a operação de associação da *Wortvorstellung* e da *Objektvorstellung*.

Quando Freud apresenta a *palavra* como “unidade de função da linguagem” e enquanto um conceito complexo formado por quatro elementos: (1) imagem visual da letra, (2) imagem de movimentos de fala (motora); (3) imagem de movimentos da escrita e (4) imagem sonora; o que seria o articulado nas LS seria a primazia da imagem motora na associação com a *Objektvorstellung*.

Nesta perspectiva, concordamos com Nunes (2004) ao afirmar que “na surdez a ligação se dará entre uma das imagens que compõem a palavra (de movimento, leitura ou de escrita) e as impressões visuais do objeto. (p.58)

Portanto, teríamos o seguinte esquema considerando a surdez:

**Figura 28 - Esquema de uma possível ligação da imagem de movimento para associações de objeto**



Fonte: Nunes, 2004, p.58

Freud afirma que aprendemos a falar quando associamos uma sensação de inervação da palavra, sendo que após a emissão da fala pela criança há a posse de uma representação do movimento de fala. Assim, para a criança surda seria possível uma representação da imagem motora que na produção do sinal, a representação do movimento do próprio corpo, possibilitaria a aquisição desta língua de modalidade gestual.

Avançamos para outro trabalho que permite a compreensão da noção de linguagem em Freud para além da sonoridade. Nos referimos ao texto *Uma nota sobre o bloco mágico* (1925), que contém uma forma muito particular de descrição do que ele nomeia como uma certa aparelhagem a partir da analogia com um objeto que surge em sua época: um brinquedo chamado de bloco mágico (*Wunderblock*). De acordo com o psicanalista, enquanto um invento que “apresenta uma concordância notável” com sua estrutura hipotética do aparelho perceptual (Freud, 1925) e por assim definir o aparelho psíquico. Ele afirma

(...) temos um sistema Pcpt.-Cs., que recebe percepções mas não retém traços prementemente delas, podemos assim reagir como uma folha em branco a toda nova percepção, ao passo que os traços permanentes das excitações recebidas são preservados em ‘sistemas mnêmicos’ que jazem por trás do sistema perceptual. (Freud, 1925, p. 258)

Compreendemos com Rego (2005)

O aparelho psíquico, tal como foi forjado progressivamente por Freud, do começo ao fim do seu percurso teórico, seria uma *máquina de escritura*. Assim, dos balbucios iniciais do “Projeto de uma psicologia científica” (Freud 1895), de 1895, até o ensaio intitulado “Notas sobre o bloco mágico” (Freud 1925), de 1925, o discurso freudiano perseguiu uma mesma problemática, qual seja, a de articular o imperativo do dito aparelho ser uma máquina com o imperativo de que seria efetivamente uma máquina voltada para a escritura. A dificuldade em harmonizar esses dois imperativos, máquina e escritura, regulava os desajustes e os ajustes do projeto teórico de Freud ao longo do seu percurso teórico. (Rego, 2005, p. 285)

Como apresentando anteriormente, este percurso se sustenta em fundamentos relacionados com as manifestações de linguagem. Em *Estudos sobre a histeria* (1895) com o tratamento de sintomas relacionados com a fala. Na *Interpretação dos Sonhos* (1900) com a linguagem dos sonhos, que se manifestam na forma de rébus, em uma linguagem que não se restringe aos fonemas, mas às imagens. Podemos resgatar ainda neste texto o recurso que Freud faz de elementos não fonéticos para apresentar o funcionamento dos sonhos. Como afirma Rego (2005)

Freud, ao buscar um modelo para o inconsciente, invocou a escrita hieroglífica. A relação do inconsciente com o hebraico e a escrita talmúdica já tem sido pensada por vários estudiosos do tema, levantando a questão de se a psicanálise seria um judaísmo sem Deus. Lacan, por sua vez, mergulhou nas escritas chinesa e japonesa em busca de um discurso que não fosse da ordem simbólica, o que o levou a reconhecer um tipo de prática da letra que poderia ter efeitos sobre a própria constituição do sujeito (...) (Rego, 2005, p. 249)

Ou seja, Freud, na busca de uma descrição mais precisa de seu modelo do inconsciente não se isenta de também introduzir uma perspectiva escrita – hieróglifos – para a formação dos sonhos. De acordo com Lacet (2003);

O princípio organizador do significante é a legibilidade, e não a representação. Para compreendermos a interdição da função de representação das imagens, podemos tomar o exemplo do rébus proposto por Freud na *Interpretação dos sonhos*, em que as imagens são tomadas por seu valor associativo, e não no sentido de representar o que imaginariamente sugerem - aí está sua condição de legibilidade, de letra. A escrita inconsciente é ao mesmo tempo meio de recalçamento e possibilidade de revelação, ao mesmo tempo que cripta é o próprio instrumento de decifração, e isso tem algumas consequências clínicas. O fato de as formações do inconsciente, assim como a escrita, terem a legibilidade como característica comum faz da interpretação analítica um processo de deciframento e leitura - literal, eu diria. (Lacet, 2003, p.58)

Nesta perceptiva, apesar da prevalência da sonoridade na constituição do inconsciente em Freud, ele mesmo apresenta indícios de uma constituição por meio de traços, trilhamentos, que implicariam em uma dimensão da linguagem para além da exclusividade sonora. Uma vez que o inconsciente está estruturado segundo a escrita que está no fundamento da linguagem: “é o traço significante regido por leis próprias, metáfora e metonímia não enquanto figuras de linguagem, mas enquanto operações que comportam apagamentos e deslocamentos tópicos” (Rego, 2005, p. 188).

Assim, é possível compreender as operações do inconsciente, tomadas enquanto estruturas que não se definem pela sonoridade, mas que se ancoram na materialidade enquanto meio, possível das pessoas falantes das línguas orais. Outra via não seria utilizada diante da concentração de estimulação e exposição à articulação sonora de determinada língua. Contudo, as línguas de sinais, se apresentam também como este meio pelo qual seria possível reconhecer uma nova ancoragem da representação da palavra, e por quê não dizer, do inconsciente, em que as operações de trilhamentos ainda seriam as mesmas; contudo, associados não ao som da palavra, mas ao gesto do sinal da LS.

Portanto, já avançamos em um possível reconhecimento de que a compreensão do Inconsciente ancorada na sonoridade se revela mais enquanto meio e não enquanto fim. Tomando os sinais das LS enquanto elementos discursivos, enquanto pertencentes à uma cadeia significante, cuja simbolização é do proveniente do campo do Outro, podemos indicar a possibilidade de uma constituição subjetiva via língua de sinais.

As operações subjacentes, que são tomadas da linguística, na apreensão de Lacan, se configuram em uma perspectiva lógica e não reduzida à materialidade. Assim, seguimos nosso percurso, com Lacan, para avançarmos em nossa discussão.

### 1.5. No princípio era o significante...

Nesta sessão, abordaremos mais especificamente algumas noções que contribuem na compreensão da relação entre linguagem e psicanálise pela perspectiva lacaniana. Tomamos como ponto de partida, a questão que Lacan (1953) nos coloca em sua conferência *O simbólico, o imaginário e o real*, em que ele interroga sobre a *fala*; este ato tão singular do sujeito e também, indissociável para o estudo do inconsciente. Nesta perspectiva, acrescentamos a indagação que o encontro com a surdez pode nos provocar sobre o alcance da linguagem humana em sujeitos cuja experiência de língua não seja através do som, mas através do gesto.

De imediato questionamos o que poderíamos caracterizar enquanto *fala*? Seria apenas o reconhecimento da dimensão sonora da palavra ou poderíamos incluir também a articulação gestual das línguas de sinais? O caminho que percorremos até o momento, nos permite afirmar que sim: as expressões gestuais articuladas pelas pessoas surdas se caracterizam em uma fala. Afinal, esta forma de expressão demonstra possuir um sistema linguístico que emerge e se organiza para além da sonoridade. Diante desta premissa, continuaremos no caminho de definir a expressão verbal de uma pessoa surda, enquanto uma *fala* que também possibilitaria a *escuta* do inconsciente.

De imediato, retomamos a regra de outro da psicanálise: a *associação livre*. Esta ação se caracteriza pela enunciação do sujeito que se desencadeia orientada pela livre associação de pensamentos, evitando resistências ao longo de seu discurso. Ou seja, falar! Este é o imperativo. Afinal “isso fala” (Lacan, 1998c, p. 849). Portanto, foi relevante todo o percurso sobre linguagem realizado até então uma vez que nos apresentou as características linguísticas das LS. Tal percurso também possibilitou a costura de conceitos que nos orientam a sustentar a afirmação de que abordar o campo da linguagem também é abordar o campo do sujeito. E com Lacan, reconhecer que é discorrer sobre o sujeito; mais especificamente sobre o sujeito do inconsciente.

Tomar a linguagem pela psicanálise com Lacan (1957), é reconhecer sua constante referência aos textos freudianos, uma vez que ele próprio admitiu que sempre é necessário “situar em baliza primárias, fundamentais e nunca revogáveis, o que aconteceu na psicanálise”. (p. 516)

Desde a origem, desconheceu-se o papel constitutivo do significante no status que Freud fixou de imediato para o inconsciente, e segundo as mais precisas modalidades formais. E isso por duas razões, das quais a menos percebida, naturalmente, é que essa formalização não bastava, já que, por si só, para que se reconhecesse a instância do significante, já que, quando da publicação da *Traumdeutung*, antecipava-se em muito às formalizações da linguística, para as quais sem dúvida, poderíamos demonstrar que, por seu simples peso de verdade, ela abriu caminho. (Lacan, 1957-8, p.516)

Sabemos que Freud não teve acesso aos construtos da ciência da linguística, mesmo assim conseguiu sustentar e formalizar sua descoberta acerca do inconsciente propondo, além de uma teoria, um método clínico. É a partir de Lacan que acontece um avanço na formalização da teoria psicanalítica a partir dos trabalhos de Saussure e de Jakobson.

Afinal, Lacan não tomou os conceitos da linguística e importou para a o campo da psicanálise, mas se apropriou de tais conceitos (Ferreira, 2002) em seu esforço de reler os textos freudianos, evitando “a deterioração do discurso analítico” (Lacan, 1998, p. 245) que imperava no início dos anos 50 com o uso da psicanálise enquanto meio de adaptação social do indivíduo.

A partir desta apropriação de conceitos específicos da linguística foi possível sua afirmação do inconsciente estruturado como linguagem. Lacan propõe um retorno à Freud, considerando que os pós-freudianos de sua época estavam distorcendo os pilares freudianos. Diante de sua percepção, e valendo-se dos diálogos de sua época, como o discurso da linguística, Lacan reforça os pontos centrais da teoria freudiana, como avança na proposta de novas contribuições.

Conforme apontado em seu texto *Radiofonia*, Lacan confirma que Freud de certa forma já “antecipa a linguística” (Lacan, 1970b). Ele afirma que “(...) foi pelos tropeços nos passos da linguagem, na fala, em outras palavras, que ela [linguística] foi antecipada” (Lacan, 1970b, p. 403).

Contudo, o início de sua inovação acontece a partir da linguística ao tomar a noção de Saussure sobre o signo linguístico composto pelo binômio significado e significante. Ao se apropriar destas noções, Lacan subverte a ordem estabelecida pela linguística, dando ênfase ao

significante sobre o significado cunhando uma espécie de algoritmo que se desdobra tanto na compreensão da cadeia significante, como na elaboração de seus matemas. Podemos afirmar que

Foi pela via da ligação significante/significado que Lacan cunhou, inicialmente, uma espécie de algoritmo do sujeito, uma regra fundamental aplicável à operação analítica. Ela demonstra a crença em um saber no real, que teria sua existência voltada para significar, a partir de leis do significante que se impõe a ele e o dominam. (Barroso, 2015, p. 58)

Zizek (2006) fala de como Lacan, ao retornar a Freud, recorre a outras ciências, como a linguística para reler Freud apontando estes conceitos que já estavam em sua obra, mas não com estes nomes que ele apresenta

Lacan usa esses termos importados de outras disciplinas como instrumentos para fazer distinções que já estão implicitamente presentes em Freud, mesmo que ele não tivesse conhecimento delas. Por exemplo, se a psicanálise é uma “cura pela palavra”, se trata distúrbios patológicos somente com palavras, tem de se basear numa certa noção de fala. A tese de Lacan é que Freud não estava ciente da noção de fala implicada por sua própria teoria e prática, e que só podemos desenvolver essa noção se nos referirmos à linguística saussuriana (...) (Zizek, 2006, p. 11)

Na subversão do signo linguístico, Lacan indica a leitura que deve ser feita: S/s. Ou seja, "significante sobre significado, correspondendo o ‘sobre’ à barra que separa as duas etapas" (Lacan, 1998, p. 500). Marcar a presença da barra, implica em destacar a pura função do significante em detrimento do significado (Ferreira, 2002)

Além disto, Lacan também aproveitou a separação proposta por Saussure das noções de língua e fala. Ele toma a fala como meio de acesso e de trabalho do inconsciente. Em suas palavras: “Quer se pretenda agente de cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise dispõe apenas um meio: a fala do paciente” (1956 [1953]/1998, p.248). E também afirma que os meios do método psicanalítico “[...] são os da fala, na medida que ela confere um sentido às funções do indivíduo” (1956 [1953]/1998, p.259).

Neste sentido, ao reconhecimento da noção de fala enquanto meio de cura e do próprio método de tratamento psicanalítico, demonstra a importância da fala enquanto elemento

material no manejo do tratamento. (Vicenzi, 2009). Fala esta, que já temos condição, até este momento, de reconhecer que pode ser articulada tanto oralmente, quanto gestualmente.

Já a definição de língua, a partir de Saussure, influenciou Lacan na sua definição de linguagem enquanto estrutura que “preexiste à entrada de cada sujeito num momento de seu desenvolvimento mental” (Lacan, 1998, p.498). Assim, a noção de linguagem, para Lacan, é independente dos indivíduos, do mesmo modo que a noção de língua também o é para Saussure.

A partir de uma base teórica lacaniana, argumentamos que a possibilidade de se sustentar uma resposta para a questão de pesquisa apresentada (a constituição subjetiva para além da dimensão sonora) se configura diante do reconhecimento de que a dimensão da linguagem em psicanálise é essencial, em um primeiro momento de seu ensino, para o funcionamento do inconsciente. Em seu texto *Função e campo da fala e da linguagem* (1953) temos o momento em que Lacan busca restituir “a fala e o simbólico nos seus devidos lugares” (Andrade, 2013, p.19). Neste texto podemos reconhecer que

Era preciso dar à fala, destituída de seu lugar e função numa análise, o posto que lhe cabia na descoberta freudiana. Para isso, reter o que a distinção entre real, simbólico e imaginário permite reter era, para a prática, uma questão central. Neste texto de 1953 já se encontram os primeiros encaminhamentos feitos para uma aproximação com a linguística estruturalista e com o projeto de retorno a Freud. O apoio sobre a linguística, tanto de Saussure quanto de Jakobson se tornarão mais refinadas alguns anos depois, em *A instância da letra e a razão desde Freud*. Porém, os efeitos desta causa já se fazem sentir em 1953: não abrir mão da importância do simbólico para a experiência analítica, bem como da função da fala e do campo da linguagem, havia se tornado uma questão de sobrevivência da própria psicanálise. (Andrade, 2013, p.19)

Neste sentido, este primeiro ensino de Lacan se constitui tendo como base a construção do campo a partir da teoria de linguagem, afinal

Para Lacan, o fundamento da linguagem e do discurso encontra-se no significante, na cadeia significante. Nesse sentido, a base é constituída pelos sons, ou pela letra, ou seja por um todo estruturado, analisável com o auxílio da linguística. O significado resulta, por sua vez, da cadeia significada integral; ele não se prende ao significante, visto constitui também ele um fluxo contínuo e subjacente à cadeia fônica, ou seja à cadeia significante. (Goeppert, 1980, p.102).

Neste percurso, neste movimento de pensarmos a concepção de linguagem e de língua da linguística para a psicanálise, podemos pensar a partir da leitura de Milner (2012) algumas indagações sobre o que haveria de comum e de diferente entre as línguas; do que poderíamos definir como características primordiais que identifica as línguas entre si; e que mesmo falas de sujeitos que compartilham a mesma língua, mesmo o próprio sujeito pode se afundar em uma possibilidade de equívocos; ou seja, interlocuções marcadas pelo equívoco: “homofonia, homossemia, homografia – enfim, tudo aquilo que sustenta o duplo sentido e o dizer em meias-palavras, incessante tecido de nossas interlocuções” (Milner, 2012, p. 17).

Além disso, Milner (2012) afirma: “vê-se justamente que uma locução, quando trabalhada pelo equívoco, é ao mesmo tempo ela mesma e uma outra” (p.12). Assim, partimos disto para compreender e para apontar que a forma como a psicanálise lida com a linguagem é nesta perspectiva do tropeço de fala, do equívoco, do que claudica e assim revela uma questão inconsciente.

E ainda de acordo com Milner (2012), para alcançar estes equívocos, podemos ir por determinados procedimentos (p. 18...): “Sem dúvida, pode-se ir ao encaixe do equívoco através de procedimentos determinados: se é pelo som que ele se constitui, recorrer ao sentido; se é pelo sentido, recorre ao som; se é pela escrita etc. Numa só palavra, apoiar-se no fato de que há estratos” (Milner, 2012, p. 18)

E assim, como demonstrado, as Línguas de Sinais constituem-se por estratos, por unidades mínimas recombinadas, das quais se produzem signos, sentenças, com os quais o sujeito constitui-se, referencia-se e equivoca.

Compreendemos que Lacan, trouxe o inconsciente freudiano para uma nova dimensão reconhecendo-o enquanto um efeito de linguagem, ou melhor dizendo, efeito de significante. Compreende as operações que Freud havia descrito de condensação e deslocamento como metonímia e metáfora. Termos usualmente presentes na linguística, mas que tomam novos contornos com a apropriação e uso que Lacan faz em sua obra. Tal apropriação se configura na compreensão dos efeitos do inconsciente na constituição do sujeito enquanto uma cadeia que pressupõe a articulação de um significante a outro significante. Tal compreensão domina o período inicial de Lacan em seu “retorno a Freud”.

É importante avançarmos com Lacan, principalmente nas discussões sobre os efeitos de linguagem no corpo do sujeito. Afinal, o corpo, em sua visão, é um corpo constituído e afetado pela linguagem; um corpo tomado por *lalíngua*<sup>36</sup>. (Cukiert, 2004; Magalhães, 2016).

Colette Soler (2012) nos ajuda a compreender esta noção ao afirmar que

A *alíngua*<sup>37</sup> evoca a língua emitida de antes da linguagem estruturada sintaxicamente. Lacan diz, aliás, *alíguas*, numa só palavra, isto é, a língua materna – em outras palavras, a primeira ouvida, paralelamente aos primeiros cuidados do corpo. (...) O que distingue *alíngua* das línguas é que o sentido não está ali. *Televisão* formula isso: a língua só dá a cifra do sentido, pois cada um de seus elementos pode tomar qualquer sentido. Eis por que Lacan pode dizer em outra parte que *alíngua* nada tem a ver com o dicionário (...) dizer que *alíngua* nada tem a ver com o dicionário é justamente dizer que falta em *alíngua* esse atrelamento das palavras e do sentido convencionado delas. (...) *alíngua* não é um corpo, mas uma multiplicidade de diferenças que não tomou corpo. (p. 38-38)

Indagamos se este efeito de linguagem não se restringiria apenas à sonoridade das línguas orais, uma vez que é no campo simbólico que o sujeito está imerso. Desta forma, problematizamos se esta imersão no universo simbólico poderia também, ocorrer através de uma língua cuja materialidade é gestual?

Ainda em seu livro *Lacan, o inconsciente reinventado*, Soler (2012) faz a seguinte afirmação,

A lalação, a melodia, o barulho dos sons desprovido de sentido, mas não de presença, operam antes do capitonamento [*capitonnage*] da linguagem. O que, evidentemente, coloca a questão daquilo que os sujeitos que não têm acesso ao som, **os surdos, encontram como substituto, e é preciso bem que o encontrem, já que eles têm acesso à linguagem.** (Soler, 2012, p. 46) [grifo nosso]

Reconhecer em *lalíngua* um efeito sonoridade, é perceber a presença de um não-senso para além da dimensão simbólica da linguagem. A presença de traços que marcam, traços que de algum modo afetam o sujeito.

---

<sup>36</sup> Este termo é a tradução do neologismo criado e utilizado por Lacan que em francês se escreve *lalague*. Este neologismo é proveniente latim *lallare* (em português lalação) que significa o cantar “lá, lá, lá...” e do francês *langue*, que significa língua.

<sup>37</sup> Este texto usa a tradução de *alíngua* para o termo francês *lalangue*.

*Lalíngua* refere-se aos primeiros balbucios provenientes da língua materna (Lacan, 1971-72) anteriores à uma linguagem articulada. Este neologismo de Lacan – formado a partir da associação com a *lalação* que o bebê realiza com a experimentação da vocalização, destaca o caráter homofônico das palavras em detrimento da dimensão lexicológica da palavra (Viana *et. al.*, 2017). Ou seja, é um aspecto relacionado à experiência de gozo e não de comunicação. Afinal é a partir do desejo do Outro que é transmitido a materialidade sonora na qual *lalíngua* se ancora. No conjunto de figuras de sons como as próprias onomatopeias, as assonâncias, homofonias, e demais fenômenos de linguagem implicados na sonoridade das palavras. Ou seja, a *lalíngua* remete ao campo que não se define pela busca da significação, mas pelo reconhecimento do equívoco, da homofonia que ressoam no corpo do sujeito. E tal experiência não é aprendida, mas recebida pela criança, uma vez que atravessa o corpo da criança.

No caso de crianças surdas, podemos reconhecer esta mesma, quando afetadas pelas línguas de sinais. Retomando os exemplos citados na sessão sobre as LS, especialmente o conjunto das figuras 25, 26 e 27. Vemos como a criança é tomada pelos gestos do seu pai que a representa, que a define, que a nomeia. E apesar de sua tentativa de reproduzir os gestos, mas com a dificuldade que lhe é própria da imaturidade motora da pouca idade em que se encontra, a criança demonstra estar captada por algo que lhe é transmitido. Não são sinais e sua significação convencional que a criança compreende, ou melhor, que ainda não compreende; mas ao efeito de uma de intenção de nomeação.

Assim, *lalíngua* é o impasse de se pensar um efeito fora da sonoridade. Que apesar de estar fundada na fonação, é o efeito no qual há a separação entre som e sentido. É necessário um corte. Som que não significa por si só, mas que a partir deste corte se abre para uma cadeia. Como a criança surda. Não é a significação da gesticulação, mas no corte, que abre para uma cadeia. E deste corte que possibilita um sistema de diferenças no qual os signos se opõe entre si no processo de significação.

Sobre equívocos de linguagem nas Línguas de Sinais, podemos apresentar um exemplo, que de forma corriqueira, foi reconhecido em uma conversa entre pessoas falantes de Libras. Um sujeito ao enunciar que iria se *encontrar* com alguém, acaba por enunciar não que iria apenas encontrar uma determinada pessoa que lhe é querida, mas que iria *casar-se* com ela.

O equívoco está na substituição do verbo CASAR que é enunciado no lugar de ENCONTRAR. Em língua portuguesa não há nenhuma evidência e de até possibilidade de equívoco entre as duas palavras. Não encontramos efeitos de homofonia, ou de sutis diferenças fonéticas que contribuem para a construção do equívoco.

Contudo, é na análise do enunciado em LS que percebemos como o equívoco se constrói. Os sinais referentes à estes dois conceitos é assim realizado em Libras:

**Figura 29 - Sinal em Libras referente ao conceito: CASAR**



*Fonte: Arquivo Pessoal*

**Figura 30 - Sinal em Libras referente ao conceito: ENCONTRAR**



*Fonte: Arquivo Pessoal*

O movimento de encontro das mãos é comum em ambos (setas em vermelho), sendo diferenciados pelo formato das mãos (configuração de mão - CM). Tal mudança, apesar de representar CM distintas, possibilitou a mudança do verbo enunciado que é realizado de forma gramatical em ambas as sentenças sendo que o uso do primeiro, no contexto que foi dito provoca um efeito inesperado e de um certo constrangimento durante o diálogo entre os envolvidos.

Logo, realizando uma análise aproximada, inclusive pelas indicações de Freud apresenta em seus textos *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901), *Os chistes e sua relação*

*com o inconsciente* (1905), percebemos a construção de um equívoco de linguagem e de seu efeito.

**Figura 31 - EU CASAR [com] VOCÊ**



*Fonte: Arquivo Pessoal*

**Figura 32 - EU ENCONTRAR VOCÊ**



*Fonte: Arquivo Pessoal*

Neste pequeno exemplo, percebemos uma possibilidade de equívoco proveniente em Língua de Sinais, reconhecendo enquanto possibilidade de inscrição de fórmulas de conexão e substituição de significantes que produzem efeitos distintos enquanto manifestação inconsciente.

Recuperamos Freud que em seu texto dos *Chistes e sua relação com o inconsciente* (1905) busca identificar na “homofonia enquanto facilitadora da emergência do inconsciente” (Coutinho Jorge, 2000, p. 118); e neste exemplo temos uma pequena amostra de uma modificação em um determinado parâmetro que modifica o sentido da sentença. Concordamos com Freud de que as palavras “prestam-se a usos múltiplos”. E neste caso, os sinais da Libras, serviriam à este propósito.

Um questionamento sempre presente em momentos de discussão sobre a temática desta tese é sobre a existência de atos falhos em línguas de sinais. Mais precisamente o questionamento se apresenta da seguinte forma: “como são os atos falhos em Libras”?

O que podemos depurar desta questão se apresenta como um questionamento da própria concepção de língua, a partir da dúvida se esta manifestação gestual poderia comportar a dimensão do equívoco da linguagem. E aparentemente a referência que se tem, ao se propor tal questionamento, é de que o equívoco da linguagem se ancora na articulação sonora da linguagem. Contudo, podemos afirmar que tais equívocos também se sustentam dentro do sistema linguístico das LS; como apresentado que a partir do reconhecimento da modalidade gestual, podemos reconhecer o funcionamento articulatorio do gesto.

Além disto, retomamos os exemplos dos adultos surdos interagindo com as crianças, em Língua de Sinais, em que podemos então afirmar que ao longo dos vídeos, temos a indicação de que existe a convocação do Outro ao *infans* e mais do isso, à nomeação do Outro do lugar simbólica que o *infans* pode ocupar em seu discurso. E tal operação evidentemente realizada em uma língua de sinais. Reconhecemos em todos os quatro vídeos a convocação do Outro ao *infans* e o apelo de inseri-lo nesta relação significativa com sinais tanto da ASL como da Libras.

Magalhães (2016), recorrendo ao trabalho da psicanalista Maria Petrucci Solé (2005) considera que este efeito da dimensão simbólica estaria presente desde cedo na criança:

Segundo Solé, isto começa com a colocação no punho do recém-nascido de uma pequenina placa ou de um esparadrapo que identifica este corpo como um corpo e com um nome. O um da marca não vem do corpo, vem do significante, da linguagem. No ser falante o organismo animal se torna um corpo sintomático e pulsional. Esta é uma hipótese lacaniana: o corpo é um efeito da linguagem. Isto quer dizer que a linguagem toca o organismo, o desnatura e o modifica. Lacan utiliza um neologismo, o verbo *corpsifier*. A *corpsificação* diz respeito à incidência da incorporação da linguagem sobre a libido e o gozo. Para a psicanálise, não é a natureza que nos dá um corpo. O corpo se fabrica com o discurso. (Magalhães, 2016, p.13)

Assim, a significação ocorre pela apropriação do corpo pelo significante, pelo efeito de linguagem.

Retomando Lacan, em *Função e campo da fala e da linguagem* (1953), o corpo pode ser compreendido em sua dimensão simbólica quando ele é envolto pelo significante, quando a linguagem simbólica representa algo para um sujeito, ainda que no discurso do Outro, “já se

faz presente, mesmo antes de nascer” (Sternick, 2010). Nos dizeres lacanianos: “os símbolos envolvem a vida do homem [...] antes que ele venha ao mundo, aqueles que vão gerá-lo em ‘carne e osso’, trazem em seu nascimento [...] o traçado de seu destino” (Lacan, 1953/1998, p. 280).

E como demonstrado, tal constituição poder acontecer por um discurso articulado em língua de sinais. Nos contextos familiares nos quais os pais surdos, como demonstrado, falantes desta língua também conversam, desejam o filho que será concebido e, portanto, é possível reconhecer um discurso no qual a criança é/será capturada. Portanto, considerando as LS como manifestação linguística, é possível reconhecer a imersão da criança neste universo simbólico, nesta rede discursiva, manifestada pelo gesto, sobre a égide do Outro, do desejo deste Outro e consequentemente desta criança ocupar ou não este desejo.

Neste ponto, uma abordagem psicanalítica no reconhecimento do sujeito falante de Libras permite a compreensão de que a manifestação linguística gestual é um meio de manifestação do inconsciente. Mas não advogamos que a dimensão material seja o ponto central da discussão. Propor uma equivalência entre o material linguística das línguas orais e de sinais no manejo do inconsciente não significa que a discussão se reduz à materialidade linguística. Afinal, o que se propõe, pela teoria é a compreensão das operações de metonímia, metáfora, transferência, entre outras que se ancoram na materialidade sonora (e também gestual) mas que não se reduzem apenas a este ponto.

Rodrigues (2010) ajuda nesta compreensão ao afirmar que “a clínica psicanalítica fundou um novo discurso que ultrapassa a palavra. O que não quer dizer que prescindia da linguagem. Podemos dizer que o discurso se cristaliza na linguagem para estabelecer laços sociais entre as pessoas” (Rodrigues, 2010, p. 18).

Ainda em suas palavras,

A psicanálise nos oferece um novo discurso, um discurso sem palavras, ou seja, efetuado por meio de letras, números, esquemas, grafos e espaços topológicos, pois, como diz o próprio Lacan, só assim ela poderá subsistir. A maneira como o psicanalista trabalha já indica essa redução do material trazido pelo analisante por meio da associação livre, a intervenções pontuais, a exemplo da gramática quando uma frase, transformada em proposição, é substituída por uma letra tendo seu sentido esvaziado, restando apenas um valor de verdade. (Rodrigues, 2010, p. 21)

Diante disso, o “discurso sem palavra”, significa avançar em um campo para além da decifração, além da interpretação, “além daquilo que pode ser tratado pela palavra” (Rodrigues, 2010, 27), pois “trata-se de transmitir o real da estrutura” (Rodrigues, 2010, 27), i.e., “o vazio estrutural, marcado pela impossibilidade de se ter acesso a uma verdade toda, possibilitando que se saiba operar com essa falta” (Rodrigues, 2010, 27).

Afinal,

A descoberta freudiana do inconsciente se deu a partir dos tropeços, do que claudica, dos lapsos, sintomas e sonhos. Isso atesta o caráter evanescente e a especificidade do saber do sujeito do inconsciente que advém da experiência psicanalítica. (Rodrigues, 2010, p. 52)

Assim, não estamos simplesmente numa atividade de substituição de uma modalidade de língua, ou de uma discussão da condução da análise em línguas estrangeiras, mas na compreensão de que, do ponto de vista estrutural, o inconsciente se estabelece na relação significante. Em outras palavras, o sujeito (\$) se apresenta na relação de um significante ao outro significante:

$$S1 \rightarrow \$ \rightarrow S2$$

Sobre a linguagem enquanto estrutura para além do código material, mas enquanto relação entre os significantes,

A linguagem é um sistema de diferenças internas, não é uma relação de identidade, uma vez que um significante é S1 porque ele não é S2, S3, etc. (Dör, 1995). O inconsciente como desenrolar contínuo da cadeia significante já é colocar em andamento a diferença: S1 -> S2 -> Sn. Isso quer dizer que a passagem de um significante ao outro só é possível justamente porque não designa o mesmo significante. O sujeito não aparece nunca no que se diz, ele está transitoriamente na passagem de um significante ao outro. (Cruz, 2015, p. 63)

Afinal, o sujeito que interessa a psicanálise é o sujeito do inconsciente, sem qualidade, barrado. Sujeito que só emerge no intervalo da relação significante. E é a articulação significante que produz o discurso, embora “nem tudo seja significante na estrutura do discurso” (Coelho, 2006, p.109), pois o “que está em jogo é aquilo que ordena e regula um

vínculo social entre os sujeitos” (Coelho, 2006, p.109). Afirmar que o inconsciente *se estrutura* como linguagem não significa dizer, em termos lacanianos, que ele é apenas simbólico (Cukiert, 2004). Nesse sentido, é necessário estar atento para os riscos de se considerar de forma equivocada que o sujeito enquanto efeito de linguagem está separado do próprio corpo. É necessário evitar uma dimensão puramente abstrata deste sentido, mantendo a égide de uma dimensão estrutural.

Diante dessa noção, Lacan argumenta seus efeitos no sujeito, uma vez que a operação de significação ocorre nesta cadeia de significantes. O sujeito estaria preso a esta estrutura, única, emergindo enquanto sujeito de linguagem.

Nas palavras de Lacan (1957), “também o sujeito, se pode parecer servo da linguagem, o é ainda mais de um discurso cujo movimento universal seu lugar já está inscrito em seu nascimento, nem que seja sob a forma de seu nome próprio” (p.498). Ele ainda continua: “(...) E essas mesmas estruturas revelam uma ordenação das trocas que, embora inconsciente, é inconcebível fora das permutações autorizadas pela linguagem” (p.499)

Assim, tal situação se configura para além da língua, para além da materialidade. Esta desempenha um papel importante à medida que sustenta o significante, mas que aponta para algo além. Com isto, o inconsciente atua para além da língua, para além do suporte material.

A psicanálise se vale da linguagem como via de produção de sentido, de desvelamento da verdade. “O saber do inconsciente só pode ser articulado pela linguagem. Por isso o analista pede a seus analisantes que falem”. (Rodrigues, 2010, p.57). E como apresentamos nos exemplos em língua de sinais, colocar a fala em movimento pode ser independente da materialidade da língua. O que o sujeito sinaliza/fala através da língua de sinais, pode ser lido como um movimento da cadeia significante. “Ora, a estrutura do significante está, como se diz, comumente da linguagem, em ele ser articulado.” (Lacan, 1957-8, p.504)

Esta afirmação de Lacan abre precedente para refletirmos sobre este ponto da articulação do significante, ou seja, a forma com que é possível “manipulá-lo” na língua. Mais do que uma abstração, esta ideia do significante está, desde Saussure, estritamente associada à materialidade no qual ele se ancora. Por mais que entendamos o significante com uma entidade abstrata, ela se corporifica na língua, através da articulação com o código. Nas línguas orais, temos a articulação sonora e nas línguas de sinais, a articulação gestual.

Ora, a estrutura do significante está, como se diz, comumente da linguagem, em ele ser articulado. Isso quer dizer que suas unidades, de onde quer que se parta para desenhar

suas invasões recíprocas e seus englobamentos crescentes, estão submetidas à dupla condição de se reduzirem a elementos diferenciais últimos e de os comporem segundo as leis de uma ordem fechadas. Esses elementos, descoberta decisiva da linguística, são os fonemas, onde não se deve buscar nenhuma constância fonética na variabilidade modulatória em que se aplica esse termo, e sim o sistema sincrônico dos pareamentos diferenciais necessários ao discernimento dos vocabulários numa dada língua. Por onde se vê que um elemento essencial na própria fala estava predestinado a fluir nos caracteres móveis que, qual Didots ou Garamonds a se imprimirem em caixa baixa, presentificam validamente aquilo a que chamamos letra, ou seja, a estrutura essencialmente localizada do significante. (Lacan, 1957-8, pp. 504-505)

Interessante, notar nesta citação de Lacan (1957-8) de que existe um esforço seu de reconhecer a letra, inclusive materializada no caractere tipográfico impresso, como “estrutura do significante”. Ou seja, ao recorrer à linguística, especificamente à fonética e fonologia como campo que se dedica ao estudo das unidades mínimas da fala, das unidades que se diferenciam e que articulam na formação das palavras, Lacan tenta apresentar uma unidade mínima do significante, que neste trabalho ele nomeia como Letra<sup>38</sup>.

Retomando ao sujeito surdo, propomos refletir que a materialidade gestual das Línguas de Sinais se articula mediante uma "predisposição ao significante" (Lacan, 1998/1975), ou seja, que os gestos convencionalizados desta língua assumem, não apenas uma dimensão de signo – referenciando-se na representação de coisas - mas de se referirem à outros significantes em cadeia.

Neste aspecto, resgatamos dois momentos em que Lacan tece comentários sobre a pessoa surda e sobre sua linguagem. Em um primeiro momento em seu Seminário *A Angústia* (1962)

Tudo o que o sujeito recebe do Outro pela linguagem, diz a experiência como que ele o recebe sob forma vocal. A experiência de casos que não são tão raros assim, embora sempre se evoquem os casos espetaculares, como o de Helen Keller, mostra que existem outras vias que não as vocais para receber a linguagem. A linguagem não é vocalização. Vejam os surdos. (Lacan, 2005/1962, p.299)

E um segundo momento na *Conferência em Genebra sobre o sintoma* (1975):

[Pergunta] O Sr. concebe a linguagem como não somente verbal, considera que há uma linguagem não verbal? A linguagem dos gestos por exemplo. [Resposta de Lacan] É

---

<sup>38</sup> Esta definição será articulada mais detalhada no terceiro capítulo desta tese.

uma pergunta que já foi proposta faz muito tempo por um tal Jousse, a saber, que o gesto precederia a fala. Creio que há algo específico na fala. A estrutural verbal é cabalmente específica e temos um testemunho disso no fato de que aqueles aos quais se chama surdos-mudos são capazes de um tipo de gesto muito diferente do gesto expressivo enquanto tal. O caso dos surdos-mudos é demonstrativo do fato de que há uma predisposição à linguagem, inclusive naqueles que estão afetados por dita enfermidade - a palavra enfermidade me parece neste ponto totalmente específica. Há o discernimento de que pode haver algo significativo como tal. A linguagem dos dedos não se concebe sem uma predisposição a adquirir o significante, qualquer que seja a enfermidade corporal. De forma alguma eu falei a pouco da diferença entre significante e signo. (Lacan, 1998/1975, p. 13)

Sobre a afirmação da predisposição a adquirir o significante, recorreremos ao texto da *Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval* (1964), no qual Lacan nos diz sobre a causação do sujeito. Tal operação, mediante o processo de alienação, ocorre uma vez que o Outro é “para o sujeito o lugar de sua causa significante” (p.855), razão pela qual “nenhum sujeito pode ser causa de si mesmo” (p.855). Neste ponto, o sujeito surge diante do deciframento dos significantes que lhe são impostos no mundo. Ou seja, de uma “prioridade ao significante em relação ao sujeito” (p.844). Reforça que são os significantes e não os signos que marcam o sujeito, uma vez que o significante que representa o sujeito para outro significante.

Em suas palavras

Conferir esta prioridade ao significante em relação ao sujeito é, para nós, levar em conta a experiência que Freud nos descortinou, a de que o significante joga e ganha, por assim dizer antes que o sujeito constate isso, a ponto de, no jogo do *Witz*, do chiste, por exemplo, ele surpreender o sujeito (...) O registro do significante institui-se pelo fato de um significante representar um sujeito para outro significante. Essa é a estrutura, sonho, lapso e chiste, de todas as formações do inconsciente. E é também a que explica a divisão originária do sujeito. Produzido—se o significante no lugar do Outro ainda não discernido, ele faz surgir ali o sujeito do ser que ainda não possui a fala, mas ao preço de cristalizá-lo. (Lacan, 1964, p. 854)

Assim, compreendemos que os sujeitos surdos também estariam diante da convocação ao campo do Outro mediante um contexto de uso da Língua de Sinais. Afinal, esta modalidade de língua, enquanto capacidade natural de linguagem, sistema simbólico e meio de nomeação produz o sujeito enquanto efeito, afetado simbolicamente pelo discurso do Outro que oferece os sinais que produzem no corpo um modo de linguagem específico, um saber-fazer com o corpo para se expressar.

## 1.6. “No princípio era o verbo<sup>39</sup>”

Propomos, nesta última sessão, realizar um alinhamento das premissas utilizadas ao longo do capítulo. Propomos desenvolver o capítulo a partir do significante *princípios*, compreendo que são vários os pontos de partida com os quais nos servimos para tecer nosso texto no desenvolvimento da tese que propomos apresentar. Deste modo, cada uma das sessões anteriores ofereceu bases para articularmos nosso argumento principal sobre a possibilidade de reconhecimento das LS enquanto línguas que podem evidenciar as formações do inconsciente e mais, que poderiam ser um meio possível de enlaçamento do sujeito acometido da surdez ao campo do Outro no processo de constituição subjetiva.

Partimos do título acima, enquanto uma referência direta ao texto bíblico, cuja atenção não deve ser ao contexto religioso do qual este trecho foi retirado, mas à última palavra da citação: *verbo*. Tal palavra do português é uma das traduções da palavra grega *λογος* (*logos*). Gostaríamos, portanto, de destacar, que todo princípio revela uma determinada lógica, *i.e.*, uma determinada orientação que sustenta determinado campo de investigação. Neste trabalho apoiamos sob a lógica inaugurada por Freud sobre o inconsciente. Ao inventar a psicanálise, Freud subverte a lógica que até então era presente: a ordem do *cogito*, do “penso, logo sou”. A partir de Freud a referência é outra, na qual o ego não é mais condição única da orientação da subjetividade do homem.

Assim, a novidade apresentada por Freud é evidenciada no estabelecimento de uma lógica do inconsciente. Neste sentido, não é possível sustentar uma subjetividade unificada e centrada em um *eu*, na consciência e na razão. Deste modo, com Freud, a lógica racional sede lugar para o inconsciente, evidenciado nos sonhos, chistes, atos falhos e sintomas; todos estes enquanto formações do inconsciente que evidenciam um desejo de um Outro que habita o sujeito. A partir da experiência clínica que o psicanalista vienense desenvolve esta formulação elucidando os mecanismos de formação dos sonhos, como mecanismo de formação do inconsciente que posteriormente são evidenciados por Lacan, em uma outra formulação, de um inconsciente como estrutura de linguagem.

Vale lembrar que a lógica do inconsciente já se encontra presente nas ideias de Freud desde seus primeiros trabalhos. A possibilidade de uma causalidade psíquica diante dos

---

<sup>39</sup> Referência à passagem bíblica do livro do evangelho de João no capítulo 1º e versículo 1º.

sintomas com os quais ele lida, mas que não e apresentavam explicações a luz da consciente, já motivava seus primeiros escritos. Além disto, ao longo de sua obra, encontramos repetidas referências sobre a presença da linguagem no tratamento psicanalítico.

Deste modo, reafirmamos que a linguagem e o inconsciente são dimensões indissociáveis. Antes mesmo de Lacan formalizar esta articulação, servindo-se dos trabalhos linguística, é possível reconhecer que desde Freud, a máxima do “inconsciente estruturado como linguagem” já se fazia presente.

Neste sentido, diante do lugar que a linguagem ocupa na compreensão e investigação do inconsciente, além de poder ser reconhecida de forma estruturante desta da dimensão, reconhecemos como fundamental que nossa investigação aborde este ponto referência. Uma vez que o fenômeno das línguas de sinais dentro da clínica nos interroga justamente neste sentido.

É relevante reconhecer que no esforço de escrita desta tese, caminhamos por estradas que nos davam a impressão de dizer o óbvio. Afinal, não é sem dúvidas que partimos do pressuposto de que Línguas de Sinais são línguas naturais e que tal pressuposto pode ser comprovado através dos estudos de diversos ramos linguística. Contudo, podemos interrogar o porquê de ainda imperar a desconfiança de os sujeitos que falam esta língua seriam diferenciados em sua relação com o inconsciente. Ou melhor, que os sujeitos surdos estariam, de algum modo, privados ao acesso à uma análise pelo simples fato de enunciarem uma língua que não é ancorada no som? Tal premissa não seria reducionista e ao mesmo tempo, não poderia ser lida como preconceituosa? Afinal, dentro do campo da linguística, o que temos é o *descortinamento* de novas percepções acerca da linguagem humana que foram melhor corroboradas diante dos estudos com as línguas de sinais. Deste modo, este fenômeno alargou a compreensão sobre o funcionamento e desenvolvimento da linguagem humana, além de permitir novas descobertas. Diante disto, podemos assumir uma postura semelhante de realizarmos esta investigação mais sensível às contribuições que a deste fenômeno das línguas de sinais podem apontar. Mantemos a indagação de que há algo do sujeito que pode ser revelado e ainda considerar a possibilidade de rever nossa postura enquanto analistas diante de um sujeito que se anuncia por uma língua articulada gestualmente.

Mas, devemos manter uma postura atenta, construindo os elementos que permitem o real entendimento do fenômeno das línguas de sinais. Neste sentido, é fundamental reconhecer esta propriedade de representação da linguagem, ou seja, que determinado signo não se restrinja a representar a coisa em si, mas que possibilite um movimento de representação mais amplo.

Para a psicanálise tais efeitos de significação não se restringem as possibilidades semânticas dicionarizadas, dentro desta ou daquela língua. Mas se ampliam para o uso singular que o sujeito faz, dentro da cadeia significante. Concordamos com o psicanalista ao afirmar que

O que essa estrutura de cadeia significante revela é a possibilidade que eu tenho, justamente na medida em que sua língua me é comum com outros sujeitos, isto é, em que essa língua existe, de me servir dela para expressar algo completamente diferentes do que ela diz. Função mais digna de ser enfatizada na fala que a de disfarçar o pensamento (quase sempre indefinível) do sujeito: a saber, a de indicar o lugar desse sujeito na busca da verdade. (Lacan, 1957, p.508)

Tal propriedade de deslocamento da cadeia significante e do uso singular que o sujeito pode fazer com a língua, será demonstrada no próximo capítulo a partir de fragmentos de casos clínicos.

Assim, percorremos este capítulo reconhecendo que a linguagem não é um instrumento, ou seja, um meio apenas para comunicação através do qual os falantes de determinada língua se servem para se expressar. Mas que possui propriedades que a destacam enquanto sistema simbólico. Também reconhecemos como as LS, em especial a Libras, também possuem tais propriedades de expressão permitindo ao sujeito surdo acesso não apenas a determinados códigos, mas ao simbólico, ao campo do Outro.

Vimos com a definição por Saussure da língua enquanto pura diferença é, no fundo, a base da estrutura do significante, sendo a significação antitética representação do “modo pelo qual Freud teve o acesso mais categórico a essa dimensão” (Coutinho Jorge, 2000, p. 117)

Assim avançamos com Freud e com Lacan, de que a linguagem é condição do inconsciente cujas implicações afetam diretamente a constituição subjetiva. Afinal, o sujeito se constitui alienado à cadeia significante que o constitui e o representa, estando fadado à divisão do seu ser em que algo sempre falta a ser dito e/ou representado.

A máxima lacaniana de que o “inconsciente é estruturado como uma linguagem” traduz, como as formações do inconsciente ancoradas nos atos falhos, chistes e sonhos, evidenciam o “dizer o que não pode ser dito, por meio da condensação e do deslocamento, dizer pelo equívoco, e o *nonsense*, o que está fora do sentido e determina o peculiar da humanidade de cada um” (Fingermann, 2007, p. 26).

Neste modo, temos também com Lacan, o reconhecimento de que, desde Freud a descoberta do inconsciente implica e pressupõe o estudo dos símbolos da linguagem; descoberta esta que não apenas o guia na construção de sua teoria do inconsciente como em sua proposta de atuação clínica, diante dos sintomas de seus pacientes.

Assim, tomamos a linguagem enquanto condição de constituição subjetiva, uma vez que é pela fala, sempre dirigida ao Outro e vinda do Outro, que o sujeito se constitui. O sujeito

se realiza na textura dos enunciados que a enunciação trama. É na fala recortada da linguagem, isto é, no uso singular das leis de combinação dos elementos próprios a cada língua, que o sujeito produz, muito mais do que uma expressão, o estilo e a marca de sua existência sempre subposta (*sub-jectum*) aos enunciados de sua fala". (Fingermann, 2007, p. 26).

É reconhecendo a importância da linguagem para a psicanálise, principalmente no primeiro ensino de Lacan, que nos impulsiona nesta investigação e nos orienta em um primeiro momento, na reflexão sobre linguagem e psicanálise para posteriormente avançarmos na investigação da constituição subjetiva da pessoa surda.

Partindo de uma reflexão acerca de concepção de linguagem, devemos compreender que o signo restrito enquanto articulação sonora é excludente do reconhecimento das línguas de sinais. Contudo, com as evidências mais recentes acerca do funcionamento das LS e ainda mais, do reconhecimento de seu funcionamento enquanto língua natural, podemos ampliar tal concepção e reconhecer o signo em sua dimensão gestual.

Outro ponto também discutido refere-se o caráter polissêmico e ambíguo que a língua possibilita. A produtividade de significação mediante combinação de palavras, contextos, figuras de linguagem, construções metafóricas, entre outros é um suporte que sustenta a própria gramática do inconsciente. Freud percebeu isso e nos deixou diversos exemplo de manifestações e usos de linguagem que, de algum modo, denunciavam o conteúdo de afetos e representações inconscientes. Dentre eles, conforme já apontado, a ambiguidade que a língua possibilita é um efeito primordial. Afinal, o equívoco, enquanto um lapso, um tropeço que vela mas revela, que diz sem dizer, é um ponto que merece destaque.

Logo, após este percurso reconhecendo a importância das palavras, ou melhor, a importância do significante podemos avançar na discussão do reconhecimento daquilo que denominamos de sinais (articulação gestual das LS) poderia ser reconhecido em sua função significante ou apenas enquanto um signo.

Mais uma vez, o que se afirma é que a descoberta do inconsciente, desde Freud e desenvolvida por Lacan, perpassa a linguagem e suas manifestações. Pelo uso que o sujeito faz desta condição que ele tem e que ao mesmo tempo a funda. Assim, podemos nos direcionar a partir deste momento na investigação de como o sujeito surdo estaria incluído nesta operação. Tal construção será tratada no próximo capítulo.

Pretendemos também identificar os efeitos teóricos/clínicos de uma abordagem psicanalítica no encontro com sujeitos surdos falantes de uma língua de sinais. Como este fenômeno pode ser lido pela psicanálise. Especificamente na discussão sobre a constituição do sujeito (do inconsciente) em alguém cuja língua, não se articula pela dimensão sonora.

Foi nesta perspectiva que apresentamos um recorte dos estudos linguísticos das LS, de forma a contribuir com as discussões no campo da psicanálise a partir do questionamento proposta nesta tese sobre a constituição do inconsciente no sujeito surdo para além da dimensão fônica. Compreendemos que os estudos linguísticos das LS podem sim, contribuir no entendimento deste fenômeno e que encontramos tanto em Freud como em Lacan, elementos que nos orientam no reconhecimento que as LS nos fornecem o aparato simbólico para a constituição do sujeito. Em outras palavras para a constituição do inconsciente.

## 02. Constituição subjetiva e sua relação com a pessoa surda falante de Libras.

“... é o sujeito do enunciado atravessado pelo sujeito da enunciação, que é efeito do inconsciente”  
(Mourão, 2011, p. 37)

Após o percurso realizado no capítulo anterior sobre a concepção de linguagem adotada nesta pesquisa e dos desdobramentos desta concepção no campo da psicanálise, passamos para uma segunda etapa que consideramos de fundamental importância para avançarmos em nossas reflexões: a constituição subjetiva a partir da perspectiva da psicanálise.

Inicialmente, pretendemos apresentar um recorte acerca da concepção de sujeito para a psicanálise, uma vez que compreendemos que o sujeito nasce no campo do Outro e se constitui enquanto tal, via linguagem. Nesta perspectiva, retornaremos na discussão sobre as Línguas de Sinais, interrogando não apenas sobre o efeito da ausência do som na constituição subjetiva da pessoa surda, mas a presença de uma língua de modalidade gestual durante esta operação. Ao final, apresentaremos um recorte sobre as principais discussões da literatura especializada sobre a pessoa surda discutindo sobre uma noção recorrente que os principais textos sempre trazem: a noção de *sujeito surdo*<sup>40</sup>.

Diante do encontro deste sintagma em vários trabalhos sobre a surdez, questionamos se poderíamos adjetivar esta condição de sujeito para aqueles que não ouvem, ou poderíamos defender uma posição na qual esta constituição subjetiva ultrapassaria a privação sensorial da audição. Poderíamos sustentar, que esta marca da ausência (da audição), presente no real corpo do surdo, não seria a única condição de estruturação do sujeito? Afinal, a constituição subjetiva se caracterizaria pelo reconhecimento dos mecanismos inconscientes que pretendemos

---

<sup>40</sup> Este sintagma *sujeito surdo* é apresentado recorrentemente em trabalhos no campo da linguística e educação na perspectiva de valorização da pessoa surda. Conforme Guarinello (2007), Gesser (2009) e Albres (2019) ao longo da história é possível apontar o percurso do reconhecimento das pessoas surdas que passou de uma total desvalorização e depreciação para um atual movimento de reafirmação de suas potencialidades e capacidades; principalmente referente à sua capacidade linguística manifesta nas Línguas de Sinais. Assim, a literatura da área constantemente apresenta a pessoa surda como *sujeito surdo* de modo a demarcar este posicionamento enquanto agente de sua própria vida. Contudo, neste capítulo, daremos o foco na perspectiva psicanalítica da noção de sujeito e problematizaremos este uso que é feito em outros campos de conhecimento.

argumentar na possibilidade de serem também reconhecidos nas pessoas surdas falantes de Libras.

Rengifo (2008), um psicanalista francês, em seu artigo intitulado, *Psychanalyse et clinique de la surdité* discute alguns elementos que ele considera essencial para se pensar como seria a leitura psicanalítica da surdez compreendendo que os processos de subjetivação seriam comuns tanto em pessoas surdas quanto em pessoas não surdas. Neste ponto ele contribui ao afirmar que

Em termos gerais, poderíamos afirmar que a clínica de inspiração analítica define as posições estruturais e questiona os mecanismos envolvidos na constituição do sujeito: recalque como condição de neurose, negação como condição de perversão e forclusão do Nome-do-Pai como condição de psicose. Essas razões de estrutura nos levam a considerar que a psicanálise opera da mesma maneira com um paciente surdo ou com um paciente ouvinte, porque os destinos estruturais do sujeito, surdo ou ouvinte, são os mesmos. É neste sentido que é impossível falar de uma "psicologia do surdo". Há tantas personalidades surdas quanto surdos e encontramos as mesmas grandes estruturas que na audição: neurose, psicose e perversão. A única peculiaridade se resume ao uso de uma linguagem diferente, mas comum ao canal de comunicação<sup>41</sup> (p.73).

Diante desta afirmação, de que a peculiaridade da pessoa surda se evidencia no uso de uma língua específica faz-se necessário, como ponto central, retomar nossa questão de pesquisa já apresentada no capítulo anterior. Vale relembrar que estamos investigando a constituição subjetiva do sujeito surdo, no campo da linguagem, a partir do reconhecimento das Línguas de Sinais (LS). E a partir disto, também pretendemos demonstrar as possibilidades do reconhecimento das Línguas de Sinais como meio de laço social das pessoas surdas, avançando na demonstração das formações do inconsciente nesta modalidade de língua. Com isto, poderemos postular a possibilidade da pessoa surda se constituir enquanto sujeito, conforme a

---

<sup>41</sup> No original: “*En termes généraux, nous serions autorisés à affirmer que la clinique d’inspiration analytique définit les positions structurales et interroge les mécanismes en jeu dans la constitution du sujet : le refoulement comme condition de la névrose, le déni comme condition de la perversion et la forclusion du Nom du Père comme condition de la psychose. Ces raisons de structure nous amènent à considérer que la psychanalyse opère de la même manière avec un patient sourd ou avec un patient entendant, du fait que les destins structuraux du sujet, sourd ou entendant, sont les mêmes. C’est en ce sens qu’il est impossible de parler d’une « psychologie du sourd ». Il y a autant de personnalités de sourd qu’il y a de personnes sourdes et l’on trouve les mêmes grandes structures que chez les entendants : névrose, psychose et perversion. La seule particularité se résume à l’utilisation d’une langue différente, mais commune au couple de la communication.*” (p.73)

psicanálise apresenta enquanto sujeito barrado<sup>42</sup> (\$), para além da limitação sensorial claramente identificada, pela perda da audição, em seu corpo, mas barrada no sentido estrutural, i.e. castrado, pela via da linguagem.

Iniciamos o percurso aqui neste capítulo tomando como recorte a discussão da constituição do sujeito no campo do Outro via linguagem e neste sentido, devemos lembrar os questionamentos que já fizemos sobre a concepção de linguagem já trabalhada no capítulo anterior, de que a linguagem não se resume à articulação oral.

Neste sentido, lembramos que diante de um reconhecimento da linguagem ancorada apenas em uma concepção fônica, é relevante questionar sobre a entrada do sujeito surdo na linguagem, através de uma língua que não se articule pelo som. Mas tal posicionamento é revisto diante do reconhecimento de línguas que se articulam gestualmente e que se estruturam também no campo simbólico através da relação com o Outro.

Assim, para avançarmos nas discussões deste capítulo, devemos ter em mente o reconhecimento das Línguas de Sinais como possibilidade da pessoa surda também entrar no discurso. Teremos no horizonte, a discussão do capítulo anterior sobre as Línguas de Sinais, tomando como referência que a constituição da subjetividade da pessoa surda pode ser reconhecida mediada por uma LS.

Reforçamos que, abordar uma discussão sobre a constituição subjetiva da pessoa surda requer certo cuidado, evitando-se que, erroneamente, se crie uma categoria teórica para além do que é possível sustentar. Afinal, a concepção de sujeito para psicanálise remete a uma dimensão estrutural.

Retomamos o que apresentamos no início deste capítulo de que em algumas leituras científicas nos deparamos a seguinte noção: *sujeito surdo*<sup>43</sup>. Tal sintagma aparenta constituir-

---

<sup>42</sup> Temos em mente que esta operação de constituição subjetiva enquanto \$ se refere à umas das possíveis saídas diante do complexo de castração. Ou seja, as modalizações possíveis de *Verdrängung*, a *Verwerfung* e a *Verleugnung*.

<sup>43</sup> Destacamos um trabalho da área da psicanálise do ano de 2005, um trabalho de mestrado, de Gladis Dalcin no qual ela apresenta uma abordagem psicanalítica na compreensão da subjetividade da pessoa surda. Ela apresenta já no título de sua pesquisa o sintagma “sujeito surdo”. Contudo ao longo do seu trabalho, ela não faz uma articulação do porquê do uso deste sintagma, apenas apresentando-o como já “dado”. Outras pesquisas como de Silva (1999), da área da Letras, também apresentam o sintagma “sujeito surdo”, Guarinello (2007) e Buzar (2009) na área da educação. Vemos que estes trabalhos apresentam uma marca da militância da pessoa surda, uma vez que ao longo da história percebemos longos períodos de desvalorização deles mediante o não acesso e não uso de uma língua oral. Diante disto, por muitos anos os surdos eram considerados incapazes. Apenas com o reconhecimento das LS a partir da década de 60 e com a ampliação de novas pesquisas, iniciou-se um processo de maior reconhecimento desta comunidade. Reconhecimento este, que ainda carece de novos avanços. Nesta perspectiva, a maioria dos trabalhos que pretendem valorizar as línguas de sinais e consequentemente valorizar a pessoa surda, escrevem o sintagma sujeito surdo, dando ênfase às suas potencialidades e sua posição de agentes, diferente de concepções anteriores que os coloca como incapazes e dependentes de pessoas ouvintes.

se enquanto uma adjetivação da noção de sujeito, podendo levar à uma interpretação equivocada de que teríamos dois modos de subjetivação: *sujeitos surdos* e *sujeitos não-surdos*. Como se o elemento sensorial da audição imprimisse uma marca tão forte ao ponto de ter a necessidade de qualificar o sujeito de modo tão particular e restrito à uma condição biológica.

Contudo, compreendemos pela psicanálise, que a noção de sujeito é um efeito de linguagem, cuja função é efeito da dimensão significante. Ou seja, “a partir de Freud, é uma cadeia de significantes que em algum lugar [numa outra cena, escreve ele] se repete e insiste, para interferir nos cortes que lhe oferece o discurso efetivo e na cogitação a que ele dá forma” (Lacan, 1960/1998, p. 813). Assim, a constituição do sujeito pode ser compreendida pelas vias da linguagem enquanto dimensão manifestada tanto pela oralidade quanto pela gestualidade. Deste modo, faremos um uso cuidadoso do sintagma *sujeito surdo*, de modo específico a partir do percurso no qual trabalharemos esta noção de sujeito para psicanálise questionando se tal concepção teórica pode ser reconhecida para aqueles que não acessam a linguagem oralmente, mas via uma determinada língua de sinais. Vale ressaltar novamente que não estamos advogando uma qualificação particular do sujeito enquanto “surdo”, mas propondo uma reflexão sobre o modo com o qual as pessoas com esta condição específica, podem constituir-se enquanto sujeitos, habitando a linguagem.

Contudo, deve-se considerar os efeitos que o sujeito precisa lidar pelo fato de experiências no real do corpo, da ausência da percepção sonora que dificulta e/ou impede o acesso à uma determinada língua oral. Mas, não o impede de acesso pleno ao campo da linguagem. Tal fenômeno, de algum modo, reverbera em seu modo de laço ao campo do Outro.

Casos específicos, como o de crianças surdas que nascem em famílias ouvintes onde não circula a língua de sinais, acabam por ter maior dificuldade de acesso à uma determinada língua. Mas, como apresentaremos nas próximas sessões, podemos reconhecer um modo de acesso ao simbólico. Em outros contextos, como no caso de crianças surdas, filhas de pais surdos que falam LS, teriam acesso à uma língua e assim, experienciando um acesso ao campo da linguagem.

Deste modo, o que já introduzimos, é que a operação de fundação do sujeito estaria mais próxima não da materialidade de uma determinada modalidade de língua, mas estritamente ligada à presença do Outro cuja transmissão da linguagem irá produzir efeitos na criança.

Assim, mais do que nos concentrarmos na prevalência desta ou daquela modalidade de língua, o essencial é compreendermos a relação que se instaura entre a criança e aquele que cumpre a função do Outro.

Um dos meios de abordarmos a constituição subjetiva e em particular da pessoa surda, pode ser orientada pela relação da constituição do sujeito mediante a relação ao campo do Outro, como estrutura de linguagem (Forbes, 1999). Afinal, conforme Lacan (1960) o faz, o campo do Outro é o lugar do tesouro do significante. E tal posição é condição fundamental para a emergência do sujeito. Por isso, nos valemos de tais argumentos para avançarmos em nossa discussão sobre a constituição do sujeito, no campo da linguagem, mediante o enlaçamento ao campo do Outro.

Assim, faremos o seguinte percurso, discutiremos o texto de Lacan (1966), *O estádio do espelho como formador da função do eu*, sobre a constituição do eu diante da imagem especular com a qual a criança se depara e, neste sentido, a relação imaginária e também simbólica que se estabelece no campo do Outro; em seguida avançaremos na discussão sobre o desejo, a partir do *Grafo do Desejo* juntamente com a dimensão simbólica da linguagem e sua articulação com o campo da linguagem.

Por fim, abordaremos uma discussão sobre o que a literatura científica apresenta sobre a pessoa surda para então, apresentarmos uma articulação do que a psicanálise pode contribuir no entendimento desta questão.

## **2.1. Constituição subjetiva para a psicanálise**

### **2.1.1. Pela linguagem**

Devemos ter a clareza de que o termo sujeito, tal como o conhecemos no campo psicanalítico, é uma noção trabalhada por Lacan a partir dos pressupostos da teoria freudiana.

Inicialmente devemos ter em nosso horizonte de que este termo - sujeito - perpassa a obra psicanalítica em sua extensão. Em alguns momentos de modo implícito, ao longo dos textos freudianos que não trabalham esta noção diretamente e em outros momentos explicitamente com Lacan, que formaliza esta noção a partir de sua releitura da obra freudiana (Cabas, 2010).

Lacan assim afirma:

Não digo que Freud introduz o sujeito no mundo – o sujeito como distinto da função psíquica, a qual é um mito, uma nebulosa confusa – pois, é Descartes quem o faz. Mas

direi que Freud se dirige ao sujeito para lhe dizer o seguinte, que é novo – Aqui, no campo do sonho, estás em casa (Lacan, 1964/1988, p. 47).

A descoberta freudiana se deu na descoberta de outra instância para além da que era até então defendida clinicamente: a dominância psíquica de um eu racional. Freud, ao revelar a existência do inconsciente já apontava para o corte da subjetividade humana; para a divisão que é estruturante.

Portanto, podemos afirmar que, apesar de Freud não ter mencionado ao longo de sua obra nenhuma referência à esta noção, Lacan demonstra que as bases dele permeiam a obra freudiana, principalmente a partir da articulação de premissas da teoria como por exemplo: a noção de inconsciente postulada por Freud (em seus aspectos tópico, econômico e dinâmico), a sexualidade como aspecto organizador da vida psíquica (a constituição de um corpo pulsional, recalque, resistências).

Freud (1905/2006) explicita que o *infans* depende desde o nascimento de um outro que lhe cuide, que ofereça um lugar no seio familiar. Lugar este, necessariamente atrelado à linguagem.

Afinal, a criança nasce de modo prematuro necessitando de cuidados extremos para que consiga sobreviver após seu nascimento. Diferentes de outros mamíferos que nascem com uma certa autonomia, o bebê humano necessita da ação direta de um outro que lhe cuide. Contudo, tal cuidado é acompanhado pela linguagem cuja presença cumpre um papel fundamental de humanização da criança. Por exemplo, de estímulos endógenos com os quais ele não consegue lidar sozinho, como por exemplo a fome: o bebê emite seu choro que é prontamente interpretado por quem lhe cuida. Não necessariamente em uma precisão na qual a mãe, por exemplo, reconhece imediatamente que aquele choro significa fome. Em qualquer caso a mãe supõe e mais ainda, nomeia o que a criança pode estar demandando dela. O fato principal é apontar que nesta interação de dependência existe uma operação fundamental calcada na linguagem; afinal, se há uma interpretação por parte da mãe, há linguagem. E no caso da criança, seu apelo não é feito ao acaso; é endereçado à um Outro.

Uma das formas de compreendermos a explanação de Lacan sobre o movimento do desejo na relação entre mãe e criança é tendo em vista a presença da linguagem. Afinal, a forma como a mãe fala com a criança, desde o nascimento, não se restringe a palavra em si, mas à significação que ela oferece ao nomear o *infans*. Inclusive, podemos destacar a nomeação tanto de momentos de prazer como de desprazer vivenciados pela criança.

Tal operação de nomeação provoca marcas simbólicas na criança, durante a interação na qual a mãe supõe a necessidade que a criança demanda. Como, por exemplo, ao supor que o choro da criança é fome e lhe oferecer o seio com o leite, algo a mais é ofertado para a criança. Não apenas o alimento, mas a palavra, e o toque, e o afeto. Um jogo se instaura da falta à satisfação e à falta novamente. E, neste movimento, a criança é localizada no desejo da mãe pela linguagem. Desejo este que captura o *infans* em um processo de libidinização por parte do adulto que bordejia o corpo da criança.

Ou seja, o processo de subjetivação está intimamente ligado a transmissão da linguagem, i.e., ao processo das marcas significantes que o adulto imprime no *infans*. Por exemplo, nos momentos de nomeação que a mãe faz das partes do corpo de seu filho (“*esse pezinho lindo*”, “*esse bracinho gordinho*”) ou até mesmo nomeando o que ela supostamente acredita como sendo a necessidade de seu filho (“*você está chorando porque está com fome?*”).

Além disto, neste processo, a criança, passa a se valer da linguagem como recurso para dar conta da própria falta provocada pela linguagem.

Neste sentido, podemos destacar um trecho do texto *Mais além do princípio do prazer* (1920) em que Freud apresenta o jogo do Fort-Da realizado pelo seu neto. Nesta brincadeira seu neto jogava um carretel para longe ao enunciar “*Oooo*” (referente à palavra alemã *Fort* significa longe) e logo em seguida puxava-o enunciando “*Aaa*”, (referente à palavra alemã *Da* que significa aqui). Observando a repetição deste jogo, um dos argumentos que Freud elabora em seu texto é de que a criança passa a se valer da linguagem para representar o objeto, que neste caso específico refere-se a sua própria mãe. A angústia da ausência materna pode então ser simbolizada pelo jogo e não apenas no ato motor do jogo feito pela criança, mas pela linguagem. Deste modo, ela passa de uma posição mais passiva para uma posição de maior elaboração reconhecendo a ausência ao distanciar-se do objeto e assim, elaborando esta falta pela simbolização via linguagem.

A criança tem a possibilidade de fazer uso da linguagem para representar e até mesmo substituir o objeto, cuja ausência lhe causa sofrimento, mas cuja presença é marcada pelo uso do significante.

Neste sentido, concordamos com Lacan ao afirmar que

O importante não é que a criança diga as palavras Fort-Da, o que, na sua língua materna, é Longe-Aqui – ela as pronuncia aliás de maneira aproximativa. É que há aí, desde a origem, uma primeira manifestação da linguagem. Nessa oposição fonemática, a criança transcende, introduz num plano simbólico o fenômeno da presença e da ausência. Torna-se mestre da coisa, na medida em que, justamente, a destrói. (Lacan, 1953-54/1994, p. 200).

Logo, já podemos adiantar que o essencial não é a forma fonemática, mas o que ela simboliza no espaço de fala referente à sua própria experiência de falta. Um desprazer que é elaborado pela ação ativa do jogo e das palavras:

a criança fez-se mestre da ausência graças a uma identificação. Era a mãe que a repelia ao ausentar-se; agora é ela que repele a mãe ao arremessar o carretel. Daí a jubilação intensa da criança ao descobrir seu controle da ausência do objeto perdido (a mãe). (Dor, 1990, p. 89).

Ao retornar ao ponto do reconhecimento de como a fala da mãe, ou da pessoa que opera esta função de maternagem, deixa marcas primordiais na vida psíquica do *infans*, uma vez que constrói o desejo por meio da linguagem, podemos pensar no contexto pelo qual temos afirmado constantemente neste trabalho – família de pessoas surdas cuja língua de sinais circula naturalmente. Neste ponto a fala da mãe se ancora em significantes gestuais/visuais e não sonoros como em pessoas que falam línguas orais. Deste modo, a criança surda teria acesso aos significantes ancorados gestualmente em uma determinada língua de sinais. Nos contextos nos quais a criança é surda, mas a família é ouvinte e não sabe LS, é possível questionar como ocorreria esta transmissão. Outros trabalhos demonstram a fragilidade cognitiva que a criança surda está passível de sofrer mediante o atraso ou impedimento de acesso a uma língua natural (seja ela oral ou de sinais).

Apesar da afirmação de Lacan (1999, p. 195) de que “[...] não há sujeito se não houver um significante que o funde”, temos discutido que os significantes não se restringem à oralidade e, por isso, a criança surda, mesmo sem acesso à uma língua oral e em casos de que não acessa nenhuma LS na primeira infância, pode se valer, de algum modo, de alguns significantes para se inserir na linguagem. Caso contrário, deveríamos reconhecer que crianças surdas filhas de pais ouvintes, sem acesso a LS seriam necessariamente privadas desta condição estrutural de constituição psíquica. O que não é a realidade. Retomamos aqui a afirmação que Soler (2012) faz de que, mesmo sem acesso ao som, “os surdos, encontram como substituto” algo que faz essa função de significante.

Podemos refletir sobre o fato de a própria gesticulação caseira entre os familiares ser um meio pelo qual a criança possa se valer para esta entrada na linguagem. Afinal, não apenas o som, mas olhares, gestos, toques estão presentes na relação e, no caso específico da

gestualidade, tal modalidade pode ser o suporte de significação. Inclusive uma gesticulação simples que seja, para nomear aquela criança como surda, pode ser um significante cuja marca identificatória permite que o sujeito seja nomeado e até se reconheça em uma determinada cadeia de significação.

O que a literatura apresenta acerca da comunicação entre crianças surdas e pais ouvintes é uma peculiaridade em relação a esta interação. No caso de que mãe ouvinte e criança surda estejam impossibilitadas de compartilharem o mesmo código linguístico de modo natural, existe um esforço quase que instintivo de criação do que a literatura especializada denomina como “sinais caseiros”. Estes se definem como um tipo de gesticulação simples, codificada apenas entre quem participa dessa interação, muito mais próximo à uma mímica do que os sinais de uma determinada LS. Este código é muito restrito ao núcleo familiar e, neste sentido, precário para as demais relações sociais. Contudo, tal forma de comunicação aparenta mostrar-se suficiente para que a criança, em seu processo de subjetivação, se sustente e, servindo-se dele, mesmo que de modo limitado. Todavia, esta, por ser uma linguagem muito particular, não encontra dentro da comunidade surda, falantes desta língua, valor compartilhado. Deste modo este tipo de comunicação caseira não pode ser reconhecido como uma língua. Contudo, pode ser tomada como um primeiro modo que antecede a entrada do sujeito no acesso à uma determinada língua de sinais.

Dalcin (2005), citando Martins e Marques (2001), afirma que

mesmo que a criança não tenha acesso a nenhuma língua e só disponha do código familiar, um código que é menos elaborado e, que está aquém do ideal parental ou da cultura, ainda assim a “linguagem caseira” (...) que permitirá um ulterior acesso à língua de sinais. (...) Portanto, a “linguagem caseira” proporciona um enlace com o simbólico que atravessa o sujeito surdo (p.22)

O enlace com o simbólico é o ponto central com o qual nos detemos neste momento para melhor compreender a constituição do sujeito pela psicanálise. É possível identificar, conforme Lacan (1957-59) enuncia, que “o discurso sempre diga mais do que aquilo que se diz” (p.21). Afinal, “a fala presume, precisamente, a existência de uma cadeia significante” (p.21). Diante disto, podemos compreender que a fala das pessoas surdas nos atendimentos clínicos, remetem à existência de uma cadeia significante. Uma enunciação cujo sentidos não estão presentes ali, mas surgem “dos sentidos que a verdade faz surgir neles” (p.21).

Uma das questões centrais abordada por Lacan no início de seu *Seminário 5* é a articulação entre mensagem e código, ao abordar a “tirada espirituosa” (*Witz*). Ele mesmo afirma que é um “entrejogo entre a mensagem e o código” (p.21). Freud (1905) em seu texto *O Chiste e sua relação com o inconsciente*, afirma que “as palavras são um material plástico com que se pode fazer tudo. Há palavras que em certos usos perderam por completo o seu significado original, mas que em outros contextos ainda o têm” (p.52). Percebemos um entendimento da importância do código linguístico nestes processos e tal articulação nos é útil ao abordar as LS como códigos linguísticos, de materialidade gestual, que servem de suporte para uma determinada mensagem e que, portanto, poderiam se valer deste mesmo processo.

Concordamos com Ferreira, ao afirmar que “é no uso de uma língua que se abre para o sujeito a possibilidade de múltiplas substituições e combinações, que irão determinar o seu destino e revelar, em uma análise, a sua posição na fantasia” (Ferreira, 2002, p.118). E consequentemente sua forma de enlaçamento ao campo do Outro; afinal é do Outro que o sujeito recebe a linguagem.

Podemos abordar também, retomando esta dimensão do equívoco, como uma possível definição do sujeito, conforme Kaufmann (1996) afirma que “o sujeito não é nada de substancial, ele é um momento de eclipse que se manifesta em um equívoco (*bévue*, *Unbewusste*) (p.502). Ou seja, a dimensão do equívoco como uma possível definição do sujeito do inconsciente que se pode manifestar ou em uma palavra oral, ou em uma língua de sinais. Um determinado enunciado que aponta para uma enunciação revelando algo do inconsciente. Como no caso de uma paciente surda ao dizer sobre seu posicionamento diante da turma da escola que para chamar a atenção ela GRITA, ela se equivoca e realiza o sinal VERGONHA<sup>44</sup>. E tal produção produz no sujeito em questão, um embaraço entre o dito e o dizer; entre aquilo que é enunciado e aquilo que se anuncia, enquanto posição de seu inconsciente.

Portanto, ainda concordando com Kaufmann (1996) que afirma também que

dizer sujeito é também dizer que a experiência que será feita desse engano o será por um ser falante, que se interroga no campo da linguagem, sobre a existência de um “eu”. Dizemos sujeito do inconsciente e não eu do inconsciente. Para o eu que fala, o sujeito do inconsciente é um ele e não um eu. (p.502).

---

<sup>44</sup> Este fragmento de caso será abordado em uma próxima sessão ainda deste capítulo.

Por isso, podemos também compreender que Lacan apresenta o sujeito barrado enquanto \$, ou seja uma barra sobre o sujeito que remete, que representa a ação do significante sobre ele (Kaufmann, 1996).

Enquanto sujeito dividido pela linguagem, Lacan reconhece tal efeito como essencial e fundador da subjetividade. O sujeito inserido no campo simbólico, torna-se barrado, dividido. A criança, portanto, tem parte de seu desejo recalcado, sendo interdita de ocupar o lugar de objeto no desejo da mãe através da lei simbólica da metáfora do Nome-do-Pai. Assim, o lugar que a criança ocupava de objeto fálico imaginário da mãe, tem o efeito, a partir da castração, de não mais ser o falo, mas passando a ter o falo.

E pela via da linguagem, temos a compreensão de Lacan que a materialidade do significante permite esta operação de significação. Afinal, em suas palavras: “o efeito fonológico é, com efeito, aquilo que funda o trocadilho, o jogo de palavras, etc. Em suma, está no significante aquilo com que nós, analistas, temos que jogar incessantemente” (Lacan, 1957-58, p. 18-19). Logo, é pelo significante que é possível conceber os efeitos da função da fala e do campo da linguagem, cujos efeitos incidem na constituição do sujeito.

E no caso das pessoas surdas, nossa hipótese é a de que, reconhecemos nas LS, o modo pelo qual é possível a materialização do significante. Como já demonstrado no capítulo 01, os sinais das LS não se reduzem a elementos cristalizados e indiciadores de apenas uma forma de significação unívoca em que uma determinada forma aponta apenas para um tipo de significação. Ao contrário, a pessoa surda faz usos singulares desta língua, em seu modo particular de endereçamento ao campo do Outro. Com Lacan ainda, compreendemos que “não há um semantema<sup>45</sup> que corresponda a uma coisa só. Um semantema corresponde, na maioria das vezes, a coisas muito diferentes” (Lacan, 1957-58, p. 19). E as LS também evidenciam este aspecto quando determinados sinais são tomados pelo sujeito de modo singular em consonância com a posição sintomática que estabelecem no encontro com o campo do Outro.

Relembramos que, apesar do avanço da perspectiva teórica de Lacan ao longo de seu ensino na própria atualização do conceito de inconsciente, neste trabalho, iremos nos deter no primeiro ensino de Lacan em sua afirmação do inconsciente estruturado como linguagem. Neste sentido, reconhecemos a necessidade metodológica de um recorte epistemológico de modo a possibilitar uma análise consistente, mesmo diante do reconhecimento de que novas

---

<sup>45</sup> Sematema: de acordo com o dicionário Michaelis: “Parte de um vocábulo ou a menor unidade de significado de uma palavra, como, por exemplo, sua base ou raiz, que expressa um conceito ou uma ideia de caráter lexical”. Ou seja, um elemento significativo.

reflexões podem, e devem, ser realizadas a partir desta temática em outros momentos do ensino de Lacan.

A psicanálise, portanto, pode ser uma prática importante para as pessoas surdas, uma vez que ela permite que o se coloca/posiciona diante das próprias mazelas; diante do próprio real que lhe aflige. A psicanálise não busca justificar o sujeito, mas responsabilizá-lo diante do seu próprio desejo.

Neste aspecto, oferecer um espaço no qual o sujeito pode se apresentar do modo que lhe for possível, como por exemplo, se expressando através da Língua de Sinais, permite que o próprio surdo tenha a possibilidade de usufruir do espaço analítico de modo singular.

Lacan mesmo afirma que no trabalho da psicanálise é o de “tocar na fala” referindo-se que “sua experiência recebe dela seu instrumento, seu enquadre, seu material e até o ruído de fundo de suas incertezas” (1957, p.497). Portanto, é essa capacidade da linguagem, presente também nas LS que permite a pessoa surda habitar a linguagem, enlaçando-se ao campo do Outro e manifestando isto nos atendimentos conduzidos nesta modalidade de língua.

### **2.1.2. *Estádio do Espelho***

Sabemos que Lacan começa seu percurso clínico teórico na psicanálise desenvolvendo inicialmente uma discussão sobre a dimensão imaginária do sujeito. Ferreira-Lemos (2011) contribui na constatação de que envolto nesta dimensão, Lacan discursou sobre o tema do “estádio do espelho” no XIV Congresso Psicanalítico Internacional em Marienbad em 1936, na antiga Tchecoslováquia. Mas, sem nenhum texto transcrito deste momento. Contudo, sua elaboração sobre este tema é reapresentada em uma comunicação na cidade de Zurique (na Suíça) que dá origem ao seu texto *O estágio do espelho como formador da função do eu* (1949/1998).

Lacan identifica um período, entre os seis e dezoito meses de vida, em que o bebê percebe pela primeira vez sua imagem refletida no espelho. Diante de tal encontro e tomado por um júbilo, a criança tem a possibilidade de conceber uma unidade de seu corpo através da imagem de si. Ademais é possível também apontar que tal encontro da criança com o espelho é normalmente acompanhada de um Outro que não apenas está presente na cena como também enuncia esta experiência. Portanto, a operação de unificação do corpo também se dá pelo reconhecimento da imagem do outro. Conforme Lacan mesmo fala neste texto:

o estádio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. (Lacan, 1949, p.100).

Uma vez que esta operação, da criança de vislumbrar a sua imagem especular, é devida ao fato de que a “imagem do corpo é o que confere unidade aos objetos” (Cabas, 2009, p.40), essa imagem antecipa uma percepção de unidade que a criança ainda não experimentara.

O Estádio do Espelho é, portanto, este momento inaugural no qual ocorre este primeiro momento de identificação de uma imagem de si, pelo olhar do Outro. Conforme afirma Lacan, “o homem passa pela experiência de que se vê, se reflete e se concebe como outro que não ele mesmo – dimensão essencial do humano, que estrutura toda a sua vida de fantasia” (Lacan, 1953-1954, p.96).

E a partir deste imaginário, e também do real que se relaciona ao simbólico, que se constitui o sujeito; afinal, ele se define pelo lugar que ocupa no mundo simbólico, lugar esse elaborado a partir da sua fantasia do desejo do Outro.

Conforme continua Lacan (1960/1998),

É essa imagem que se fixa, eu ideal, desde o ponto em que o sujeito se detém como ideal do eu. O eu, a partir daí, é função de domínio, jogo de imponência, rivalidade constituída. Na captura que sofre de sua natureza imaginária, ele mascara sua duplicidade, qual seja, que a consciência com que ele garante a si mesmo uma existência incontestável (...) não lhe é de modo algum imanente, mas transcendente, uma vez que se apoia no traço unário do ideal do eu (...). Donde o próprio ego transcendental se vê rivalizado, implicado como está no desconhecimento em que se inauguram as identificações do eu (p.823).

Afinal o sujeito se aliena nos significantes da demanda enquanto um efeito, uma resposta à ordem simbólica. Uma vez que a criança se reconhece através do Outro, nesta operação, a partir da imagem refletida, instaura-se um eu ideal; a criança se identifica com esta imagem que demonstra uma aparência unificada. Esse é também um momento no qual a fala do Outro se faz presente nomeando a própria situação e também a própria criança, como por

exemplo: “*quem é esse bebê aqui no espelho?*”, “*que menina boazinha*”, etc. A imagem refletida no espelho é acompanhada pelo discurso do Outro, estruturado linguisticamente, simbolicamente compondo toda a cena na qual a criança se percebe enquanto um eu.

Podemos destacar também, a partir das contribuições de Quinet (2004) em seu livro *Um olhar a mais*, a relevância do olhar no momento do estágio do espelho. Ele observa que o olhar em questão presentifica o Outro, trata-se de um olhar que a criança busca, trata-se de olhares que se cruzam tornando-se um só olhar. Podemos, a partir disso, elaborar que o espelho em que a criança se vê não se restringe apenas ao objeto fixo que reflete sua imagem, mas ao olhar do Outro. Ou seja, a criança também se vê pelo olhar do Outro. Assim “ao ter o Outro como seu endereçamento – aquele que vê – e o gozo em ser-vista, temos o par da pulsão escópica: o voyeurista e o exibicionista” (Ferreira-Lemos, 2011, p. 94).

Em suma, o que podemos apontar é que a partir da compressão da função que a localização do estágio do espelho tem na constituição subjetiva, destacamos a importância do Outro nesta experiência. Afinal, o sujeito é marcado por uma espécie de um duplo, em que seu olhar é marcado pelo olhar do Outro. Isto é, na identificação com o olhar do Outro que é dirigido para o eu. Afinal, segundo Dor (1990), o estágio do espelho é também o momento em que podemos perceber o movimento da criança se distanciando da relação dual com a mãe e iniciando a apreensão da própria imagem; embora ainda sustentada pelo Outro especular. O reconhecimento da existência do Outro é o que permite ao sujeito advir.

No primeiro momento do estágio do espelho, a criança está assujeitada ao registro imaginário, passando para um segundo momento de identificação. Neste, a criança descobre que o outro que ela vê não é real, mas uma imagem. E, no terceiro momento, a criança reconhece que a imagem que vê é dela própria e, neste ponto, a “imagem do corpo é, portanto, estruturante para a identidade do sujeito, que através dela realiza assim sua identificação primordial” (Dor, 1990, p. 80).

Podemos afirmar que a experiência do espelho é mais do que um estágio ou um processo, mais do que uma história/uma relação, é mais do que um momento do desenvolvimento (Musso, 2011). Afinal, ela diz da relação libidinal que atravessa o corpo e se representa na imagem.

Com Lacan, que segue a “esteira de Freud”, podemos reconhecer o corpo diferente de uma concepção estritamente médica, isto é, biológica: “o corpo virtual (corpo-imagem), marcado pelo significante (corpo-fala) e habitado pela libido (corpo-gozo), que demanda um olhar distinto” (Musso, 2011).

Para Lacan (1949/1998) durante o estágio do espelho é possível identificar dois momentos que operam na relação entre criança e mãe (Outro). O primeiro, enquanto uma operação de alienação em que o eu e o Outro são um. Já um segundo momento é de separação, em uma operação em que se distancia do corpo da mãe e em que se abre na busca de outros objetos de satisfação. De acordo com Lacan

O estágio do espelho é o encontro do sujeito com aquilo que é propriamente uma realidade e, ao mesmo tempo, não o é, ou seja, com uma imagem virtual, que desempenha um papel decisivo numa certa cristalização do sujeito à qual dou o nome de sua *Urbild*. Coloco isso em paralelo com a relação que se produz entre a criança e a mãe [...]. A criança conquista aí o ponto de apoio dessa coisa no limite da realidade, que se apresenta para ela de maneira perceptiva, mas que, por outro lado, podemos chamar de uma imagem, no sentido de que a imagem tem a propriedade de ser um sinal cativante que se isola na realidade, que atrai e captura uma certa libido do sujeito, um certo instinto graças ao qual, com efeito, um certo número de diferenças, de pontos psicanalíticos no mundo, permite ao ser vivo ir organizando mais ou menos suas condutas. (Lacan, 1949/1998, p. 233).

Mas reafirmamos que o reconhecimento da própria imagem só é possível mediante o olhar do Outro, atravessado pela linguagem. E tal reconhecimento só é possível se

A operação de reconhecimento que suporta (sustenta) a identificação resulta possível porque o adulto que a executa constitui-se, por sua vez, em relação a um terceiro que o assujeitou às estruturas de uma língua particular (e às de uma formação histórico social particular). O adulto só mediatiza o reconhecimento que, em última instância, emana de uma rede de relações simbólicas que atribui tanto os lugares do “reconhecimento” quanto o daquele que veicula a operação. Essa rede [...] chama-se Outro. O reconhecimento sempre emana do Outro, o outro apenas suporta uma função – a função do espelho. O Outro é quem detém “eficácia simbólica”; ele, de certa forma, adjudica ao outro, seu representante, o poder necessário para efetuar o reconhecimento. (Lacan, 1949/1998, p. 88).

E mediante o reconhecimento do Outro no processo de subjetivação, avançamos na compreensão do desejo nesta operação.

### 2.1.3. *O despertar do desejo*

Diante da argumentação que sustentamos ao longo desta tese acerca da estreita relação entre linguagem e subjetividade, compreendemos os aspectos conceituais das formações do inconsciente enquanto produções discursivas; afinal, um dos modos de reconhecimento destas formações pode se dar a partir da fala daqueles que nos procuram para o atendimento. Nosso trabalho de análise se desenvolve diante daquilo que nos é enunciado na clínica e conseqüentemente, no que envolve os fenômenos tais como, os tropeços de linguagem, as repetições de temas nas narrativas, os esquecimentos, entre outras formações já definidas na obra de Freud.

Neste ponto compreendemos que Lacan trabalha com a noção de ordem simbólica para compreender o funcionamento do inconsciente e que após seu contato com as pesquisas do campo da linguística, incorpora a noção de cadeia significante. Ou seja, Lacan busca na linguística recursos metodológicos para avançar na compreensão do inconsciente. Será a partir da (r)elaboração teórica que algumas articulações com noções da linguística estão presentes em sua obra como a afirmação da “distinção entre o Outro como tesouro dos significantes e o significante da falta no Outro” (D'Agord, 2013, p. 433).

Ao longo deste caminho de formalização teórica, Lacan também se servirá de outros campos de saber e um que merece um rápido destaque é o da topologia. Devemos ter em mente que Lacan faz uso de uma representação gráfica não geométrica para dar conta da transmissão de suas construções teóricas acerca do inconsciente. Ele se vale de elementos estabelecidos em posições algébricas definidas e de vetores que estabelecem a relação entre estes elementos. Deste modo é possível ter uma compreensão visual de toda uma elaboração teórica sobre determinado conceito ou até mesmo da relação entre conceitos.

No caso do *grafo do desejo* é possível reconhecê-lo como um esquema que trata dos processos de constituição do sujeito - por isso seu uso neste momento da pesquisa - como também de um entendimento dos processos que são possíveis de serem encontrados dentro de uma análise.

Concordamos com D'Agord (2013) ao afirmar que

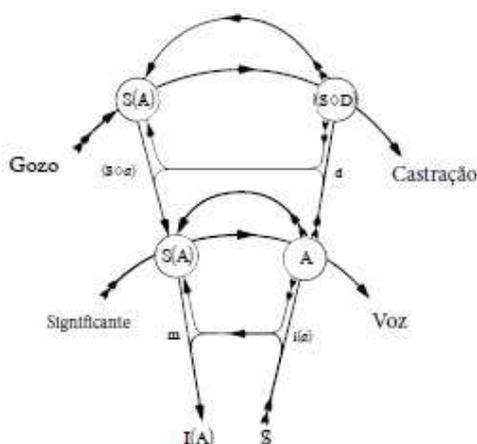
Assim, apesar dos aspectos estruturais sustentados na diferença entre enunciado e enunciação, entre fala e linguagem, o grafo guarda aspectos de figura, representação, analogia: a figura do ponto de interrogação e as flechas de retroação. Lacan estava

declarando, portanto, que já concluíra uma etapa inicial de seu projeto, no qual propunha a busca de equivalências com “a linguagem da antropologia ou com os mais recentes problemas da filosofia” (Lacan, 1960/1998, p. 241). Dez anos antes, iniciara a apropriação do método estrutural pelos instrumentos da Linguística, mas agora era preciso criar um instrumento próprio, ou seja, fazer a formalização dos conceitos psicanalíticos. (p.433)

Assim, partir desta estratégia de uma escrita, temos a articulação de diversas noções teóricas, dentre elas a noção de sujeito que podemos tomar por este esquema do pelo grafo. Neste esquema Lacan formaliza, influenciado por uma lógica algébrica, o movimento de constituição do sujeito e o movimento da cadeia significante. Destacamos que, toda a elaboração do grafo aponta para a seguinte pergunta, *o que deseja?* – que está grafado em italiano como *Che vuoi?* - Pergunta esta, que marca a posição do sujeito diante do Outro, no qual ele se movimenta em busca da resposta deste enigma. Diante deste enigma, o sujeito fantasia possíveis respostas diante deste não-saber, diante desta falta que o constitui pela condição de ser atravessado pela linguagem

Além disto, neste grafo, Lacan trabalha aspectos estruturais do discurso, sustentando seus argumentos na diferença entre enunciado e enunciação, entre fala e linguagem. Neste momento de sua teoria vemos Lacan avançando desde o uso que fez ao se apropriar do método estrutural pelos instrumentos da linguística, mas criando seus próprios instrumentos na busca da formalização dos conceitos psicanalíticos (D'Agord, 2013).

**Figura 33 - Grafo do Desejo**



Fonte: Lacan, 1966/1998

Inicialmente Lacan apresenta e vai construindo o grafo (figura 33) ao longo de suas aulas do Seminário *As formações do Inconsciente* (1956-57) e ao longo de sua obra ele reapresenta e dialoga com este esquema. Outro momento que podemos destacar este elemento teórico é o texto *A subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1960) que está em seu Escritos. Este grafo permite a localização de vários elementos da álgebra lacaniana possibilitando, além de uma compreensão teórica uma compreensão clínica uma vez que “a direção do tratamento pode ser formalizada com e a partir dele” (Steinberg, 2016, p. 191)

Em seu Seminário *O desejo e sua interpretação*, Lacan (1969) afirma que o andar inferior do grafo pode ser lido pela dimensão do simbólico e que devemos conceber a cadeia superior como "os efeitos do simbólico no real"; e continua: "Por isso, o sujeito, que é seu efeito primeiro e maior, só aparece no nível desta segunda cadeia" (Lacan, 1969, p. 244).

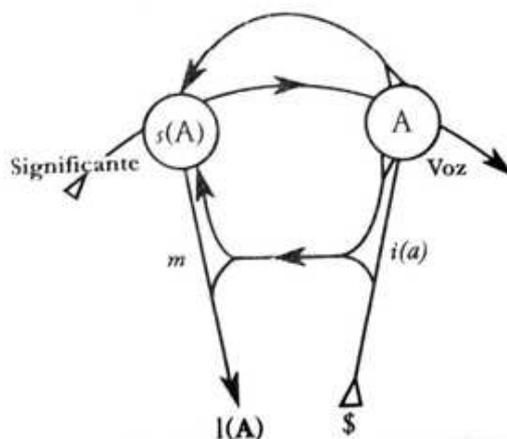
A escolha de nos apoiarmos neste momento do ensino de Lacan, em que ele apresenta o *grafo do desejo*, se faz mediante a compreensão de que esta representação demonstra a cadeia de relações do sujeito, enquanto efeito de linguagem, com o Outro da significação. Portanto, se constitui como um elemento teórico que permite uma compreensão específica deste momento da teoria lacaniana e com destaque para a presença do campo do Outro como fundamental para o funcionamento da cadeia discursiva e, conseqüentemente, para a constituição do sujeito em psicanálise.

Já no primeiro andar do grafo, temos a demonstração de como um significante representa um sujeito para outro significante. Desde o Seminário *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954-1955), Lacan já esboçava a cadeia discursiva do encontro do sujeito com a cadeia significante, circuito este que Lacan retoma no jogo do “Fort-Da” apresentado por Freud (1920). Nesta ação, seu neto, com então 18 meses, realizava uma ação motora (jogar e puxar um carretel) e enunciava um sonoro “o-o-o-o-o” (“Fort”, que significa para lá) e “Da” (aqui). Mas, o que surpreendeu Freud neste evento tão singular foi a forma como seu neto estava psiquicamente elaborando a experiência de “abandono” de sua mãe. Conforme já discutido anteriormente, Freud aponta a passagem de uma passividade para uma atividade (ação de jogar e puxar o carretel) durante da ausência da mãe. Assim, se instaura um circuito no qual a criança se distancia do evento a partir da repetição da brincadeira e, posicionando-se enquanto sujeito, se distancia do objeto. Compreendemos que

Ora, esse distanciamento foi o encontro com o circuito, com o encadeamento de significantes. Desse momento em diante, o reencontro com o objeto será determinado pelo circuito: o circuito determina, portanto, o modo de gozo enquanto reencontro com a cena na qual o sujeito se separou do objeto, e que é justamente a cena na qual surgiu o sujeito. O sujeito surge desse corte, em que, pela linguagem, ele se separa do objeto. Mas, nesse momento, separa-se também daquele que fora antes da separação” (D'Agord, 2013 p. 438).

Para melhor compreendemos o esquema do grafo, faremos uma breve explanação dele, a começar pelo primeiro andar do grafo, conforme a figura 34:

**Figura 34 - O Grafo 2**



Fonte: Lacan, 1966/1998, p.822

Neste primeiro andar podemos ver a figura do  $\Delta$  (delta) que, de acordo com Lacan, representa o “pedaço de carne”, ou seja a “criança mítica” antes da entrada na linguagem. Ele a considera enquanto “mítica” uma vez que ela já nasce inserida na linguagem, pois já é falada pela família na qual ela nasce. Logo, essa criança encontrará com o  $A$  (grande Outro) que representa o campo simbólico, o “tesouro dos significantes”, podendo ser reconhecido como a função materna que alguém irá exercer nos cuidados, na maternagem da pequena criança em seus primeiros anos de vida. Tal função compreende ainda a função de nomeação e, consequentemente, a nomeação desse ser enquanto sujeito ( $\$$ ).

Mas, este retorno acontece de forma concomitante com outros processos. Pois entre o  $\Delta$  e o Grande Outro acontece o estágio do espelho, isto é, o eu ( $moi = m$ ) na sua relação com a imagem –  $i(a)$  – se reconhece enquanto sujeito ( $\$$ ). É um processo primeiro de identificação

(alienação) com a imagem, seguido de um estranhamento (separação) e, por fim, um processo de reconhecimento da imagem no qual o *infans* elabora psicologicamente que esta imagem o representa, em relação ao A (grande Outro).

Vale ainda destacar que neste primeiro andar temos o vetor de A (Grande Outro) até  $s(A)$  – sentido/significado. Este vetor representa o movimento de retroação na linha da fala. Neste momento em que o \$ se endereça ao A no discurso o efeito de retroação é o “efeito de estofa”, ou seja, o momento no qual o sujeito se adianta na significação da fala e, por isso, se produz retroativamente o sentido/significado –  $s(A)$ . Este elemento também pode ser lido como “sintoma”; uma vez que o sujeito se endereça ao A, produz-se uma significação que demonstra o local do \$ no discurso do A e tal significação o localiza não no lugar onde ele supõe ocupar, mas no discurso do Outro. Tal lugar, tal significação é o que perturba o sujeito, a significação que se dá ao desejo do Outro e também a partir do desejo do Outro.

No sentido de  $s(A)$  até A temos a linha da fala de modo diacrônico que pode ser lida como um significante que se desloca para outros significantes ( $S_1, S_2, S_3...S_n$ ). Na análise, temos este efeito de produção de fala e do momento no qual é possível localizar a retroação e, deste modo, a ressignificação do sentido, ressignificações da posição sintomática do sujeito a partir do lugar do A. Produzem-se assim reformulações sintomáticas que prosseguem no grafo, passando pela posição do eu ( $m$ ) e finalizam no ideal de Eu –  $I(a)$  – enquanto uma posição simbólica fruto da metáfora paterna.

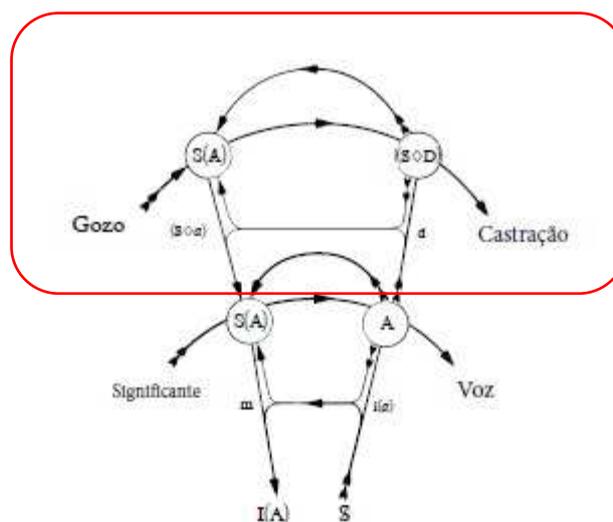
Neste ponto, podemos esclarecer que o processo de constituição do eu – *moi* – se relaciona com a dimensão especular e imaginária com o eu ideal –  $i(a)$  – e também na dimensão simbólica relacionada ao ideal de eu –  $I(A)$ . A articulação que acontece pelo vetor  $i(a) \rightarrow m$  representa a identificação da criança com a imagem do outro o que possibilita a constituição do eu e o localiza na posição de objeto de satisfação para mãe. Já do encontro do sujeito com a lei paterna, temos a identificação ao significante que resulta no surgimento do ideal de eu  $I(A)$ . Assim, a identificação não se reduz apenas a imagem, mas ao significante que o sujeito recebe do Outro. Nas palavras de Lacan (1999), “a regulação do imaginário depende de algo que está situado de modo transcendente [...], o transcendente no caso não sendo aqui nada mais que a ligação simbólica entre os seres humanos” (p. 164).

Esta fórmula de  $I(A)$  demonstra que um significante do Outro foi tomado na forma de insígnia, sendo o Outro revestido de certa onipotência para o sujeito. É um momento necessário de constituição do sujeito, mas que deve ser ultrapassado, caso contrário, condenando-o a uma posição petrificada diante do Outro. Deste modo é necessário um movimento para além desta

identificação. Assim temos nesse primeiro patamar do grafo o andar da significação e ressignificação, da posição de sujeito e do ideal do eu.

Para um entendimento mais amplo, precisamos avançar para o segundo andar do grafo (figura 35):

**Figura 35 - Segundo andar do Grafo do Desejo**



*Fonte: Lacan (1968-69)*

Neste segundo andar temos a referência à enunciação, ou seja, daquilo que escapa ao sujeito em sua fala, o que podemos reconhecer como o que constitui a operação do inconsciente.

Mas antes de avançar, temos que demarcar que do vetor \$ para A estabelece-se uma relação de demanda, porém Lacan elabora que, para além da demanda, é possível localizar o desejo (d), uma vez que a demanda não é toda satisfeita. Afinal, é pela insatisfação da demanda que se produz o desejo, causado pela inexistência de um objeto que possa satisfazê-lo. Podemos localizar esta insatisfação experienciada pelo sujeito nos momentos em que o Outro se ausenta, não respondendo a sua demanda. Neste ponto, o sujeito precisa se posicionar, e neste intervalo ele aparece. Ou seja, o sujeito emerge nestes intervalos da cadeia significante.

No segundo andar do grafo é onde podemos localizar o desejo (d) a partir do momento que o sujeito se depara com a falta de um significante no Outro. É diante desta ausência que surge uma pergunta: “*Che vuoi?*”. Logo, é a partir da interrogação sobre o desejo do Outro que possibilita ao sujeito articular seu próprio desejo.

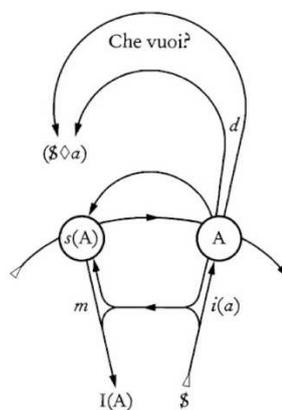
Ainda reconhecendo o segundo andar do grafo é possível avançarmos na compreensão da resposta que o sujeito irá encontrar para sua demanda e também em um nível mais acima, ao seu desejo. Essa resposta está no nível de uma questão que Lacan apresenta como *Che vuoi?*

E é nesta direção do vetor  $\$ \rightarrow A$  que o grafo “sobe”, passando pelo desejo do Outro na constituição de um ponto de interrogação, em uma curvatura para a esquerda no qual ele localiza sua formulação *Che vuoi?* chegando até a fórmula da fantasia:  $\$ \diamond a$ . Ou seja,

o grafo inscreve que o desejo é regulado a partir da fantasia, assim formulada de maneira homóloga ao que acontece com o eu em relação à imagem do corpo, exceto que ela continua a marcar a inversão dos desconhecimentos em que se fundamentam a marcar a inversão, um e outro (Lacan, 1960, p.831).

Afinal, considerando que o objeto da pulsão é sempre variável, e diante do desejo, sempre marcado por uma falta, o discurso do Outro é apreendido pela criança de forma enigmática se perguntando “o que o Outro quer de mim?”. Trata-se de uma questão que ela endereça ao Outro. Em um primeiro momento ela recebe uma resposta filtrada pela castração –  $S(\bar{A})$  e, em segundo momento, tal resposta se dá pela via da fantasia ( $\$ \diamond a$ ). Este processo de indagação do sujeito ( $\$$ ) endereçando-se ao Outro (A) na busca de satisfação de seu desejo (d) – mediante a entrada na linguagem – produz uma questão que, passando pelas vias da castração e da fantasia produz – seguindo o vetor à esquerda, um sintoma  $s(A)$ . Afinal, uma fantasia pode remeter à vários sintomas e um sintoma pode remeter à várias fantasias (Dunker, 2019).

**Figura 36 – Grafo do desejo destacando a questão “Che vuoi?”**



Fonte: Lacan, 1960, p. 829

Mas vale destacar ainda que para Lacan (1960) o sujeito esbarra no desconhecimento de seu próprio desejo. Neste sentido, o desejo segue o vetor até a fantasia ( $\$ \leftrightarrow a$ ), como dito, como uma tentativa de responder ao desejo do Outro. Afinal, a fantasia dá suporte ao desejo, pois como podemos ver pelo matema, ela mantém relação com o objeto  $a$ . Tal relação envolve o circuito pulsional e não o instinto. Por um lado, a fantasia permite tamponar a falta do Outro e por outro, representa um índice da posição do sujeito frente ao desejo.

Assim, o desejo se constitui com a fantasia na medida em que o sujeito se depara com a pulsão ( $\$ \leftrightarrow D$ ) oriunda do vetor de  $S(\bar{A})$ , que localiza que o Outro também é barrado ou seja, que também lhe falta um significante. Assim, diante da constatação do sujeito de que ele não é mais o objeto de desejo da mãe, diante do enigma sobre o que o Outro deseja de si, o sujeito se vale da construção da fantasia para tentar responder à este impasse. Neste movimento ele se depara com a castração, enquanto uma operação que também marca a falta do Outro -  $S(\bar{A})$  – cuja relação se constitui em relação à pulsão. Afinal, é nas bordas das zonas erógenas que a pulsão se beneficia do traço anatômico de corte enquanto uma margem, uma borda que faz referência aos objetos parciais. Afinal, não há um objeto específico que preencha esta falta uma vez que na gramática pulsional, o desejo nunca é plenamente satisfeito. A marca da falta do Outro -  $S(\bar{A})$ , - aponta a cadeia da enunciação, ou seja, de que não há um único significante que diga quem é o sujeito. Neste sentido, a fórmula lacaniana de que um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante” (Lacan, 1998, p. 833) se localiza.

Em vista disso, esse recurso gráfico pode ser reconhecido como um instrumento de leitura da operação de constituição do sujeito uma vez que é possível a localização desses processos na relação entre os elementos dispostos no grafo. (Dunker, 2018).

Tal como apresentado acima, sobre a não existência de um objeto específico para a pulsão, destacamos em Freud, em seu texto *As pulsões e suas vicissitudes* (1915), a afirmação desta premissa. Tal atributo contribui no entendimento do “campo humano” em seu distanciamento do mundo animal uma vez que, diferente do instinto, cuja necessidade vai ao encontro de um objeto específico, a pulsão que não está ligada a um objeto pré-estabelecido permite uma variabilidade de realizações possíveis.

É neste ponto de diferença entre pulsão e instinto que Lacan aprofunda e propõe a noção de desejo, uma vez que ele o articula, a partir dos pilares freudianos do inconsciente, a noção de sujeito do inconsciente. Afinal, o cerne da dimensão do desejo é a falta, em referência ao objeto para sempre perdido.

Conforme Torezan (2011),

A essa ideia freudiana do desejo inconsciente e que tende à realização, Lacan articulou a proposição filosófica fenomenológica do desejo baseado no reconhecimento, no qual o desejo humano é desejo de desejo do outro. Grosso modo, para a psicanálise, o que o homem deseja é ser reconhecido pelo desejo do outro, ser amado, desejado pelo outro, estando a noção de desejo atrelada à de um vazio infundável, para o qual não há objeto que lhe dê cabo (p.539).

## **2.2. Constituição subjetiva e inconsciente**

### **2.2.1. *Inconsciente***

Não podemos falar de constituição do sujeito e nos esquecermos de abordarmos, mesmo que de forma sucinta a noção de inconsciente postulada por Freud. Afinal, o sujeito do qual abordamos na psicanálise é o sujeito do inconsciente.

Abordar esta temática da constituição do sujeito, não é abandonar a dimensão da linguagem. Ao contrário, partimos do ponto de que a temática da constituição do sujeito para a psicanálise toma sua referência ao significante, uma vez que o sujeito apresenta a sua condição singular alienado à linguagem. Neste sentido, a máxima lacaniana de que um significante representa um sujeito para outro significante, nos esclarece que o sujeito só se constitui como tal, a partir dos significantes que lhe são oferecidos para sua nomeação. Ademais, devemos considerar que para a emergência do sujeito pela cadeia significante, é necessário que opere algo não-dito, impossível de dizer. Afinal, faltam palavras. O inconsciente é um saber não-todo.

Freud, ao propor novos contornos para o termo inconsciente, na invenção do conceito tal qual existe na psicanálise, na criação de sua metapsicologia, na pressupõe da existência de uma “dimensão psíquica inconsciente” (Kaufmann, 1996). Ele compreende que determinados atos de seus pacientes não podem ser explicados pela lógica da racionalidade. Para ele, esses atos “parecem animados por outras iniciativas latentes não imediatamente identificadas, por pensamentos cuja origem e elaboração permanecem desconhecidos” (Kaufmann, 1996, p.264). Neste sentido, sua obra se desenvolve na investigação desses mecanismos internos que, ao longo de sua vida, foram elaborados visando o entendimento de tais fenômenos e a condução do tratamento de seus pacientes.

Podemos citar, por exemplo, seu entendimento de que o inconsciente é constituído por “representações da pulsão que querem descarregar seu investimento, portanto por moções de desejo. Essas moções pulsionais são coordenadas umas às outras sem se influenciarem reciprocamente e não se contradizem entre si” (Kaufmann, 1996, p. 264).

Freud ao propor sua hipótese sobre o inconsciente, demonstrou a existência da divisão psíquica, definida por duas instâncias com as quais era necessário conviver: o sistema consciente e o sistema pré-consciente/inconsciente.

Conforme já apresentado, é com Lacan, que temos a introdução do termo sujeito enquanto um conceito específico dentro da teoria psicanalítica (Cabas, 2009). Com esta noção, Lacan avança no entendimento da relação com o Outro que define e constitui o sujeito.

Retomando, é a partir de Freud e de sua definição de inconsciente que podemos sustentar que a noção de sujeito para a psicanálise é correlata à noção de sujeito do desejo. Afinal, este sujeito é marcado e movido pela falta, uma vez que ocorre a disjunção de sua consciência, não sendo mais um sujeito que se define pela racionalidade, mas por desejos inconscientes, inacessíveis à consciência, mas que se fazem presentes. Além disto, a constituição deste sujeito (do inconsciente) se faz pela inserção na ordem simbólica que o antecede; antes do sujeito falar, alguém falava para ele e por ele. Tal ordem simbólica se sustenta pela linguagem, o que podemos dizer que o sujeito é atravessado pela linguagem, tomado, captado pelo desejo do Outro.

Freud contribuiu separando a consciência das representações mentais, indicando a existência de processos psíquicos inconscientes que afetam e orientam a vida do sujeito. Para Freud, a consciência representava apenas uma parcela de todo o processo mental, sendo o inconsciente responsável pelos sintomas que acompanham o sujeito.

Com suas descobertas dos fenômenos inconscientes e, conseqüentemente, pela formulação de sua técnica, Freud “abalou o estatuto de soberania do eu” (Torezan e Aguiar, 2011). O inconsciente deixa de ser uma condição de segundo plano da consciência, nas experiências e vivências psíquicas do sujeito e se torna condição primordial e determinante da subjetividade. Tal concepção marca o sujeito em sua condição de divisão. Assim, podemos reafirmar que o ponto fundamental que inaugura a obra de Freud é “a noção de clivagem da subjetividade, através da formulação do inconsciente enquanto um sistema psíquico regido por leis próprias, instaurando um afastamento e um descentramento de outro sistema, a consciência.” (Torezan e Aguiar, 2011, p. 531)

Em Freud, podemos destacar sua obra *A interpretação dos sonhos* (1900/2006), especialmente no capítulo VII, onde ele explana de forma clara a sua concepção de aparelho

psíquico dividido nas seguintes instâncias, a saber: pré-consciente/consciente e inconsciente. Neste momento Freud, apresenta que os eventos psíquicos são determinados pelo funcionamento do inconsciente, constituído por associação de representações que operam em acordo com as leis do deslocamento e da condensação. Em suas palavras, recolhidas do texto *O Chiste e sua relação com o inconsciente* (1905/2018) Freud diz que neste seu texto de 1900 ele “empreende a tentativa de esclarecer o que há de enigmático nos sonhos e apresentá-lo como consequência de uma atividade psíquica normal.” (p.44).

Uma das definições que podemos adotar sobre o inconsciente é que desde Freud (1900), o inconsciente se apresenta como um saber; não de qualquer tipo mas como “um saber não-sabido”, reconhecido na própria definição do termo em alemão: *Unbewusste, que pode ser traduzido como “insabível”* (Jorge, 2000, p. 68). O saber que orienta o analista é justamente o saber do sujeito do inconsciente. Com Lacan (1972-1973/1985), encontramos uma formulação deste saber enquanto enigma, afinal, como “se pode saber sem saber que se sabe?” (Jorge, 2000, p. 68). Em suas palavras

A análise veio nos anunciar que há saber que não se sabe, um saber que se baseia no significante como tal. Um sonho, isso não introduz a nenhuma experiência insondável, a nenhuma mística, isso se lê do que dele se diz, e que se poderá ir mais longe ao tomar seus equívocos no sentido mais anagramático do termo. [...] E é aí que se renova a questão do saber (Lacan, 1972-73, p. 129).

Deste modo as formações do inconsciente (sonhos, chistes, atos falhos, lapsos), descritos ao longo da teoria freudiana como modo de manifestação do próprio inconsciente, indicam, na verdade, a existência de um sujeito dividido, uma cisão entre o sujeito do enunciado e o sujeito da enunciação.

Reconhecemos o valor que Freud concentra em fenômenos de linguagem para comprovar sua teoria, além de ser o meio pelo qual é possível tratar o inconsciente. Ao longo de seus textos é possível depurar o “surgimento do sujeito a partir da linguagem” (Torezan e Aguiar, 2011, p. 532).

Torezan e Aguiar (2011), ainda nos ajudam a compreender que

Essa constatação seria evidenciada através do processo primário e seus mecanismos de condensação e deslocamento, das leis de associação dos traços mnêmicos descritos por Freud (1900/2007a) para a formação dos sonhos, ou, ainda, pela afirmação freudiana

de que o sonho importa pelo seu relato; é o discurso sobre o sonho, e não o sonho por si mesmo, que pode ser interpretado como da ordem da realização de um desejo. (p. 532).

Nesse ponto, a ênfase se direciona ao relato do sonho, ao discurso, que Lacan desenvolve em seu movimento de retorno a Freud, sistematizando os aspectos da teoria freudiana no campo da linguagem, “afirmando que as descrições de Freud sobre os processos psíquicos inconscientes estão submetidas à linguagem e à sustentação desta na transferência: “é na palavra que o inconsciente encontra sua articulação essencial”. (Torezan e Aguiar, 2011, p. 532).

Ao longo de seus trabalhos, Freud se preocupa em formalizar o conceito de inconsciente que orienta seu trabalho, mas também se concentra em apresentar de modo claro o funcionamento do inconsciente. Podemos destacar no texto *Nota sobre o conceito de inconsciente na psicanálise* (Freud, 1912/2004), a apresentação de uma distinção precisa de três aspectos atribuídos ao termo inconsciente e que nos serve de compreensão de seu funcionamento. Freud abriu as características do inconsciente em ser (a) descritivo, (b) dinâmico e (c) sistemático.

No primeiro, (a), aspecto descritivo se refere que mesmo o inconsciente não sendo presente para a consciência, ele continua presente na vida mental do sujeito. Ou seja, para Freud, as representações mentais latentes, fora da consciência, são consideradas como *inconsciente no sentido descritivo* (Freud, 1912/2004). Portanto, a maior parte dos processos do aparelho psíquico (atividade mnêmica e associativa) são inconscientes. (Freud, 1912/2004).

Contudo, as observações feitas por Freud evidenciaram que as representações inconscientes são ativas na vida psíquica, influenciando a vida mental consciente. Neste caso, ele também propõe (b) um sentido dinâmico para o inconsciente. Este aspecto designa que uma determinada representação está inserida em uma cadeia associativa, permanecendo ativa mesmo que em estado latente, podendo se tornar consciente. Tais representações, recalçadas, continuam atuando a cadeia associativa de pensamentos, que são passíveis de se tornarem conscientes (podendo ser denominadas como pré-conscientes)

Por último, Freud (1912) acrescenta (c) um sentido do inconsciente enquanto sistema, podendo ser denominado com *Ics*. Para Freud, este “se revela por meio de um signo indicativo da inconsciência de cada um dos processos psíquicos que o compõem” (Freud, 1912, p. 89), ou ainda: “O valor do inconsciente como signo, ou marca indicativa, ultrapassou em muito a importância de seu significado como propriedade” (Freud, 1912, p. 89).

A análise dos sonhos, por exemplo, revelou que os processos mentais inconscientes são governados por leis diferentes, daqueles presentes na consciência, isto é, possuindo propriedades mentais diferentes daquelas da consciência. Assim, seria uma categoria psíquica a parte, denominada como um *sistema* inconsciente (*das Unbewusste*).

Concordamos com Caropreso e Simanke (2008) ao afirmarem que

Nos trabalhos publicados em vida de Freud, o conceito de 'psíquico inconsciente' aparece claramente formulado pela primeira vez em *A interpretação dos sonhos* (1900); no entanto, é no *Projeto de uma psicologia* – texto escrito em 1895 e publicado postumamente em 1950 – que se encontra, de fato, a sua primeira formulação explícita: a ideia de um inconsciente *dinâmico*, tal como este seria definido em 1912, é aí introduzida na teoria freudiana, assim como o reconhecimento da possibilidade do uso do termo inconsciente em sentido descritivo. Já a ideia de um *sistema* inconsciente aparece pela primeira vez na carta a Fliess de 6 de dezembro de 1896 (Freud, 1950/1975) e é plenamente desenvolvida no capítulo 7 de *A interpretação dos sonhos* e no artigo metapsicológico *O inconsciente* (1915). Levando isso em conta, é preciso reconhecer que o conceito de inconsciente que se encontra formulado em 1900 possui uma história prévia de desenvolvimento, cuja consideração mostra-se imprescindível para sua compreensão. (p.33)

Portanto, podemos reconhecer que a psicanálise aponta que toda a relação que o sujeito estabelece com o mundo é mediada pelo que Freud denomina de *realidade psíquica*. Ainda em seu texto da *Interpretação dos Sonhos*, ele afirma que,

O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica (...) em sua natureza interior é tão desconhecido para nós quanto a realidade do mundo externo, e se apresenta de modo tão incompleto pelos dados da consciência quanto o mundo externo pelas comunicações dos sentidos. (p. 613)

Freud postula que tanto a realidade externa como interna não é apreendida de forma direta uma vez que a percepção de ambas é parcial. A realidade psíquica não seria definida apenas pela percepção sensorial orientada pelo ego (embora o inclua), mas a sua fonte é o inconsciente que emerge mediante a linguagem. É, portanto, pela linguagem que se estabelece uma dimensão de alteridade que vem do Outro, ou seja do campo simbólico que se impõe na constituição do sujeito.

Lacan, relendo a teoria freudiana e, conseqüentemente, produzindo a sua própria, se apropriou de contribuições da linguística estrutural de Saussure e também de Levi-Strauss no

resgate do que ele considerava os fundamentos da teoria freudiana que estavam se perdendo em sua época. Ainda neste movimento, Lacan contribuiu<sup>46</sup> desenvolvendo suas próprias formulações acerca da noção de inconsciente e também de sujeito (ambas as noções que mais nos interessaram nesta tese). Freud, enquanto neurologista, buscou de início embasar suas descobertas em uma perspectiva calcada na biologia e neurologia e até mesmo na física (Torezan e Aguiar, 2011); contudo, Lacan resgata os conceitos fundamentais freudianos se servindo da linguística e dos fundamentos estruturais. Assim,

quando Lacan (1964/1988, p.25) postula que "o inconsciente é estruturado como uma linguagem", e, ainda, que "o sujeito é efeito do significante", ele segue os passos de Lévi-Strauss, indicando a existência de um sistema de relações pré-existentes ao sujeito e de uma ordem significativa que o antecede, pois o Outro que lhe precede está já tomado pela linguagem. (Torezan e Aguiar, 2011, p. 533)

Deste modo, compreendemos que ao nascer, a criança já é inserida em uma ordem simbólica na qual ela pode adentrar através da linguagem. Ordem simbólica esta, que lhe antecede e na qual, através da linguagem, o sujeito construirá suas próprias fantasias em relação ao desejo do Outro.

Abordar a noção de sujeito, é abordar a partir da indicação do sujeito barrado (\$), com o que falta. E tal condição se anuncia em sua enunciação, em seu semi-dizer. Podemos reconhecer isso em seus equívocos de fala. O semi-dizer estaria próximo da ideia dos equívocos. Ou seja, da evidência do descompasso entre o dito e o não-dito, entre o enunciado e a enunciação. Este ponto de descompasso, de tropeço indica a presença do sujeito, do sujeito do inconsciente.

Neste sentido, abordamos por um capítulo inteiro aspectos relacionados à linguagem e de como as línguas de sinais funcionam para, nas sessões seguintes, percebermos como podemos identificar as manifestações do inconsciente em pessoas surdas falantes de Libras.

Afinal, para Lacan é pela linguagem, pelo enunciado que o inconsciente pode advir mediante a noção de estrutura, afinal,

---

<sup>46</sup> Sobre esta afirmação compreendemos que Lacan contribuirá no seu último e ultimíssimo ensino com suas próprias formulações sobre as noções de inconsciente e de sujeito – embora não esteja considerado no escopo do presente trabalho o desenvolvendo desta discussão.

O sujeito, para a psicanálise, é aquele que se constitui na relação com o Outro através da linguagem. É em referência a essa ordem simbólica que se pode falar em sujeito e subjetividade a partir de Freud, e, em especial, após a produção teórica de Lacan. (Torezan e Aguiar, 2011, p. 535).

O reconhecimento do inconsciente apenas é possível mediante suas *formações*, ou seja, um *dizer* que está presente nos sonhos, atos falhos, chistes, ou ainda, tudo aquilo que constitui o sintoma em suas formações de compromisso. Em termos lacanianos, o que se estrutura na forma de metáfora-metonímia da verdade que insiste e se repete no sujeito. Pois onde Freud destacava a prevalência da fala, das palavras, das associações livres, Lacan formaliza sua teoria em seu axioma do “inconsciente estruturado como uma linguagem”.

Afinal, se Lacan formula em seu texto *Radiofonia* (1970) de que o “o inconsciente é a condição da linguística<sup>47</sup>” (p.403) é porque ele encontra suporte da linguística estrutural (Saussure e Jakobson) o suporte necessário que permitiu que ele partisse da obra freudiana para lançar sua tese do inconsciente estruturado como linguagem. Ao longo de sua obra sempre está presente a conjunção do simbólico e do inconsciente, afinal “o inconsciente é linguagem”. Lacan mesmo afirma que “o inconsciente é a soma dos efeitos de fala sobre um sujeito, naquele nível em que o sujeito se constitui dos efeitos do significante” (Lacan, 1964, p. 122).

Portanto “inconsciente e linguagem tornam-se solidariamente articulados, de tal modo que se o inconsciente é uma “diz-mansão” que se institui no terreno do significante recalcado, a linguagem não pode deixar de aparecer como a condição mesma do inconsciente” (Kaufmann, 1996, p.267).

As relações entre inconsciente e linguagem estão presentes ao longo da obra de Lacan, principalmente em seus textos inaugurais tais como *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953), *Seminário da Carta Roubada* (1955) e *A instância da letra do inconsciente e a razão depois de Freud* (1957). Através de suas formulações acerca do inconsciente, Lacan se esforçou para demonstrar e formalizar este processo. Lacan infere que o inconsciente é estruturado como um sistema simbólico, ou seja, que uma determinada sequência de signos combinados forma um significado. Tal cadeia é composta por significantes cuja operações podem ser descritas como de metonímia e de metáfora.

---

<sup>47</sup> Consideramos pertinente manter nesta nota a citação completa de onde o referido trecho foi destacado: “Portanto, ao enunciar que Freud se antecipa à linguística, estou dizendo menos do que o que se impõe, e que é a formulação que agora libero: o inconsciente é a condição da linguística. Sem a irrupção do inconsciente, não há meio de a linguística sair do jogo duvidoso mediante o qual a Universidade, com o nome de ciências humanas, continua a ofuscar a ciência” (Lacan, 1970, p. 403).

Retomamos, então, a formulação lacaniana de S/s no qual a barra indica a resistência à significação entre Significante(S) e Significado (s) ou seja, de que não há relação biunívoca entre estes elementos, além de que a barra também representa a resistência de emergência de significação. Como existe esta arbitrariedade entre significante e significado, ocorre o deslizamento significativo e deste descompasso emerge um funcionamento independente de um e de outro na representação psíquica. Este descompasso permite o surgimento das formações do inconsciente, por exemplo, nos tropeços de fala. Além disto, esta arbitrariedade entre S e s mostra que o inconsciente segue regras próprias. Por isso que,

para investigar a trajetória do desejo do Sujeito é importante procurar as diversas expressões do inconsciente na articulação do discurso, na lógica do significante. O inconsciente é revelado através de formas diferentes nas elaborações do discurso do Sujeito na experiência analítica, como, por exemplo, por meio da narrativa dos sonhos, dos relatos dos sintomas, como também através dos chistes e atos falhos. (Kaufmann, 1996, p.268).

Portanto, se o inconsciente fala, é na medida que o inconsistente depende da linguagem não apenas no plano formal/material, mas no plano estrutural. Por isso uma das suas definições enquanto “discurso do Outro”.

Desse modo podemos compreender que a constituição da subjetividade está relacionada com concepção de que o sujeito é efeito de linguagem, ou seja de uma trama de relações que precedem o sujeito, desde o nascimento. Nesta operação de constituir-se sujeito, a criança irá estabelecer um mito fundador de sua história singular (Torezan e Aguiar, 2011). Portanto, para a psicanálise, a constituição do sujeito ocorre na relação com o Outro através da linguagem. É em referência a existência de uma ordem simbólica que podemos falar da constituição de sujeito, desde Freud e mais especificamente após a obra de Lacan. O sujeito é efeito, é determinado pela função simbólica.

Ainda com Lacan, podemos destacar também sua articulação da noção de desejo e de como tal noção é presente no entendimento da noção de sujeito. Afinal, sujeito barrado da linguagem é também correlato ao sujeito de desejo, uma vez que se constitui como falta-a-ser, considerado por Lacan “como o cerne da experiência analítica” (Baratto, 2017, p.239)

### 2.3. A pessoa surda

Para avançarmos nesta sessão vale manter em nosso horizonte a noção de sujeito, para a psicanálise, não como instância composta por uma essência natural, mas como efeito e seguindo a orientação lacaniana, efeito de linguagem. Afinal, a constituição subjetiva ocorre no campo do Outro, uma vez que o sujeito se constitui na linguagem e é por ela constituído.

Neste ponto, é passível considerar a importância do reconhecimento da presença das LS na interação com a pessoa surda uma vez que esta língua, através de sua materialidade gestual, se constitui o meio pelo qual o sujeito acessa o simbólico com menores dificuldades (se comparado com a dificuldade de acesso à fala oral uma vez que a perda sensorial impede a apreensão da sonoridade).

Lacan nos ajuda a compreender este fenômeno da constituição subjetiva do sujeito via linguagem ao afirmar que: “também o sujeito, se pode parecer servo da linguagem, o é ainda mais de um discurso em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito em seu nascimento, nem que seja sob a forma de seu nome próprio” (Lacan, 1957, p. 498).

Ao partirmos deste ponto, compreendemos que o sujeito é falado antes de tomar a linguagem, antes de se apropriar da linguagem. Mesmo o *infans* surdo, sem acesso à uma língua oral, já nasce imerso em um discurso materializado em uma língua sonora que também o nomeia. Mas, se considerarmos uma criança que nasce em uma família de pessoas surdas – falantes de alguma língua de sinais, seu acesso à esta modalidade de língua será natural tanto quanto seria o de uma criança ouvinte em seu acesso à uma língua oral.

Oliver Sacks (1989/2010) em seu livro *Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*, reúne uma série de reflexões acerca de seu processo de encontro com as pessoas surdas desde leituras de material acadêmico sobre o tema até o acesso à depoimentos sobre esta condição. Entre vários pontos ele considera como a condição da surdez, de algum modo, contribui para refletirmos sobre os limites teóricos que existem apenas pela referência à condição de ouvintes. Ele apresenta relatos de pessoas que não tiveram acesso à nenhuma língua de sinais ao longo da infância e que, mesmo tardiamente, conseguiram um desenvolvimento satisfatório quando adquiriam esta modalidade de língua. Além disto, ele apresenta relatos de como o acesso precoce à alguma língua de sinais, principalmente na família, garante um desenvolvimento linguístico saudável da criança surda. Em suas palavras,

[as pessoas surdas] demonstram uma inclinação imediata e acentuada para a língua de sinais que, sendo uma língua visual, é para essas pessoas totalmente acessível. Isso se evidencia mais nas crianças surdas filhas de pais surdos que usam a língua de sinais, as quais executam seus primeiros sinais aproximadamente aos seis meses de vida e adquirem uma fluência considerável expressando-se por sinais com a idade de quinze meses. (Sacks, 1989, p. 22)

Apoiados em Lacan, podemos afirmar que seja nascido em uma família de pessoas surdas ou ouvintes, o sujeito já nasce com um lugar inscrito no discurso do Outro.

Devemos permanecer alertas, como o próprio Lacan o faz neste texto de 1957<sup>48</sup> de que “a referência à experiência da comunidade e da substância desse discurso não resolve nada” (p. 498). Afinal, existe a necessidade, e ao longo deste texto, ele defende um aprofundamento dos estudos da linguagem. Neste ponto, ele se vale das recentes discussões sobre o surgimento da linguística enquanto ciência que apresenta seu objeto de pesquisa: a linguagem. Lacan, define a linguística como “o estudo das línguas existentes em sua estrutura e nas leis que nela se revelam” (Lacan, 1957, p.499). Ou seja, ele indica um para além de uma defesa sobre o uso *social* da língua, ou ainda a sua circulação em sociedade. Lacan afirma que para além deste caráter relacional da linguagem, o foco está na estrutura e nas leis internas que revelam, isto é, no funcionamento do próprio inconsciente. E mais ainda, o modo com o qual o sujeito se constitui sendo afetado por esta condição de *ser falante*.

Contudo, vale a ressalva de que a relação entre língua de sinais e comunidade surda acaba por ser defendida de modo biunívoco. Neste sentido ao considerar a LS como direito para a pessoa surda é tomar tal afirmação imbricada à definição de sujeito<sup>49</sup>, como se língua de sinais e pessoa surda se constituíssem uma relação praticamente indissociável. Trabalhamos como de Marques *et. al.* (2013), Campello e Rezende (2014) discutem a necessidade e urgência da defesa de acesso às LS precocemente para bebês surdos de modo a garantir um desenvolvimento cognitivo e linguístico favorável. A defesa desta posição é necessária, mas não deve ser considerada como único viés na defesa da constituição do sujeito.

Temos que refletir sobre esta relação, uma vez que, o que estamos demonstrando neste trabalho é o fato das LS serem consideradas também como meio de constituição do sujeito, para além da materialidade fônica de uma determinada língua oral, e que tal operação não se

---

<sup>48</sup> *A instância da letra do inconsciente e a razão depois de Freud*

<sup>49</sup> É sabido que vários surdos não se reconhecem como falantes de Línguas de Sinais e preferem não se envolverem com a comunidade surda que é *senalizante*. Tais questões costumam suscitar alguns conflitos entre estes grupos.

reduz à materialidade de nenhuma língua; tal operação se sustenta na noção de significação que se opera pela língua, sendo ela articulada sonoramente ou gestualmente.

Além disto, outra discussão presente em alguns trabalhos é sobre o “sujeito surdo”. Em um processo de adjetivação da noção de sujeito, na particularização desta categoria. Trabalhos como Souza (1998), Dizeu e Caporali (2005), Mages, Morás & Reali (2016), são exemplos de autores que, de algum modo, apresentam este sintagma de “sujeito surdo”. Nestes textos a argumentação se sustenta na perspectiva do surdo enquanto agente, enquanto protagonista, reconhecido como falante de Língua de Sinais que lhe oferece autonomia para circular em sociedade. Ou seja, uma definição de um caráter *positivo*, diferente da definição que encontramos na psicanálise; de uma constituição do sujeito que claudica, que se equivoca, que é barrado (§).

Neste sentido, vale destacar que a posição estrutural de sujeito barrado, para a psicanálise, deve ser contemplada para além da realidade sensorial do sujeito, ouvinte ou não. Mas também não podemos desconsiderar os efeitos que o real do corpo, no caso dos surdos pela ausência da audição, pode ter na constituição subjetiva destes. Mas devemos permanecer atentos para que discursos positivos sobre a surdez, na militância que acontece no campo da educação e no campo do direito, não sejam a única via de orientação.

Trabalhos como o de Bisol, Simioni & Sperb (2008) relatam produções acadêmicas que concentram duas concepções de surdez, a saber: clínico-terapêutico e sócio-antropológica (Skliar, Massone, & Veinberg, 1995). Ambas as concepções orientam os modos de reconhecimento da surdez e possibilidades com as quais, as pessoas surdas poderiam se identificar.

A primeira, de acordo com Skliar *et al.* (1995) se define como um conjunto de saberes e discursos que concebem a experiência da surdez como uma deficiência, como uma falta que deve ser corrigida, mesmo que com uso de estratégias que de algum modo neguem esta experiência no sujeito. Os defensores desta concepção se preocupam com a reabilitação da surdez, orientados pelo diagnóstico que reconhece a surdez como uma patologia a ser curada. Tal perspectiva orientou as abordagens oralista que embasaram a educação de surdos durante várias décadas em que as crianças eram obrigadas a aprender a leitura labial e a articulação orofacial para a produção da articulação sonora (Skliar, 1997). Mesmo que isso fosse custoso ou sacrificial para elas, tal perspectiva enquanto um modelo de medicalização da surdez se manteve como obrigatória tendo sua maior ampliação em todo o mundo no início do século XX. Todo o esforço concentra-se na busca da normalização do indivíduo, orientado por um ideal de pessoa adaptada à sociedade. Afinal, “os comportamentos e valores dos ouvintes

tendem a ser tomados como norma, a diferença é geralmente percebida como negativa e caracterizada como desvio. A aprendizagem da língua oral é o principal objetivo das intervenções educacionais e terapêuticas” (Bisol *et al.*, 2008, p.393).

Já a concepção sócio-antropológica, propõe uma visão particular da surdez reconhecendo-a como uma diferença cultura e linguística. Nesta concepção, as pessoas surdas defendem o reconhecimento das LS como línguas naturais e nativas, e que tais línguas permitem a integração deles em sociedade e por isso não se identificando enquanto deficientes, mas como pertencendo à uma comunidade linguística específica, compartilhando valores e artefatos culturais próprios (Strobel, 2008). Segundo, Padden e Humphries (1988, p. 44):

'deficiência' é um rótulo que historicamente não pertence às pessoas Surdas. Sugere auto-representações políticas e objetivos que não são familiares ao grupo. Quando pessoas Surdas discutem sua surdez, usam termos profundamente relacionados a sua língua, seu passado, e sua comunidade. As pessoas surdas têm uma história de aliançar-se a outros grupos deficientes, mas não é um termo primário de auto-identificação (1988, p. 44 citado por Bisol *et al.* 2008, p. 393).

Contudo, tais concepções que se mantêm como dois polos principais de perspectivas de visão da surdez podem ser questionadas com a posição da psicanálise e sua concepção de sujeito. Afinal, para a psicanálise o sujeito enquanto sujeito castrado, barrado se constitui de modo estrutural e não dependente de fatores externos ou corporais, como presença ou ausência da capacidade de audição. Além disto não se orienta mediante determinados ideais, sejam eles de medicalização e correção ou de valorização de determinado artefato cultural.

Por isso, a psicanálise pode ser vista como uma possibilidade de interpretação deste fenômeno e mais ainda, como possibilidade de acolhimento e tratamento destes sujeitos, que dentre várias formas de nomeação, podem se reconhecer nos significantes que lhe são próprios. Mais ainda, a psicanálise pode ser tomada enquanto o campo que permite o reconhecimento dessas pessoas enquanto *sujeitos*. Pela psicanálise, a orientação acerca da definição do sujeito perpassa pela alteridade, pelo laço ao campo do Outro pela via da linguagem.

Mas, tal provocação nos remete, de imediato ao nosso esforço de apresentarmos uma possibilidade e conceituação que nos permita afirmar que mesmo diante da ausência do som, ou até mesmo diante de acesso à uma língua oral, é possível que haja a constituição subjetiva de um sujeito que acessa o simbólico por uma língua de sinais. Para tanto, avançamos na apresentação de outros campos que já discutem sobre a pessoa surda e do modo que nos está disponível, um reconhecimento daqueles que se apresentam enquanto tais.

Assim, faz-se necessário o alinhamento de alguns termos que serão expostos nesta tese para que o leitor esteja familiarizado com os argumentos que estão sendo construídos neste trabalho. De imediato é necessário reconhecer a definição para pessoa surda que utilizamos nesta tese.

Apesar do significado, já dicionarizado na língua portuguesa e do uso que se tem corrente no senso comum, concordamos com Skliar (1998), com Strobell (2008), Salomon, Sacks (1989) sobre o reconhecimento da surdez enquanto uma experiência de mundo, não limitada ao déficit auditivo. Temos a evidência de que a limitação da percepção de ondas sonoras, principalmente daquelas que envolvem a fala humana, pode gerar efeitos prejudiciais no sujeito, sendo o principal deles, acesso à uma língua oral. Contudo, está reconhecido o potencial de uma língua de sinais, já comprovado em diversos estudos como de Klima e Bellugi (1979), Karnopp E Quadros (2001), Quadros, Lillo-Martin & Mathur (2001), Quadros, & Pizzio (2007), Lillon-Martin (2009), entre outros, da similaridade de aquisição de linguagem de crianças surdas análogo à crianças ouvintes. Este fato, em especial, corrobora a possibilidade de se reconhecer a surdez não apenas como *déficit* mas com uma experiência potencial.

Sacks (1989) afirma que “um ser humano não é desprovido de mente ou mentalmente deficiente sem uma língua, porém está gravemente restrito no alcance de seus pensamentos, confinado, de fato, a um mundo imediato, pequeno” (p. 27). Deste modo, não é a ausência da audição o maior problema e, sim, a ausência de uma língua. Tanto que a experiência da surdez, vivenciada de modo singular por cada sujeito não aparece na clínica como uma questão principal. São poucos os momentos nos quais os pacientes surdos se queixam de sua condição de “não ouvinte”. A surdez em si, enquanto *déficit*, não é problematizada como ponto central dentro da clínica. Queixas como, *embaraços das parcerias amorosas, relacionamentos familiares conturbados, indecisões sobre escolhas pessoais*, entre outras são temas presentes nos atendimentos clínicos<sup>50</sup>. A surdez se apresenta como tema transversal, que sim, faz parte da experiência da pessoa surda, mas que é simbolizada de modo singular por cada sujeito, não sendo a tônica de seus conflitos.

Rengifo (2008) afirma que “alguns surdos podem viver sua diferença de forma traumática, mas a clínica ensina que o que contribui para o aumento do trauma é esse

---

<sup>50</sup> Estas queixas são originadas dos registros pessoais do pesquisador em seu trabalho clínico com pessoas surdas falantes de Libras.

imaginário social, amplamente difundido, que condena e identifica os surdos ao lhes dar um *status* de incapaz<sup>51</sup> (p.72).

Além disto, o próprio Rengifo (2008) complementa que

Na experiência clínica da surdez, percebemos as mesmas modalidades de manifestação das formações do inconsciente. Assim como um ouvinte, o surdo encontra-se no mesmo impasse subjetivo ao falar; o mesmo tropeço, equívoco e deslize da língua.<sup>52</sup> (p.74)

Reconhecemos estes impasses em pacientes surdos e o próprio embaraço com o sintoma justamente pela condição de serem falados, de habitarem a linguagem mesmo que manifestada em uma língua de sinais. Existe uma transmissão que ocorre em pacientes surdos, filhos de pais surdos, tanto quanto nos filhos de pais ouvintes. Uma paciente se queixa sobre o “não entendimento da insistência de preocupação de sua mãe com ela”, outro paciente queixa de “não compreender o desejo das mulheres” e um outro se queixa “dos equívocos que surgiam em suas parcerias amorosas que nunca se firmavam”. Um ponto de desentendimento, um enigma que se apresenta à essas pessoas surdas, enquanto sujeitos de desejo, e que as localiza em uma posição de embaraço sem saber o que fazer com isto.

Ademais, tal percepção nos orienta a refletir sobre a constituição subjetiva do sujeito surdo, principalmente daqueles que se inserem no laço social via língua de sinais, reconhecendo como o sujeito se faz a partir não apenas da falta sensorial da audição, mas de outros elementos disponíveis no jogo simbólico. Nesse contexto a LS se coloca como uma condição de inserção no campo do Outro para além da via sonora.

Não podemos negar que o som está presente na pessoa surda também. Afinal, eles emitem sons, apenas apresentam diferentes graus de dificuldade na articulação das palavras como pessoas ouvintes uma vez que estão privados da percepção sonora dos fonemas para conseguinte reprodução dos mesmos durante o período de aquisição de linguagem na infância. Esta privação, no entanto, não os impede de aprenderem uma articulação dos sons mediante treinamento fono-articulatório com profissionais especializados da área de fonoaudiologia. Por

---

<sup>51</sup> No original: "Certaines personnes sourdes vivent, sans doute, leur différence de façon traumatique, mais la clinique enseigne que ce qui contribue à l'alourdissement du traumatisme c'est cet imaginaire social, largement répandu, qui condamne et identifi e les sourds en leur donnant un statut de handicapés."

<sup>52</sup> No original: "Dans l'expérience clinique de la surdité, on perçoit les mêmes modalités de manifestation des formations de l'inconscient. Aussi bien qu'une personne entendante, le sourd se retrouve dans les mêmes impasses subjectives lors de la prise de la parole ; les mêmes trébuchements, équivoques et lapsus. (p. 74)

isso, alguns surdos conseguem desenvolver um certo nível de reprodução da fala de determinada língua (majoritariamente do país em que vivem). Apresentam uma certa dificuldade em alguns fonemas, podendo ser considerados como estrangeiros por aqueles que não estão acostumados com sua fala. Mas, mesmo com esta desenvoltura, lhes falta a percepção sonora das palavras o que não torna esta tarefa de fala oral simples. Vários surdos se queixam dos exercícios cansativos para aprenderem a articular as palavras além de por muito tempo, não compreenderem o significado das palavras que emitem. Além disto, também se queixam de serem apenas repetidores, sem uma boa percepção do que lhes é falado, mesmo através da leitura labial<sup>53</sup>.

Contudo, alguns surdos acabam por se dedicarem na articulação oral e, mesmo com dificuldade, preferem permanecer na fala de uma língua oral do que de uma língua sinalizada. Tal predileção acaba por segmentar na constituição de grupos que defendem e usam a língua de sinais e grupos que defendem a aquisição de uma articulação oral. Este segundo grupo, por fazer uso da LO, e com isto, ter acesso a uma comunicação oral, não é o foco deste trabalho.

Os surdos podem ter acesso à língua de sinais por duas vias: a primeira, se nascerem em famílias que falam a língua, preferencialmente com pais e mães surdos ou em instituições de ensino (na maioria nas escolas especiais). No primeiro grupo, o acesso a LS é precoce, praticamente desde o nascimento possibilitando um desenvolvimento equivalente se comparado com crianças ouvintes. Já no segundo grupo, o acesso a LS é tardio, podendo apresentar alguns prejuízos no desenvolvimento da criança.

Mas não podemos deixar de registrar momentos nos quais a psicologia reforçou o estereótipo da surdez enquanto uma incapacidade. Trabalhos como o de Myklebust (1971) em seu livro *Psicologia del Sordo*, reforçou a concepção da surdez enquanto uma condição de prejuízo para a pessoa. Ele apresentou um conjunto de problemas cognitivos que poderia estar associados à surdez de modo etiológico. Além disto, trabalhos como os de Lane (1992), Sanches (1990), Silva (1997) apontam que durante anos a própria psicologia sustentava uma visão deturpada da surdez. Principalmente, reforçando uma atuação pedagógica em prol de um

---

<sup>53</sup> Segundo Sacks (1998, p. 15), "'leitura labial' é um termo inadequado que reduz a complexa tarefa de observação e inferência dos movimentos labiais pelos quais a pessoa surda detém o foco de seu olhar na busca de compreender o que lhe é dito. Além disso, o mesmo autor afirma que desta capacidade de "leitura labial" é possível considerar que "75% dela é uma espécie de adivinhação inspirada ou conclusão por hipótese, dependendo do uso de pistas encontradas no contexto"(p.82). Ou seja, em torno de 25% é compreendido pela pessoa surda. O contexto da insistência desta ideia de que a leitura labial seria uma atividade natural de pessoas surdas se sustenta na premissa de que o padrão normal é pela oralidade (Witkoski, 2009).

viés *medicalizante* no sentido se defender uma reabilitação da surdez (dentro de padrões de referências de uso de língua oral).

Contudo, eram argumentos que desconsideravam completamente a possibilidade de acesso à LS. Atualmente, compreendemos que a privação de acesso à linguagem pode acarretar problemas de desenvolvimento cognitivo na pessoa, contudo, o acesso a qualquer língua de sinais cumpre esta função de acesso ao simbólico e permite o desenvolvimento da criança (Alves e Frassetto, 2015; Silva *et. al.*, 2015). O questionamento à estudos como o de Myklebust se deve ao fato da associação prematura de atraso e *déficit* cognitivo como condição *natural* da surdez, o que não é verdade. Não é a privação sensorial que acarreta atrasos, mas a privação de uma língua, seja ela de modalidade oral ou sinalizada.

Cardoso e Capitão (2007) a partir do estudo de Moores (1982) apresentam a existência de pelo menos 3 fases ao longo da história que caracterizam diferentes perspectivas do desenvolvimento de crianças surdas, a saber:

Nos estudos sobre o desenvolvimento cognitivo do surdo, há três marcos claramente definidos. Em 1923, as crianças surdas eram consideradas mentalmente inferiores às ouvintes, sob a justificativa de a surdez também afetar o cérebro, causando retardo mental. Mais tarde, em 1953, passou-se a considerar que surdos e ouvintes possuíam desempenho intelectual similar, mas os surdos eram mais ligados ao pensamento concreto e tinham menos raciocínios abstratos, dificultando a generalização do pensamento. Poucos anos depois, em 1960, afirmou-se que ambos os grupos eram iguais e que a ausência da fala não impediria o desenvolvimento intelectual do surdo. (Cardoso e Capitão, 2007, p. 136)

Por fim, o que devemos ter no horizonte é que a visão da pessoa surda não deve ser atravessada por uma concepção de comparação com pessoas ouvintes. Como já temos demonstrado o acesso à uma modalidade de língua é o fator de maior determinação para o desenvolvimento ou não da pessoa e não apenas sua condição de surdez. Além disto, uma concepção classificatória, orientada por uma ideal de experiência da audição cria um dificultador de real reconhecimento das pessoas surdas através das línguas de sinais.

A compreensão da não capacidade das pessoas surdas está mais atrelada ao modo com o qual se escolhe olhar para elas do que como uma condição inata. Não é a surdez por si só um fator determinante de prejuízo para o sujeito; mas uma visão deturpada orientada por padrões que distanciam o sujeito de uma forma de manifestação singular.

Assim, defendemos que concepções como a psicanálise que considera o caso a caso podem contribuir para uma visão que leve em conta o modo como o sujeito se apresenta, sem a necessidade de rotulá-lo ou de enquadrá-lo a determinados padrões tomados como ideais.

Além disto, podemos afirmar que

Como não há ocorrência particular de doença mental em pessoas surdas, devido ao seu déficit sensorial, o método analítico é bastante viável para os surdos, porque o dispositivo da fala e o da associação livre não encontram limitações, desde que utilizemos a língua de sinais francesa. “Os surdos sentem falta de palavras, mas não de significantes. Nós somos sujeitos falantes e utilizamos significantes para comunicar estes significantes articulados em uma linguagem particular (assim como a língua de sinais) condicionam o inconsciente (Labourit, 2001, p.65)<sup>54</sup>”. (Rengifo, 2008, p. 74)

O reconhecimento de que as pessoas surdas falantes de Libras se valem de significantes, que se ancoram na articulação gestual, nos oferece uma nova perspectiva pela qual podemos persistir no percurso da afirmação da possibilidade do uso do campo da psicanálise como dispositivo de compreensão deste fenômeno das línguas de sinais.

### **2.3.1. A dimensão sonora na constituição do sujeito.**

Nesta sessão tomamos o seguinte ponto de referência: a possibilidade da constituição do sujeito ocorrer para além da dimensão sonora. Uma vez que a constituição do sujeito perpassa sua relação ao campo do Outro, sendo este Outro o “tesouro significante”, sendo esse de onde partem os primeiros significantes que nomeiam o sujeito, já é possível afirmar que esses significantes podem ser encarnados tanto enquanto palavras expressadas oralmente, como pelos sinais das LS. Se relembremos o contexto em que crianças surdas filhas de pais surdos, ou seja, inseridas em um contexto de interação linguística com LS, vemos também que elas estão sob os efeitos de nomeação. Quanto a isso, se olharmos para uma pessoa surda enquanto alguém privado, especificamente no acesso à língua oral, podemos concluir ou observar que esse não deve ser o único meio de reconhecimento.

---

<sup>54</sup> No original: “Puisqu’il n’y a pas une occurrence particulière de la maladie mentale chez les personnes sourdes, du fait de leur défi cit sensoriel, la méthode analytique est tout à fait praticable chez les sourds car le dispositif de la prise de parole et de l’association libre ne trouve pas de limitations du moment que l’on utilise la Langue des signes française. « Les sourds manquent des mots mais pas des signifi ants. Nous sommes des sujets parlants et nous utilisons pour communiquer des signifi ants. Ces signifi ants articulés dans une langue particulière (aussi bien la langue des signes) conditionnent l’inconscient. (Labourit, 2001, p.65)”

Seja na relação com familiares ouvintes em que o som articulado da língua não chega, em que o não acesso a língua (oral) é uma marca evidente. Não podemos afirmar o não acesso a linguagem, afinal a linguagem não se restringe ao som; podemos considerar que alguma transmissão acontece entre as figuras paterna, materna e a criança. Mas, podemos questionar os efeitos que a ausência, ou melhor, uma precariedade de um suporte material enquanto língua (oral), acarreta implicando em uma transmissão que claudica de modo mais veemente. (inclusive com atrasos cognitivos decorrentes do não acesso à uma determinada língua).

Essa comparação fica ainda mais evidente quando contrapomos o acesso que uma criança ouvinte tem à uma língua oral e a dificuldade de acesso de uma criança surda à esta mesma modalidade de língua. O que devemos apontar é quais seriam as possíveis alternativas que este sujeito pode e deve construir para lidar com isto. Podemos pensar em efeitos determinados, mas a forma singular do sujeito em elaborar isto, é o foco de discussão. Afinal, como veremos, o singular do caso é o que nos orienta.

Mas esta discussão acerca da falta de acesso à sonoridade, à uma língua oral pode ser vencida diante do reconhecimento da presença das línguas de sinais. A perspectiva se orienta na possibilidade de vermos que o acesso à essa língua, inserindo a criança no simbólico, também conduz a criança ao campo do Outro e, como já discutido anteriormente, ao desejo do Outro. Acessar o campo do Outro via linguagem é acessá-lo no ponto em que é possível à criança se interrogar sobre o que o Outro quer dela.

Afinal, não devemos reduzir nosso questionamento em como a sonoridade opera na constituição de pessoas surdas, pois não é o fonema em si que opera no sujeito, mas a cadeia significante que opera ancorada nesta forma material. Já temos elementos suficientes para reconhecer que o significante também opera através da articulação gestual. Portanto, questionar a dimensão sonora na constituição subjetiva de pessoas surdas é algo a ser revisto na perspectiva de perguntar não pela ausência do som, mas se existe a ausência, o impedimento de inscrição do sujeito ao campo do Outro, via linguagem, esteja esta inscrição marcada pela oralidade ou não.

E tal inscrição ao campo do Outro especialmente pode ser tomada como o ponto no qual o Outro, na relação com o *infans*, pela linguagem (de sinais, por exemplo) instaura a questão que o movimento a indagar: “o que queres de mim?” Assim, podemos nos orientar observando se a pergunta *Che Vuoi?* (*Que queres?*) também se faz presente para a pessoa surda. Afinal, mesmo a criança acometida da privação da percepção sonora da língua, nascida em uma família em que todos são ouvintes e falam português, vive uma relação na qual o Outro manifesta seu desejo. Neste contexto específico, o que muda é o não acesso a língua oral e,

possivelmente, precariedade de acesso ao simbólico. Tais privações não são exclusivas da surdez em si, mas do não-acesso a uma língua, que neste caso se manifesta uma língua oral.

Contudo, contextos nos quais os pais falam Libras (normalmente contextos de pais surdos), a criança surda possui acesso à uma língua, cuja modalidade não lhe é um dificultador. Ao contrário, é uma real possibilidade de aquisição de língua e de entrada no simbólico de modo rico.

Assim, definindo o contexto no qual trataremos, de crianças surdas filhas de pais surdos falantes de Libras, temos mais uma vez a comprovação de que o acesso ao campo do Outro ocorre discursivamente, como estrutura de linguagem, através da ancoragem em uma determinada língua, podendo ser de sinais ou oral.

Apesar da modalidade gestual, manifesta em uma determinada língua com gramática e uma significação convencionalizada, podemos destacar o modo singular que o sujeito faz uso desta língua, contando do sintoma, ou do modo com o qual ele ressignifica a própria experiência.

Um ponto no qual podemos retomar é sobre a relação que se estabelece com o Outro a partir do objeto voz. Partimos do seguinte questionamento que nos é apresentado por Rengifo<sup>55</sup> (2008): Como é a relação do sujeito com a demanda e desejo do Outro estabelecida quando a voz através da qual esse pedido é articulado não é mais ouvida? Em outros termos, quando o significante não se sustenta por uma língua oral mas por uma língua de sinais.

No texto de Freud (1895), *Projeto de uma Psicologia Científica*, podemos destacar a discussão sobre o estado de excitação de fome experienciada pela criança e compreender que a partir da significação que é dada ao choro da criança diante do estado de tensão que ela experimenta na busca de alívio deste estado de desconforto. Ou seja, um estado de tensão (por exemplo, fome) acomete a criança diante da necessidade de alimentação. Esta tensão, este desconforto, é traduzido pelo bebê pelo choro. Esta ação, própria de um estado de desprazer por parte da criança, é significada, quase que imediatamente pela mãe, tornando esta ação realizada pela criança, este signo, indicativo de algo, e elevando-o ao estatuto de significante. Afinal, o Outro que dá um sentido, oferece significação ao choro e produz uma resposta a esse chamamento, apaziguando a tensão sofrida pela criança. Ainda de acordo com Freud, a relação entre a tensão e esta situação produz um traço mnêmico desta experiência de satisfação.

---

<sup>55</sup> No original: “*Comment s’établit le rapport du sujet à la demande et au désir de l’Autre alors que la voix par le biais de laquelle s’articule cette demande n’est plus entendue ?*” (p. 77)

Com Lacan, avançamos quando ele afirma que "as necessidades estão subordinadas às mesmas condições convencionais que são as do significante" (Lacan, 1958-59, p.19) Ademais, ele completa que "a demanda do sujeito é, ao mesmo tempo, profundamente modificada pelo fato de que a necessidade deve passar pelos desfiles do significante" (Lacan, 1958-59, p.19). Ou seja, "a passagem da necessidade à demanda é determinada pela efetividade da máquina significante" (Rengifo, 2008, p.77) Portanto, compreendemos disto que o choro da criança é tomado pela mãe e interpretado de tal modo que este choro assume um *status* diferenciado, se tornando um significante. Afinal, o choro se tornou algo para alguém e a resposta da mãe manifesta na voz, volta para a criança. Esta voz, no caso de mães ouvintes se ancora na sonoridade, mas no caso de mães surdas, se ancora na gestualidade. No caso de famílias surdas, não é o som do choro que é tomado como significante, mas as expressões do choro que a criança manifesta. Temos aí a gestualidade tomada como significante.

Esta relação original é um ponto de fundação de sujeito, uma vez que abre o elo que permite trocas simbólicas entre o sujeito e o Outro, entre a invocação e a resposta. O choro da criança, a demanda, torna-se uma voz, desde que seja interpretada por um Outro como tal, portando uma significação que evoca o Outro que, em sua resposta de interpretação do choro, imprime essas marcas no sujeito a partir do que enuncia e age.

Afinal, a recepção do grito da criança, ou seja, o acolhimento deste apelo por um sujeito, que investe libinalmente atenção a isso, faz com que a expressão da criança, pelo grito – seja o som ou as expressões faciais- tornem-se 'uma voz', pelo significado atribuído pelo Outro; tal operação inscreve o sujeito na ordem da linguagem. Em vista disso, a criança pode surgir como um sujeito que assume um lugar na estrutura do significante. O desejo do sujeito estará sempre em uma relação de dependência com o desejo do Outro, na medida em que o sujeito perguntará ao Outro o que deve ser desejado, ou melhor, o que ele quer: "o que você quer?"

Deste modo reconhecemos que no circuito pulsional, a voz é fundamental pois é através dela que passam as solicitações do sujeito ao Outro e as respostas oriundas do Outro. No caso de crianças surdas com pais ouvintes, como já abordado, a questão se coloca na (im)possibilidade de acessar essa voz do Outro. Contudo, como também já discutido, não devemos considerar a pulsão invocante apenas e tão somente em sua manifestação sonora. Afinal, a voz pode estar presente na gestualidade (conforme já discutido no primeiro capítulo desta tese com a apresentação dos vídeos com bebês surdos que são afetados pelas Línguas de Sinais). Até porque, para Lacan o objeto voz é também um objeto para sempre perdido e, por isso, não se relaciona apenas em sonoridade.

Destacamos o Seminário *A Angústia* (1962-63), no qual Lacan dedica sobre os efeitos da voz e sua presença enquanto objeto *a*, na constituição do sujeito. Neste momento de seu ensino ele dedica à explanação desta formulação inserindo o objeto voz e o objeto olhar na lista de objetos pulsionais estabelecidos por Freud: objeto oral (seio), anal (fezes) e fálico (falo). Neste momento destacamos o que Lacan situa sobre o objeto voz. Para tanto, Lacan faz uso de um elemento tradicional da cultura judaica, o *shofar*. Este, enquanto um instrumento musical feito a partir do chifre de carneiro está presente em cerimônias ritualísticas e produz um som que rememora a crença de um pacto realizado entre o povo judeu e seu Deus. Lacan afirma que os sons produzidos por este instrumento são inquietantes e provocam emoções inusitadas em quem os ouve (Lacan, 1962-63). Ao tratar por este instrumento Lacan aproxima o som produzido pelo *shofar* à ação evocativa que seria correlata à voz divina sendo que tal relação refere-se a dimensão do Outro. Nesta perspectiva mais do que uma materialidade específica desta voz, importa o que o sujeito recebe do Outro, ou seja, o que se destacada da enunciação – enquanto objeto *a*.

Tanto que a materialidade não é um ponto essencial que é neste momento, na lição de 05 de junho de 1963 que o psicanalista apresenta a citação referente à surdocega Helen Keller. Ele afirma que “a linguagem não é vocalização. Vejam os surdos” (p. 299).

Neste sentido, destacamos o efeito de chamamento oriundo nesta articulação do objeto voz. O *infans* está imerso em um universo simbólico sendo capturado pela linguagem do Outro que atribui significação ao corpo do bebê. Este, marcado pelos significantes sonoros ou gestuais que recebe, pode alienar-se ou não ao campo do Outro.

Neste sentido ainda, a voz para Lacan é incorporada na medida que advém do Outro. Podemos trazer em cena o momento pelo qual a mãe fala para seu bebê e inunda seu corpo com significantes que mesmo não sendo compreendido gramaticalmente pelo *infans*, é embalado na musicalidade, na sonoridade. A mãe, supõe o *infans* como um sujeito que tem algo a dizer sustentando aí uma suposição de desejo, i.e., uma suposição de uma alteridade.

Ainda neste processo, é necessário que a vocalização como objeto caia, se destaque para que algo de enigmático se sustente e a partir de então seja tomada em sua dimensão de laço com o Outro. É necessário que haja um “ponto surdo” (Vives, 2009) a fim de que o sujeito possa dispor de sua própria voz sem permanecer saturado pela voz do Outro. Enquanto objeto *a*, a voz é compreendida em sua função lógica, sendo, portanto, áfona. Ou seja, um conceito operativo que se refere à experiência subjetiva de ser acometido pela pulsão invocante. Neste ponto, a voz não é representada pela sonoridade física, ou pela materialidade gestual, mas

enquanto objeto *a*, que se extrai. Para tanto, conforme esclarece Vives (2009), a materialidade é velada pelo trabalho de significação, ou seja “a palavra faz calar a voz” (Vives, 2009, p. 335).

Por fim, concordamos com Rengifo (2008) ao afirmar que

Se o desejo do sujeito está alicerçado no desejo do Outro, esse desejo se manifesta na voz. A voz não é apenas o objeto causal, mas o instrumento onde o desejo do Outro se manifesta. Este termo é perfeitamente coerente e constitui, se assim posso dizer, o ápice em relação às duas direções demanda, seja para o Outro ou vindo do Outro<sup>56</sup> (p.83).

Afinal, o que podemos considerar é que o problema não está na ausência da sonoridade na constituição subjetiva da pessoa surda, mas na ausência da operação de demanda e desejo, na qual o sujeito, através do simbólico, se ata ao campo do Outro. A ausência da pulsão invocante, seja através de uma língua oral ou de sinais é o ponto central. Não é o som em si, mas a ausência deste investimento libidinal que pode acarretar prejuízos na constituição de qualquer sujeito, seja ele surdo ou não. Afinal, o vazio que pode advir pela impossibilidade de ouvir a voz do outro, seja ela articulada sonoramente ou gestualmente pressupõe um vazio de resposta à esse pedido. (Rengifo, 2008)

Assim, o viés se expande da sonoridade para o efeito da operação. Novos desdobramentos podem e devem ser investigados com novas pesquisas acerca das especificidades oriundas de uma operação calcada na gestualidade, contudo nosso esforço se concentra em abrir essas discussões demonstrando a viabilidade da teoria no acolhimento deste fenômeno das línguas de sinais.

## 2.4. Efeitos terapêuticos

Nesta sessão, apresentaremos uma hipótese que se consolidou ao longo da escrita desta tese e se colocou como um ponto necessário de reflexão neste momento: a possibilidade de tomarmos a orientação e aplicação da teoria psicanalítica no atendimento das pessoas surdas falantes de Libras a partir dos efeitos terapêuticos. Tal perspectiva nos oferece uma base

---

<sup>56</sup> No original: *Si le désir du sujet se fonde dans le désir de l'Autre, ce désir se manifeste au niveau de la voix. La voix n'est pas seulement l'objet causal, mais l'instrument où se manifeste le désir de l'Autre. Ce terme est parfaitement cohérent et constituant, si je puis dire, le point sommet par rapport aux deux sens de la demande, soit à l'Autre, soit venant de l'Autre* (p.83).

conceitual com a qual podemos sustentar nosso trabalho de atendimento dos casos clínicos de pessoas surdas.

Deste modo, propomos apresentar um panorama desta discussão teórica, entendendo que, justamente com o trabalho desta tese, pretendemos oferecer uma base de discussão sobre o modo pelo qual a psicanálise pode contribuir como neste campo que chamamos a atenção, dos atendimentos psicanalíticos de pessoas surdas falantes de Libras. Sabemos que um trabalho de tese não esgota os diversos pontos da teoria analítica e que novas investigações são necessárias. Contudo, podemos nos servir desta elaboração sobre os efeitos terapêuticos, de modo que este seja, por hora, uma base teórica na orientação de casos com pessoas surdas e que faça frente no direcionamento de uma prática clínica. Esta tese se insere em outras pesquisas que, ao longo do tempo, poderão apresentar referências para consolidar nossa aposta na argumentação de uma psicanálise com pessoas surdas falantes de Libras.

Neste sentido, o que podemos apresentar de antemão nesta pesquisa é o fato de que as pessoas surdas podem se valer do dispositivo da análise neste contexto de efeitos terapêuticos. A vastidão da teoria psicanalítica oferece subsídios com os quais podemos nos servir na condução de nosso trabalho clínico, mas consideramos precoce afirmar que a pessoa surda se sirva da análise de modo integral. Afinal, o que temos demonstrado é que determinados pontos da teoria psicanalítica oferecem condição de leitura e reconhecimento das formações do inconsciente nas narrativas em Libras de pessoas surdas.

Mas não desconsideramos que novos avanços são necessários. Outros pontos teóricos precisam ser atravessados de modo a demonstrar a solidez de trabalho analítico com pessoas surdas para assim, na medida do possível, afirmar que as pessoas surdas também podem se valer do dispositivo da análise em sua totalidade. Neste ponto, nos servimos da discussão acerca da psicanálise aplicada *versus* psicanálise pura.

De início podemos considerar que a argumentação sobre uma psicanálise aplicada deve ser reconhecida como o uso deste campo teórico “para enxergar os fenômenos humanos de qualquer natureza.” (Kobori, 2013, p. 74) Isto é, o uso que podemos fazer do método psicanalítico na leitura dos fenômenos humanos, e no nosso caso, dos fenômenos subjetivos que as pessoas surdas apresentam nos atendimentos clínicos. Neste sentido, nos valem da psicanálise, sua teoria e seu método, para lermos os modos com o quais os sujeitos se apresentam.

A discussão sobre a psicanálise aplicada se apresenta principalmente pela reflexão da aplicação da teoria em novos espaços, como em instituições de tratamento. Mas este modo de uso da psicanálise não se coloca como algo inédito.

O próprio Freud, em seu texto *Linhas de Progresso na terapia psicanalítica* (1918/2006) já apontava que é preciso debruçar na “tarefa de adaptar a nossa técnica às novas condições” (1996, p.181). E podemos, inclusive, citar que para além da prática da psicanálise nos consultórios o trabalho que acontece dentro de instituições, das mais diversas. No contexto atual, alguns desafios se colocam por exemplo, em pleno ano de 2020 vivenciamos a pandemia do coronavírus, em que os atendimentos psicanalíticos foram obrigados a acontecer na modalidade *on-line*. Esse tipo de modificação, exigiu novas reflexões acerca deste novo saber-fazer na clínica. Nesta esteira, diante de desafios que se apresentam, consideramos os atendimentos com pessoas surdas também uma condição nova que se apresenta e tal como dito por Freud, nos impõe a tarefa de adaptar a técnica.

Contudo, ainda sob a orientação de Freud (1918) no mesmo texto, ele alerta para que não haja uma ação tendenciosa do uso da psicanálise, e por quê não dizer, um uso irresponsável de sua teoria. Em suas palavras,

No entanto, qualquer que seja a forma que essa psicoterapia para o povo possa assumir, quaisquer que sejam os elementos dos quais se componha, os seus ingredientes mais efetivos e mais importantes continuarão a ser, certamente, aqueles tomados à psicanálise estrita e não tendenciosa (p.181).

Neste sentido, mantemos nossa preocupação na formulação de uma tese que se mantenham na esteira das proposições freudianas e também lacanianas que permitam ampliarmos a argumentação quanto a análise do fenômeno proposto sem nos desviarmos dos princípios balizares da psicanálise. Em outros textos tais como *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica* (1910/1996) e *Conferência XXXIV – Explicações, aplicações e orientações* (1932/1996) vemos Freud atento ao futuro da psicanálise e aplicabilidade fora de sua proposta original. E neste sentido, ele demonstra as possibilidades “os benefícios que o avanço da aplicabilidade da psicanálise poderia proporcionar em pessoas na condição de desamparo intenso, para a massa da população e camadas sociais em condições de alta vulnerabilidade, indicando ainda que o progresso da teoria psicanalítica faria surgir instituições onde o analista estaria presente em sua prática clínica.” (Abreu, 2009, s/n0)

Também nos servimos da discussão que Miller (2017) apresenta em seu texto *Psicanálise pura, psicanálise aplicada e psicoterapia*. O autor propõe refletir acerca da

distinção destes três conceitos destacando que a uma prática orientada pela psicanálise deve sempre levar em consideração um uso teórico “exigente com relação à sua identidade psicanalítica” (p.3). Neste texto, Miller toma como referência o que é chamado de último ensino de Lacan, momento no qual o psicanalista dedica sua contribuição teórica acerca da reflexão da dimensão do real na constituição do sujeito e na condução da análise. Neste contexto, Miller realiza um percurso acerca da diferença de psicanálise e psicoterapias tomando como referência central o início do texto *Televisão (1973)* no qual Lacan produz uma resposta sobre esta indagação da diferença entre psicanálise e as demais terapias. Em sua resposta Lacan afirma que as psicoterapias se localizam no campo do sentido, na dimensão da compreensão e com isto a fala escamoteia o inconsciente. Já a psicanálise, inversa às psicoterapias, toma o discurso ao avesso não se sustentando pela via do ideal, como por exemplo, um ideal de conduta ou ajustamento social. Sendo contrário ao sentido, visa a fantasia e gozo, dirigindo-se ao real.

Miller (2017), em seu texto apresenta uma argumentação interessante ao se valer do grafo do desejo que Lacan trabalha no texto “Subversão do sujeito e a dialética do desejo” (1960/1998), no qual ele (Miller), localiza as psicoterapias no primeiro andar do grafo – andar da significação – e a psicanálise no segundo andar – andar superior com a marca do desejo do analista que situa a causa do desejo diante da castração (Miller, 2017).

Neste contexto ele apresenta a seguinte proposta de definição para os conceitos de psicanálise pura e aplicada, a saber: a “psicanálise pura — tentemos isso — é a psicanálise na medida em que ela conduz ao passe do sujeito. É a psicanálise que se conclui pelo passe” (p.26) e a “psicanálise aplicada é a psicanálise que concerne ao sintoma, a psicanálise enquanto aplicada ao sintoma” (p.27).

Neste sentido, a primeira ocupa-se da formação do analista no que seria a doutrina da psicanálise, conduzindo ao seu fim a partir do desejo de torna-se analista. De acordo com Abreu (2009), “visa ao estudo e à pesquisa dos conceitos psicanalíticos, à supervisão dos analistas em formação e à crítica interna de sua práxis. Mais que uma terapêutica, a psicanálise pura é da ordem de um engajamento na responsabilidade que a função de analista comporta, psicanálise em intenção” (s/n).

Já a psicanálise aplicada é tida como diretamente relacionada a terapêutica que toma “como princípio que a existência de uma experiência psicanalítica não depende de duração, de lugar ou de ritual pré-estabelecido, senão da operação do analista com a palavra sobre o gozo, de modo que o enquadre é posto a serviço da análise, e não o contrário” (Gueguen, 2003 citado por Machado e Aguiar, 2016, p. 219).

Em seu texto *Ato de fundação da Escola*, Lacan (1964) apresenta a psicanálise em algumas seções sendo a psicanálise pura referente à “Psicanálise didática” (Lacan, 2003a, p. 236) afirmando, “não sendo a Psicanálise pura, em si mesma, uma técnica terapêutica.” (Lacan, 2003a). Já a sessão da psicanálise aplicada relaciona-se diretamente com a clínica e terapêutica. Com a leitura do texto *Proposição de 9 de outubro de 1967* é possível trabalharmos com as seguintes nomenclaturas a saber, psicanálise em intensão (referente à psicanálise pura) e em extensão (referente à psicanálise aplicada).

Complementamos com o que Laurent (1999) fala em seu texto, *O analista cidadão*,

Os analistas têm que passar da posição de analista como especialista da desidentificação à de analista cidadão. Um analista cidadão no sentido que tem esse termo na teoria moderna da democracia. Os analistas precisam entender que há uma comunidade de interesses entre o discurso analítico e a democracia, mas entendê-lo de verdade! Há que se passar do analista fechado em sua reserva, crítico, a um analista que participa; um analista sensível às formas de segregação; um analista capaz de entender qual foi sua função e qual lhe corresponde agora. (p.08)

Ou seja, um analista que está atento às novas demandas sociais, aos novos modos de gozo que se presentificam de diversas maneiras na atualidade. Em nosso contexto, nos tornando abertos ao recebermos pessoas surdas que trazem seu sofrimento e buscam um tratamento possível.

Neste sentido, o que interessa ao campo da psicanálise são os modos de resposta que o sujeito constrói frente ao real. Diante da impossibilidade de se consolidar um saber sobre o real, cabe a cada sujeito localizar a verdade, que é não-toda (Lacan, 1973), em sua própria singularidade.

Assim, compreendemos que operar com a psicanálise, em uma perspectiva da psicanálise aplicada, é uma prática que conduz ao inconsciente cuja referência pode conduzir a efeitos terapêuticos como por exemplo, um certo apaziguamento do gozo ao qual o sujeito é confrontado e mobilizado em uma posição de queixa um sintoma. Isto é, como cada sujeito “se vira com o real”. Afinal, não podemos afirmar que exista um efeito terapêutico comum a todos. É o sujeito que diz se houve ou não feito terapêutico. É necessário verificar o que seja terapêutico em cada caso, no singular de cada um.

Deste modo, sem aprofundarmos muito nesta questão uma vez que não é objetivo desta tese, reconhecemos que a concepção de psicanálise aplicada é uma noção que pode contribuir na leitura da nossa prática de nos orientarmos pela psicanálise na condução dos atendimentos

com pessoas surdas. O que significa, tal qual orientado por Lacan, a condução pela interpretação da transferência. Compreendo que este se coloca como motor de uma análise e a interpretação enquanto fazer com que o sujeito elabore suas próprias questões.

## 2.5. Casuística

Vale ressaltar que no campo da psicanálise a discussão sobre o tema da pesquisa científica contribui com a seguinte reflexão: como fazer pesquisa em psicanálise diante da particularidade tríplice de seu campo enquanto: clínica, teoria e investigação? Ademais, este tripé, enquanto sustentação de uma prática clínica, deve ser também o horizonte de todos aqueles que se propõem a assumir uma postura investigativa, como em uma pesquisa de pós-graduação? Compreendemos que sim. Afinal, espera-se que a produção da pesquisa ofereça ao seu término um ponto de visada que contribua direta ou indiretamente nesta articulação *clínica-teórica-investigativa*. Neste sentido, faremos alguns comentários metodológicos antes de indicamos a casuística que escolhemos neste trabalho.

Enquanto autores devemos assumir os riscos e as conquistas de contornar o objeto delimitado e, com isso, propor uma nova compreensão acerca do fenômeno proposto: a constituição subjetiva e sua relação com a sonoridade. Mais especificamente, uma leitura sobre este objeto que questione a exclusividade desta dimensão fônica na constituição e funcionamento do inconsciente e, assim, a possível aproximação com as Línguas de Sinais.

Diante da definição deste objeto de pesquisa, fica evidente a filiação ao campo da psicanálise e, conseqüentemente, a seus pressupostos teóricos. O principal deles: a crença no inconsciente e nos procedimentos necessários de sua investigação.

Concordamos com Coan (1994) ao afirmar que

A característica essencial que singulariza o pesquisador psicanalítico é o campo, o objeto e o método de sua pesquisa. Este campo é o inconsciente. O objeto é o enfoque ou perspectiva a partir de uma posição em que é colocado o pesquisador psicanalítico, a fim de aceder ao inconsciente. O método é o procedimento pelo qual ele se movimenta pelas vias ou perspectivas de acesso ao inconsciente (Coan, 1994, citado por Moreira, 2010, p. 150)

Reconhecemos que Freud esteve sempre dedicado à sua clínica e também preocupado com o método científico, uma vez que ele se via empenhado na constante (re)afirmação de suas

descobertas. Diante de suas formulações sobre o inconsciente e da necessidade de consolidar um campo, ele se empenhou na reflexão e descrição de seu método.

Em seu texto *Dois verbetes de enciclopédia*, Freud (1923/2006) apresenta uma das definições a respeito da psicanálise, a saber:

Psicanálise é o nome de (1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qual outro modo, (2) um método (baseado nesta investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica (p.247)

Encontramos ao longo de sua obra, outras orientações acerca dos procedimentos técnicos. Em textos como *O método psicanalítico de Freud* (1904/2006), *sobre a psicoterapia* (1905/2006), *Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I* (1913/2006), *A questão da análise leiga* (1926/2006), entre outros, vemos um sujeito persistente em confirmar o caráter científico de sua prática clínica e esclarecer sobre seu método de tratamento do inconsciente.

Como exemplo clássico desta preocupação de Freud (1915/2006), temos na parte inicial do texto *A pulsão e suas vicissitudes*, sua concepção de procedimento científico, a saber “o verdadeiro início da atividade científica consiste antes na descrição dos fenômenos, passando então a seu agrupamento, sua classificação e sua correlação”. (p.123).

Um ponto de destaque em sua obra também pode ser visto em seus trabalhos sobre a metapsicologia, do qual Matos *et al.* (2008) afirmam que “Freud, com o termo metapsicologia, determinou os conceitos fundamentais, bem como demarcou um novo campo de experiência, introduzido tanto pela hipótese do inconsciente como pelo procedimento clínico da associação livre (p.135). O ponto chave de tal dedicação de Freud à escrita se deve ao fato de sua descoberta, o inconsciente enquanto “conceito que traça a especificidade do sujeito da psicanálise.” (Matos, *et al.*, 2008, p. 135) Mas se foi Freud quem criou a psicanálise, “inaugurando um novo método para pensar a realidade humana” (Nogueira, 1997, citato por Checchia, 2004), foi Lacan

quem se esforçou para situá-la epistemologicamente, como em "Função e Campo da Fala e da Linguagem na Psicanálise", texto no qual ele aponta o símbolo e a linguagem como fundamento e limite da psicanálise. Assim, enquanto Freud inaugurou um método novo, Lacan pretendeu constituir a psicanálise como uma ciência nova, respeitando a originalidade de Freud (Checchia, 2004, p. 328).

Temos então, com Lacan, a busca da formalização epistemológica do campo da psicanálise inaugurado por Freud.

É deste ponto que fundamentamos nossa pesquisa: do sujeito do inconsciente. Pela psicanálise, sabe-se que o sujeito não é um *ente*, mas um efeito. Entendemos a partir de Freud e avançamos com os ensinamentos de Lacan que o sujeito é na verdade um dos nomes, uma versão, do desejo inconsciente (Cabas, 2010). A psicanálise derruba os muros da racionalidade, desnudando o que mais íntimo o sujeito pode ser: “ser o que não sabia que era” (*idem*). E neste sentido, permitir que a verdade, verdade do inconsciente, se manifeste.

É sobre a verdade que incide a experiência analítica, a verdade da fantasia, do mito individual onde, juntos, saber e verdade apontam para a dimensão da realidade psíquica. Uma vez que a ciência exclui o particular, a dimensão de ficção em que se constitui o sujeito, isto acaba por levar Lacan a dizer que é preciso "reintroduzir na consideração científica o Nome-do-Pai" (Lacan, Op. cit., p. 889), o que significa dizer: reintroduzir o mito, a ficção, o valor de verdade da fantasia, o que foi excluído pela ciência (Almeida, 2003, p.21).

A ficção que é do sujeito, ou seja, a verdade do sujeito do inconsciente, está outrora, excluído pela ciência.

O sujeito do inconsciente para Lacan é efeito dessa exclusão. Se é efeito, podemos deduzir que uma vez *foraclusido*<sup>57</sup>, ele retorna no real, retorna pelas mãos de Freud – mais precisamente, pelas mãos das suas históricas, ou seja: pelo desejo da histórica. É este desejo que vai conduzi-lo à verdade do inconsciente. Freud percebe que há alguma coisa ali que busca expressar-se. O sintoma histérico parece apontar para o que a mulher deseja buscar como reconhecimento da diferença sexual. Quanto ao sintoma, diz Freud: é "o resultado de um conflito que surge em virtude de um novo método de satisfação" (Freud, 1917 [1916-1917], p. 419). Assim, se a mulher não pode existir de direito, pode existir através do seu desejo. (Almeida, 2003, p.24)

---

<sup>57</sup> Este termo é uma variação da noção de *foraclusão*, cunhada por Lacan. É a tradução em português do termo *forclusion* que foi escolhido por Lacan como tradução do termo freudiano *Verwerfung* ao ser usado para mencionar um possível processo de defesa no mecanismo de estruturação psíquica. Freud utilizava esta palavra para definir a ação de rejeição, de barreira e Lacan toma este termo como base da estrutura psicótica indicando como seu mecanismo de defesa. Lacan afirma que este termo representa a ausência do significante Nome-do-Pai na cadeia significante e no lugar do Outro. Para mais detalhes, consultar o trabalho de Barbosa (2019).

É deste campo que nos questionamos o que vem a ser o fazer ciência pela psicanálise. Reconhecemos com Moreira (2010) as várias possibilidades de se fazer pesquisa(s) em psicanálise, uma vez que essas podem ser “ser teóricas, contemplando a articulação entre conceitos no interior dos textos psicanalíticos, estudo de caso, construção de caso clínico, ou se fundamentando em conceitos da psicanálise para pensar fenômenos sociais e outros tipos” (p.147).

Assim, consideramos que além de reconhecer os fenômenos do inconsciente, a pesquisa em psicanálise está orientada por uma prática “que se assenta sobre procedimentos investigativos dos processos mentais inconscientes” no qual “cada analista é um pesquisador da psique humana” (Moreira, 2010, p.147). Assim, uma pesquisa que se propõe a se sustentar no campo da psicanálise deve levar em consideração as manifestações inconscientes e mais ainda, os procedimentos necessários de identificação e operação advindos desta crença. Para tanto, o fazer pesquisa em psicanálise

deve manter suas especificidades [da psicanálise] mas também precisa apresentar claramente os conceitos com os quais opera, enunciar as questões que visa elucidar, o material da pesquisa, as condições de obtenção do material - operações, instrumentos e procedimentos adotados -, além da indicação dos passos da análise desse material e da formulação das conclusões da pesquisa. (Lowenkron, 2006, p.184)

Mas não devemos nos esquecer que o campo da psicanálise é o campo que lida com o *real*, e que a pesquisa necessariamente tem que se valer com isto, com esta dimensão do que não pode ser simbolizado. Esta dimensão de *real* é reconhecida pela própria definição de inconsciente como aquilo que escapa à significação, i.e., como aquilo que não pode ser apreendido. Miller (2012) afirma que

É isso que Lacan chamou de real, dito de outra forma, a realidade como experiência do impossível de dizer. Concedamos-lhe que o real é o impossível. Quando o discurso vacila, não pode ir adiante, encontra-se algo como um não há [...], portanto, o real psicanalítico não é a realidade, tal como ela é geralmente entendida. O real em psicanálise, o real traumático depende da lógica do discurso. Esse último delimita, cerne o real com todos os seus impasses. O real não é uma coisa em si, tampouco constitui uma totalidade. Existem pedaços de real, aos quais temos acesso numa análise (Miller, 2012, p. 29)

Por fim, com concordamos com Matos *et al.* (2008) ao afirmarem que

O que pretendemos demonstrar é que não podemos de modo algum, em uma pesquisa psicanalítica, descuidar da abordagem dos conceitos fundamentais, pois será em função das vias que eles traçarão no real que poderemos pensar, tanto a ordem de problemas de pesquisa e extensão pertinentes à psicanálise, quanto a direção do tratamento que se espera de um psicanalista. (p.135)

Nesta tese trabalhamos com a metodologia de estudo de caso que se justifica primeiramente, na compreensão de que tal estratégia produz interrogações sobre método analítico e conseqüentemente, este método analítico também interroga o caso e que ambos são formas de abordagem do real da clínica (Vorcaro, 2010). Além disso, o “essencial na abordagem do caso clínico na pesquisa em psicanálise é a função de exponenciar o saber adquirido com os ensinamentos do caso, tornando-o capaz de interrogar, reformular, distinguir ou ultrapassar o que já foi explicitado pela generalização teórica psicanalítica” (Vorcaro, 2010, p.14).

Reconhecemos nesta proposta metodológica um motor que pode movimentar a teoria e com isto contribuir na articulação de novos saberes que, como o próprio Freud (1923) reconhece, numa produção “que gradualmente se acumula” (p.247).

Outro ponto fundamental é de se reconhecer que não é apenas o caso clínico em si mesmo que define seu uso na pesquisa, mas ao “encontro que a clínica promove” (Vorcaro, 2010, p.12). A construção do caso envolve, necessariamente, um movimento de escrita, cujo enredo se sustenta no que há de mais singular da clínica, afinal esta “literalidade da narrativa escrita é cara à psicanálise porque o que o analista grafava e apagava da clínica é o que concebe como relevante ou desnecessário, evidenciando que seu ato de escrever está regulado pela responsabilização quanto ao seu ato clínico” (Vorcaro, 2010, p.16).

Isto é, no que o caso desperta no analista e o implica numa construção que recolhe o que de mais essencial ou de mais obscuro lhe permite tecer uma narrativa. Assim, a construção de um caso clínico, implica em um ponto de interrogação da teoria na perspectiva de singularizar o caso em questão reconhecendo que o caso é o início desses questionamentos e não uma ilustração ou comprovação teórica. Compreendemos com Vorcaro (2010):

Daí a função da narrativa: só o encadeamento significativo permite ler, no escrito, a constrição real, ou seja, a singularidade do caso que não é nem apenas da estrutura do paciente nem de suas manifestações sintomáticas, mas refere-se ao encontro desencontrado do sujeito com o analista. Por mais que se queira um exercício de saber, a escrita do caso mostra que o analista está submetido à clínica, sendo falado pelo seu escrito muito mais do que saberia dizer. Daí a função da escrita da clínica psicanalítica: interrogar o que ela tem de imaginário e de aleatório para, ao reduzir a montagem

consistente que adquire, surpreender, testemunhar e transmitir o singular do sujeito e do ato psicanalítico. A função do caso clínico na pesquisa em psicanálise não é demonstrativa nem exemplar. Mostrando a oposição entre método psicanalítico e método científico, o caso clínico tem por função problematizar a generalização necessária à teoria, explodindo a imaginarização de universalidade da teoria sempre avessa à presença do singular surpreendente implicado no inconsciente. (Vorcaro, 2010, p.17)

Também concordamos com Iribarry (2003), citado por Moreira (2010) quando que afirma que

Também fragmentos ou versões integrais de sessões clínicas transcritas podem ser dados para uma pesquisa psicanalítica. Histórias clínicas, biografias e autobiografias literárias, bem como obras de arte (cinema, pintura, fotografia, escultura, literatura, etc.) podem servir ao pesquisador psicanalítico. A coleta pode ainda utilizar-se de material clínico propriamente dito. [...] O mais importante é que o pesquisador transforme sempre seu dado em texto. (Moreira, 2010, p.149)

A segunda questão, para além da função que o caso estabelece na pesquisa, é o recolhimento de referências em alguns trechos dos textos freudiano e lacaniano sobre pessoas surdas e pessoas surdocegas<sup>58</sup>. Tais citações<sup>59</sup> representam o ponto de abertura no qual nos enveredamos nesta pesquisa. Assim, a partir dos pontos que Freud e Lacan apenas colocam em discussão, assumimos o trabalho de desdobrar o que desses pontos pode ser extraído favorecendo novas articulações teóricas. Lacan, em um trecho do seminário *A angústia* (1962), faz referência à surdocega Helen Keller e no final de uma conferência transcrita no texto *Conferência em Genebra sobre o sintoma* (1975), faz referência as pessoas surdas. Freud, também tem uma referência no seu texto *O Ego e o Id* (1923/2006) sobre pessoas surdas. Lacan, faz referência a ela em uma reflexão na qual afirma que há “outras vias” de apreensão da mensagem que vem do grande Outro sem ser pela via da oralidade. No texto de 1975 ele apenas

---

<sup>58</sup> De acordo com Pacco & Silva (2015) existe uma preocupação dos estudos acadêmicos deste tema em apresentar os indivíduos que apresentam surdez e cegueira enquanto surdocegos, escritos de forma junta sem o hífen para indicar uma deficiência específica e não como a soma da surdez e da cegueira. Desta forma, optamos por apresentar o termo também escrito de forma conjunta ao designar a condição de Helen Keller. É relevante considerar que uma marca deste grupo é a heterogeneidade uma vez que existem níveis e graus diferentes de perda em ambos os sentidos. Assim, os indivíduos surdocegos apresentam prejuízos nas áreas de comunicação, informação e mobilidade.

<sup>59</sup> Os trechos recolhidos da obra de Freud e de Lacan foram apresentados e discutidos respectivamente nas páginas 60 e 70 desta tese.

referência o caso dos “surdos-mudos<sup>60</sup>” no contexto de discussão sobre uma predisposição ao significante que justificaria a existência desta forma de linguagem pelos dedos. Já Freud, no texto 1923 faz referência também aos “surdos-mudos” ao discutir a primazia da percepção oral no psiquismo, mas aponta os surdos que teriam uma outra via de acesso.

Entendemos como necessário a apresentação dos casos em sua particularidade enunciativa, ou seja, a fala literal dos sujeitos surdos inserida neste trabalho. Deste modo, nos permitimos interrogar, na especificidade dos casos, a literalidade gestual com qual esses sujeitos se apresentam. E diante desses questionamentos, compreendemos que a leitura dos fundamentos conceituais deve ser realizada de forma investigativa e orientada.

A escolha de fragmentos de casos clínicos de pessoas surdas falantes de Libras se sustenta mediante duas considerações: a primeira, a ausência de registros em Língua de Sinais de fragmentos de casos clínicos em outras pesquisas. Autores como Solé (2005), Halabe (2018), Pereira (2016) trazem alguns relatos de pessoas surdas, mas privilegiam a transmissão do caso em língua portuguesa, ou seja, apresentam a tradução da fala que originalmente foi enunciada em Libras. Diante disto, consideramos a necessidade de que o enunciado em LS estejam presentes na tese, i.e., que sejam materializados nas páginas que serão lidas. Mesmo que tais enunciados sejam acompanhados pela tradução possível para que os leitores que desconhecem LS possam ter acesso ao discurso, o ponto principal é verificar a possibilidade de leitura dos efeitos de significação nesta modalidade de língua. Como já dito, tanto Lacan (1962/62 e 1975), como Freud (1923/2006) fazem referência em momentos pontuais de seus textos sobre as pessoas surdas. Contudo, conforme já apresentado, eles apenas fazem essas referências de modo paralelo às discussões, mas sem incluí-los de forma mais pormenorizada. Por isso, nos autorizamos a assumir este desafio. Desta abertura nas quais eles nos apontam, assumimos a direção de seguir no horizonte que temos em frente. Assim, selecionaremos fragmentos de casos, que estão em atendimento, diante da escassez de material clínico de casos já finalizados, para conduzir esta pesquisa.

---

<sup>60</sup> Vale ressaltar que atualmente a terminologia utilizada para designar estas pessoas é **surdo** e não **surdo-mudo** conforme visto em alguns trabalhos, inclusive nos textos de Freud e Lacan que utilizamos neste projeto. Concordamos com Sacks (2010) ao afirmar que “o velho termo ‘surdo-mudo’ implica uma suposta inadequidade dos que nascem surdos para falar. Obviamente, os natissurdos são perfeitamente capazes de falar, possuem aparelho fonador idêntico aos demais, o que lhe falta é a capacidade de ouvir a própria fala e, portanto, de monitorar com o ouvido o som de sua voz. Assim, sua fala pode ser anormal na amplitude e no tom, com a omissão de muitas consoantes e outros sons da fala, às vezes ao ponto de ser ininteligível. Como os surdos não conseguem monitorar sua fala usando o ouvido, têm de aprender a monitorá-la usando outros sentidos – visão, tato, senso de vibração e cinestesia.” (p.144)

A clínica psicanalítica nos desafia. Nos faz rever os fundamentos teóricos com os quais escolhemos trabalhar. Isto nos permite um movimento constante de pesquisa e de investigação em que cada caso se apresenta de forma única e singular.

Afinal,

Se a psicanálise é uma teoria da clínica, e se a clínica, por sua vez, a força a pensar a sua teoria, introduzindo novos problemas e conceitos, não podemos, por outro lado, nos esquecer da orientação traçada por Freud: a clínica é sempre a clínica de um ser falante. Somente assim podemos avaliar se essas novidades trazem realmente impasses à psicanálise ou se são afirmações de outros discursos que pretendem limitar, mais uma vez, o seu alcance (Matos, et *al.*, 2008, p. 139)

Ainda concordamos com (Figueiredo, Nobre, & Vieira, 2001) ao afirmarem que

A proposta de pesquisa clínica em psicanálise é a de constituir um saber que não seja apenas sobre a psicanálise em seus fundamentos teóricos e sim, a partir da clínica psicanalítica (...) A própria junção entre teoria e prática só pode ser realizada no exercício permanente da clínica, onde os pressupostos teóricos que a fundamentam podem ser postos à prova (p.12).

Em psicanálise, o caso clínico sempre considera a lógica do singular, de modo a nos distanciarmos de classificações *standard*. Apesar do nosso esforço ao longo desta tese em trazer categorias universais, próprias de um trabalho acadêmico, reconhecemos que, pela própria psicanálise, o singular de cada caso é o que move nossa escuta e nossa condução clínica.

Assim, através desta interpolação metodológica apresentada, consideramos a possibilidade de realizar o investigativo proposto e assim, contribuir para o campo a partir das possíveis respostas a serem elaboradas diante da nossa pergunta de pesquisa. Portanto, faremos uma pausa no fio discursivo para introduzir alguns comentários metodológicos que consideramos oportunos para depois introduzimos nosso material clínico dos estudos de caso.

### **2.5.1. Fragmentos de caso**

A elaboração desta casuística se constituiu a partir da consideração de alguns fragmentos de atendimentos clínicos recolhidos das anotações e registros realizados pelo doutorando após os atendimentos clínicos. Tais fragmentos, contribuem na melhor discussão

que propomos nesta tese, uma vez que tais atendimentos também contribuem na inquietação teórica sobre o acolhimento que podemos realizar de pessoas surdas através da prática psicanalítica.

Os atendimentos de pessoas surdas aconteciam em língua de sinais e, por isto, foi considerado relevante que os registros também fossem realizados em Libras. Para tanto, cada atendimento era registrado em pequenos vídeos, com os quais era possível recolher os enunciados em Libras que serão apresentados aqui nesta tese.

A escolha destes fragmentos de caso se constitui enquanto estratégia metodológica para também compor esta tese no sentido de partirmos das provocações que eles nos incitam. Afinal, estamos diante de sujeitos que buscam apresentar sua queixa para alguém que se propõe a *escutá-los*. O saber-fazer com tal demanda se impõe para o analista que, diante das falas enunciadas em Libras se posiciona no sentido de “escutá-las”. Se propõe a escutar cada gesto que compõe um discurso no qual o olhar se atenta para o que do inconsciente pode se manifestar em cada gesto dito e por que não, algum *gesto não-dito*.

Decidimos pelo uso de fragmentos de caso uma vez que, foram momentos pontuais que mais se destacaram sobre as interrogações que trazemos nesta pesquisa. Além disto, o material recolhido é originado das anotações do próprio profissional/pesquisador que recolhe suas impressões e as registra após cada atendimento. Assim, os dados utilizados são dos próprios registros de elementos recolhidos após as sessões. Deste modo, não são relatos colhidos diretamente a partir de depoimentos dos pacientes, ou de gravações dos atendimentos.

Neste ponto, entendemos com Dalcin (2005) que a construção do caso clínico não se resume apenas ao trabalho de investigação de pesquisas acadêmicas, mas que se constitui como elemento fundamental da clínica. Assim, compreendemos que ela serve como um “dispositivo” no qual o analista pode avançar na compreensão e condução do tratamento. Neste ponto, os fragmentos dos casos aqui apresentados são acompanhados em supervisão clínica, cujos elementos em destaque serão apresentados ao longo desta tese.

Afinal a construção do caso, para além do seu relato, serve como dispositivo que traz elementos clínicos, noções e conceitos da teoria psicanalítica enquanto meio essencial de relação entre teoria e prática. Assim, nosso objetivo, mais do que o caso em si é destacar os elementos que nos permitem aproximar teoria e prática e deste modo, avançar em nossa pesquisa.

Para tanto, apresentaremos os fragmentos de três casos clínicos nesta sessão<sup>61</sup> além de nos servirmos da biografia de Helen Keller que mesmo não tendo o registro de que ela se submeteu a algum processo psicoterápico, sua biografia oferece elementos que podem enriquecer nossa discussão.

Antes de apresentarmos os fragmentos, vale esclarecer que os registros “gráficos” dos enunciados ocorreram a partir do registro em vídeo do arquivo pessoal do pesquisador. Como Libras é uma língua de modalidade espaço-visual, seu registro em vídeo necessariamente evidencia aqueles que a enunciam. Diante disto, solicitamos a reprodução das falas por uma colega que é intérprete de Libras. Desta forma, é possível ter acesso à fala do sujeito em sua forma original, em Libras, possibilitamos ao nosso leitor, a oportunidade de também “ler” os sinais através dos enunciados que serão apresentados neste projeto e posteriormente na tese.

Passemos aos casos.

### **Caso Wagner<sup>62</sup>**

Jovem surdo de vinte e poucos anos. Mora com a família, apesar de já usufruir de certa autonomia financeira, uma vez que ele ajuda com as despesas de casa. Busca atendimento por “se sentir confuso quanto ao que fazer de sua vida”. Apesar de já ter feito terapia uma outra vez, o profissional que o atendeu era ouvinte e não sabia Libras. Tal situação o deixou pouco confortável uma vez que os atendimentos eram realizados por escrito. Afirma que não pode aproveitar das sessões deste modo e ainda no início do tratamento o abandonou. Ao reconhecer que o profissional que o atendia no momento é fluente em Libras, se diz surpreso e satisfeito. Já no primeiro atendimento, sinaliza com intensidade como se precisasse esvaziar-se de suas preocupações.

Basicamente se questiona sobre si próprio afirmando estar “perdido no caminho”. Apresenta um conflito com sua própria sexualidade uma vez alguns de seus colegas afirmam que ele é *gay*. Mas ele não aceita tal nomeação dizendo que sente atração por mulheres, mesmo relatando apenas um único relacionamento com pouco tempo de duração. Também reconhece que tem dificuldade em cortejar mulheres e neste ponto se mostra infeliz com a própria imagem. Afirma que não se sente bonito. Sua queixa se concentra em sua autoimagem, insegurança de

---

<sup>61</sup> Apesar destes dois casos estarem descritos nesta próxima sessão, ao longo da tese faremos referências a outros fragmentos de outros casos de modo a articular nossa argumentação.

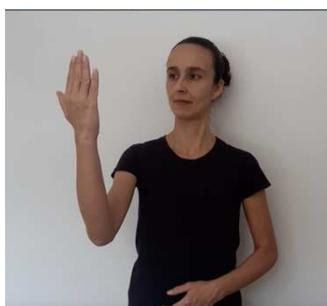
<sup>62</sup> Os nomes foram alterados para preservar a identidade.

se reconhecer quem é e de sustentar seu desejo. Destacaremos dois pontos, dois fragmentos para apresentarmos neste momento.

O primeiro ponto a se destacar é sobre esta questão de sua autoimagem: no início dos atendimentos sempre estava de boné, cobrindo uma calvície. Com o passar do tempo, durante os atendimentos, retira o boné dentro da sala. Chega um dia que ele passa a vir mais aos atendimentos sem o boné expondo a calvície que tanto o incomodava. Reconhecemos que tal mudança se sustenta em determinadas pontuações que foram acontecendo ao longo dos atendimentos, pelas quais Wagner questiona as falas que recebia dos colegas de trabalho e até de familiares que o depreciavam. Passa a reconhecer a não necessidade de tomar o que recebe do Outro como a única verdade sobre si, ao ponto de tentar sustentar seu próprio desejo, concentrando-se na imagem que tem de si próprio. Neste contexto ele relata um sonho que teve no qual ele caminhava em um corredor, como de um castelo e chega em uma sala onde se depara com um espelho. A imagem refletida é a sua própria, contudo não condizente com a idade atual, mas ele se vê criança. A imagem refletida o questiona perguntando quem ele era no momento. O sonho termina e ele se diz tomado por uma angústia, primeiro por estranhar o fato de seu reflexo ser dele criança e por não saber responder a *própria* pergunta de *quem ele era*. Diante disto, ele passa a se reconhecer nas próprias questões que até então era vistas como sendo do Outro. O relato deste sonho marca um momento no qual ele passa a se implicar nos atendimentos inclusive reconhecendo que o ponto central não é a imagem refletida no espelho, mas como “ele mesmo se vê na própria imagem”.

Sobre isto é possível destacarmos duas enunciações que ele faz:

**Figura 37 - Fragmento de fala 01, de Wagner**



ESPELHO



OLHAR (para o espelho)



OLHAR-PARA-SI

*Fonte: Arquivo pessoal*

Tal enunciado pode ser assim traduzido para língua portuguesa: “se olhar pelo espelho”. Tal construções aponta para o reconhecimento do sujeito “se ver” pelo espelho. E o movimento que acompanha o sinal referente ao verbo OLHAR demonstra este arco que sai de perto do sujeito, aproxima do referente ESPELHO (que carrega a ideia de reflexo, de imagem) e retorna ao sujeito. Este movimento de retorno, que destacamos, marca o ponto no qual Wagner passa a se implicar no momento em que ele se inclui na cena não como mero espectador, mas de modo que ele precisa se envolver com a própria percepção de si.

Interessante ressaltar que este fragmento nos leva a retomar a discussão do Estádio do Espelho, principalmente no que consta a presença do Outro em uma primeira nomeação que retorna ao sujeito. Podemos recuperar que Wagner se coloca em uma posição de questionamento sobre o Outro que olha para ele e que nesta dinâmica, o *eu* se confundo com o Outro uma vez que é justamente a partir desse outro que se constitui. Contudo, um movimento seguinte é necessário, de um certo distanciamento deste Outro. Movimento este, que Wagner localiza no que é seu dentro deste movimento especular.

Em outro momento ele enuncia:

**Figura 38 - Fragmentos de fala 02, de Wagner**



OLHAR-PARA-  
FORA

NÃO MAIS

IMPORTANTE (É)

OLHAR-PARA-SI

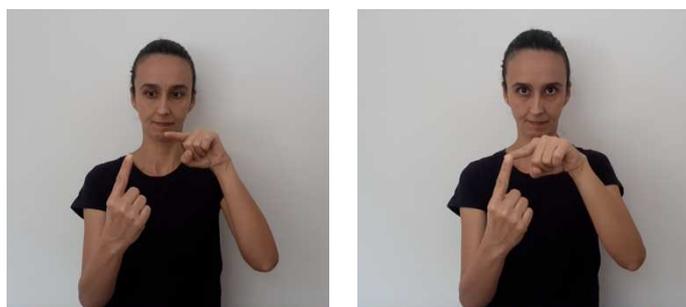
*Fonte: Arquivo Pessoal*

Em português: “o importante não é olhar para os outros, mas para si próprio”

Deste modo, o sujeito se implica mais em suas questões – e conseqüentemente na própria análise – pela marca deste significante, OLHAR-PARA-SI.

Outro ponto que destacamos, é uma questão que Wagner apresenta de “nunca alcançar seus objetivos de vida”. Tal constatação se configura do seguinte modo: Wagner afirma que “sempre perde tempo” e nunca “conclui nada em sua vida”. Mas ao ser questionado sobre o fato de que permanecer muito tempo focado em não perder tempo e não se dedicar a mais nada significa que ele “já perde tempo”. Diante disto, ele se surpreende e reconhece a posição na qual ele mesmo permanece. Além disto, sobre o significante OBJETIVO, referente a nunca alcançar os seus, Wagner realiza o seguinte sinal em Libras.

**Figura 39 – Sinal em Libras: OBJETIVO**



**OBJETIVO**

*Fonte: Arquivo pessoal*

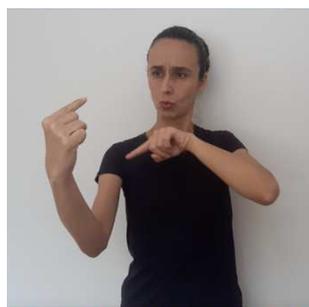
Esta sinalização é feita com o movimento de aproximação dos dedos que se encontram, tocando as pontas como que “atingindo um alvo”. Vale destacar que o movimento percorre um determinado espaço até finalizar à frente da pessoa que fala.

Aproveitando este aspecto do sinal (movimento no espaço) diante da angústia que Wagner demonstra em não conseguir chegar no objetivo, em alcançar o final daquilo que deseja, pontuo o fato do movimento ser realizado em linha reta e de modo contínuo se a vida dele não seria representada, portanto, por alguns “desvios”. Sinalizo conforme figura abaixo:

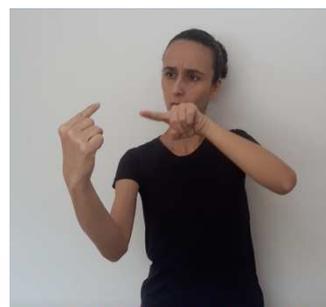
**Figura 40 - Fragmento de fala 03, de Wagner - Trajetória**



OBJETIVO, “desvio de rota” (movimentação da mão em várias direções)



OBJETIVO, “desvio de rota” (movimentação da mão em várias direções)



OBJETIVO, “desvio de rota” (movimentação da mão em várias direções)



OBJETIVO - finalização do sinal

*Fonte: Arquivo pessoal*

Apesar de várias imagens, todos se referem à um mesmo sinal, com a seguinte tradução: “desvio de rota até chegar ao objetivo final”.

Tal constatação parece oferecer um sentimento de apaziguamento à ele, que se surpreende ao repetir essa sinalização afirmando logo em seguida que ele pouco aproveita os desvios que a própria vida apresenta. Na sessão seguinte afirmou que costumava dirigir de sua casa até o consultório sem prestar a atenção no caminho e que após esta intervenção começou a reparar em outros lugares, inclusive parando em uma padaria no caminho que ele não conhecia para se sentar e lanchar. A partir deste momento, começa a compreender que os “desvios” da sua própria vida podem ser vistos como parte do caminho no qual ele percorre e compreende que por mais que um objetivo final – idealizado por ele – ainda esteja em vias de não ser atingido, não o impedem de continuar no percurso, experimentando novas experiências.

### **Caso Carla**

Carla é uma jovem surda de 20 anos que está concluindo o ensino médio. Veio por indicação de sua mãe (ouvinte) que está muito preocupada com a filha, uma vez que ela apresentou um episódio de tentativa de autoextermínio.

Carla relata que se sentiu muito pressionada nos últimos tempos, muito preocupada com o próprio desempenho escolar e com a proximidade de ter que escolher uma profissão. A tentativa de suicídio aconteceu no banheiro de casa e ela estava conversando por uma rede

social com uma amiga que a convenceu de não dar continuidade ao ato (Carla pretendia ingerir uma quantidade elevada de medicamentos). Sua mãe toma conhecimento deste episódio e preocupada, procura um profissional que fosse fluente em Libras para atender sua filha.

Carla, que nunca havia feito análise anteriormente, a princípio se sente desconfiada sem saber como que os atendimentos iriam acontecer, mas após receber esclarecimentos sobre o processo se manifesta um pouco mais confortável e passa a relatar alguns eventos de sua vida que considera como eventos marcantes.

Destacamos dois pontos pelo qual é possível verificar o posicionamento do sujeito diante da resposta fantasiosa que ele cria na relação com o Outro. Carla relatando sobre o dia a dia na escola, diante da pressão dos professores sobre a prova do Enem que se aproximava e também na relação conflituosa entre os colegas ouvintes e surdos<sup>63</sup>, afirma que em alguns momentos se sente ENVERGONHADA quando ela é demandada a se posicionar em sala de aula, seja para dar uma resposta pública ou sobre alguma situação que precisa da manifestação dela. Contudo, ao invés de enunciar o sinal de ENVERGONHADA, Carla realiza o sinal de GRITAR.

Assim ela sinaliza:

**Figura 41 - Fragmento de fala: Eu grito**



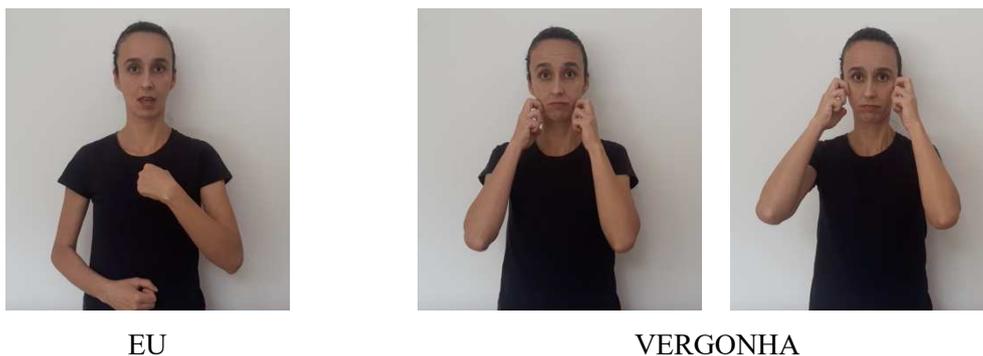
*Fonte: Arquivo Pessoal*

O que significa: “eu grito.”

Ao invés de dizer

<sup>63</sup> Carla estuda em uma escola inclusiva e em sua sala de aula ela convive com colegas surdos e colegas ouvintes (a maioria dos alunos). Durante as aulas os professores ministram aula na língua portuguesa e um intérprete de Libras realiza a interpretação simultânea durante toda a aula.

**Figura 42 - Fragmento de fala: "Eu tenho vergonha"**



EU

VERGONHA

*Fonte: Arquivo Pessoal*

Que significa: “eu tenho vergonha”

É possível notar algumas diferenças como a expressão facial e a abertura da boca no sinal “gritar”. Contudo, outra diferença, relativamente sutil para quem desconhece esta língua, pode ser reconhecida entre estes dois sinais: o posicionamento deles, o ponto de articulação. O primeiro na região em frente à boca e o segundo nas bochechas. Tal modificação pode ser considerada enquanto um equívoco uma vez que um simples atributo fonológico dos sinais é alterado produzindo-se elementos distintos.

Quando questionada sobre este equívoco de fala, Carla se surpreende mediante o embaraço do ato falho entre os sinais<sup>64</sup>, e elabora que sempre guarda para si, suas preocupações – que atualmente se concentram na escolha profissional e do futuro dela pós conclusão do ensino médio. Pergunto se tudo isso que ela guarda para si não tem gerado um efeito de acúmulo e que por isso ela necessita “pôr para fora”, ou seja, pergunto se ela não sente vontade de “gritar” às vezes. Diante da resposta afirmativa de Carla reforço o espaço analítico como o espaço dela se colocar sem necessitar manter para si, toda preocupação. Tal intervenção produz um efeito a permite que novos eventos sejam narrados ao longo das sessões seguintes possibilitando um maior deslizamento da cadeia significativa ao longo de sua narrativa.

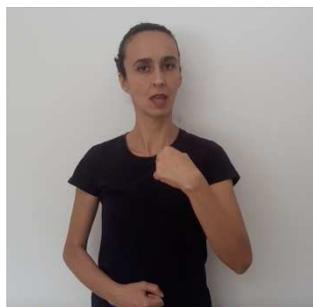
Uma outra situação relevante deste caso é um fragmento específico, no qual Carla afirma que se sente muito “confusa” com a própria vida:

<sup>64</sup> A sutileza do equívoco está apenas em um dos parâmetros dos sinais, a saber, o ponto de localização (conforme já explicitado no capítulo 01 desta tese). O sinal GRITAR é realizado próximo aos lábios, enquanto o sinal VERGONHA/ENVERGONHADA é realizado na lateral do rosto, nas bochechas.

**Figura 43 – Fragmento de fala: "Me sinto confusa"**



PARECE



EU



CONFUSA

*Fonte: Arquivo pessoal*

Em português isto significa: “Parece que estou confusa”

Como Carla realiza o movimento de modo lento, próximo ao rosto o que se assemelha à um outro sinal, o de REFLEXÃO. Deste modo faço uma pontuação indagando se não seria possível ela tomar esta “confusão” e refletir sobre isso. Para tal, uso o seguinte enunciado:

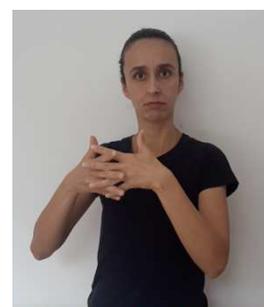
**Figura 44 - Pontuação do analista**



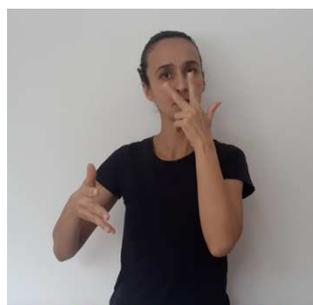
OLHA



SINAL



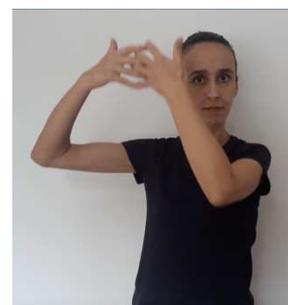
CONFUSÃO



PARECE



*Movimento do sinal*



REFLEXÃO

*Fonte: Arquivo pessoal*

Carla acolhe esta pontuação e se posiciona de modo mais reflexivo em sua queixa, uma vez que esta “confusão” pode ser tomada como objeto a ser pensado por ela, do modo com o qual ela poderia minimamente lidar com isto. O que podemos recolher de efeito desta pontuação é o deslocamento do sujeito de uma posição de queixa de seu sintoma para uma posição na qual ele se reconhece como agente e com isto tomando seu dizer em uma perspectiva mais reflexiva. Carla passa a se interrogar mais diante das questões que apresenta ao longo das sessões.

### Caso Lana

Lana, uma senhora que busca atendimento motivada pela insistência de seus familiares diante da situação que ela mantém com seu marido: ele é dependente de álcool com episódios recorrentes de embriagues ao ponto de sofrer alguns acidentes por causa desta condição. A situação está em tal gravidade que Lana além dos trabalhos formais e atividades domésticas, se dedica em buscar o marido na rua e levá-lo, bêbado, para casa. Ao descrever sua relação com o companheiro, o faz pelo seguinte enunciado em Libras, conforme figura 44:

**Figura 45 - Fala da paciente - "Eu cuido do meu marido"**



EU

CUIDADO

VOCÊ

MARIDO

*Fonte: Arquivo pessoal*

Após esta explicação, podemos retomar ao enunciado propriamente dito, que pode ser compreendido em língua portuguesa como: “Eu cuido do meu marido”. Destacamos, o sinal que na língua portuguesa pode ser interpretado como CUIDADO (figura 46):

**Figura 46 - Sinal CUIDADO – variação 1**



**CUIDADO**

*Fonte: Arquivo Pessoal*

Este sinal, tem como interpretação possível pelo menos duas possibilidades distintas: na situação de oferecer cuidado/assistência a alguém e na situação de se evitar algo.

Durante o atendimento, ao ser pontuado para a paciente que ela deveria explorar melhor o que ela acabara de dizer, sobre o “cuidado” para com o marido, ela enuncia um outro sinal dentro deste contexto:

**Figura 47 - Sinal Cuidado - variação 2**



**CUIDADO**

*(realizado também com o olhar direcionado para baixo)*

*Fonte: Arquivo pessoal*

Contudo, este sinal costuma ser utilizado em uma situação bem específica na qual a pessoa que pratica esta ação é alguém em uma posição superior a quem recebe a ação. Mais especificamente, é utilizado quando se diz do cuidado com crianças pequenas, principalmente no cuidado maternal de mãe com seu filho. Podemos ver que esta relação se constitui linguisticamente através do direcionamento do olhar do enunciador para um ponto abaixo.

Diante do que foi dito, é realizada uma nova pontuação questionando Lana sobre sua posição em relação ao marido, buscando interrogá-la sobre o lugar ocupado nesta relação: não estaria ela fora de uma posição de esposa e sim de um lugar de maternagem com o marido? Tal questionamento produz uma nova significação na qual ela reconhece que a forma como lida com a situação é de uma posição de mãe. Tal significação a leva a reconhecer necessidade de

se reposicionar, inclusive aceitando a sugestão, dada anteriormente pelo médico da família, de que o marido precisaria ser internado. Até então, ela se opunha à esta possibilidade.

Ela mesmo chega a afirmar que “sou mãe dele [marido]”:

**Figura 48 - Fala de Lana em Libras**



*Fonte: Arquivo pessoal*

Diante desta pontuação Lana passa a se questionar sobre sua posição na relação com o companheiro e o modo com o qual ela tem enfrentado com a atual situação. Neste fragmento é possível não apenas reconhecer um percurso que o sujeito percorreu ao longo dos atendimentos, mas como um reposicionamento ocorreu mediante a interação e pontuação em Língua de Sinais e da leitura que o próprio sujeito fez dos sinais que utiliza e que foram pontuados.

### **Caso de Helen Keller**

Consideramos necessário apresentar também, enquanto parte desta casuística, alguns pontos sobre a biografia de Helen Keller. O que queremos destacar é que o próprio Lacan apresenta Helen Keller como um exemplo que demonstra a não exclusividade da sonoridade da linguagem. Ele mesmo reconhece a possibilidade de “outras vias” para se receber a linguagem. Vejamos então, a partir da abertura que ele mesmo nos oferece, um pouco sobre esta pessoa.

Helen Keller nasceu nos Estados Unidos no ano de 1880, sem nenhuma deficiência, mas aos 19 meses de idade foi acometida por uma doença diagnosticada pelos médicos como “congestão aguda do cérebro e do estômago” (Keller, 1938/2001, p. 20) e como seqüela ficou surdocega<sup>65</sup>. Apesar de parecer, diante desta condição, fadada à uma vida limitada e

<sup>65</sup> De acordo com Pacco & Silva (2015) existe uma preocupação dos estudos acadêmicos deste tema em apresentar os indivíduos que apresentam surdez e cegueira enquanto surdocegos, escritos de forma junta sem o hífen para indicar uma deficiência específica e não como a soma da surdez e da cegueira. Desta forma, optamos por apresentar o termo também escrito de forma conjunta ao designar a condição de Helen Keller. É relevante

dependente, ela recebeu instrução de sua professora Anne Sullivan, com a qual aprendeu uma forma de comunicação tátil, a soletração do alfabeto manual da língua de sinais americana e posteriormente à articulação oral do inglês e de outros idiomas<sup>66</sup>.

Contudo, o que chama a atenção é o fato dela ter conseguido se comunicar e se expressar inicialmente por uma comunicação gestual/tátil o que pode indicar, e que Lacan presumiu, a existência de uma outra possibilidade de via de transmissão da linguagem ou ainda uma “predisposição ao significante” (Lacan, 1975/1998).

Em algumas passagens de sua autobiografia, Helen mesmo afirma que esta capacidade de linguagem estava nela, aguardando se manifestar. Em suas palavras:

Eu já possuía a chave da linguagem e desejava ardentemente aprender a utilizá-la. As crianças que têm a felicidade de ouvir aprendem a falar sem esforço: apanham as palavras no ar, se assim se pode dizer. Mas a criança surda só pode aprender por um processo penoso e lento. Porém, que importa o processo se o resultado é maravilhoso? Começa-se por aprender o nome dos objetos. Vai-se então até o mundo de pensamentos, contido num verso de Shakespeare. (Keller, 1938, p.37)

Ela também relata o momento em que a comunicação tátil passou a fazer sentido em sua vida e como a partir desta modalidade ela passou a significar o mundo e a se relacionar com as pessoas à sua volta. Em suas palavras:

Descemos o atalho que dava para o poço, guiadas pelo perfume das madressilvas que aí se espalhavam numa latada. Uma pessoa estava tirando água, e a professora me pôs a mão no jato que escorria da caçamba. Enquanto eu me deliciava com a frescura dessa água, a professora tomou-me a outra mão e escreveu a palavra ‘água’, primeiro devagar, depois mais rápido. Fiquei imóvel, com toda a atenção concentrada no movimento de seus dedos. De súbito, acudiu-me a lembrança imprecisa de alguma coisa há muito esquecida, e o mistério da linguagem se revelou, ali mesmo, ao meu espírito. Compreendi então que “água” designava aquela coisa fresca que estava escorrendo pela minha mão. Esta palavra ganhou vida para mim; inundou meu espírito de uma coisa nova, que era, a um só tempo, esperança e alegria. (Keller, 1938, p.33)

---

considerar que uma marca deste grupo é a heterogeneidade uma vez que existem níveis e graus diferentes de perda em ambos os sentidos. Assim, os indivíduos surdocegos apresentam prejuízos nas áreas de comunicação e mobilidade.

<sup>66</sup> “(...) ela fala francês e alemão. Seu amigo João Hitz, de nacionalidade alemã, afirma que sua pronúncia em alemão é excelente. Outro amigo, bom conhecedor do francês, garante que ela fala essa língua de modo mais inteligível que o próprio inglês.” (Keller, 1938/2001, p. 242)

Ela ainda complementa que deixou “o poço cheia de entusiasmo pelos estudos. Todo objeto tinha um nome; todo nome lembrava uma ideia. Tudo o que apalpei, no caminho, já de volta, parecia ter vida: eu via as coisas sob um novo aspecto.” (Keller, 1938, p.33)

Diante disso, de um sujeito que experienciava uma relação com a linguagem de forma particular, à princípio<sup>67</sup> através do tato, conforme sua professora realizava e que utilizava para se comunicar com as pessoas próximas, percebemos a possibilidade de identificarmos as emergências de um sujeito para além da dimensão sonora. No caso específico de Helen Keller, ela teve contato com uma língua oral até ficar doente e perder os sentidos da visão e audição. Contudo, não podemos negar que a perda dos sentidos em tenra idade tenha impossibilitado na capacidade de adquirir uma língua pela articulação oral e conseqüentemente a possibilidade de habitar o campo da linguagem de modo mais efetivo. Apesar desta barreira, com o encontro com o Outro, ela consegue se expressar por outras vias. Helen demonstra uma experiência muito particular com a linguagem, descrevendo isto de forma igualmente singular ao longo de sua autobiografia.

É fato que Helen, após o aprendizado de uma comunicação gestual, consegue se inserir no campo da linguagem a partir de uma articulação gestual tátil específica com a qual ela passou a nomear o mundo, seus objetos e suas relações. Inicialmente de forma mais precária e objetiva, contudo avançando à medida que ela fazia uso de sua forma de comunicação.

Isto foi possível, uma vez que sua professora – Srta. Annie Sullivan – compartilhou uma forma de comunicação, de codificação do mundo, através da soletração de palavras na palma de suas mãos. Tal contexto demonstra a entrada de Helen no campo da linguagem, ou seja, no campo do Outro. Em sua história ela relata que não conversava apenas com sua professora, mas também com seu pai e com familiares próximos. Ela conseguiu desenvolver uma forma específica de reconhecer, através do tato, encostando a mão próximo aos lábios das pessoas, os sons das palavras e com isso perceber os diálogos e conversas entre as pessoas.

A experiência dela, demonstra como foi possível ela habitar a linguagem de uma forma particular, mas que a possibilitou um acesso ao universo simbólico, apesar de suas limitações aparentes. Neste caso em específico, podemos retomar as indagações que nos orientam sobre a possibilidade de considerar uma emergência de um sujeito que se constitui para além de uma dimensão fonêmica. O caso específico de Helen nos permite afirmar sobre a possibilidade de uma articulação significativa para além da sonoridade.

---

<sup>67</sup> Afirmando à princípio, pois a própria Helen Keller aprendeu a articular oralmente a língua inglesa e outras línguas. Contudo, a base de compreensão dela através da linguagem, aconteceu primeiramente pelo uso de uma comunicação gestual tátil.

Mas deixamos claro que esta, é uma experiência singular, que difere das pessoas surdas que possuem a visão preservada e por isso incluímos anteriormente os fragmentos de caso de pessoas surdas falantes de Libras que, diferente ao texto autobiográfico de Helen, escrevem suas histórias pela língua de sinais.

Buscamos demonstrar, ao longo do percurso proposto neste capítulo que a pessoa surda inserida em um contexto linguístico favorável pode se servir da língua de sinais como meio de enlaçar ao campo do Outro. Neste sentido, tal qual apresentando anteriormente como uma premissa, a afirmação a seguir se consolida: de que a pessoa surda, em seu encontro com a linguagem também é submetida à castração simbólica de modo que pode constituir-se enquanto \$ (sujeito barrado). E não apenas diante da condição de privação da audição.

A língua de sinais, como desmontado, pode ser reconhecida como suporte do significante que em se encadeamento faz emergir o sujeito.

De acordo com Machado (1998) citado por Lacet (2003)

Qualquer imagem, figura ou palavra pode ser significante, funcionar com estrutura de escrita, isto é, organizar-se no sistema simbólico e ser passível de leitura, e para que possam ser lidas devem funcionar como letras, esvaziadas de sentido e destituídas de sua função representativa. Assim como as formações do inconsciente, os sistemas de escrita têm em comum o fato de serem legíveis. "Fazer passar uma mensagem. Essa é a astúcia fundamental que está no centro da invenção da escrita: a morte da imagem como representação da realidade e sua utilização exclusivamente pelo valor fonético ou de letra" (Machado, 1998, p. 140 citado por Lacet, 2003, p. 53).

Diante disso, podemos concordar com Xavier e Lang (2018) ao afirmarem que "na conjuntura da clínica psicanalítica a narrativa do paciente forja um tecido textual polissêmico. A potência da clínica reside, por excelência, na exploração desta polissemia do significante, assim disposta em uma estrutura de textualidade' (p.02).

Teríamos então, uma possibilidade de leitura do inconsciente mesmo nesta modalidade de língua. Reafirmamos o que Lacan (1972-1973) diz que "o significado não tem nada a ver com os ouvidos, mas somente com a leitura, com a leitura do que se ouve de significante. O significado não é aquilo que se ouve. O que se ouve é significante. O significado é efeito do significante" (p.47).

Isto posto, podemos avançar na articulação teórica que irá compor a tessitura desta escrita.

### 03. A “escuta” da letra<sup>68</sup>

“...a escrita é, na sua origem, a linguagem do ausente...”  
(Freud, 1933/2010, p.51)

#### 3.1 Introdução

Avançaremos em nossa discussão após termos percorrido dois pontos essenciais nos capítulos anteriores. O primeiro, de uma concepção de linguagem que não se reduz à sonoridade e de que as Línguas de Sinais (LS) são línguas naturais como as demais línguas orais; o segundo, uma apresentação de elementos que levam a compreensão de que esta modalidade gestual, enquanto língua, também possibilita às pessoas surdas se enlaçarem ao campo do Outro, como meio de acesso ao simbólico e como meio de elaboração dos próprios sintomas. Tais argumentações reforçam a ideia de que o acesso à linguagem pela gestualidade (através das LS) também é possível e a partir disto, pode - e deve – ser investigado à luz da psicanálise. O que destacamos em cena, é que uma discussão sobre a emergência de uma determinada materialidade linguística, seja ela sonora ou gestual, deve levar em consideração a presença do Outro e o modo pelo qual o sujeito se enlaça neste campo.

O que se coloca como desafiador, é o trabalho de reconhecer que através das manifestações *linguageiras* dos gestos articulados das línguas de sinais, é possível reconhecer marcas do inconsciente que constituem o sujeito e que podem ser *lidas* nos atendimentos clínicos.

A proposta pela qual nos guiamos é a de reconhecer o inconsciente enquanto uma escritura (Birman, 2007). A condução será pelo reconhecimento das manifestações em LS das formações do inconsciente que podem ser identificadas como *letra* e assim, sustentar que a constituição subjetiva da pessoa surda também pode ser *lida* pela psicanálise, tal qual pessoas

---

<sup>68</sup> Com este título, nos valem de um jogo de palavras no qual a palavra *escuta* faz vez e referência ao tão conhecido ato de captar as palavras pela audição. É uma referência direta da primazia do sentido auditivo como meio de acesso à linguagem. Contudo, como esta tese se propõe a pesquisar sobre as línguas de sinais, cuja modalidade é a visual, e como neste ponto da tese nos servimos de momentos específicos da teoria lacanianiana sobre a noção de letra, este título visa provocar no leitor, o deslocamento da percepção de que também em línguas de sinais, para além de uma “escuta” do sintoma (um deslocamento da noção fonológica), há uma leitura do sintoma. Esta argumentação será desdobrada neste capítulo.

ouvintes que falam línguas orais. Tal afirmação se constitui um modo embrionário pelo qual poderemos avançar em novas pesquisas que sustentem a prática clínica com pessoas surdas através de uma língua de sinais.

Mas, antes de darmos prosseguimento a proposta central deste capítulo, nos servimos de uma colocação sobre a materialidade<sup>69</sup> das línguas a partir da contribuição de um texto de Jean-Claude Milner (2010) que propõe sobre psicanálise e linguagem, em termos das contribuições que os campos fazem entre si.

Uma delas diz respeito as “substâncias das línguas” (Milner, 2010) ou seja, da forma pela qual as línguas se organizam enquanto sistemas formais de articulação sonora, gramatical, entre outros, e que teria algum impacto para o campo da psicanálise. Em suas palavras:

perguntar-se-á em que medida a psicanálise tem de levar em conta em sua prática e em sua teoria dados tais como a diversidade das línguas, os fenômenos de tradução, a morfologia, o léxico, a sintaxe de uma língua particular. A literatura psicanalítica abunda em exemplos em que dados assim revelam-se pertinentes, tanto nos freudianos da primeira geração (pode-se citar especialmente Karl Abraham e Theodor Reik) quanto nos trabalhos mais recentes, marcados pelo ensino de Jacques Lacan. Geralmente, é sabido que a psicanálise se ampara de modo decisivo naquilo que se diz na sessão; ora, esse dizer efetua-se em língua e encontra-se necessariamente estruturado pelas diversas regras de cada língua particular. Disso naturalmente se deduz que esse ou aquele dado substancial tirado das línguas como elas são é um dado que a psicanálise, na sua prática ou na sua teoria, pode e deve levar em conta. (Milner, 2010, s/p)

Ainda nesta esteira, Milner compreende que a materialidade das línguas interfere no modo como o sintoma é dito por cada sujeito. Por exemplo, o sintoma é determinado pelas categorias gramaticais particulares de cada língua, isto é, o modo como uma determinada língua possibilita dizer e expressar determinado fenômeno. Levando em consideração as Línguas de Sinais, cuja materialidade é um modo particular quanto a forma de expressão dos significantes, podemos considerar a hipótese de que algo pode se destacar. O que nos leva a permanecermos atentos aos modos como a pessoa surda enuncia sobre si e sobre seu sintoma. Vislumbramos o encontro com aspectos singulares desta manifestação *linguagreira* e também aspectos comuns

---

<sup>69</sup> Apesar de não nos centrarmos na discussão sobre a materialidade das línguas neste capítulo, sabemos que esta diferença pode apontar para particularidades que merecem ser melhor investigadas em trabalhos futuros. Por isso, mantemos em nosso horizonte o reconhecimento deste aspecto e retomamos isto em momentos específicos de nossa discussão.

que apontam para a estrutura na qual o sujeito, seja ele surdo ou ouvinte, tem à disposição para se constituir como tal. E com isto, a relevância desta tese em argumentar que se faz necessário nos atentarmos para este fenômeno na clínica, buscando reconhecer os pontos de convergência da teoria diante de uma forma de expressão tão distinta da articulação sonora. Também, tendo em vista a possibilidade de encontrarmos particularidades a partir desta modalidade de língua.

Por isso, reconhecermos nas LS uma possibilidade de avançarmos em outros desdobramentos possíveis na forma pela qual o inconsciente se manifesta e para além, um modo pelo qual a gestualidade pode ser tomada enquanto suporte da manifestação discursiva que não só o reconhecimento de formações sintomáticas, mas também, modos – singulares – de tratamentos possíveis.

Pretendemos demonstrar, mesmo que retomando os fragmentos de casos apresentados em sessões anteriores, como algumas manifestações das LS evidenciam o modo com o qual o sujeito se constitui, via linguagem, no campo do Outro e ainda mais, como ele se produz enquanto produto e produtor de linguagem. Além disto, na atual proposta do capítulo, como reconhecer a noção de *letra*, tal qual como desenvolvida por Lacan em seu ensino como meio de sustenta nossa hipótese da constituição subjetiva da pessoa surda não depender da sonoridade. Esta noção nos guiará pelas próximas páginas uma vez que o próprio Lacan avança em sua teoria a partir deste ponto. O investimento do psicanalista na noção de *letra* ocorre majoritariamente por seus estudos do chinês escrito (Andrade, 2013) e a forma pela qual os orientais usam a escrita. Tal encontro com este ponto propiciou a Lacan um modo de reconhecer o funcionamento do inconsciente para além de uma argumentação estruturalista avançando para a primazia da dimensão do *real*.

Deste modo, tal discussão poderá nos servir como meio de melhor compreendermos o fenômeno da língua de sinais no espaço analítico diante da enunciação realizada em Libras e não em português.

Vale ressaltar para o leitor desta tese, lembrando, que o reconhecimento da fala dos pacientes surdos, ou seja, os sinais que eles enunciam, podem ter a correspondência das palavras ditas por pessoas falantes de línguas orais.

Neste aspecto, é importante termos o entendimento de que as palavras, conforme nos aponta Freud (1915), possuem um peso para o sujeito. Com Lacan, não mais a palavra - o signo linguístico - mas, o significante é tomado por um *status* elevado no qual se associa, ou melhor, não se dissocia o inconsciente do campo da linguagem.

O que já tivemos condição de demonstrar ao longo desta tese é que os significantes, não se restringem ao aspecto fônico, ou seja, a uma exclusiva articulação sonora. Reconhecemos

que a materialidade na qual, esta operação de significação se manifesta, não se reduz na articulação sonora, sendo possível reconhecê-la também na articulação gestual. Relembramos que não apenas em qualquer modo de gesticulação, mas especificamente tal qual sustentamos aqui nesta tese, nas Línguas de Sinais. No uso refinado que os falantes destas línguas fazem ao se expressarem através delas, seja pelo uso figurativo, denotativo, metafórico, metonímico, ou seja, usos possíveis que as pessoas podem fazer com a língua de sinais. E o ponto mais importante: de serem faladas pelo Outro podendo se inserir no campo do discurso. E tal ponto é reconhecido no sujeito enquanto ele próprio, é habitado pelo inconsciente, enquanto uma alteridade.

Também caminhamos para além da discussão de sonoridade, reconhecendo a linguagem enquanto estrutura formal e neste ponto, em sua relação com o Outro. Retomando o percurso realizado até então sobre esta íntima relação de inconsciente e linguagem, destacamos que Lacan, ao longo de sua obra, deixa claro que sua perspectiva de linguagem não se confunde com as funções psíquicas e cognitivas conforme abordado em outros campos como a linguística e, por não incluir uma perspectiva cognitivista/desenvolvimentista. (Vicenzi, 2009). Lacan se vale de uma inspiração estruturalista na elaboração de sua concepção de linguagem que ganha melhores contornos em seu texto de 1957, *Instância da letra ou a razão desde Freud*. Neste texto ele afirma que é toda a estrutura da linguagem que [a experiência psicanalítica] [...] descobre no inconsciente” (1957/1998, p.498). Ou seja, não é a fala comunicativa que está em jogo, mas a estrutura de linguagem na qual o sujeito é tomado e a qual o sujeito possui como recurso.

Tais operações são reconhecidas como modelo de explicação das formações dos sonhos e sintomas. Afinal, para Lacan “o conceito [...] gera a coisa. Pois ainda não é o bastante dizer que o conceito é a própria coisa [...]. É o mundo das palavras que cria o mundo das coisas” (1953/1998, p. 277). Logo, é da ordem de uma operação anterior à própria manifestação da língua, da própria materialidade, seja ela gestual ou sonora. Estes últimos seriam, o modo pelo qual tais operações *ganham corpo*.

Portanto, recolocamos a seguinte questão, o que seria pensar o inconsciente a partir da noção de *letra*, de uma *escritura*? E como tal orientação pode contribuir na *leitura* do fenômeno apresentado nesta tese: constituição subjetiva de pessoas surdas falantes de língua de sinais. Um desdobramento associado à esta questão é a do reconhecimento das formações do inconsciente em Língua de Sinais.

Em um primeiro momento, para um leitor desavisado da teoria psicanalítica, não é de se assustar a suposição de que o movimento de sinalização realizado pela pessoa surda pode

ser reconhecido como uma *escrita* que é lida por quem a observa. Contudo, uma “escrita<sup>70</sup>” que não está impressa permanentemente, mas que se esvai logo em seguida que é produzida. Uma narrativa que se ancora em uma modalidade gestual, mas cuja produção segue os padrões de linguagem. Como diz Dunker (2017) a “fala tem um alcance longo e sequer precisa voltar ao ponto de origem para traduzir o sentido enunciado” (p.17). E sim, estamos reconhecendo que a sinalização das pessoas surdas em Libras corresponde à uma *fala*.

É por esta fala que é possível a formulação do sintoma, enquanto uma das formações do inconsciente. Afinal, é pela fala do paciente que o analista lê o sintoma (Miller, 2011). E pelo que já temos demonstrado até então, é possível reconhecer as formações sintomáticas em pacientes surdos a partir dos fragmentos de caso apresentados.

Sobre a leitura do sintoma, destacamos que

Pode-se entender a função de analista na clínica das neuroses como a desse interlocutor que será encarregado de ler o sintoma: essa produção do sujeito para responder à sua confrontação com o desejo do Outro a seu respeito, resposta que ainda assim fracassa, situando-se entre gozo e sofrimento. (Bernardino, 2013, p. 14)

Deste fragmento, destacamos a relação sobre a leitura do sintoma com este ponto de resto que resiste à significação e que nos instiga a pensar em como isto pode também ser reconhecido, e lido, nas pessoas surdas falantes de Libras. Este “algo que escapa”, que resiste à simbolização da linguagem e que também pode ser reconhecido como litoral, de acordo com a indicação de Lacan (1957).

A teorização desta perspectiva é necessária, uma vez que estamos construindo argumento que nos permita desenvolver nossa hipótese de que em pessoas surdas as manifestações do inconsciente, para além da dimensão puramente física da língua – sonora ou gestual – podem ser sustentadas pela proposição de serem estruturadas a partir da noção de *letra*.

Afinal, reconhecendo um elemento pelo qual se tem uma estrutura mínima do inconsciente e que estaria presente tanto em manifestações sonoras ou gestuais, nos dá a base para reconhecer o que o inconsciente também dá de testemunho nas pessoas surdas.

---

<sup>70</sup> Inicialmente abordaremos, com o uso desta noção de escrita, como registro de uma fala. Pela modalidade gestual das LS, para serem recebidas necessitam da visão como também precisamos “ver”/”ler” o registro gráfico da letra. Contudo, cientes de que não podemos reduzir a noção de escrita à esta dimensão, faremos este deslocamento junto ao leitor de modo que a condução para aos argumentos que apresentaremos seja possível de uma compreensão mais clara.

Podemos retornar à Freud que desde o início de sua obra, mantinha elaboração que envolviam a linguagem. Especificamente em seus textos da *Carta 52*, do *Projeto para uma psicologia científica* e *Notas sobre o bloco mágico*, Freud estabelece uma relação entre as operações do inconsciente e operações de ciframento, de registro, de marcas, de uma forma de escrita. Para Freud um sintoma comporta um ciframento cuja resolução deve advir do deciframento. Neste primeiro momento de seu ensino ele avança na proposição de que o sintoma deveria ser interpretado buscando a conexão entre representante e afeto. Deste modo, a interpretação do sintoma, seja através da associação livre e ainda, pela interpretação dos sonhos de seus pacientes, visava a revelação do conteúdo inconsciente.

Assim, desde Freud, podemos reconhecer o modo pelo qual uma das formas de tratar o inconsciente, via linguagem, é através do reconhecimento de seu modo de inscrição. Contudo, salientamos que tal discussão se concentrou no processo enunciativo das línguas orais. Nossa perspectiva é de buscar compreender o fenômeno das línguas de sinais, na experiência das pessoas surdas, a partir desta perspectiva da psicanálise.

Como já demonstrado, as LS cumprem a função de oferecer sustentação e acesso ao campo simbólico, uma vez que a privação ao som, ou melhor dizendo, à uma determinada língua de articulação sonora, não é de todo prejudicial para uma pessoa surda, quando esta tem acesso a uma língua de sinais.

Retomamos que o essencial não é a ênfase na presença do som ou sua ausência, mas a operação psíquica que subjaz por traz desta materialidade física. Operação esta, que pode acontecer tanto por uma LO como por uma LS uma vez que o essencial envolve a presença do Outro.

Determinamos estas operações, concernentes ao movimento da cadeia discursiva (movimento da cadeia significante) tal como exposto por Lacan e tal como discutido por Freud na regra da associação livre. Tais operações, como apresentadas nos fragmentos de casos, estão presentes no modo pelo qual o sujeito narra sua própria história.

Avançamos nesta tarefa de reconhecermos em Libras, a noção de *letra* que encontramos no ensino lacaniano.

Para tanto, iremos discutir esta noção de *letra* em alguns momentos importantes da obra de Lacan, avançando na contribuição que tais argumentos podem oferecer na leitura das línguas de sinais e para, em seguida, apresentar uma breve discussão sobre uma produção cultural em Libras que pode nos oferecer mais um ponto de argumentação de nosso objeto de pesquisa. Além disto, faremos uma breve explanação sobre a escrita gráfica das línguas de sinais.

### 3.2. (H)á letras

Como já apresentado, diversos momentos na obra de Freud, de certo modo, encontramos elementos que nos orienta na compreensão inicial desta argumentação em torno da escrita, pela qual Lacan irá dedicar uma parcela de seu ensino, especificamente em torno da noção de *letra*. Tal noção busca articular o que, da cadeia significante, pode ser reduzido em seu aspecto mais singular, tal qual o fonema o é, em relação às palavras. Esta noção, busca destacar o que não está evidente na articulação significante, ou seja, que está para além da cadeia enunciativa. Contudo, mesmo em sua ausência, a presença da *letra* está lá. Com isto, Lacan visa demarcar o “fracasso da mensagem ou, em outras palavras, da linguagem como comunicação, como significação, produção de saber. A psicanálise fica sempre do lado do enigma pondo o saber em xeque” (Rego, 2005, p. 204) .

A noção de *letra* visa demonstrar, enquanto operador lógico, esta presença litoral onde o sentido margeia o gozo, localizando onde o simbólico faz furo no real. Conforme encontramos no *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise* de Kaufmann (1996), que ao tratar da noção de *letra* traz as seguintes contribuições:

A letra, nada tem de um ser substancial, mas ela localiza o significante, se desloca, fica suspensa ou chega ao destino. Pode sem dúvida ser tratada como um objeto, ser perdida ou rejeitada, pode até tornar-se fetiche ali onde falta o falo. Mas, na medida em que tem relação com o gozo, constitui um suporte de repetição e se vê em jogo no ciframento das mensagens em que se significam os desejos inconscientes. Literalmente, ela faz limite entre o saber e o gozo (Kaufmann, 1996, p.157).

Deste modo, não devemos confundir a ideia de que a *letra* se define como as representações gráficas, como estas impressas neste texto, mas *a priori* como a *marca da presença de uma ausência*.

Vale destacar, de início, que a noção de *letra* aparece em alguns momentos específicos do ensino de Lacan e quando olhamos a extensão de sua obra percebemos algumas modificações que demonstram um amadurecimento desta noção à medida que a discussão da dimensão do *real* se torna mais presente nas elaborações teóricas do psicanalista.

Lacet (2003) apresenta a contribuição de Ritvo (2000) na localização de alguns destes principais momentos nos quais podemos identificar a forma como a noção de letra é apresentada por Lacan:

a) letra como fonema - A Instância da Letra; b) letra como texto escrito; c) como partícula significante, como carta, como envio - *A carta roubada*; d) essência de significante, o diferenciando do signo. É redutível, em seu nível mais simples, ao traço - *Seminário IX, A identificação*; e) limite, litoral entre saber e gozo - *Seminário XVIII, De um discurso que não seria do semblante*-, é quando afirma que o significante está no simbólico e a letra, no real; f) letra algébrica constituinte dos matemas, ideal de transmissão. *Jogo de escritura - Seminário XX, Mais ainda.* (Lacet, 2003, pp.54-55)

Nos servimos destas indicações e nos propomos também fazer um percurso em alguns destes momentos para o entendimento desta noção de *letra* e na tarefa de apontarmos os elementos que podem compor nossa discussão acerca do testemunho do inconsciente nas línguas de sinais.

Em seu texto sobre o conto de Edgar Allan Poe, intitulado *O Seminário sobre a carta roubada* (1956) Lacan trabalha com a homofonia de *lettre* (que pode significar tanto letra como carta) e lê neste conto o efeito da circulação da letra/carta cuja relevância está não no seu conteúdo, mas no efeito que gera em seu portador. Deste modo, não importa enquanto signo, com uma significação específica, mas reduzida a puro significante. De acordo com Rego (2005) há uma “distinção entre signo e significante. É o significante funcionando em sua essência de *letra*, isto é, não significando nada, o que o torna diferente do signo, pois este sempre significa algo para alguém” (Rego, 2005, p. 176).

Ainda neste texto, Lacan demonstra como argumento máximo a dimensão do significante no funcionamento da linguagem em detrimento do caráter comunicação da linguagem.

Mas neste primeiro momento deste texto, Lacan não faz uma distinção clara entre significante e a noção de letra. O que ele destaca é o caráter da linguagem que não se restringe meramente à uma ação comunicacional. Conforme afirma Aires (2020) “(...) nos é anunciado desde a primeira página, reduzida a sua expressão mais simples, a singularidade da *lettre*, que, como indica o título, é o verdadeiro sujeito do conto: é por poder sofrer um desvio que ela tem um trajeto que lhe é próprio. Traço onde se afirma, aqui, sua incidência de significante” (p. 06)

A *letra* é, também, efeito de discurso, efeito este que pode ser lido no discurso do analisando:

De qualquer modo, a tarefa que o conceito de letra traz para a psicanálise é: como ler a letra no discurso do analisando? A letra não será escutada porque ela não é verbal, não é sonora. Consiste naquilo que deverá ser decifrado ou extraído a partir da escuta dos significantes, através da interpretação ou da elaboração analítica que deverá reduzi-lo à letra ou, em outras palavras, a um elemento mínimo que não tem sentido e é só marca. (Rego, 2005, p. 174)

Há, portanto um enigma, algo que não foi e ou não pôde ser lido, i.e., significado. Há pedaços, restos que resistem à interpretação, mas que se colocam apenas na circulação do significante. Um enigma que a letra/carta provoca.

De acordo com Andrade (2013): “A letra como suporte do significante coloca por um lado a escrita como primeira em relação a linguagem, sem que isso indique valor, mas sim temporalidade. Por outro lado, paradoxalmente, ela é secundária hierarquicamente, sendo, tal como nas escritas fonéticas e alfabéticas, a transcrição, a notação portanto, o apoio para a fala” (p.182).

Ao longo da obra de Lacan é possível reconhecer que ao forjar a noção de *letra*, ele o faz apontando que este possui uma lógica identitária; diferente do conceito de significante que porta uma lógica da diferença, cuja significação ocorre pelo movimento da cadeia ( $S1-S2-S3-S4...Sn$ ).

Já no texto *A instância da letra ou a razão depois de Freud*, Lacan (1957) formaliza o conceito de *letra* explorando as ambiguidades sonoras da língua francesa demonstrando que as unidades sonoras não possuem qualquer relação com a significação, mas seguem uma ordem estruturada pela linguagem.

Um ponto fundamental que Lacan (1957) traça é sobre a polifonia presente no enunciado. Quando ele trata da linearidade da fala ele afirma que não é suficiente considerar apenas a cadeia discursiva em sua cadeia horizontal. Ele traz a poesia como exemplo de que é possível compreender o discurso como alinhado em “diversas pautas de uma partitura (Lacan, 1957, p. 507). Ou seja, ele traz à tona uma certa verticalidade na produção de sentido com elementos que se manifestam simultaneamente no discurso. Podemos destacar, por exemplo, a entonação durante a fala de uma determinada sentença no qual as mesmas palavras ditas podem significar um elogio ou uma repreensão. Quando, uma mãe diz para seu filho: “Que bonito!”

pode ser um elogio á uma determinada tarefa ou a repreensão, de modo irônico, de algo que a criança fez. Não são apenas as palavras que entram na conta, mas o modo como é dito.

Em LS isto se atualiza nas expressões faciais que a pessoa falante de Libras demonstra durante a fala em sinais. Evidencia-se que a questão principal se concentra não na fala em si, mas no sujeito que enuncia. Conforme Lacan mesmo diz,

O que essa estrutura da cadeia significante revela é a possibilidade que eu tenho, justamente na medida em que sua língua me é comum com outros sujeitos, isto é, em que essa língua existe, de me servir dela para expressar algo completamente diferente do que ela diz. Função mais digna de ser enfatizada na fala que a de disfarçar pensamento (quase sempre indefinível) do sujeito, a de indicar o lugar desse sujeito na busca da verdade. (Lacan, 1957, p. 508)

Lacan (*idem*) ainda apresenta uma discussão sobre as noções de metonímia, cuja produção está no arranjo de “palavra em palavra” (*idem*, p. 509) e metáfora, cuja fórmula é “uma palavra por outra” (*idem*, p.509)

Vale destacar que uma das questões presentes em diálogos sobre psicanálise e língua de sinais, é se tais línguas possibilitariam produções metafóricas. Tal resposta, por mais evidente que seja para quem é do campo das LS, deve ser constantemente enunciada, uma vez que demonstra uma *chancela* do reconhecimento destas línguas como línguas de igual valor como as demais línguas orais.

Como afirma Lacan (1957-8), sobre a imagem do sonho, poderíamos pensar que na LS também devemos reter a imagem do sinal “por seu valor de significante”, sem a perspectiva de decodificação na sua relação biunívoca do significante com o significado. Como ele ainda afirma “o significante não pode limitar-se de modo algum a esse suporte fonemático” (Lacan, 1972-73, p. 29). Uma máxima de Lacan, importante: “valor de significante da imagem nada tem a ver com sua significação” (Lacan, 1957-8, p.514)

Neste sentido a letra é conceitualizada, nesse momento, como *leitura* do significante, como *estrutura localizada do significante* (Silva e Silva Junior, 2017).

Lacan evoca isso no seguinte trecho de seu escrito:

Tais quais as figuras não naturais do barco sobre o teto ou do homem com cabeça de vírgula, expressamente evocadas por Freud, as imagens dos sonhos devem ser retidas pelo seu valor de significante; ou seja, por aquilo que elas permitem soletrar sobre o "provérbio" proposto pela charada do sonho. Essa estrutura de linguagem que torna

possível a operação da leitura está no princípio da *significância do sonho*, da *Traumdeutung*. (Lacan, 1957/2001, p. 507)

Nesta citação podemos compreender que a proposta de Freud é que as imagens dos sonhos possibilitam “ler o inconsciente” (Silva e Silva Junior, 2017). A partir de Freud, Lacan compreende a letra enquanto “um elemento criptográfico que permite desvendar a língua oculta do inconsciente, porque ela, letra, estrutura-se segundo uma lei de linguagem que seria a mesma do inconsciente” (Silva e Silva Junior, 2017, p. 130)

Seguiremos, de modo mais detalhado a leitura que Lacan faz em seu texto *A instância da letra...*, quanto seu entendimento das noções de linguagem, significante e letra.

Na primeira parte do texto, - *O sentido da letra* - a proposta de Lacan é de apresentar a concepção de linguagem que ele entende como sendo a concepção a ser adotada pela psicanálise diferente daquela proposta pela linguística. Para ele, a linguagem não se define apenas como fala, enquanto meio de comunicação, mas enquanto estrutura; enquanto um sistema de trocas culturais que preexiste a cada sujeito (Lacan, 1957). Mesmo apropriando-se do algoritmo saussuriano de *significado* e *significante*, como já demonstrado no capítulo primeiro desta tese, Lacan inverte estes elementos e destaca a preeminência do significante. Segundo ele mesmo afirma, o significante possui duas propriedades: “ser puro elemento de diferença e se compor segundo as leis de uma ordem fechada - a estrutura” (Aires, 2020, p.7).

Assim, a significação só pode ser concebida pela articulação entre significantes e especificamente em um movimento em cadeia, no qual um significante se articula com outro, que se articula com outro. A significação não reside na relação biunívoca entre significante e significado (relação apontada por Lacan como inexistente) mas, sustentada “a não ser pela remissão a uma outra significação” (Lacan, 1957, p. 501).

Lacan fala de elementos diferenciais que compõem a língua, os fonemas, cuja correspondência ele apresenta enquanto letra, “a estrutura essencialmente localizada do significante” (Lacan, 1957, p. 505). Tais elementos se articulam em cadeias como “anéis cujo colar se fecha no anel de um outro colar feito de anéis” (Lacan, 1957, p. 505). Mais uma vez ele reforça a articulação em cadeia para a produção de significação.

E como já demonstrado, em LS os sinais também ganham significação à medida que a cadeia se movimenta. De um “deslizamento incessante” (Lacan, 1957, p. 506). Eles não apontam para uma significação estática.

Nesta parte podemos reconhecer uma clara articulação entre fonema e *letra* sendo que esta é definida como a “localização do ponto de articulação significante” (Andrade, 2013, p. 101)

Na segunda parte - *A letra no inconsciente* - Lacan remete à obra freudiana da interpretação dos sonhos defendendo que o sonho segue as mesmas leis do significante. Isto é, reconhece que Freud ao apontar a lógica de funcionamento do sonho tomado “ao pé da letra” (Lacan, 1957, p.513), possui um modo de leitura enquanto um *rébus*. Ou seja, uma “estrutura literante”, (em outras palavras fonemática), em que se articula e se analisa o significante no discurso” (*idem*). Deste modo as formações do inconsciente se organizam de modo combinatório cuja significação se dá no movimento na cadeia.

Lacan mesmo diz que “as imagens dos sonhos só devem ser retidas por seu valor de significante, isto é, pelo que permitem soletrar do ‘provérbio’ proposto pelo sonho” (Lacan, 1957, 514). Afinal, o “valor de significante da imagem nada tem a ver com a sua significação” (Lacan, 1957, p. 514).

Ou seja, Lacan afirma que o trabalho do sonho segue as leis do significante de modo a considerar que as formações do inconsciente se organizam por meio dos jogos combinatórios de *letras*. Ele retoma que os mecanismos operantes no sonho, de acordo com Freud, os mecanismos de condensação e deslocamento equivalem-se às suas noções de metáfora e metonímia, respectivamente.

Lacan destaca que no sonho, a fala é mais um elemento como os demais. Em suas palavras: “O fato de o sonho dispor de fala não modifica nada, visto que, para o inconsciente, ela é apenas um elemento de encenação como os demais” (p.515). Mas ele ainda complementa que “é justamente quando (...) o sonho esbarra na falta de material taxêmico para representar as articulações lógicas da causalidade, da contradição, da hipótese, etc., que eles darão prova de ser, um e outro, uma questão de escrita, e não de pantomima” (p. 515).

Lacan caminha na discussão sobre o sujeito, partindo do axioma de Descartes *cogito ergo sum* para avançar em uma de suas falas mais emblemáticas, a saber “penso onde não sou logo, sou onde não penso” (p. 521). Abordar o sujeito neste ponto é para reforçar sua argumentação da relação deste com o significante e o que desta relação revela o inconsciente.

Na terceira parte deste texto – *A letra, o ser e o outro* - Lacan propõe a articulação entre a noção de significante e o conceito de sujeito demonstrando a condição excêntrica deste em relação a si como consequência de sua alienação pela linguagem. Na concepção lacaniana o sujeito é apresentado enquanto efeito de discurso. Assim o significante não objetiva significar, mas representar um sujeito. Ele afirma que “a verdade descoberta Freud” é a da “excentricidade

radical de si em si mesmo” (Lacan, 1957, p. 528). Ele avança, com isto, para a afirmação de que o “inconsciente é o discurso do Outro” (p. 529).

Outro momento de seu ensino é possível localizar outra discussão que podemos resgatar a partir do *Seminário IX - A identificação* - no qual Lacan (1961/62) aproxima a noção de letra à noção de traço unário, retirada de Freud. O que interessa a Lacan nesta apropriação que ele faz do texto freudiano é a possibilidade de que a identificação não se prenda a um determinado conteúdo, ou seja um significado específico, mas remetendo-se à uma marca diferencial que é o traço.

Assim,

A discriminação entre traço unário e significante traz como consequência teórica que os significantes possam vir a representar não apenas palavras, cujos elementos mínimos seriam fonemas, mas ganhar extensão de modo a vir representar frases ou expressões, pois se o traço unário aponta para a possibilidade de uma contagem das diferenças, o significante pode ser tomado como tudo o que é contável como um na fala do paciente (Aires, 2020, p. 10).

E neste sentido, podemos reconhecer que os sinais das LS podem ser tomados, também, nesta dimensão significante. Afinal, o significante não é identificado à si mesmo, diferente do traço unário. O significante não carrega qualquer conteúdo próprio porque é na cadeia significante que se faz o encadeamento e, conseqüentemente, o processo de significação. Deste modo, na análise, a significação se produz para cada sujeito de modo particular no momento de sua enunciação, sempre tendo em vista os equívocos.

Retomar a lógica significante é reforçar que ele ser diferente de si mesmo revela para a clínica que as formações do inconsciente resistem à uma significação imediata, *standard*. Mas, ao inserir no debate a questão da *letra*, ainda neste seminário IX é avançar no sentido que a *letra* em seu caráter imutável, marca a repetição de elementos que apontam para a dimensão do gozo, resistente à significação. De acordo com Aires (2020),

Neste momento de sua argumentação, significante e letra já não se confundem, pois o conceito de letra permite designar a dimensão daquilo que se conserva, mesmo se a mensagem não é compreendida. O caráter de conservação da letra se deve a sua referência ao real, enquanto o significante permanece vinculado à inserção simbólica do homem na linguagem. A letra, nesse sentido, conduz ao matema, quer dizer, a uma escritura cujas leituras podem variar, mas cuja sintaxe fica necessariamente fixada. (p. 13)

Ainda nesta esteira, já tomando a referência da escrita chinesa, temos a seguinte contribuição de Medeiros Santos (2017):

O Traço se combina com outros traços e juntos formarão o ideograma. A respeito dos ideogramas, diz Cheng: [...] A caligrafia se tornou uma arte maior. Pela gestualidade abundante e rítmica que suscita, a caligrafia exalta o ser material dos signos, devolvendo-o a sua dignidade plena. Se falar é um sopro [a ideia do sopro como uma unidade de base que engendra a vida é fundamental no pensamento chinês], escrever é também um sopro. Os signos a serem traçados convocam o corpo. Assim, o Traço vai ter um significado sempre além daquilo que ele manifesta. Ele não é feito para representar nada, pois sua feitura não visa abraçar o objeto com um significante, produzindo ressonância semântica. Ao contrário, é o próprio ato de fazer o traço que tem o valor próprio, fazendo surgir a letra e o gozo. (Medeiros Santos, 2017, p.3)

O que das Línguas de Sinais nos permite reconhecer esta dimensão do traço unário, que se compõem pela diferença? Além disto, como podemos pensar que o estabelecimento do traço se dá pela via de que existe o apagamento da imagem, tal como no caso, abordado, por Lacan do uso do ideograma. Tal escrita se torna um traço a partir do momento em que ocorre o apagamento da imagem. Isto é, “algo que tem relação com a imagem, mas que se torna ideograma à medida que perde, que apaga cada vez mais, seu caráter de imagem. Vai-se tornando *traço*, e nada mais da origem, da *coisa* à qual se referia, é reconhecível nele.” (Silva e Silva Júnior, 2017, p .133)

As línguas de sinais, para se constituírem enquanto significante, também necessitam perder seu caráter imagético. Não é sem razão que, apesar do caráter icônico fortemente presente estas línguas, elas não apresentam uma compreensão tão transparentes por aqueles que desconhecem seus significados. Uma pessoa que não sabe Libras dificilmente irá compreender um discurso nesta língua mesmo que estejam presentes signos linguísticos que evoquem iconicamente determinados objetos de mundo. Ou seja, a língua funciona como tal diante de seu caráter significante, distante da perspectiva da imagem<sup>71</sup>.

Andrade (2013) comenta sobre este aspecto semelhante quanto à escrita chinesa e de tal argumento, podemos expandir para as LS:

---

<sup>71</sup> Este ponto já foi abordado no capítulo 01 quando foi apresentada a discussão sobre iconicidade. Afinal a representação de determinado signo linguístico da LS não evoca necessariamente uma imagem específica do objeto, mas evoca uma significação que se compõe pela relação de outros significantes. Como afirma Saussure, uma relação de diferenças.

O psicanalista sem o recurso da linguística, sem a noção de significante, poderia tomar a escrita chinesa como uma escrita representacional, que represente a coisa ela mesma. Poderia cometer o erro de considerar que é uma escrita em que o aspecto figurativo resistiria à função significante, sustentada no regime da similitude. É tudo o que o chinês não é. A figuração que deixa rastros mais ou menos visíveis do que na escrita alfabética não faz dele um desenho que representa a coisa. Em resumo, a linguística com a noção de significante permite o acesso à melhor compreensão do que é a escrita chinesa (p.110)

Desta citação, ressaltamos que referente às Línguas de Sinais, tais equívocos também podem acontecer por aqueles que desconhecem esta língua. Como já abordado, diante do aspecto icônico destas modalidades de línguas e por sua semelhança com a gesticulação usual que as pessoas fazem no seu dia-a-dia, têm-se a impressão de que o sinal seria uma cópia da coisa em si. Contudo, não é isto o que acontece. E como já abordado anteriormente também, o fato de existirem diversas línguas de sinais pelo mundo, reforça que não é uma comunicação apenas representacional. Isto é, a significação dos sinais realizados pelos falantes desta língua não é evidente aos olhos. O que constatamos, já demonstrado no primeiro capítulo desta tese com os fragmentos de casos, é como a fala das pessoas surdas nos atendimentos evidencia uma cadeia significante pela qual o sujeito fala e é falado.

Além disto, podemos argumentar que, por isto, na clínica reconhecemos como determinados significantes são tomados de modo singular pelos sujeitos, surdos ou não, descolados de uma significação convencional, denotativa, e são tomados de acordo com a circulação da cadeia significante.

Ou seja, “a relação à coisa é apagada e ficam os traços que são da ordem do traço unário e da marca” (Silva e Silva Junior, 2017, p.133).

Ainda é possível compreendermos o seguinte:

Um significante não representa uma coisa para alguém. Um som diferencial numa língua não pode ser tomado como uma coisa que é endereçada a uma pessoa. Um significante representa um sujeito para outro significante (Lacan, 1957/2001). A relação à coisa já está apagada nos signos dos significantes, restando somente a relação dos signos entre si: as letras de um alfabeto. Um símbolo que representa uma cabeça de boi já é diferente da própria cabeça de boi. Pela imagem, entretanto, mantém ainda uma relação com essa “coisa”, e só encontraremos um funcionamento puramente diferencial, próprio ao significante, quando essa relação for completamente apagada. (Silva e Silva Júnior, 2017, p.133)

Para avançarmos nesta discussão, é necessário avançarmos para outro momento no ensino de Lacan em que ele propõe um refinamento para a noção de *letra*. Neste momento, propomos focar em sua discussão sobre a relação entre a linguística e a psicanálise, que lhe movimentou em forjar um novo conceito para dizer do modo com o qual a psicanálise se serve da linguística; ele assim propõe o neologismo *Lituraterra*. Assim, propomos percorrer também esta outra reflexão de Lacan, agora em uma lição de seus seminários e de seu texto homônimo que está no livro *Outros Escritos*.

Lacan realiza um movimento de ruptura com a linguística, no final de seu ensino, mostrando “a insuficiência da linguística estruturada no que concerne à apreensão da linguagem tal como ela funciona numa análise” (Vilela e Ianinni, 2016, p. 12). Neste momento Lacan promove uma espécie de retorno à literatura, à poesia e ao ideograma. Não obstante, ele propõe o texto *Lituraterra*, no qual ele apresenta algumas considerações deste movimento.

No *Seminário XVIII*, Lacan retoma a discussão da noção da *letra* sobre influência do escritor e poeta chinês, François Cheng. Este seminário, sob forte influência do pensamento e literatura chinesa, merece destaque uma vez que é neste momento que se encontra a lição sobre *Lituraterra* que resultará no texto que está na abertura do livro *Outros Escritos*.

Sobre o encontro com Cheng, Ianinni e colaboradores no livro *Lacan, o escrito, a imagem* (2016), tecem o comentário em que, quando Lacan, caminha em seu uso da língua francesa na busca de operar com ela uma articulação que desvendasse o inconsciente, ele caminha até o encontro com a escrita chinesa, com a ajuda de Cheng. Eles afirmam que

Neste momento de seu ensino, muito mais do que envergar a língua francesa, parece que ele queria fazê-la andar mais depressa do que ela andava normalmente. Em outras palavras, dizer dez coisas com uma só palavra, assim como um *caligrama* chinês diz dez coisas com um só ideograma (Vilela e Ianinni, 2016, p.11).

Um dos pontos que chama a atenção de Lacan na escrita chinesa é pelo fato dela ser um “sistema de escrita que optou por uma forma de apresentação não analítica dos sons” (Andrade, 2013, p. 166). Afinal, a língua chinesa oferece elementos para se pensar a diferença e até mesmo, podemos afirmar, uma separação entre fala e escrita (Andrade, 2013).

Lyons (1987) também contribui nesta esteira ao afirmar que

Além do mais, quando chegarmos ao problema de descrever determinadas línguas, há boas razões para que a linguística considere as línguas faladas e escrita correspondentes

como mais ou menos isomórficas, ao invés de absolutamente isomórficas. Apenas em uma situação teórica ideal (...) há isomorfismo completo. Nenhum sistema de escrita até hoje concebido (se não o sistema de transcrição idealizado por foneticistas exatamente com esta finalidade) possibilita a representação de todas as distinções significativas da fala. Segue-se que, geralmente, há algumas formas não-equivalentes de se pronunciar uma mesma sentença escrita, conforme varia acento, entonação, etc. Os sinais de pontuação, bem como o uso de itálico e letras maiúsculas, existem basicamente na língua escrita pelos mesmos motivos que há acento e entonação da língua falada, mas os primeiros nunca poderão representar adequadamente estas últimas. Deve-se também reconhecer que sempre há diferenças funcionais e estruturais entre línguas correspondentes faladas e escritas. A extensão de tais diferenças varia, por motivos históricos e culturais, de uma língua para a outra. Em árabes e tâmil, por exemplo, a diferença tanto em termos gramaticais como vocabulares é considerável. Em inglês, é menos gritante (p. 28).

Lacan, durante o período do *Seminário 18*, está fortemente influenciado por sua experiência com a cultura oriental. Tal encontro possibilitou que ele refletisse sobre a noção de *letra* em uma concepção descolada de seu aspecto fônico. O modo peculiar com o qual os orientais se servem da escrita demonstra a possibilidade de um uso também peculiar com a noção da *letra* na psicanálise.

Começamos pelo texto escrito. Já de início, o psicanalista explicita o neologismo que dá título ao seu texto, a partir de um “jogo de palavras”. Lacan também se vale da referência à obra de James Joyce para demonstrar o desdobramento da articulação significativa do termo “*letter*” (carta) para “*litter*” (lixo). Parece-nos que Lacan faz este prelúdio já para evidenciar a noção de resto que, como objeto *a*, também abre uma perspectiva para compreendermos a noção de letra.

Lacan discorre sobre seu próprio trabalho de escrita que ele mesmo define como “cartas abertas” em que ele “faz um apanhado de uma parte” de seus ensinamentos. (1971, p.16). E assim destaca que o texto inaugural deste conjunto de textos é sua reflexão acerca do conto de Edgar A. Poe (1956). Este texto é balizar sobre sua elaboração da noção de significante (já apresentada no primeiro capítulo desta tese). Ao que podemos retirar da discussão que Lacan faz sobre este conto é o fato de que a carta sempre chega a seu destino e, mesmo que não se tenha acesso ao seu conteúdo explícito, o fundamental é o efeito que a circulação dela entre os personagens provoca. Assim, podemos compreender que a carta, materializando o significante, circula independente de seu conteúdo.

Em seu *De um discurso que não fosse semblante* – destacamos a lição 7, “*Lição sobre Lituraterra*” no qual Lacan remete ao seu texto, mas também apresenta algumas considerações que vale destaque neste momento. Neste seminário Lacan já diz, de introdução, que suas

teorizações são continuidades do seminário anterior, onde ele se concentrou na elaboração de sua teoria dos discursos. No início deste seminário ele afirma que a noção de discurso “já não pode ser enunciada como outra coisa senão aquilo que se articula a partir de uma estrutura, em alguma parte da qual ele se acha alienado de maneira irredutível” (Lacan, 1971, p. 10).

Neste ponto, uma discussão de que a *letra*, enquanto este dispositivo teórico que permite reconhecer um saber do discurso em um nível mais nuclear do qual o sujeito, tal como a *letra*, tem a possibilidade de realinhar seu texto, sua narrativa sobre seu sintoma. Isto é, de colocar em evidência o resto, ou seja, aquilo que aponta para a falta, para uma posição mais íntima do sujeito.

Desta relação fronteiriça, Lacan (1971) prossegue com a ideia de litoral. “Não a letra... litoral, mais propriamente, ou seja, figurando que um campo inteiro serve de fronteira para o outro, por serem eles estrangeiros, a ponto de não serem recíprocos?” (Lacan 1971, p. 18). Lacan mesmo pergunta como o inconsciente enquanto efeito de linguagem “comanda essa função da *letra*”? (Lacan, 1971, p. 18). Função de *letra* que “da linguagem chama/convoca o litoral ao literal” (Lacan, 1971, p. 19). Linguagem habitada por quem fala (Lacan, 1971). Após esta rápida introdução, ainda apresentando elementos de linguagem, Lacan discorre com os argumentos nos quais ele sugere uma *Lituraterra*.

Conforme Dunker (2017),

O ponto de vista crítico de André Martinet, que também era o de Jacques Derrida e de alguns outros, insiste no fato de que essa barra contém a ideia do corte, da separação, noções muito caras e importantes para o estruturalismo, mas também noções plenas de problemas. O movimento ousado de Lacan, em mexer na conceituação da barra no Seminário XVIII, seria uma tentativa de contornar esses problemas através da noção de fronteira móvel. (Dunker, 2017, p.25)

Assim, a teorização acerca do reconhecimento das formações do inconsciente seria articulada tendo em vista o que do inconsciente é passível de ser lido. Afinal, não estaríamos na investigação do sentido, da significação mas, na investigação do real, do não-todo que escapa ao discurso. Pois,

Se a escrita aqui não é a escrita visível, mas a outra, uma outra, podemos entender que, na concepção de Lacan, o escrito tem afinidade com o não-todo, com o que escapa de todo discurso. Portanto, o escrito sempre aparecerá no limite do discurso ou no buraco do discurso; diz Lacan: “A condição da escrita é que se sustente por um discurso” (idem, p. 50). Contudo, esta “sustentação” não parece ser um pilar ou uma base. Talvez possa

ser pensada como o litoral, um apoio tangencial. Não há realidade pré-discursiva, mas há real fora do discurso. (Rego, 2005, p.241)

Cleyton Andrade (2013) em sua tese de doutorado, intitulada *A interpretação analítica e a escrita poética chinesa*, contribui no entendimento desta noção ao longo da obra de Lacan. Sobre este primeiro momento no qual Lacan discute a noção de letra como suporte, Andrade (2013) afirma que

Apesar de não ser o principal problema, uma vez que poderá ser entendida como um suporte material enfatizando os efeitos de sua materialidade. O que poderá se constituir como um problema de maior alcance seria pensá-la como um suporte do significante que implicasse uma hierarquia ou numa relação de utilidade, de instrumento. Tudo depende da aceção que se dará ao suporte. Considerá-lo como uma indicação da materialidade ou de um apoio que sustenta, a ponto de servir a uma utilidade, são duas direções diferentes, mesmo que não sejam durante o tempo, antagônicas (p.94)

Deste modo, compreendemos que a noção de *letra* não deve ser compreendida como suporte, no sentido de que ela se faz necessária para o significante, mas como “submetido à fala, e conseqüentemente à linguagem” (Andrade, 2013, p. 95).

Ou seja, reconhecer esta dimensão de escrita do inconsciente nos ajuda a compreender que o tratamento analítico, por mais que se sustente na fala do paciente, não se restringe à esta dimensão fônica. Na verdade, a materialidade da língua, enquanto suporte da linguagem não reduz o modo pelo qual as manifestações do inconsciente podem e devem ser *lidas*. Com a contribuição de Lacan, reconhecemos que a noção de *letra* contribui para uma compreensão mais refinada do inconsciente; principalmente no tocante ao encontro do sexual com a linguagem. Esta dualidade está posta desde Freud: afinal, a dinâmica da pulsão com seu representante se instala como origem da formação sintomática. A dualidade corpo e linguagem, gozo e sentido, e todo o *conflito* inerente à isto, perpassa a teoria psicanalítica e se atualiza na clínica.

Andrade (2013) apoiando-se em Miller (2011) afirma que é possível “situar o litoral entre saber e gozo, entre semblante e gozo em termos de sentido e fora do sentido. O litoral entre a linguagem e a escrita lido como um litoral entre sentido da articulação significante e o fora de sentido da escrita real e do gozo. (p.262)

A *letra*, pode ser *lida* como este ponto no qual o encontro desta dualidade faz litoral, ou seja, em que estas dimensões se compõem na construção da gramática pulsional do sujeito.

Gramática esta que nem sempre é compreendida pelo sujeito em questão, mas que na análise é possibilitado à ele, este encontro.

Este processo, como demonstrado é pertencente ao sujeito, seja ele surdo ou não. A modalidade de língua não se coloca, em um primeiro momento, como um problema. Ao contrário. Temos demonstrado que independe da modalidade da língua, a *letra* está presente. As inscrições no sujeito estão lá. A relação com o Outro também se instaura e o sujeito precisa se haver com isto que “não cessa de não se inscrever”. Como diz Andrade (2013): “é preciso saber como se pode operar a partir da letra (...) como é possível se valer dos efeitos de sentido sem se reduzir a eles, mas sim através deles tocar o real” (p.260)

Ele ainda complementa que “a experiência clínica faz com que o ato de leitura do sintoma conte com o apoio de efeitos de sentido que se articulam por jogos de palavras, a fim de oferecer uma resposta adequada ao real do sintoma” (Andrade, 2013, p.260)

Na busca pela escrita chinesa e pela poesia chinesa, Lacan busca um modo de tocar o real. Uma tentativa de formalizar o real.

Com diz Miller (2011), “A psicanálise não é uma questão de escuta, *listening*, ela é também questão de leitura, *reading*”.

Ainda tomando os trabalhos de Andrade (2013) como referência compreendemos que

Interpretar o sintoma é saber ler. Por sua vez, ler o sintoma não é outra coisa senão reduzi-lo ao que lhe é primeiro. Reduzi-lo a algo que é anterior ao sentido que sempre lhe foi atribuído. “A interpretação como saber ler visa reduzir o sintoma a sua fórmula inicial, quer dizer, ao encontro material de um significante e do corpo, quer dizer, o choque puro da linguagem sobre o corpo” (Miller, 2011). Para isso, o saber ler terá que se deslocar do lugar do analista para o lugar do analisando. O que deve ser transmitido a ele é algo do desejo do analista que permita ler a letra do sintoma, tornando legível a escrita sem significações. Esse é o suporte que a letra pode oferecer à interpretação, como aquilo que permite dar ao estatuto de leitura sua exata precisão num claro distanciamento do método hermenêutico de leitura e exegese. A interpretação cujo suporte é a letra é uma interpretação que lê o sintoma privando-o de sentido. A interpretação deixa de ter o Édipo como referência em Freud e passa da escuta do sentido inconsciente para a leitura do fora do sentido (Andrade, 2013, p. 261).

Ou seja, do real com o qual o sujeito se embaraça desde sempre. A leitura do sintoma naquilo de real que escapa ao sentido e que evidencia o ponto de mais singular do sujeito. Tal operação, não se reduz ao som ou ao gesto, mas está presente. “Na interpretação analítica trata-se de prescindir do sentido na condição de nos valermos dele”. (Andrade, 2013, p. 262)

O que poderia ser posto, pensado sobre a mudança de postura tomada por Lacan, no momento de seu ensino com a prevalência da dimensão do Real, i.e., na ênfase de como o não-sentido (*non-sense*) se faz presente para além das fronteiras da linguagem. Do que não pode ser dito, mas que se faz presente, que *não cessa de não se escrever* e que não pode ser simbolizado ou tomado pela cadeia significante.

Podemos reconhecer isso em Libras tomando outro fragmento de caso de Wagner quando, diante da constatação de sua própria angústia, se perde e afirma que “não sabe como sinalizar o que está sentindo”. Ou ainda Fernando quando, tomado sobre sua questão “o que querem as mulheres”, diante de seu embaraço em sustentar uma parceria amorosa, se perde diante da ausência de sinais que possam dar conta disto. Compreendemos, com isto, o que para Lacan é apresentado como “o inconsciente [que] se situa para além das significações” (Vinciguerra, 2016, p. 24).

O movimento da cadeia significante revela como os signos linguísticos ressoam uns nos outros. Andrade (2013) referenciando-se em Jakobson afirma que “podemos compreender porque a função fundamental da linguagem não é referencial e sim poética, uma vez que é ela que revela que na linguagem se trata de relações de signo com signo” (p.266). Completamos, de signo com signo e não do signo com a coisa em si, com o significado. Percebemos isso em Libras quando no movimento da cadeia discursiva, como nos fragmentos apresentados, o sujeito se apresenta entre os significantes.

Orientarmos pela leitura do sintoma é uma forma de, para além da sonoridade, reconhecer as tessituras que enodam o sintoma, que leva o sujeito a se desenrolar, desembolar, do saber fazer com língua e assim, produzir uma escrita, uma “*writing cure*”, na qual o sujeito, assumindo a autoria da vida, passa a redigir, suas linhas, sua forma de ser, de ler o mundo.

Afinal, ler a letra é reconhecer que “ela pode escrever o que conhecemos como as formações do inconsciente por meio do significante, mas sem ser por isso um significante. Ela adquire a “função” própria do significante na medida em que opera como semblante.” (Santos, 2017, p. 6). Ainda podemos complementar que

É pela escuta da letra que extraímos do dizer de nossos analisantes, que podemos compreender a complexa interação existente entre o semblante e o gozo. São aquelas palavras “captadas apenas com a audição”, aqueles ruídos, estalidos (uma espécie de crepitação) ou aquilo que da língua salta aos ouvidos porque deixa evidente a diferença entre o corpo que se tem e o que escapa.” (Santos, 2017, p. 7)

Afinal, “pertencente à estrutura da linguagem, essa impossibilidade de absorção do sentido pelo significante já carrega desde aí o esboço do que viria a se consolidar nos anos 70, ou seja, a ruptura operada entre a letra e o sentido, entre o significante e o corpo, entre *lalíngua* e linguagem” (Santos, 2017, p. 1).

No caso das pessoas surdas, demonstraremos que elementos sutis “saltam aos olhos” e permitem reconhecemos o inconsciente. Enquanto dimensão de escrita, pretendemos identificar “isso que não cessa de não se escrever”, identificando o que seriam também, estes pontos de ruptura.

### 3.3. A escrita no corpo

Após este percurso, percorrendo alguns textos da obra lacaniana sobre a noção de *letra*, propomos apresentar o que a argumentação construída pode nos revelar em relação ao encontro com as línguas de sinais e para tanto, começaremos abordando este encontro do sujeito com o significante, mais especificamente o encontro do corpo com o significante, encontro litoral onde a *letra* pode ser localizada. Afinal, este encontro é marcado pela voz do Outro que ressoa no corpo do sujeito. No caso de pessoas surdas pode parecer estranho esta ideia de uma voz ressoando. Contudo, apesar da referência sonora, sabemos que tal operação não se restringe à modalidade física.

Demonstramos ao longo desta tese que nas falas dos pacientes surdos, a partir dos fragmentos de casos recolhidos, isto é, nos enunciados que nos são apresentados em Libras, é possível ler um sintoma, ler o enigma no qual o sujeito se embarça e, diante do não-saber fazer com isto que lhe afeta, se angustia.

Conforma Andrade (2013) nos diz

Lacan afirma que o significado não tem nenhuma relação com os ouvidos, mas somente com a leitura do que se escuta do significante. O significado é efeito do significante como efeito da interpretação. A leitura feita pelo analista propicia uma pontuação, de tal maneira que a fala, na associação livre, passa a ser uma escrita diante da impossibilidade de escrever a relação sexual (Andrade, 2013, p.9).

Desta forma não é necessário que o elemento que se destaca seja um som de uma palavra, um som articulado, ou barulhos. Reconhecendo os sinais, um sinal específico ou um

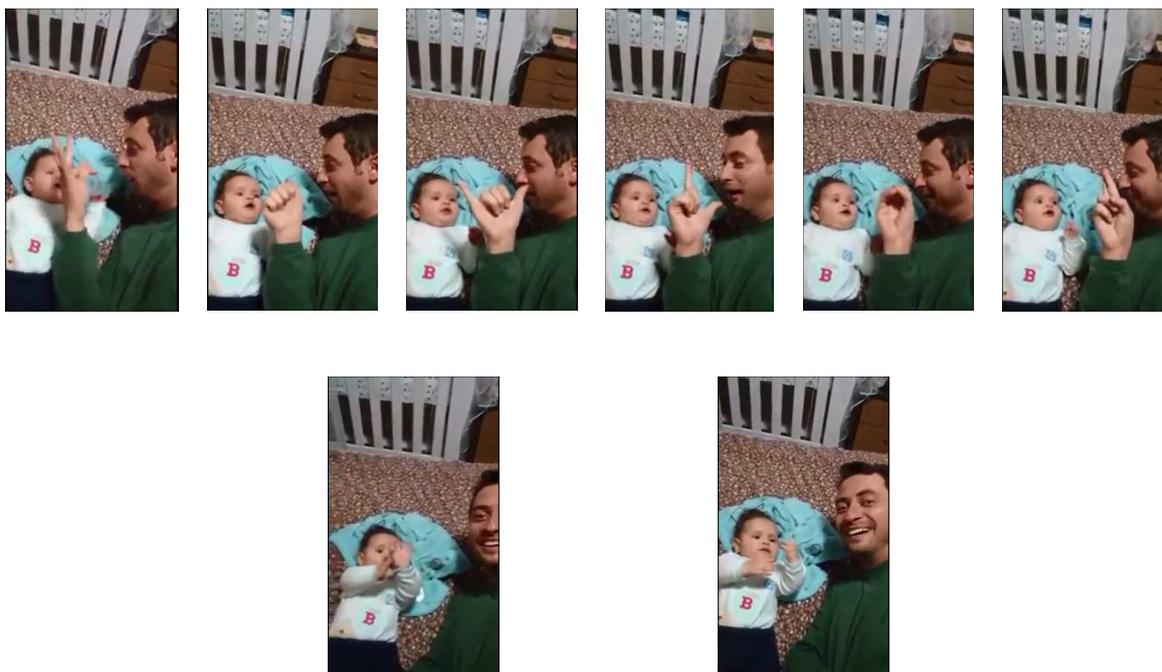
gesto, o importante é reconhecer como tais elementos se inscrevem para o ser falante no lugar de um significante. Ou ainda mais, podendo funcionar como um significante sem sentido, como letra, “uma interpretação que opere a partir da letra e da escrita não precisa ser como uma palavra aceita pela norma culta” (Andrade, 2015, p. 5).

Pretendemos demonstrar que nas Línguas de Sinais, e no caso específico da Libras, é possível encontrar este efeito de ressonância. Conforme alguns fragmentos de vídeos da interação de crianças surdas com adultos em língua de sinais, existe um apelo ao Outro e um investimento deste Outro no pequeno *infans*. Ademais, em alguns casos clínicos é comum que o sujeito traga em seu discurso marcas da voz do Outro.

Conforme nos diz Vives (2020), podemos nos deter nos “efeitos da ressonância da voz do Outro no sujeito” (Vives, 2020, p. 18). Com esta citação, podemos desenvolver sobre a forma pela qual o sujeito se enlaça ao campo do Outro. Além disto, podemos utilizar um novo argumento no reconhecimento das LS pela psicanálise, uma vez que o processo de subjetivação necessária passa pelo campo do Outro. E apesar de tal enlaçamento acontecer, sustentando pela materialidade da língua (seja esta uma língua oral ou uma língua de sinais), devemos ter no horizonte que tal processo se dá pelos “efeitos da ressonância da voz do Outro no sujeito” (Vives, 2020, p. 18). Afinal, “a recepção da voz do Outro implica uma “outrificação” do sujeito. Não há acesso possível a uma voz própria sem Outro que lhe tenha feito primeiramente a doação” (Vives, 2020, p. 18). Pois, “o sujeito não é somente produtor da voz; ele é, igualmente, seu produto. Com efeito, não há sujeito sem um “chamado primeiro” que o convida a advir; não há sujeito sem endereçamento sustentado por uma voz, **seja esta sonora ou não**, à qual o recém-nascido terá escolhido responde” (Vives, 200, p.20 – grifo nosso).

Neste ponto podemos apresentar o argumento a partir da seguinte questão: o que o sujeito surdo recebe do Outro e o que ele faz com isto que recebe. Podemos retomar o vídeo que foi apresentado no capítulo 01 no qual o bebê de nome Taylor é completamente afetado quando seu pai, surdo, soletra seu nome diante de seus olhos. Retomamos abaixo:

**Figura 49 - Taylor reagindo ao chamado/nomeação do pai**



*Fonte: Arquivo Pessoal*

Percebemos como o sujeito se constitui a partir da voz do Outro, i.e., “como o sujeito nasce em uma dinâmica invocante, ou seja, em um chamado recebido e aceito, e como a partir daí, ele se coloca em relação com as vozes que o rodeiam” (Viver, 2020, p. 38).

Podemos considerar a presença do Outro na relação, que convoca o sujeito a habitar a linguagem. Mediante as evidências do processo de aquisição de língua por bebês surdos, poderemos supor da eminente participação do Outro da Linguagem neste processo de significação e de inscrição do sujeito na linguagem? Pelo que vimos até então, podemos responder que sim. Através da língua de sinais o *infans* é convocado pelo Outro, sendo falado até assumir a posição de *falante*.

Conforme nos diz Rengifo sobre a relação da mãe com a criança:

O que dissemos pode passar pelo som através da sonata materna, bem como através dos gestos de uma mãe surda-muda. Se existe, como supomos, continuidade entre a inédita realidade do inconsciente e o real do corpo, implicaria que os gestos do corpo materno detêm o poder, transmitindo a parte indivisível deste corpo, para transmitir ao mesmo tempo a incrível realidade do inconsciente<sup>72</sup> (Rengifo, 2008, p.78)

<sup>72</sup> No original: “Ce que nous avons dit peut aussi bien passer à travers le son par l’intermédiaire de la sonate maternelle qu’à travers les gestes d’une mère sourde-muette. S’il y a, comme nous le supposons, continuité entre le réel inouï de l’inconscient et le réel du corps, cela impliquerait que les gestes du corps maternel détiennent le pouvoir, en transmettant la part d’indivisibilité de ce corps, de transmettre en même temps le réel inouï de l’inconscient”. (Rengifo, 2008, p.78)

Ele ainda complementa

Na experiência clínica da surdez, percebemos as mesmas modalidades de manifestação das formações do inconsciente. Assim como um ouvinte, o surdo encontra-se no mesmo impasse subjetivo ao falar; o mesmo tropeço, equívoco e deslize da língua ... Às vezes é impressionante ouvir a construção delirante de um paciente surdo que ouve vozes, alucina uma voz, aquele que nunca ouviu um som ... O que perguntar sobre a importância da função da voz na configuração da estrutura do sujeito, que esta é surda ou auditiva<sup>73</sup> ... (Rengifo, 2008, pp.74-75)

Sobre este trecho destacamos a referência que Rengifo (2008) faz ao caso de uma pessoa surda que mesmo sem nunca ter ouvido som algum, alucina escutar uma determinada voz. Neste sentido, recorremos ao trabalho de Viera (2009) que ao trabalhar em seu curso a discussão da noção do objeto voz, apresenta um caso recolhido do trabalho de psiquiatra Cramer em meados de 1984 no qual ele conduz uma entrevista com um paciente surdo bilíngue que além da língua de sinais (no texto escrito como linguagem de sinais) também sabia escrever a língua francesa. Ao longo dos trechos da entrevista, tal qual apresentado por Viera, percebemos que o paciente surdo apresentava que mesmo sem ter ouvido nenhum som (por ser surdo de nascença) identifica a presença de uma voz, que mesmo sem ser sonora, é percebida em seu pensamento pela amplificação de uma máquina. Uma máquina “que grava o pensamento com exatidão” (Viera, 2009, p.4), tal como dito nas palavras do paciente. Esta fala é marcada por uma certeza delirante, tal qual nos é descrito no texto.

Este fragmento de caso é tratado por Viera como modo de compor a argumentação de que o objeto voz não se reduz à sonoridade. Podemos argumentar que o objeto voz encarna uma dimensão discursiva e não reduzida a fonética. Nas palavras de Viera (2009)

Outra conclusão a que já chegamos quanto a este objeto-presença: ele, sendo vocal, é **verbal**. Agora a questão se coloca: Por que essa coisa que fica no meio, a mais primitiva de todas que traria a presença do Outro, é uma palavra? Não faz parte do pensamento comum achar que a palavra o mais profundo. Isso que chamamos de objeto voz, uma

---

<sup>73</sup> No original: *Dans l'expérience clinique de la surdité, on perçoit les mêmes modalités de manifestation des formations de l'inconscient. Aussi bien qu'une personne entendante, le sourd se retrouve dans les mêmes impasses subjectives lors de la prise de la parole ; les mêmes trébuchements, équivoques et lapsus... Parfois, il est même frappant d'entendre la construction délirante d'un patient sourd de naissance qui entend des voix, qui hallucine une voix, lui qui n'a jamais entendu le moindre son... De quoi s'interroger sur l'importance de la fonction de la voix dans la configuration de la structure du sujet, que celui-ci soit sourd ou entendant...* (Rengifo, 2008, pp.74-75).

espécie de zunido, todos consideramos que é muito primário. Nesse espaço mais anterior temos palavras. Fragmentos de fala, de discurso. (Viera, 2009,p.6 – grifo nosso).

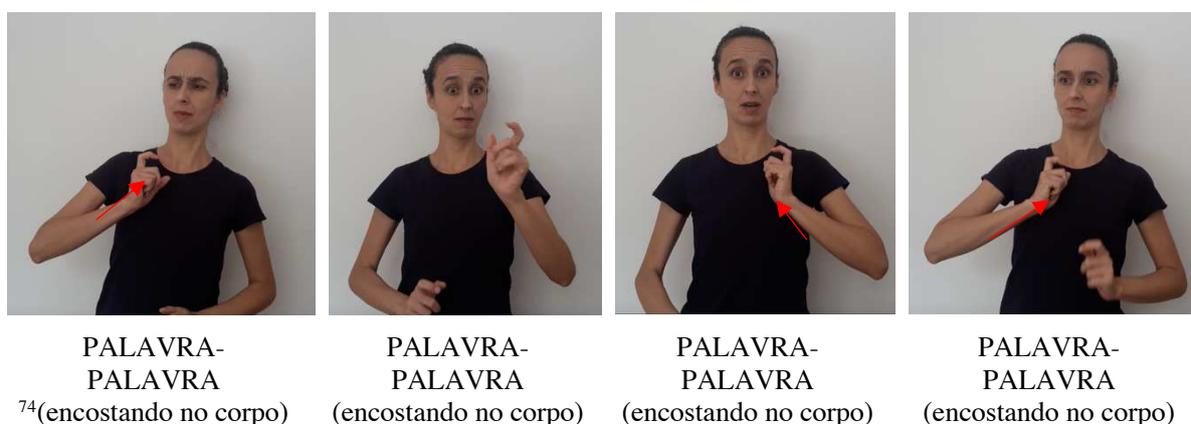
Ainda nesta esteira, Viera argumenta o objeto voz nesta perspectiva de uma presença, que não necessariamente pode ser associado à uma palavra, mas pode ser um zunido, de “fragmentos” que compõe a fala. E destes fragmentos, podemos incluir, com de demonstrado, uma gestualidade.

Viera (2009) ainda complementa

Agora podemos retornar à pluralidade e indeterminação do *percipiens*. Quando interrogamos o sujeito sobre o sentido da alucinação que experimenta, encontramos vários. Os sentidos são muitos, a certeza é única. A experiência alucinatória imprime uma certeza impressionante e ao mesmo tempo essa certeza não é dos sentidos, nem é do sentido, da significação. Não é porque ela é isso ou aquilo, que ela diz isso ou aquilo ou apresenta esse ou aquele objeto: ela é a certeza de uma presença ainda por significar (Viera, 2009,p.7)

Este objeto voz, como já trabalhado, marca esta presença. Retomemos alguns fragmentos dos casos, recuperando especificamente o caso Wagner em que ele afirma que as “palavras que recebo do outro, atingem meu corpo”. Em Libras é assim que ele enuncia

**Figura 50 - Sinalização em Libras do conceito: “palavras que recebe do outro, atingem meu corpo”.**



<sup>74</sup> Nesta sinalização, o movimento ocorre do *locus* de 2ª pessoa para o de 1ª ou seja, a informação semântica presente é que a ação (no caso o movimento das palavras, uma fala) provém do outro. A sinalização ainda é composta pelo encontro do sinal – referente ao conceito de palavra – junto ao corpo do locutor.

*Fonte: Arquivo Pessoal*

É interessante ressaltar que Wagner sinaliza que as palavras tocam seu corpo e em análise constrói a possibilidade de “desviar” destas palavras que saem do Outro ao seu encontro. Ele faz referência ao filme “Matrix” em que um dos personagens principais em uma cena de luta em que quase é baleado por um personagem inimigo, consegue se desviar de projéteis de bala e não é ferido por eles. Wagner considera que as palavras chegam a feri-lo e depois reconhece que, mesmo que “tente” se desviar delas, ainda assim não é possível escapar por um todo. Diante daquelas que possivelmente o atingem, ele constrói que deverá enfrentar e fazer “algo com o que lhe é dito”.

Mas o interessante a se destacar é como o sujeito constrói que o discurso do Outro o atinge, corporalmente. Com o recurso gestual da Libras é possível “ver” os sinais tocando o corpo. E desta forma, temos uma construção linguística que possibilita a visualização desta dimensão do encontro do significante com o corpo do sujeito. Em sua fala, Wagner narra que as palavras o atingem, destacando o impacto que tal ação, para além de uma dimensão física, de contato, é carregada por uma dimensão simbólica. Diante disto, podemos também afirmar que uma dimensão de real, uma vez que a experiência é sentida em seu corpo.

Outro fragmento que podemos apresentar, ainda de Wagner, se caracteriza pelo fato dele também afirmar que se sente “divido” com várias vozes na cabeça. Ele realiza a seguinte sinalização em Libras:

**Figura 51 - Tradução do discurso em Libras: "Como se eu tivesse duas vozes na minha cabeça."**



VOZES<sup>75</sup> (dizeres) OPOSTAS em cada lado da cabeça

*Fonte: Arquivo pessoal*

<sup>75</sup> Traduzimos por ‘vozes’ este sinal que se referencia ao campo semântico de “fala”, “dizer”, “avisar”, “anunciar”. O fato dele ser realizado na altura da cabeça evidencia esta ideia de que são falas internas e o modo de coloca-los cada um de um lado passa a ideia de oposição entre eles.

Tais sinais possibilitam a significação de que há vários “discursos”, vários “dizeres”. Ele ainda realiza tais sinais, com ambas as mãos, uma em cada extremidade da cabeça de modo a demonstrar que são vozes distintas e até mesmo concorrentes. Ele ainda enuncia que se sente dividido por essas vozes, esses dizeres, que hora parecem direcioná-lo para uma determinada ação, hora para outra ação.

Em outro momento ele enuncia que “estas vozes são como se ele estivesse separado, como se um lado estivesse brigando com outro lado”. Abaixo, vemos o enunciado realizado em Libras:

**Figura 52 - Tradução do discurso em Libras: “estas vozes são como se eu estivesse separado, como se um lado estivesse brigando com outro lado”**



DIVISÃO



METADE ESQUERDA



VOZ (lado esquerdo)



DIVISÃO



METADE DIREITA



VOZ (lado direito)

*Fonte: Arquivo pessoal*

Wagner sempre se coloca em constante dúvida diante de seu desejo, relatando uma dificuldade em conseguir sustentar o que realmente deseja em um constante conflito consigo

mesmo. Uma demonstração clássica do sujeito barrado (\$), dividido pela linguagem. Importante reafirmar como o significante “voz” se presentifica neste caso em Libras pela sinalização de “fala”, por um dizer que afeta o sujeito e demarca sua própria divisão subjetiva.

Outro fragmento de caso que podemos recuperar e citar neste momento é o de Lana, no qual ela se queixa por ser afetada “pelas falas de seus familiares e pessoas próximas que lhe dizem o que fazer da vida”. Ela se queixa que “se sente exausta pela cobrança dos outros”. Cobrança que ela localiza como os enunciados que ela recebe destas pessoas próximas ditando o que ela deve ou não deve fazer da própria vida. Ela se sente afetada por esses dizeres e até mesmo dividida entre acolher o que lhe dizem ou sustentar seu próprio desejo e tomar suas próprias decisões na condução de sua vida, especificamente em relação ao seu relacionamento conjugal. Além das falas externadas pelos familiares e amigos mais próximos, ela se orienta por um ideal pelo qual a parceria conjugal deve se sustentar, mesmo diante das adversidades da vida. Um ideal no qual uma separação não encontra eco. Mas tal parceria vacila diante das dificuldades conjugais e diante de seu desejo de romper com tal situação. Contudo, uma posição, sintomática, que se mantém pelo conflito entre seu desejo e o ideal que ela toma como *verdade*. Quando interrogada sobre este ideal, Lana afirma que é o que “lhe foi ensinado”.

Neste enunciado, assim realizado em Libras:

**Figura 53 - Tradução da Libras: "desde criança eu fui ensinada"**



*Fonte: Arquivo pessoal*

Podemos perceber que a conjugação do sinal ME-ENSINAVAM cuja direção do movimento é voltada da 2ª pessoa para a 1ª pessoa marca, justamente, o que parte do Outro e

que se direciona ao encontro do sujeito. O sujeito sendo afetado por aquilo que vêm do Outro ao seu encontro.

Lana faz referência constante à construção de um discurso de um ‘ensinamento’ que lhe acompanha durante a vida no qual a parceria conjugal deve ser duradoura. Apesar de não afirmar isso, percebemos a orientação daquele conhecido dizer: “até que a morte os separe”. Uma parceria na qual não há espaço para um rompimento e um outro recomeço. Diante disto, o conflito se instaura pois ela se encontra, não apenas à mercê deste discurso familiar, “desde sua infância”, mas também diante do próprio desejo. Em uma sessão ela demanda do analista que também lhe diga o que fazer. Mas diante da recusa desse, Lana surpreendida por não receber uma resposta do Outro, se vê na possibilidade de um deslocamento e enuncia: “algo precisa mudar; eu preciso mudar”.

Nesses dois fragmentos, é possível reconhecer os efeitos da ressonância da voz do Outro no sujeito, e, neste caso, no sujeito que não ouve. É possível compreender que a voz do Outro, está presente. Não é exclusivamente audível, não é sonora; também não é exclusivamente gestual, mas se presentifica nos sinais da Libras.

Concordamos com Vives (2020) ao dizer que “a voz é, com isso, apreendida como o suporte corporal, e, então, pulsional, de um enunciado de linguagem, qualquer que seja a modalidade sensorial pela qual ele é expresso” (p.30).

Vives (2020) ainda localiza uma citação de Lacan no *Seminário 3*, que assim diz:

O que acontece se vocês se apegam unicamente à articulação do que ouvem, ao sotaque, e mesmo às expressões dialetais ao que quer que seja literal no registro do discurso de seu interlocutor? É preciso acrescentar a isso um pouco de imaginação, pois talvez isso nunca possa ser estendido ao extremo, mas é muito claro que quando se trata de uma língua estrangeira – o que vocês compreendem num discurso é outra coisa que o que está registrado acusticamente. É ainda mais simples se pensarmos no surdo-mudo, que é suscetível de receber um discurso por sinais visuais transmitidos por meio dos dedos, segundo o alfabeto surdo-mudo. Se o surdo-mudo ficar fascinado pelas lindas mãos de seu interlocutor ele não registrará o discurso veiculado por essas mãos (Lacan, 1955-1956/1985, p. 158)

Deste trecho de Lacan, podemos compreender, quando ele discute sobre o tema das alucinações e especificamente sobre a produção de sentido, que o discurso não se restringe a materialidade. Como ele mesmo afirma no excerto acima “o que vocês compreendem num discurso é outra coisa que o que está registrado acusticamente” (*idem*). Tanto que o exemplo que ele coloca das pessoas surdas demonstra que a materialidade não é a condição primeira da

significação. Afinal, ele mesmo afirma que se a pessoa fica “fascinada” pelas mãos, ou seja, se detém apenas na materialidade, não é possível a compreensão do discurso. Desta estrutura que se destaca.

Devemos ter em mente que tanto para os surdos, quanto para os ouvintes, é necessário a extração do objeto, neste caso o objeto voz. É necessário que o objeto caia, se destaque e assim o sujeito seja impelido, pela falta, em sua busca. Como na citação de Lacan, o sujeito surdo não pode permanecer captado apenas pelas “lindas mãos”. Conforme o vídeo apresentado anteriormente, o *infans* para além do fascínio do movimento das mãos do pai, se move na direção dele também tentar “reproduzir” os gestos que percebe. O objeto voz, extraído, mobiliza o *infans* a falar; neste caso a sinalizar.

Neste sentido, o que colocamos em questão é o modo pelo qual o sujeito se constitui a partir de uma “dinâmica invocante” (Vives, 2020), ou seja, “de um chamado recebido e aceito e como, a partir daí, ele se coloca em relação com as vozes que o rodeiam” (Vives, 2020, p.38).

Falamos do objeto voz, discorrer que enquanto objeto *a*, está desde sempre perdido, independente da modalidade material, seja gestual ou sonora. Uma vez que a pessoa surda pode estar privada da recepção da voz materna, em uma língua oral, ela não está privada da linguagem caso as figuras materna e/ou paterna apresentem uma língua de sinais.

Mais uma vez, o ponto que queremos destacar é que

Essa voz do outro seria o ponto no qual o sujeito poderá fundar a garantia de sua filiação na abertura que preserva a dimensão do chamado; no qual o sujeito pode, por sua vez, tornar-se invocante – a invocação estando, nesse caso, suscetível de ser ouvida como vocação a advir (Vives, 2020, p. 68).

O que recolhemos destes fragmentos de casos e de outros mais que compõe nossa clínica é o modo pelo qual os sujeitos destacam o efeito que as falas do Outro ecoam em suas próprias vidas. É recorrente a queixa de que o Outro dita o que deve ser feito, o caminho que deve ser seguido. E conseqüentemente uma dificuldade do sujeito se colocar para além deste discurso. Como dito por Lana ao se referir a este ponto que “se sente exausta porque todos dizem o que ela deve ou não fazer”.

Percebemos o quanto a presença e o desejo do Outro se colocam como uma questão a ser atravessada por estes sujeitos.

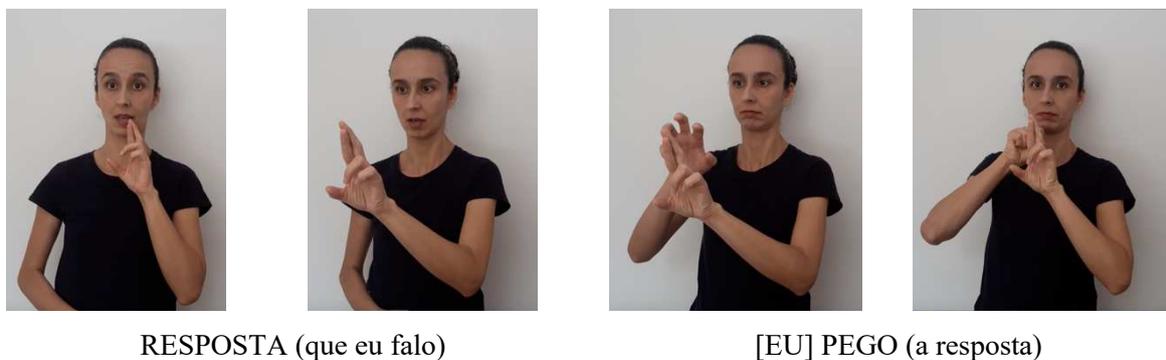
Contudo, também podemos demonstrar elementos que compreendemos que em LS também é possível que o sujeito faça um uso singular da língua na descrição do seu sintoma e

também - porque não reconhecê-lo? - na construção e elaboração de seu sintoma. Podemos apontar alguns usos que se identificam como usos inéditos da língua de sinais, um modo pelo qual o singular do sujeito aparece. Afinal, é possível identificar uma nova produção de sentido tal qual Freud aponta em seu trabalho sobre os chistes.

Destacamos o momento em que Fernando, ao se questionar sobre o motivo dele ter que fazer análise, reflete sobre sua posição nas sessões e elabora o seguinte enunciado: “Tenho minhas questões, e pelo que entendi, aqui nos atendimentos *a resposta que eu produzo, eu pego para mim*”.

Em língua de sinais, a construção desta sentença é a seguinte:

**Figura 54 - Transcrição do discurso em Libras**



Percebemos a relação que o sujeito evidencia na própria língua de sinais ao reconhecer que aquilo que ele mesmo enuncia, lhe pertence, mas que se faz necessário que ele “pegue”, tome para si novamente algo de seu próprio discurso que, inclusive – sem ele saber – lhe escapa. Em língua de sinais, especificamente na brasileira<sup>76</sup>, percebemos que o sinal referente ao conceito de “PEGAR” realiza-se com um movimento específico em direção ao objeto finalizando com um movimento de aproximação para si. Nesta sentença em específico, o sinal RESPOSTA também é “puxado” junto para próximo de Fernando, ou seja, na materialidade gestual da língua, a significação da sentença produzida por ele evidencia o que já apontamos: a possibilidade dele tomar para si, suas próprias respostas.

<sup>76</sup> Enfatizamos isto, pelo fato da Libras ser a língua de interação entre o analista ouvinte e o paciente surdo. E mesmo hipotetizando o funcionamento similar em outras línguas de sinais, não nos detivemos na investigação e comparação com outras línguas de sinais.

Outro momento que também podemos destacar do caso Wagner é quando ele enuncia sobre seu desejo de sustentar uma parceria amorosa. Contudo, sempre relata dificuldades de iniciar um contato com quem lhe interessa. Além desta “dificuldade”, que ele nomeia como tal, Wagner insiste em idealizar o encontro perfeito com uma pessoa perfeita. Tal afirmação dele nos remete ao axioma lacaniano de que “não há relação sexual<sup>77</sup>” (Lacan, 1972), no sentido de que não existe complementariedade no encontro com o outro. Ou seja, a impossibilidade de inscrição da relação entre dois corpos.

Neste sentido, Wagner realiza o seguinte enunciado em Libras:

**Figura 55 - Transcrição da Libras**



ENCONTRO/ENCAIXE [PERFEITO]



[DESVIA] para ESQUERDA

[DESVIA] para DIREITA

*Fonte: Arquivo pessoal*

Tal enunciado é construído de modo inédito e singular pelo sujeito. Uma construção que não possui uma referência *a priori* em Libras. O próprio sujeito se surpreende diante desta sua fala quando o analista pontua o que ele acaba de enunciar. O que podemos destacar deste enunciado é o modo como o sujeito, ao realizar o sinal de “encontro” com as duas palmas das mãos de modo especular, remete à construção de uma completude, de um encaixe em que todos os pontos das mãos se encontram uma com a outra. Contudo, de modo simultâneo, ocorre a incorporação da negação – mediante o movimento de cabeça. Em Libras, este movimento

<sup>77</sup> Em francês: *Il n'y a pas de rapport sexuel*

incorporado à realização imediata do sinal indica esta ideia de negativa. Mas Wagner continua sua fala e complementa sua sentença com um novo dizer, incorporando um movimento de deslocamento de uma das mãos no sinal de “encontro”. Ele desloca uma das mãos de um lado para o outro, indicando que este encontro é marcado pelo movimento e, conseqüentemente, um “não-encaixe”. Com a compreensão deste ponto, Wagner ainda surpreso com a própria elaboração diz que compreende melhor o modo pelo qual ele sempre insiste em encontrar alguém “perfeito” para si. Temos, portanto aí, mais um exemplo de como a LS se vale desta capacidade gestual e descritiva com a qual o sujeito não apenas recebe a voz do Outro, mas com o recurso que ele, literalmente, tem ao alcance das mãos, suas próprias mãos, para conseguir, a partir disto, inventar suas próprias saídas.

Retomando ao trabalho de Andrade (2013), quando ele fala da língua chinesa, consideramos na possibilidade de também afirmarmos sobre a Libras, do modo com o qual esta língua é descritiva e como esta característica permeia os discursos das pessoas surdas. Deste modo, construiu-se uma imagem da cena que apresenta detalhes, texturas, movimentos que fazem com que o interlocutor “veja” a cena que o locutor enuncia. O próprio corpo, marcado pela voz do Outro, usado como meio de simbolização, como suporte material para o processo enunciativo e, conseqüentemente, como meio de manifestação do inconsciente.

Um ponto que podemos destacar ainda neste momento é que nas falas de alguns pacientes é o “espanto” com que a pessoa surda se porta diante do menor indicativo de incompreensão que ele possa receber do sinal que realiza. Esclarecemos, diante de uma determinada sentença, é possível que o interlocutor pergunte sobre determinado sinal feito, não porque não sabe seu uso, mas porque não compreendeu o emprego no referido contexto. A pessoa surda é tomada por uma expressão de um certo espanto e reage, quase sempre, interrogando: “mas você não conhece este sinal”?

A dimensão do equívoco é tomada como um momento em que a dúvida não ganha espaço. A busca pela certeza da significação se torna a tônica. Tal processo deve ser melhor explorado em outro momento, mas vale este destaque uma vez que na clínica tal fenômeno acontece. Como em um momento em que Wagner é questionado pelo analista quanto ao enunciado proferido que continha o sinal VERDADE. Ele sempre enuncia seu desejo de “saber a verdade”. Diante da interrogação do analista, ele repete a sentença, mas inserindo a soletração manual, V-E-R-D-A-D-E. Quando questionado o motivo de fazer isto, ele responde “para evitar que você se confunda com que eu digo”.

Tal situação já é apresentada por Solé (2005) quando afirma que alguns de seus pacientes também se posicionam com uma certa desconfiança diante dos questionamentos da

analista supondo que ela não conhecia a Libras profundamente e que cada uma de suas intervenções se apresentava como dúvidas sobre o significado denotativo do sinal e não como uma intervenção para a posição discursiva do sujeito em relação sua própria fala.

Contudo, tal situação não impede que o paciente avance nos próprios questionamentos que são apontados pelo analista. Apenas destacamos tal situação como um ponto que será necessário maior discussão em momentos futuros, uma vez que a dimensão do equívoco, se faz presente, mas aparentemente apoiada em uma certa resistência.

Retomando a noção de *letra* como este ponto singular do sintoma dos sujeitos, podemos reconhecer que nos fragmentos apresentados há algo de singular que se destaca e que se articula para além do discurso enunciado em Língua de Sinais. No caso Lana, um ponto de gozo no qual ela se mantém fixada em uma posição de objeto diante do discurso do Outro, em que a parceria amorosa se sustenta em aceitar o que lhe é dito. No caso Wagner cujo ponto de gozo se localiza na busca de um ideal amoroso, o sujeito se fixa neste ideal de completude.

São narrativas, construções que produzem as bordas do corpo e o enlace significativo e assim permitindo que a letra tenha um escoamento, dentro de um campo discursivo específico. (Costa, 2009, p. 29)

Quando se sabe que se está inscrito num campo discursivo já é apaziguador, porque isso dá suporte de linguagem a algo que pode produzir despedaçamento do corpo. Isso diz respeito tanto ao campo da arte, quanto da literatura e da psicanálise. A maneira como cada campo do saber produz seus sulcos permite que os sujeitos que ali se inscrevem partam dali para fazer sua amarração singular da letra: alargando os limites do campo, tencionando-os, mas sempre circunscritos a ele. Temos de início uma estrutura discursiva que precisa da experiência de cada um para dar corpo à linguagem. (Costa, 2009, p.29)

Temos diante de nós uma possibilidade de operação clínica, de reconhecimento de como tratar o sintoma em que o sujeito pode remanejar suas *letras*, dando corpo à linguagem: literalmente o que o sujeito surdo faz. Um corpo que fala —cuja manifestação corporal se presentifica na própria língua em questão — sendo através deste modo a invenção pela qual o sujeito se expressa, e pode rever sua posição sintomática, sua posição diante do Outro produzindo uma nova escrita, no jogo entre dizer e calar, entre sentido e não-sentido.

Contudo, vale pensar sobre a ausência sonora e de como tal ausência não implicaria na ausência da palavra, ou seja, na ausência do signo, da significação. Vejamos o seguinte:

estando a palavra ausente, o cenário é o dos gestos, do olhar, do estupor. Corpo diante de corpo sem mediação da palavra. Esse silêncio consiste numa rede de rumores discretos, mas intensos, que desenha no corpo uma primeira grafia. Essa metáfora nos permite ler essa experiência como um instante de fragmentação, anterior ao sentido, despertando uma intensidade e nos mostrando que a lembrança desses afetos traça um circuito que não cessa de se atualizar. (de Paula, 2010, s/n)

Podemos considerar que tal contexto para o surdo possui uma implicação distinta. O gesto não estaria aquém da palavra, afinal apesar da palavra sonora ausente, a palavra gestual pode sim, fazer sua vez. Logo, ao afirmar que não há palavras, temos que pensar que *palavras*, em nosso contexto, pode significar tanto o signo sonoro quanto o signo gestual. Logo, a ausência de palavra não se restringe à sonoridade uma vez que a presença do gesto – pela LS – pode sim, marcar a presença do significante. A ausência da palavra oral e da palavra gestual, aí sim, demarcaria o silêncio, no qual gestos fora da dimensão de uma LS poderiam surgir sem uma mediação simbólica.

O fato das LS serem ancoradas no corpo, não fazem dela uma manifestação superior ou inferior às línguas orais. Podemos supor, como já dizemos ao longo desta tese, de diferenças qualitativas que, na perspectiva da psicanálise, devem ser exploradas. Contudo, no momento no qual abordamos as LS neste trabalho temos como objetivo a possibilidade de considerá-las com meio equiparado às línguas orais no campo da psicanálise.

Um destaque é compreender como o significante apenas pode ser compreendido pela diferença, ou seja, ele não tem valor em si mesmo, é na articulação significante que se produz sentido. É o efeito de cadeia. Assim compreendemos o sujeito, enquanto efeito. Não há apenas um significante que represente o sujeito, mas no mínimo um significante para outro.

O sujeito “efeito de significante, estará condenado a não ser ele mesmo, frustrando as expectativas de efetivar uma busca de si mesmo num *self* ou em qualquer natureza que se apoie no significante e na linguagem” (Andrade, 2013, p. 182). Assim, em Libras, também compreendemos que a significação não ocorre da relação entre significante e significado. Mas entre significantes. A clínica demonstra isto, uma vez que não é o uso denotativo que o sujeito faz em LS que está em jogo.

Um analista pouco conhecedor da Libras ou inadvertido quanto a isso, pode, equivocadamente, se filiar à uma interpretação de que a Libras é uma língua “mais transparente” do que uma língua oral. Ledo engano. Afinal, é no movimento da cadeia que a significação se produz, que o sujeito se constitui, que o sintoma pode ser interpretado. Afinal,

a anterioridade da linguagem em relação ao sujeito introduz a dimensão de mais um efeito do significante, o sujeito pensando no lugar que é ocupado pelo significado entra no jogo marcado por uma determinação e alienação no campo da linguagem. (Andrade, 2013, p.98)

O aspecto diferencial das línguas de sinais se destaca na forma performática com o qual o corpo se coloca na enunciação. Afinal, esta articulação se manifesta diante do expectador que é convocado a ver o que é apresentado. Por isso, insistimos que para além de ver, enquanto analista, somos convocados a ler o que do inconsciente se manifesta.

Tomamos a linguagem, a partir de Lacan para além de uma função instrumental, mas constitutiva do sujeito, uma dimensão estrutural na qual o sujeito se constitui mediante linguagem. Tal perspectiva nos instiga e nos levou a percorrer este caminho uma vez que, por hipótese, tínhamos a noção de que as pessoas surdas também habitariam a linguagem; mesmo que se expressassem para além da sonoridade, em uma dimensão gestual. Tomamos a linguagem em sua função simbólica e, por isso, compreendemos que os gestos/sinais em Libras são formas simbólicas de se referir ao mundo, de habitar o mundo, de simbolizar o mundo. Afinal é possível "sinalizar" para além do objeto concreto, isto é, em sua ausência e com isto representá-los.

Outro fragmento que podemos trazer neste momento é uma situação que aconteceu em um atendimento no qual destacamos a presença da letra de um modo bem específico, ancorada na especificidade das línguas de sinais.

Em um determinado momento de um atendimento, Lana sinaliza que “*tem dó do companheiro*” e, por isso não se separa dele. Após a realização do sinal DÓ, ela sinaliza com o alfabeto manual da Libras: D-Ó. Pontua a proximidade da escrita de D-Ó e D-Ó-I, mudando o sinal do acento para a letra *i* do alfabeto manual em libras. Pontua que ele diz ter dó, mas carregando a própria dor, o que “dói” desta escolha, desta postura. O efeito desta pontuação aparece no momento em que Lana se vê diante deste ponto de sofrimento e da dor que sustenta por permanecer nesta posição. Ou seja, da existência de um traço específico na qual ela se posiciona na relação sofrida com o parceiro, gozando neste lugar com um certo sofrimento.

Neste caso em específico uma construção em LS, mas ancorada em uma operação de soletração manual das letras da língua portuguesa, no qual a constatação de uma mudança sutil de um elemento, aponta para um novo modo de significação.

No caso Wagner, o fragmento já apresentado no capítulo 02 no qual pelo sonho ele se interroga sobre seu desejo, sobre o que ele realmente quer, avançando inclusive na compreensão de um “outro eu” que deseja diferente do que ele pensava desejar e com isso se

reconhece dividido, com “duas forças opostas em luta” e ainda diz mais “como se uma delas sempre prevalecesse”. Interrogado sobre qual, ele diz “uma que desconheço”.

Ainda sobre este caso Wagner, um uso bem singular que ele faz em Libras merece um destaque. Estando às voltas com suas questões sobre as parcerias amorosas, sejam elas relacionadas ao sexo oposto ou amizades, em um certo momento de análise, ele enuncia que é necessário “diminuir o *problemão*<sup>78</sup> para apenas um único problema”. Mas tal enunciação é realizada da seguinte forma em Libras:

**Figura 56 - Tradução da Libras - "Problemão"**



*Fonte: Arquivo Pessoal*

Neste enunciado, a partir do sinal *Problema*, Wagner muda a configuração de mão usando todos os dedos da mão direita, o que representa um quantificador para o sinal base que ele está enunciado. Ao longo da sinalização ele fecha, dedo por dedo, diminuindo assim a quantidade até chegar ao um único dedo (indicador) que é o sinal base para o conceito de problema. Ele conclui, com outros elementos do caso, que ele cria muitos problemas e que este plural acaba contribuindo para que ele se mantenha em uma posição de constante sofrimento. Ele reconhece que os problemas não irão cessar, mas entende a possibilidade de que eles podem diminuir em sua intensidade.

<sup>78</sup> A tradução para a língua portuguesa se torna um desafio. Wagner faz uso de um processo natural das LS de incorporação numérica em que a informação de quantidade (numeral) é acrescida no sinal durante sua execução. Neste caso, o sinal referente ao conceito de “problema” é realizado com as mãos na configuração da letra L. Somente os dedos indicador e polegar estão estendidos; os demais dedos estão contraídos. Mas neste sinal, Wagner abre todos os dedos e com isto, gramaticalmente, ocorre a referência à este mecanismo de intensificação por incorporação de numeral. Por isso, o sentido de problema é aumentado para um sentido de maior intensidade, podendo ter referência em português à incorporação do sufixo “-ão” que designa aumentativo. Estamos diante de um uso singular que Wagner faz em seu discurso, a partir de elementos que a LS oferece mas pelo qual ele inventa um novo modo de dizer e ao mesmo tempo de encontrar uma solução.

Percebemos nas sutilezas dos sinais, em elementos distintivos mínimos, que revelam uma posição do sujeito, uma ação do sujeito frente à sua própria questão. De como ele se posiciona, exagerando na “criação” de problemas e que deve avançar para uma nova postura.

Concordamos com Rengifo (2008) ao afirmar que

Como não há ocorrência particular de doença mental em pessoas surdas, devido ao seu déficit sensorial, o método analítico é bastante viável para os surdos, porque o dispositivo da fala e a associação livre não encontram limitações, desde que utilizemos a língua de sinais francesa. Os surdos sentem falta de palavras, mas não de significantes. Estamos falando de assuntos e usamos para comunicar significantes. Estes significantes articulados em uma linguagem particular (assim como a língua de sinais) condicionam o inconsciente<sup>79</sup>. (Rengifo, 2008, p.74)

Podemos reconhecer esta dimensão do significante e também da letra que estão presentes nos discursos das pessoas surdas. Mas não significa que podemos concluir este percurso de modo precoce. Outros desdobramentos podem e devem ser considerados para um efetivo uso da teoria psicanalítica nos atendimentos deste público.

Para demonstrar outros caminhos possíveis pelo qual a teoria pode se desdobrar nesta discussão, traremos, na próxima sessão, uma manifestação literária da comunidade surda enquanto um meio de compreendermos melhor as discussões que temos apresentado neste trabalho, os *Slam's*, que são apresentações de poesias performáticas. Na forma como esta manifestação cultural permite que haja uma elaboração de questões de si, do mundo, de suas experiências.

### 3.4. Por uma prática da letra em Libras: *Slam* do Corpo

Uma forma que também nos foi apresentada de forma contingencial, foram vídeos de pessoas surdas que produziam textos literários. Textos que não foram elaborados por palavras, mas com o próprio corpo, através das línguas de sinais. Nestes vídeos, pessoas surdas se apresentam, sozinhas ou acompanhadas de pessoas ouvintes interagindo em conjunta. Em alguns momentos a performance é acompanhada pela interpretação para língua portuguesa.

---

<sup>79</sup> No original: “Puisqu’il n’y a pas une occurrence particulière de la maladie mentale chez les personnes sourdes, du fait de leur défi cit sensoriel, la méthode analytique est tout à fait praticable chez les sourds car le dispositif de la prise de parole et de l’association libre ne trouve pas de limitations du moment que l’on utilise la Langue des signes française. « Les sourds manquent des mots mais pas des signifi ants. Nous sommes des sujets parlants et nous utilisons pour communiquer des signifi ants. Ces signifi ants articulés dans une langue particulière (aussi bien la langue des signes) conditionnent l’inconscient.”

Propomos passarmos por este ponto uma vez que tanto Lacan como Freud tinham interesse por produções literárias; tanto que Lacan, em seus escritos, afirma que a literatura trata de um problema, que lhe é carro, “o da relação do homem com a letra” (Lacan, 1958/1998, p, 750).

Apesar de não irmos ao encontro de produções literárias convencionais, em livros, trazemos uma manifestação cultural, poética, em língua de sinais.

Este material se demonstrou rico para nossas discussões uma vez que continham elementos autobiográficos dos sujeitos, com a apresentação de experiências, algumas compartilhadas por outros surdos, mas que eram elaboradas de forma poética.

Alguns temas são identidade, raça, confronto com a imposição oralista, família, língua de sinais. Consideramos que a forma como o sujeito surdo, toma a língua neste gênero específico, poético, apresentando ao vivo para uma audiência, um Outro, seja uma forma de elaboração de sua própria existência.

Por exemplo, existe um documentário no *Youtube* chamado *O silêncio e a fúria - poetas do corpo*<sup>80</sup>, que discute sobre este movimento poético de pessoas surdas, um deles, chamado Edinho, diz que o que lhe inspira na construção de suas poesias são “suas histórias, desde a infância, quando não conseguia se expressar de forma a atingir o outro”. O que vemos é um sujeito que busca ser escutado e que, diante de sua percepção do Outro, apresenta-se com a língua em seu corpo, de modo singular.

Além deste documentário, temos exemplos de outros vídeos, de poesias, no qual o sujeito produz um discurso com seu corpo no qual palavras do português e os sinais da Libras se misturam em uma tessitura sonora e visual. Uma amplificação de possibilidades de construções enunciativas com as quais os sujeitos narram suas experiências.

Nos inspiramos no mesmo caminho que tanto Freud como Lacan fazem ao visitar a literatura, para apresentar um desdobramento da teoria acerca do inconsciente. Deste modo, apresentamos alguns fragmentos de produções literárias de pessoas surdas como forma que elas se valem como meio de elaboração da própria vida e, por que não reconhecer, como meio de tratamento do sexual via linguagem no corpo? Seria essa forma de expressão um modo da pessoa surda, ao se apropriar da linguagem gestual, do seu corpo e, acessar um novo modo de gozo?

---

<sup>80</sup> A descrição que está no canal do *Youtube* sobre este documentário é a seguinte: “Edinho encontrou na poesia e nos *slams* uma forma de expressar o que lhe atingia mas não podia dizer com a própria voz. Surdo, ele se uniu ao compositor James Bantu para criarem juntos ritmo, expressão e sentimento, ultrapassando o circuito dos *saraus* em libras e alcançando a final do *Slam BR*, principal competição de poesia falada do Brasil”. Documentário disponível no link: <https://youtu.be/20dovmD3Y1A>

E a partir desta questão, apresentamos algumas produções em Libras, produções literárias/artísticas nas quais a pessoa surda narra suas questões de um modo singular. Um modo de fazer com a língua uma saída, uma alternativa de elaboração.

Neste contexto, o artista se aproximaria do modo pelo qual é possível tratar o real pela via do simbólico. Abordando temas como a *própria experiência da surdez*, o *preconceito*, *discriminação*, entre outros, tais artistas surdos se colocam como narradores e criam, com seus textos meios de tratar estas questões que lhes afetam.

O percurso feito por Lacan de encontrar na literatura chinesa, especificamente na poesia, elementos que contribuíram no avanço de sua teoria, nos inspira em tal prática e consideramos apresentar uma ação poética que tem se destacado na cena cultural da comunidade surda: as “batalhas poéticas” conhecidas como *Slam’s*.

Tal prática, que não é exclusiva das pessoas surdas sendo praticada por pessoas ouvintes, reúne comunidades que usam a língua como meio de expressão. Em tais eventos podemos reconhecer um uso da Libras que permite ao sujeito elaborar questões e também ser um meio pelo qual a língua é vivenciada de modo singular.

Como atividade artística, se configura também como um meio de tratamento do gozo, afinal “para Lacan, a poesia traz, em seu uso peculiar da linguagem, formas de encadeamento e de aplicação da palavra que se assemelham à função e à organização do significante e da letra no inconsciente” (Carvalho e Lazzarini, 2019, p. 221).

Além disto, Lacan propõe pela via do significante um entrelaçamento entre psicanálise e poesia aludindo a um *saber-fazer* com o gozo que se articula “das combinações de sons, fonemas e escansões para a produção de efeitos de sentidos” (Ramos, 2013, p. 47).

A escolha de apresentarmos um panorama sobre este tema, concentra-se no esforço de pesquisa de também recorreremos à poesia como campo que pode esclarecer sobre o uso da *letra* na perspectiva psicanalítica. O modo de uso da LS neste espaço dos *slam’s* revelando não apenas uma capacidade linguística, mas um modo particular dos sujeitos se colocarem no discurso, de se colocarem perante o Outro. Uma possibilidade de tomar o texto poético como modo de subjetivação, como modo de elaboração do real via significante. E no caso das pessoas surdas, de significantes materializados na LS. A poesia, como modo de uso da linguagem, que concentra em pequenos versos um grande número de imagens, de possibilidades de interpretação.

Para tanto, traremos fragmentos de 2 (duas) manifestações poéticas em Libras. Vale destacar que estas duas produções possuem a intercessão com a língua portuguesa<sup>81</sup>, uma vez que este trabalho também se direciona para pessoas ouvintes. Deste modo percebemos uma relação entre a Libras e a Língua Portuguesa. Contudo, esta intercessão será tomada em futuras pesquisas. Nosso foco de análise será na língua de sinais e nos detalhes e efeitos que ela produz em sua manifestação gestual dentro da produção poética.

Enquanto manifestação cultural, esta forma de poesia denominada enquanto *Slam*, pode ser assim definida:

A batalha de poesia *Slam* é uma modalidade de poesia falada que expande seu próprio significado, e que podemos definir como um campeonato de poesia, um evento marcado pela (auto)representatividade de grupos sociais ditos minoritários ou até mesmo um espaço de livre expressão político-social. (Paiva, 2019, p. 8)

Nestes espaços, a manifestação da poesia não se limita apenas ao entretenimento; esses podem ser considerados como eventos que se colocam como verdadeiras manifestações artísticas com caráter social cuja intervenção alcança campos como aquele da literatura e da educação, afetando diretamente a comunidade na qual estão inseridos.

Ao longo dos anos, as poesias de *Slam*, também conhecidas como “*batalhas de Slam*” se transformaram não apenas em uma modalidade de “poesia falada”, mas como um momento de encontro de minorias que afirmava sua representatividade nas comunidades.

De acordo com D’Alva (2011)

Essas batalhas cresceram não apenas se tornando um popular jogo de poesia, mas criou-se uma identidade de resistência a partir do diálogo com as temáticas propriamente debatidas e enfrentadas por diversas comunidades, como o discurso racial, a ideologia de gênero, desigualdade social, o combate ao discurso de ódio e a contravenção ao regime opressor da atual conjuntura política. Como afirma Roberta Estrela D’alva (2011) a poesia *Slam* pode ser definida de algumas maneiras: “uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas (D’Alva, 2011, p.120).

---

<sup>81</sup> As poesias selecionadas tiveram como critério de escolha a temática pela qual abordavam durante a performance. No sítio do *Youtube* é possível encontrar alguns vídeos de evento diversos de *Slam*. Diante desta variedade, escolhemos aqueles cuja temática tocava nas discussões desta tese. Coincidentemente eram produções narradas junto com a língua portuguesa. Este fato contribui para o entendimento daqueles que não dominam a Libras, não sendo necessário apresentar uma versão pelo próprio autor desta tese. Contudo, consideramos que produções, como essas, que é realizada em *parceria* entre duas línguas, se constitui um ponto interessante de pesquisa que pode ser explorado em algum momento futuro mais oportuno.

As performances nesses eventos são julgadas pelo público local e devem seguir a três regras essenciais, a saber: (1) Os poemas devem ser autorais, recitados pelo próprio autor(a); (2) Devem ser curtos, no máximo de três minutos e, por fim (3) não é permitido adereços, figurinos ou acompanhamento musical. É um momento no qual o autor do poema o apresenta com o próprio corpo. É o próprio corpo em cena, corpo falante pelo qual o sujeito se expressa.

Paiva (2019) afirma que

é importante pontuarmos a postura que os autores se colocam ao desenvolver suas poesias. Os *Slammers*<sup>82</sup> apresentam-se como autores que não apenas se colocam no papel de competidores, mas também se prestam como detentores de um discurso legitimamente representativo. Essa autorrepresentação por parte do autor se dá de acordo com o discurso adotado e como ele contextualiza sua posição social. Deste modo, é proposto dizer que, a representação condiz não apenas com a ideologia de um indivíduo ou de uma comunidade, mas a necessidade da manutenção do que é imposto aos indivíduos de maneira geral. (Paiva, 2019, p. 15)

Deste modo, esta “autorrepresentação”, que pode se manifestar na sua própria leitura do discurso adotado em que ele contextualiza sua posição social, pode ser um modo de revelar como o sujeito se reconhece em relação ao Outro. Um modo pelo qual o sujeito, busca pela via do simbólico, um tratamento para o laço com o Outro. E mesmo, pelo uso do significante, sabemos que ainda assim algo escapa, um resto que pretendemos identificar nos fragmentos selecionados abaixo.

Sobre as performances das pessoas surdas, podemos citar que o primeiro campeonato representado pela comunidade surda foi o chamado *Slam os corpos*.

Paiva (2019) esclarece

O grupo corposinalizante, em parceria com o ZAP! (Zona Autônoma da Palavra), desenvolveu um projeto a fim de integrar a comunidade surda em um sarau de poesia. Apresentado simultaneamente por duas pessoas, as poesias são recitadas na língua brasileira de sinais (LIBRAS) e em português. O *Slam* dos corpos reúne o diálogo entre línguas e performances que dialoga tanto com ouvintes como também não ouvintes (p.19).

Apresentaremos algumas destas performances poéticas do *Slam*. Escolho duas, cujos títulos e temáticas apresentadas vão ao encontro do que temos discutido ao longo desta tese. A primeira, *Na língua* e a segunda, *Voz*.

---

<sup>82</sup> *Slammers*: os poetas que participam da batalha de *Slam*

As duas performances são realizadas em duplas e são enunciadas em duas línguas, Português e Libras. Percebemos que a composição é declamada em conjunto, de modo que ambas as línguas se complementam durante a apresentação.

Um ponto de destaque é a interação dos atores/autores do poema que performam em conjunto. Caso o leitor apenas foque na LP, terá acesso apenas a uma parte do poema. É necessário se atentar também para a apresentação em Libras. Assim, colocamos a transcrição da poesia narrada em Português e, ao lado, a transcrição dos sinais realizados. Vale salientar a importância do leitor assistir o vídeo, disponível nas notas de rodapé abaixo, para ter sua própria experiência.

Começaremos com o primeiro poema, *Na língua*<sup>83</sup>:

Na Língua	Na Língua
Quando a palavra encontra o corpo	PALAVRA TOCA CORPO
A carne brota verbo	CARNE, BRILHA PARA FORA
Os ossos crescem conjugados	OSSOS BRILHAM PARA FORA
A baba escorre no futuro	SALIVA ESCORRE PARA FUTURO
A memória, pretérito imperfeito	LEMBRANÇAS DO PASSADO,
Cada unha uma letra	IMPERFEITO
Os cabelos, fios da gramática	LETRA, LETRA, LETRA EM CADA UM DOS
Os braços, troncos e pernas	DEDOS
Oração... sem sujeito	NOS CABELOS, PALAVRAS CONECTADAS
O sujeito é dito oculto	BRAÇOS, TRONCOS, PERNAS
Pelas regras sociais, é sufocado	FRASE(ORAÇÃO) SUJEITO NÃO-TEM
Mas é	[SUJEITO] OPRIMIDO, PRESSIONADO
Composto na verdade	SE DIFERENCIA
E caminha, cheio de verbo e vontade	SE FIRMA COM MUITO ORGULHO
Agente da passiva, não mais	“SIM, SIM, SIM”, CHEGA!
Agora o objeto é direto	DIRETO
Porque quando a palavra encontra o corpo	PALAVRAS TOCAM O CORPO
A carne brota verbo	CARNE, BRILHA PARA FORA
É cabeça	CABEÇA (MOVIMENTO) <sup>86</sup>
É ombro	OMBRO (MOVIMENTO)
Cotovelo, quadril, bunda, bochecha,	COTOVELO (MOVIMENTO)
Peito, órgãos internos	QUADRIL (MOVIMENTO)
Minha língua, meu corpo	BUNDA (MOVIMENTO)
Respira e brota	BOCHECHA (MOVIMENTO)
Do encontro entre Libras e Português	PEITO (MOVIMENTO)
Flertam os sexos gramáticos	ÓRGÃO INTERNOS

<sup>83</sup> Título do poema declamado por Amanda Lioli e Catherine Moreira no festival mãos e Manas. Vídeo publicado no Youtube em 03 de agosto de 2016. Disponível no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=-aLRrLauNCQ&t=1s>

<sup>86</sup> A cada toque que é realizado no corpo de Catherine a medida que a Amanda fala as partes do corpo, ela se mexe, por isso a indicação entre parênteses com a palavra “movimento”.

<p>Brinca, uma língua na outra  Amasso  O que nasce:  Ahhhhhhhhhhhh<sup>84</sup>  [poesia, poesia]<sup>85</sup></p>	<p>MOVIMENTO, CORPO SE ABRE  LIBRAS E PORTUGUÊS FLERTANDO  INSISTENTEMENTE UM COM O OUTRO  SE APROXIMAM, SE TOCAM, SE BEIJAM  NASCIMENTO  [“Ahhhhhhhhhhhh”]<sup>87</sup>  POESIA, POESIA, POESIA</p>
---	--

Alguns elementos se destacam nesta produção artística que tomamos como uma produção também literal e por que não dizer também, litoral. Afinal, é uma produção em que ambas as línguas estão em cena. Ademais, visivelmente, as duas línguas se encontram, margeiam na produção de sentido e margeiam no encontro dos corpos que interagem entre si.

De imediato, temos em cena as autoras enunciando a performance diante de um público. Tanto a autora ouvinte, Amanda e a autora surda, Catherine estão falando. Não é porque a Catherine não fala português, que ela está “muda”. Ao contrário, ela enuncia o tempo todo junto com sua colega na composição do poema. Conforme é possível observar nas transcrições acima, existe uma relação de composição entre a Língua Portuguesa e a Libras.

Destacamos também um verso que se repete neste poema e que evidencia o que temos apresentado, até então, sobre o significante que toca o corpo, produzindo seus efeitos:

*Quando a palavra encontra o corpo  
A carne brota verbo*

Este trecho é assim realizado em Libras:

**Figura 57 – Fragmento - Slam 01**



<sup>84</sup> Vale destacar que neste momento, a poeta surda emite um grito, como um grito de parto. A colega ouvinte, que até então narrava a poesia em português, passa o microfone para a colega surda que emite o grito.

<sup>85</sup> No final do poema, Amanda não fala em português, mas sinaliza em Libras, junto com Catherine, o sinal referente ao conceito de poema/poesia. Por isso, a indicação entre colchetes. O acesso à essa informação acontece mediante o conhecimento dos sinais da Libras.

<sup>87</sup> Indicação de que neste momento não é realizado nenhum sinal específico para o “grito”, mas este é produzido sonoramente.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=-aLRrLauNCQ&t=1s>

O que podemos ver na performance em Libras, é a ilustração clara da ideia de que o significante toca o corpo. Como vimos, o encontro do significante com o corpo provoca marcas com as quais o sujeito precisa aprender a lidar. Inclusive é uma forma de sinalização que já foi descrita anteriormente no caso Wagner quando este se diz afetado pelo discurso do Outro.

Como já discutido anteriormente, reconhecer na gesticulação desta modalidade de língua o movimento da cadeia significante é reconhecer literalmente como o significante afeta o corpo.

Afinal, mãos, braços, dedos, não são utilizados apenas em sua função orgânica, mas são tomados com uma função enunciativa.

No trecho abaixo, quando Amanda recita em português o nome das partes do corpo, ela simultaneamente toca nas respectivas partes de Catherine que reage com um movimento. Um dos efeitos de nomeação em Libras para indicar partes do corpo é feito com o apontamento na parte que se deseja referir.

Vemos na figura abaixo o frame do momento em que, no poema, é nomeado a parte do corpo “cabeça”.

**Figura 58 - Fragmento 02 – Slam 01**



CABEÇA

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=-aLRrLauNCQ&t=1s>

Esta apontação, esta referência, de algum modo nos diz deste efeito que, no corpo do sujeito falante de Libras, ganha um contorno, ganha uma indicação; tal qual a criança ouvinte é coberta de significantes e tem o corpo tomado pela linguagem quando, por exemplo, sua mãe nomeia em português cada uma de suas partes.

Outro momento de destaque da poesia, é quando no poema é dito:

*O sujeito é dito oculto  
Pelas regras sociais, é sufocado*

Na sinalização em Libras é marcado pelo movimento de Catherine de ser subjugada por uma força externa. Esta sinalização demarca este ponto de “opressão” no qual o sujeito está submetido ao Outro.

**Figura 59 - Fragmento 03 – Slam 01**



[SUJEITO] OPRIMIDO

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=-aLRrLauNCQ&t=1s>

Tal enunciação em Libras demarca como o sujeito, literalmente, é afetado pelo discurso no qual está inserido. Ou seja, como o sujeito está submetido ao campo do Outro e na maioria dos casos, à uma enunciação recebida em LP. Mesmo sem uma percepção da fala oral, o sujeito não está imune ao discurso que circula e se apresenta de diversas formas para ele, como por exemplo, “pelas regras sociais” nas quais ele também está submetido enquanto sujeito.

Destacamos o final do vídeo em que um som de um grito é realizado pela autora surda. Sua colega ouvinte, inclusive amplifica este som com o uso do microfone. Neste momento final do poema, a narrativa se conclui com o “nascimento da poesia”. O grito, puro, pode ser tomado nesta dimensão do objeto voz. Em sua dimensão de real, de resto, ausente de significação. Uma referência, inclusive ao objeto *a* enquanto angústia. Somente na sequência narrativa seguinte, tal impacto é contornado pelo significante “poesia” que de modo peculiar neste texto é

enunciado apenas em Libras. Ou seja, a ausência do fonema articulado não invalida a existência da voz ancorada no gesto.

O segundo vídeo que destacamos é chamado de Voz<sup>88</sup>. Este poema também é apresentado pela Amanda e pela Catherine. Abaixo segue a transcrição do poema:

VOZ	VOZ
<p>Nasceu surda em um mundo de ouvintes            Cresceu muda            numa sociedade de cegos            Tudo que tinha de seu, não tinha lugar            Nem direito            Vivia encarcerada            Em uma cela que chamavam lar            A família carcereira, não era de muita conversa            - Cala a boca Catherine! Para de mexer essas            “mão”! Fica parecendo macaco de estimação.            - O que você pensa que vai fazer? No futuro, vai            trabalhar com o que? Vai o que? Trabalhar no            circo?            - Não! Você precisa aprender a falar português;            mas que nem gente normal, entendeu?            - Você precisa ser mais normal Catherine. Eu            tenho vergonha de andar na rua com você. Você            fica lá: “hã, hu, ih, ih, ih”. As pessoas ficam            olhando... O que que é? Você é preguiçosa.            - Você não aprende português porque não quer.            Você é burra? É por isso? É tão fácil, é fácil.            Você abre a boca e fala. Abre a boca e fala. Não!            Você não usa a mão. Abre a sua boca; lê a minha            boca e fala. Abre essa boca e fala!            - Chega! Desse seu mundinho ridículo de            normalidade. Quem você pensa que é, vivendo            nessa falsa identidade? Eu sou surda, tenho a            minha voz! Não preciso falar a sua língua pra ter            voz.</p>	<p>NASCEU SURDA, MUNDO DE OUVINTES.            CRESCEU SURDA-MUDA EM SOCIEDADE            DE CEGOS.            SUA VIDA, SEM LUGAR.            EU SURDA, VIDA EM CASA PRESA.            FAMÍLIA, CUIDADO? NÃO TINHA            COMUNICAÇÃO.            - FALAR COM A BOCA? TODO MUNDO            FALANDO SEM EU ENTENDER NADA?            FALAR? FALAR?            VERGONHA DE OLHAREM PARA MIM?            EU FALAR PORTUGUÊS?            EU FALO LIBRAS; EU FALO LIBRAS; EU            FALO LIBRAS.            FALAR PORTUGUÊS? PARECER DOIDA?            EU, PREGUIÇOSA? MAS EU JÁ FALO            LIBRAS. EU SOU BURRA?            FALAR PORTUGUÊS É FÁCIL? LIBRAS            QUE É FÁCIL.            ABRIR A BOCA? ABRIR A BOCA?            Ahhhhhh            CHEGA. MUNDO PROCONCEITUOSO.            QUEM VOCÊ PENSA QUE É? EU SOU            SURDA E TENHO MEU DIREITO. TENHO            MINHA LÍNGUA, TENHO MEUS SINAIS.</p>

Interessante destacar que neste poema, apesar da coexistência das falas em LP e em Libras, diferente do anterior, o discurso em Libras é independente do discurso em LP. Enquanto existe uma fala direcionada para a Catherine em LP, ela responde em Libras ao discurso que recebe da Amanda. Reconhecemos uma marca de um certo confronto, no qual o discurso em

<sup>88</sup> Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=dl-s8rzmJqQ&t=1s>

Libras está presente, mas apenas para aqueles que compreendem esta língua. De algum modo, esta dinâmica também ilustra um pouco do movimento de opressão que as pessoas surdas vivenciam em vários momentos da vida e que, historicamente, também foi colocado. O termo “audismo” existe na literatura para apreender este movimento de subjugar a pessoa surda, sua cultura e sua língua. Interessante destacar também, o quanto esta provocação deve ser acolhida pelo campo da psicanálise, para que não seja um campo também opressor contra essas pessoas, contra sua cultura, contra sua língua. Mas, independente de uma abertura ou não da psicanálise para estes sujeitos; eles estão falando, estão se manifestando. Apenas aguardam, quem possa escutá-los.

O que este poema apresenta de destaque é o fato de trazer para discussão um tema bem sensível para parte da comunidade surda: a imposição da LP portuguesa como meio de expressão de pessoas surdas e o impedimento de uso da Libras. Tal situação acontece por uma lógica de que a LP seria superior em relação à Libras. Como já apresentado as LS foram inferiorizadas durante muito tempo desde final do século XIX. Somente no início dos anos 60 que tal situação mudou, mas até hoje temos resquícios desta situação em que a Libras não é considerada. Neste poema, tal conflito está evidenciado.

Outro destaque é no fato da fala em Libras, contrapor a fala realizada em LP. Ou seja, Catherine marca sua voz, marca sua enunciação, independente do discurso enunciado em LP. Assim, podemos reconhecer a presença de um sujeito que enuncia, mas para quem? Respondemos que para alguém que esteja disposto a ouvi-la. Esta é uma das respostas possíveis de se construir no campo da psicanálise que não pode mais se furtar a direcionar atenção para este público que tem enunciado, o qual afirma constantemente que tem uma língua. Como no poema apresentado:

**Figura 60 - Fragmento 01 - Slam 02**



EU

TENHO

LIBRAS

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=dl-s8rzmlqQ&t=1s>

Neste trecho Catherine afirma que “tem” Libras, no sentido que ela fala esta língua. Principalmente quando arguida por Amanda que insiste em dizer que Catherine precisa falar; e neste caso, falar a língua portuguesa. Catherine ainda diz:

**Figura 61 - Fragmento 02 - Slam 02**



[EU] TENHO



LÍNGUA

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=dl-s8rzmlJqQ&t=1s>

Afirma que possui uma língua, a língua de sinais. Tal afirmação demarca o reconhecimento de que ela se identifica com esta modalidade, apesar dos discursos contrários. Inclusive, tal enunciação é feita após um momento anterior em que o poema, de modo até mesmo violento, apresenta a investida sobre a pessoa surda de obrigá-la a falar uma língua oral.

**Figura 62 Fragmento 03 - Slam 02**



“expressão de interrogação”



ABRIR-A-BOCA



“ahhhhhh”

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=dl-s8rzmlJqQ&t=1s>

Quase como se estivesse forçando a emergência de algo que não se extrai da forma como se pretende. A voz do surdo não se sustenta na sonoridade, tal qual as pessoas ouvintes. Mas, tal qual outros sujeitos, se sustenta no silêncio do discurso do Outro, se sustenta no ponto

surdo em que ele, enquanto sujeito enuncia e diz, mesmo que em sinais, os significantes que lhe representam. Há um significante que se sustenta na gestualidade e que, deste modo, permite a enunciação de um sujeito que está, como vemos, literalmente, marcado em seu corpo pela linguagem.

### **3.4.1. *Escritas de sinais – um breve panorama***

Não podemos deixar de tocar em um ponto importante que é sobre a Escrita de Sinais (ES). Tal modalidade de registro é uma das formas que temos, atualmente, de um registro gráfico dos sinais realizados pelos falantes desta língua.

Percebemos elementos gráficos que buscam recuperar elementos espaciais das línguas de sinais. Elementos espaciais que são fundamentais para a compreensão e que não encontram correspondência necessária na escrita alfabética. Tal diferença de modalidades, inclusive, é apontada como um dificultador no processo de alfabetização em português para a maioria das pessoas surdas.

A escrita de sinais demonstra este caráter não linear da LS, afinal, não é apenas a sequência de elementos gráficos, mas a simultaneidade de vários elementos, precisam estar presentes e preenchidos na mesma escrita. Não aprofundaremos na argumentação sobre a escrita de sinais, mas trazemos essa referência de modo a ilustrar algumas argumentações que desenvolvemos neste trabalho.

A escrita de sinais no Brasil, teve seu início a partir da década de 90 com os trabalhos de Capovilla e Sutton (2001). Contudo, de acordo com Campos e Silva (2013), esta modalidade de escrita ainda não é difundida em toda a comunidade surda. Consideramos que, o próprio reconhecimento da Libras, apesar da legislação vigente<sup>89</sup> e de vários avanços ainda carece de maior reconhecimento e efetividade de políticas afirmativa (Souza et. al, 2019). Por exemplo, em instituições de ensino superior esta língua é ofertada, na maioria das vezes, em uma única disciplina com uma carga horária insuficiente (Carniel, 2018).

---

<sup>89</sup> Podemos citar as seguintes leis que garantem o reconhecimento da libras, seu ensino e sua aplicação como: lei da Libras, lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002; o decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.

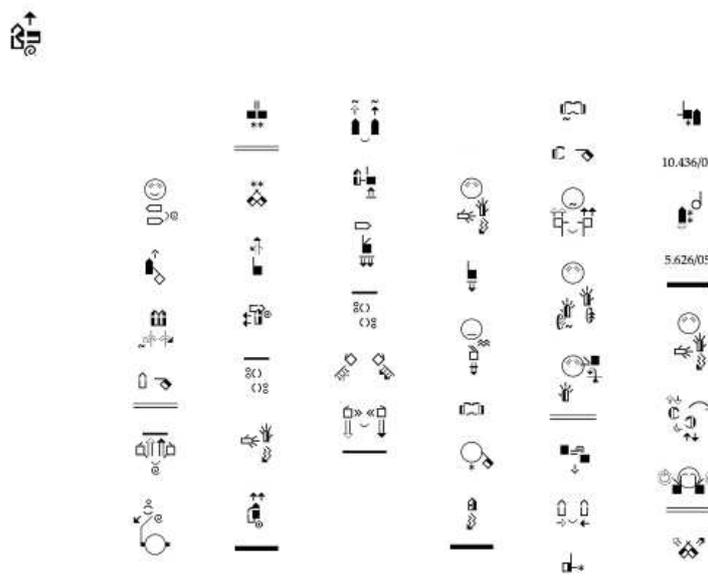
Diante deste cenário, em que a própria Libras ainda possui um contexto de fragilidade, a sua escrita gráfica, carece de reconhecimento e espaço de ensino e promoção (Campos e Silva, 2013).

Por isso, não nos aprofundamos nesta discussão, mas reconhecemos a importância de apresentar um pouco desta proposta tendo no horizonte a possibilidade de um aprofundamento nesta questão também a partir da psicanálise.

A expressão escrita de sinais é a tradução do inglês *SignWriting* (SW), que se define por ser um sistema *gráfico-esquemático-visual*, desenvolvido no ano 1974, pela coreógrafa norte-americana Valerie Sutton, na Dinamarca. Sutton já possuía o conhecimento de uma notação gráfica de movimentos de dança e a partir deste sistema, desenvolveu o SW. Tal sistema permite a notação de elementos espaciais – tão recorrentes nas línguas de sinais – permitindo um registro simultâneo de tais elementos para além da composição linear das línguas alfabéticas.

Na figura abaixo, podemos ver um exemplo desta forma de escrita:

**Figura 63 - Exemplo de um texto na Escrita de Sinais**



Fonte:

[https://www.signwriting.org/archive/docs13/sw1213\\_Brasil\\_Previa\\_Livro\\_SER\\_Kacio\\_de\\_Lima.pdf](https://www.signwriting.org/archive/docs13/sw1213_Brasil_Previa_Livro_SER_Kacio_de_Lima.pdf)

Mas ainda se faz necessário que esta forma de escrita circule amplamente de modo que várias pessoas surdas tenham acesso a esse sistema e, assim, seja possível recolher os efeitos. Contudo, será necessário aguardarmos outros desdobramentos disso.

De um modo geral, podemos definir que no momento a ES se assemelha mais à uma transcrição fonológica do que uma escrita em si. De acordo com Capovilla (2009):

O Alfabeto Fonético Internacional permite descrição detalhada dos fonemas de uma língua falada e um registro preciso das palavras que resultam de sua combinação, SignWriting permite uma descrição detalhada dos quiremas (i.e., do grego quiros, mão) de uma Língua de Sinais e um registro preciso dos sinais que resultam de sua combinação. Quando SignWriting é usado pela primeira vez para documentar cientificamente os itens lexicais de uma Língua de Sinais jamais antes escrita (como é o caso da Língua de Sinais Brasileira), ele pode ser usado como uma espécie de Alfabeto Fonético (ou Quiremo) Internacional, para registrar cada detalhe (i.e., alóquio) de cada uma das propriedades básicas (i.e., quiremas) que compõem cada sinal. (Capovilla, 2009, p. 73)

Esta forma de escrita registra elementos fonológicos diferenciais de cada sinal como, os parâmetros (já apresentados no capítulo 01): configurações de mão, pontos de articulação, movimento, por exemplo. Alguns trabalhos já discutem a necessidade de uma maior simplificação desta forma de escrita, inclusive com a supressão de alguns elementos gráficos demonstrando um movimento de adaptação da escrita ao seu uso cotidiano.

Afinal, se compararmos com a escrita das línguas orais que data de milênios, a SW é muito recente e deverá sofrer mudanças e adaptações ao longo do tempo. Contudo, apenas se sua circulação se ampliar com o uso. Deste modo, enquanto uma escrita recente e ainda extremamente relacionada com a produção gestual, não nos oferece elementos, a princípio para contribuir na compreensão de especificidades sobre o dualismo escrita x fala, tal qual a escrita chinesa.

Outra forma de escrita ainda existe no Brasil, chamado ELiS (Escrita da Língua de Sinais), proposta elaborada pela pesquisadora Mariângela Estelita Barros (2008). Basicamente, este sistema apenas circula concentradamente no estado de Goiás. Diferente da SW, esta escrita se baseia em elementos que produzem uma escrita linear semelhante das línguas orais e que tem uma base fonológica. Abaixo, vemos algumas imagens de como esta forma de escrita se organiza. Estas imagens foram retiradas da tese de Barros (2008) que se dedicou a investigar o processo de aprendizado deste sistema em um curso de 30 horas. Com este curso, a

pesquisadora pretendia recolher observações sobre este sistema de escrita visando sua melhora tanto para o processo de ensino-aprendizado como seu uso pelas pessoas falantes de Libras.

Uma das tarefas deste curso era a produção textual de uma história de tema livre. A turma foi dividida em grupo e um dos textos produzidos foi o seguinte:

**Figura 64 - Texto escrito no sistema ELis**

-..ll∩T /l<sup>+</sup>u<sup>+</sup>‡<sup>+</sup> <li.v<sup>+</sup>u<sup>+</sup>-π<sup>+</sup><sup>+</sup>  
 -..ll∩T .l.πφθ<sup>+</sup> //l.<sup>+</sup>#<sub>+</sub> l.<sup>+</sup>λ<sup>+</sup>←<sup>+</sup> -l<sup>uv</sup>vπφθ<sup>+</sup>-σ<sup>+</sup> ° -..ll∩T  
 //\...l<sup>+</sup>πφθ<sup>+</sup> //\vφ<sup>+</sup>≠<sup>+</sup> .l.v<sup>+</sup>∩<sup>+</sup>≈<sup>+</sup> -lπφ<sup>+</sup>‡ <li.v<sup>+</sup>u<sup>+</sup>-π<sup>+</sup><sup>+</sup>  
 -l<sup>+</sup>φ←→⊙ , .l.<sup>π</sup>.ll.<sup>v</sup>πv∩<sup>+</sup>⊕π<sup>+</sup>π<sup>+</sup>⊙ //-.<sup>+</sup>)#<sub>-</sub> l.<sup>+</sup>λ<sup>+</sup>←<sup>+</sup> °  
 .l.<sup>+</sup>λ<sup>+</sup>←<sup>+</sup> //..πφ≈<sup>+</sup> .l.π∩<sup>+</sup>π<sup>+</sup>∩ //l.<sup>π</sup>π<sup>+</sup>‡ <li.v<sup>+</sup>u<sup>+</sup>-π<sup>+</sup><sup>+</sup>  
 <li.v<sup>+</sup>u<sup>+</sup>-π<sup>+</sup><sup>+</sup>∩ , //.<sup>+</sup>φ‡ //l.v<sup>+</sup>γΔ<sup>-</sup>π<sup>+</sup>  
 -..ll∩T -l<sup>+</sup>Δ<sup>+</sup>θ<sup>+</sup> //l.v<sup>+</sup>γΔ<sup>-</sup>π<sup>+</sup> <li.v<sup>+</sup>u<sup>+</sup>-π<sup>+</sup><sup>+</sup> ; /l<sup>+</sup>λ⊙  
 //..πγμ≠<sup>+</sup> -lv∩<sup>+</sup>→°

Fonte: Barro (2008)

Na própria tese, a autora oferece uma identificação de cada um destes símbolos gráficos. Cada um deles representa um sinal específico da Libras e está grafado como se fossem palavras de estruturas fonológicas. Cada um destes elementos individuais correspondendo às letras, representam um determinado aspecto do sinal como a configuração da mão, o movimento realizado, entre outros elementos.

Abaixo a proposta de identificação de cada um destes sinais:

**Figura 65 - Identificação dos sinais escritos.**

-..ll∩T (sinal-nome) /l<sup>+</sup>u<sup>+</sup>‡<sup>+</sup> (conhecer) <li.v<sup>+</sup>u<sup>+</sup>-π<sup>+</sup><sup>+</sup> (tartaruga)  
 -..ll∩T (sinal-nome) .l.πφθ<sup>+</sup> (ir) //l.<sup>+</sup>#<sub>+</sub> (junto) .l.<sup>+</sup>λ<sup>+</sup>←<sup>+</sup> (mamãe)  
 -l<sup>uv</sup>vπφθ<sup>+</sup>-σ<sup>+</sup> (praia) ° -..ll∩T (sinal-nome) //\...l<sup>+</sup>πφθ<sup>+</sup> (brincar)  
 //\vφ<sup>+</sup>≠<sup>+</sup> (areia) .l.v<sup>+</sup>∩<sup>+</sup>≈<sup>+</sup> (ver) -lπφ<sup>+</sup>‡ (assustar) <li.v<sup>+</sup>u<sup>+</sup>-π<sup>+</sup><sup>+</sup>  
 (tartaruga) -l<sup>+</sup>φ←→⊙ (grande) , .l.<sup>π</sup>.ll.<sup>v</sup>πv∩<sup>+</sup>⊕π<sup>+</sup>π<sup>+</sup>⊙ (sair-correr-chorar)  
 //-.<sup>+</sup>)#<sub>-</sub> (junto) .l.<sup>+</sup>λ<sup>+</sup>←<sup>+</sup> (mamãe) °

Fonte: Barros (2008)

Apresentamos apenas parte do texto com a identificação de cada um dos sinais. Abaixo, a proposta de tradução, para o português, realizada pela autora deste mesmo texto

**Figura 66 - Tradução do texto escrito no sistema ELiS.**

Lara<sup>20</sup> conhece uma tartaruga

Lara foi junto com sua mãe para a praia. Lara estava brincando na areia quando se assustou ao ver uma tartaruga muito grande e saiu chorando correndo para junto de sua mãe.

Sua mãe lhe explicou que não precisava chorar porque tartaruga não morde, que podia fazer carinho.

Lara resolveu ir fazer carinho na tartaruga e ficou muito admirada em ver que eram da mesma altura.

*Fonte: Barros (2008)*

Mas o que ambas as propostas de escrita defendem é a capacidade da pessoa surda em usar um sistema de escrita que tenha como base a língua de sinais e não uma língua de base sonora. Como apresentado, por serem sistemas ainda não muito difundidos na própria comunidade surda brasileira, não temos muitos elementos que nos serviriam de discussão nesta tese. Contudo, consideramos necessário apresentar, mesmo que brevemente, esses dois sistemas.

Um ponto que merece destaque, e que também não será o foco desta investigação é a relação que as pessoas surdas mantêm com a língua escrita de base fonética. Para nos restringirmos apenas ao Brasil, no caso das pessoas surdas com o português escrito. O que podemos destacar é que a relação destas pessoas com a LP, tal qual é o português oral, é de se assemelhar à falantes estrangeiros.

Trabalhos como os de Brochado (2003), Quadros (2006), Freita et al. (2018) Meirelle e Spinillo (2009), Gonçalves (2012) afirmam que as dificuldades de escrita que este grupo possui não possui uma origem na surdez em si. Não é pelo fato de serem surdos que eles apresentam dificuldade de escrita, mas oriundos de um processo de alfabetização que não considera as especificidades linguísticas deste grupo. Algumas dificuldades encontradas em textos de pessoas surdas podem ser assim descritas, “uso inadequado e omissão de preposições, terminação verbal que não correspondia à pessoa e ao tempo do verbo, inconsistências entre passado e presente, flexão inadequada de gênero (adjetivos, artigos) e uso incorreto do pronome pessoal” (Meirelle e Spinillo, 2009, p.137).

Outros fatores que dificultam a produção textual de surdos referem-se à: (a) metodologias inadequadas para o ensino de português como segunda língua para surdos, (b) despreparo e desconhecimento, por parte dos professores, da Libras e consequentemente, dificuldade na comunicação com seus alunos; (c) diferenças formais entre a LP e a Libras.

Além disso, Brochado (2003) afirma que

os aprendizes surdos apresentam dificuldades de aprendizagem da escrita por apresentarem língua e cultura diferentes do ouvinte, cujo processo de apropriação de uma segunda língua corresponde ao de uma língua estrangeira, com interferência da primeira língua e decorrente das especificidades da surdez. Quadros (1999) afirma que o ensino da Língua Portuguesa para surdos sempre foi baseado no processo de alfabetização de crianças ouvintes e que, por essa razão, os resultados foram considerados um fracasso. Constata que a criança não atingia o domínio da Língua Portuguesa, porque era a língua ensinada oralmente e graficamente durante todo o período em que a criança ficada dentro da escola. (p.11)

Percebemos que são pontos delicados que merecem maior aprofundamento antes de se afirmar qualquer conclusão precipitada sobre a escrita de pessoas surdas, principalmente a partir do olhar da psicanálise. A relação entre fala e escrita que Lacan propõe a partir do seu encontro com a língua chinesa pode ser um guia para compreendermos este fenômeno com as pessoas surdas. Contudo, é necessário ter em mente como estas questões pedagógicas e linguísticas estão atravessadas e, com isto, representam um dificultador na compreensão da relação da pessoa surda falante de Libras com a língua portuguesa.

Se perguntarmos para este grupo qual a percepção que possuem com a LP, a maioria responde que tem uma relação frustradas com a escrita, considerando-a muito difícil. Inclusive, diante do atual movimento de inclusão, várias iniciativas privilegiam o acesso da pessoa surda à informações veiculadas em Libras e não apenas em português. Podemos citar, por exemplo, as provas do ENEM que desde o ano de 2017 são disponibilizadas em vídeo-provas<sup>90</sup> para os candidatos. Na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) desde o ano de 2019 existe um

---

<sup>90</sup> As vídeo-provas são vídeos com a tradução das provas originalmente em LP para Libras. Traduzem-se as informações essenciais, as questões e as alternativas. Contudo a resposta do candidato surdo deve ser realizada em gabarito impresso conforme demais concorrentes. Para conhecer alguns exemplos das vídeo-provas, é possível acessar o canal oficial do INEP na plataforma do *Youtube*: <https://www.youtube.com/watch?v=xh8DPkrkqSw&list=PLjz5Kd6rxbE6Ax-HASITENa0uT4bZraxG>

curso de letras com habilitação em Libras<sup>91</sup> cujo ingresso também aconteceu por um vestibular especial com vídeo-provas<sup>92</sup> em Libras.

### 3.5. Considerações

Um saber fazer com a língua. Esta é uma afirmação que somos levados a considerar após este percurso, reconhecendo que as pessoas surdas no processo de narrar a própria história, podem se servir de elaboração das próprias questões, a partir da sua língua de sinais.

Língua, tal qual temos demonstrado que, apesar da modalidade gestual, também sustenta a cadeia significativa e, por isso, tal processo narrativo, demonstra que a leitura do inconsciente é possível, também, em língua de sinais.

Temos demonstrado o quanto a linguagem não pode ser dissociada da compreensão e tratamento do inconsciente e que a linguagem pode se ancorar, tanto em línguas de modalidade oral, quanto de modalidade gestual. Ou seja, reconhecemos que as manifestações do inconsciente em LS também são possíveis. Como demonstrado até então.

Além disso, enfocamos o modo pelo qual o sujeito surdo se serve da linguagem, entendendo, principalmente, de que o sujeito para constituir um sujeito, precisa ser falado. Mesmo a pessoa surda, que nasce em uma família de pessoas ouvintes que não falam nenhuma língua de sinais, está imersa em um universo simbólico. Contudo, a circulação da língua encontra um limite, uma vez que a pessoa surda não tem acesso às articulações sonoras. Mas a língua está posta; as relações humanas neste grupo, estão definidas simbolicamente. Mesmo que este sujeito tenha acesso à alguma língua de sinais tardiamente, seu encontro com esta língua também está dado. As línguas de sinais, no caso do Brasil a Libras, já estão em circulação. A pessoa surda também é falada nesta língua; principalmente nos casos quando nasce em uma família que fala Libras.

Outro ponto fundamental que podemos considerar após este percurso, é a dimensão imagética da LS que, de algum modo, também está presente enquanto funcionamento

---

<sup>91</sup> Curso conhecido com o Letras-Libras. Para mais informações sobre este curso, é possível acessar a página do colegiado na internet: <https://libras.letras.ufmg.br/institucional/colegiado>

<sup>92</sup> Para acesso à vídeo-provas deste concurso de vestibular, acessar o link: [https://www.ufmg.br/copeve/site\\_novo/?pagina=8](https://www.ufmg.br/copeve/site_novo/?pagina=8)

significante. Relembramos que a imagem funciona como espelho, semblante da coisa, mas para funcionar como significante precisa de um furo, de um ponto opaco. Apesar da imagem, a dimensão simbólica da Libras está presente. Diante disso, conforme afirma Rengifo (2008) é possível considerar uma clínica com a pessoa surda; não seria um problema, desde que usados os *instrumentos linguísticos* apropriados. E no caso, a condução de um atendimento em Línguas de Sinais, desde que esta também seja a língua da pessoa a ser atendida.

Conforme já destacado, quando Lacan afirma que a experiência do analista se concentra em “tocar a fala” (Lacan, 1957, p. 496) e “dela recebe seu instrumento e seu material para trabalho” (*idem*), podemos reconhecer que não se restringe na sonoridade ou na gesticulação e sim, no reconhecimento de algo para além da materialidade fonológica, isto é, um discurso, é o material de trabalho do analista.

Quando retomamos a criança do vídeo apresentado no capítulo 01 (Taylor) no qual ele se agita diante a sinalização feita pelo pai, destacamos que não é qualquer sinal que é feito, mas a soletração de seu nome – Taylor. Neste ponto, resgatamos Lacan ao afirmar que “o sujeito, se pode parecer servo da linguagem, o é ainda mais de um discurso em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito em seu nascimento, nem que seja sob **a forma de seu nome próprio**” (Lacan, 1957, p.498 – grifo nosso). Ou seja, vemos a marca da soletração do nome próprio já instaurando um lugar do *infans* no discurso do Outro. E neste caso, uma nomeação com o corpo sobre o corpo do *infans* que tal como Caldas (2015) nos ajuda a compreender, “não se trata do corpo orgânico que independe da fala, mas do corpo que, para a psicanálise, só o é como falante.” (p.2)

Neste percurso reconhecemos que Lacan, desde suas primeiras contribuições no avanço da psicanálise a partir de sua releitura de Freud, já destacava o sujeito enquanto efeito de significante. Efeito que o marca a partir de um lugar no conjunto simbólico do Outro.

Logo, não há exclusividade de uma determinada modalidade em relação à outra, seja por sinais ou sons, mas se há uma fala, uma fala endereçada ao outro (via transferência), podemos reconhecer os elementos dos quais apontam para a cadeia de significantes e mais ainda, na possibilidade de para além desta cadeia, reconhecermos a inscrição da *letra*. Isto é, a possibilidade de ver o testemunho do inconsciente no discurso articulado em Língua de Sinais.

Consideramos também que não devemos confundir a discussão sobre a noção de *letra* em uma perspectiva puramente gráfica, mas como um operador conceitual. O que demonstramos é que tal noção nos serve para compreender a presença da dimensão da linguagem e do gozo também nas manifestações lingüísticas das pessoas surdas. Tal noção nos serve para compreender e afirmar que os discursos dos surdos durante o processo de análise

não servem apenas como uma função de comunicação, mas em sua função de simbolização, de constituição do sujeito. E como tal, o gozo e seus efeitos estão presentes.

Pessoas surdas, mas que se constituem enquanto sujeito (\$) uma vez nos atendimentos gesticulam em sua língua, enunciam significantes, procuram significantes “perdidos”, fazem uso do alfabeto manual, de letras que recortam o ar formando palavras que não permanecem, não ecoam, mas como uma luz que pisca, num relance, se apaga. Trazem à tona os sinais, mas depois cessam. E mesmo assim, é possível reconhecer o real da palavra perdida; o real do signo no corpo. Literalmente, o real da língua. E assim o sujeito surdo vai construindo sua própria narrativa, diante de seu próprio embaraço com seu desejo.

Por fim, concordamos com a elaboração de Vinciguerra (2016) ao retomar o enunciado lacaniano “o inconsciente, isso fala”, há um desdobramento, principalmente a partir da discussão da dimensão do real e do tratamento do gozo, que progressivamente é possível reconhecer uma variação desta sentença para “o inconsciente, isso se escreve”. Ou seja, que o inconsciente “escreve a posição singular do ser de gozo do sujeito. Resta a impossibilidade de escrever a própria relação sexual” (Vinciguerra, 2016, p. 24).

Por fim, consideramos que a proposta de ler o inconsciente se orienta não pela busca de compreensão do sentido, no processo de significação, mas tal como nos aponta Miller, é reduzir o sintoma à sua fórmula inicial. É ler a letra onde o significante está reduzido ao traço, à marca. É reconhecer o singular no discurso sinalizado das pessoas surdas, aquilo que aponta para seu modo de gozo.

## 4. Considerações finais

*Quer queiramos, quer não, o inconsciente se faz presente e revela que, quando o sujeito fala, há algo que fala através dele e apesar dele. (...) a dimensão da surpresa e do espanto constitui uma parte essencial da experiência. (Jorge, 2017, p. 241)*

Ao longo da escrita desta tese, nos enveredamos por algumas trilhas que nos conduziram a determinados conceitos e noções da psicanálise com quais julgamos necessário incluir no tratamento da nossa questão de pesquisa. Sabemos que outros percursos seriam possíveis, além de reconhecermos que não é neste trabalho de tese que se esgota a vastidão teórica que pode ser revisada diante das questões que surgem a partir do encontro, na clínica, com pessoas surdas falantes de Libras.

Afinal, nos questionamos sobre a condução possível de uma análise em uma língua de modalidade gestual que até o início da pesquisa, se colocava como um referencial de investigação. Contudo, revisamos esta proposta, a partir do encontro com trechos das obras de Freud e Lacan sobre a subjetividade de pessoas surdas e assim, redefinimos nosso objeto de pesquisa. A leitura destas referências, nos tomaram de surpresa, uma vez que são momentos explícitos em que ambos fazem referência às pessoas surdas<sup>93</sup> e à sua língua. Tais referências nos serviram de indicação para reconfigurarmos nosso percurso de investigação que se definiu na investigação na constituição subjetiva do sujeito a partir de uma língua não-fonética. Neste sentido, também tínhamos no horizonte a possibilidade de reconhecermos o modo pelo qual o inconsciente também dá testemunho nas línguas de sinais.

O que levamos a cabo nesta pesquisa, foi o destaque para a investigação da constituição subjetiva tendo como referência, o conceito de inconsciente articulando com a discussão acerca da dimensão sonora quem tal como demonstrado ao longo deste trabalho, não se coloca como dimensão exclusiva. Esta tarefa se deu na escrita de três capítulos nos quais demarcamos os pontos que nos serviram de guia para sustentar nossa argumentação.

---

<sup>93</sup> Ressaltamos que na escrita dos textos freudiano e lacaniano, a nomenclatura utilizada é de surdos-mudos. Conforme discutido na tese, o termo menos pejorativo que deve ser utilizado na discussão desta condição é o termo: surdo.

No primeiro capítulo, nos detivemos na discussão acerca da linguagem e psicanálise, apresentando alguns aspectos que consideramos balizares para nossa discussão, uma vez que desde Freud a discussão da linguagem está presente. Um exemplo singular é sua monografia sobre as afasias, que se propõe a revisar a dimensão da linguagem, especificamente nos distúrbios das afasias para além de uma dimensão puramente neurológica. Freud argumenta por uma perspectiva funcionalista. Além disto, as línguas são o meio de acesso e tratamento do inconsciente. Nesta perspectiva a linguagem já se faz presente em Freud e continua com Lacan. Portanto, nossa proposta da entrada das LS neste campo de discussão dentro da psicanálise não se constitui um movimento totalmente estranho. O singular se coloca diante da particularidade da LS enquanto línguas de dimensão não-sonora.

Neste sentido, propomos apresentar argumentos de que a sonoridade não é uma dimensão de exclusividade dentro da psicanálise quando se pensa a dimensão do inconsciente. Seja em Freud, quando reconhece que pessoas surdas fazem operações distintas com a língua de sinais ou Lacan, que reconhece a dimensão significante como não sendo restrita ao sonoro e ao seu objeto voz que também não se limita à uma expressão fonológica.

Especificamente em Lacan, destacamos o primeiro momento de suas discussões, na teoria do significante, do modo pelo qual ele recorre a linguística para avançar na compreensão do inconsciente ao ponto de apresentar a definição clássica do “inconsciente estruturado como uma linguagem”.

Também caracterizamos as línguas de sinais, especificamente à Libras, apresentando suas particularidades enquanto uma língua de modalidade gestual apresentando elementos que nos serviram de base para a compreensão e identificação de elementos que pudessem destacar nossa compreensão da manifestação do inconsciente através desta língua.

Em nosso percurso deslocamos o foco da materialidade sonora para o ponto no qual Saussure caracteriza a língua, enquanto um “sistema de diferenças”. Demonstramos que as LS também se caracterizam por sistemas de diferenças uma vez que o significante não está atrelado de modo fixo ao significado. Por esta perspectiva, a partir da premissa lacaniana, demonstramos que tal qual as línguas orais, as línguas de sinais se articulam movimentação da cadeia de significantes.

Nesta esteira, o sistema de diferenças importa na constituição do sujeito, entrando em cena a presença e o desejo do Outro na constituição do sujeito e com isto, um novo passo a ser realizado nesta pesquisa.

No segundo capítulo desta tese, consideramos avançar na discussão acerca da relação do sujeito com o Outro e como tal relação se constitui pela via da linguagem.

Construímos nossa argumentação mantendo no horizonte que, apesar da experiência psicanalítica considerar o aspecto social da língua, um ponto mais além se destaca, ou seja, de que o sujeito, apesar de estar submetido a determinação da linguagem, pode tomar os significantes com um sentido que possui uma relação menor com os valores sociais e alinhá-los com seus sintomas, sua história, com o encontro singular da relação que estabelece com o Outro.

Ao introduzir esta dimensão do Outro, destacamos, a partir da teorização do Grafo do Desejo, alguns elementos que corroboram com a discussão proposta por Lacan de que a fala do sujeito possui dois planos distintos a saber: um primeiro plano referente ao código linguístico, ou seja, ao discurso corrente de onde se destaca uma produção de sentido pela interpretação do código; e um segundo plano, o da mensagem enquanto um resultado da conjunção entre o discurso e a cadeia significante.

Além disto, neste mesmo esquema gráfico encontramos letras e matemas, ou seja, uma articulação de oposição do significante que escutamos e a letra que está presente no inconsciente e que deve ser lida. Conforme trabalhamos ao longo desta tese, um analista não apenas escuta o inconsciente, ele o lê. Nesta perspectiva não é a materialidade linguística que é essencial, mas, os aspectos estruturais presentes no reconhecimento das formações do inconsciente, das invariantes estruturais que podem ser localizadas através dos enunciados articulados em línguas orais ou em línguas de sinais.

Neste momento de nossa discussão, apresentamos alguns fragmentos de caso que contribuíram no entendimento de como esta operação também está presente nas pessoas surdas falantes de Libras. Destacando elementos linguísticos que, tal como Freud fez com alguns de seus casos, indicavam o modo pelo qual poderíamos reconhecer o inconsciente dando testemunho através dos enunciados. Também apresentamos brevemente alguns trechos da biografia de Helen Keller na composição de nossa casuística, destacando como ela mesmo reconhece o efeito que a linguagem teve em sua constituição enquanto sujeito. Linguagem está que se sustentou em uma manifestação gestual pela interação com sua professora na época, Anne Sullivan.

Também recorreremos à alguns vídeos do *Youtube* que registram a interação de pessoas surdas com bebês pela língua de sinais como meio de ilustrar o efeito da linguagem no *infans*, sendo que evidenciamos como que a modalidade gestual de uma língua de sinais também afeta a criança, seja ela surda ou não.

Por fim, no terceiro capítulo, apresentamos a discussão a cerca da noção de *letra*, diante da virada conceitual que Lacan faz em sua teoria a partir do seu encontro com a língua e cultura

orientais. A construção teórica de um inconsciente como escrita no leva a reconhecer a dimensão do real, presente na linguagem, para além de seu caráter simbólico.

Neste momento, que localizamos a partir do *Seminário XVIII*, Lacan faz uso da literatura, referenciando principalmente a poesia como modo de tratar a análise em sua dimensão poética, o que significa reconhecer que tal qual o poema em que as palavras não se esgotam, mas ecoam significações distintas, uma análise também ressoa para além das palavras. Uma análise, não coloca em jogo apenas as palavras, mas algo além, que se refere à dimensão do gozo, à dimensão do real.

Nesta referência, podemos compreender que para além das palavras, para além da sonoridade está em jogo a compreensão do Real. Neste sentido, se é para além de tal materialidade, o testemunho do inconsciente não estaria reduzido na sonoridade e nem mesmo na gestualidade das línguas de sinais. A partir de tal materialidade, mas sendo necessário a introdução da dimensão do real que não se restringe à esta ou aquela língua. E como demonstrado nesta tese, que também não se restringe à esta ou aquela determinada modalidade.

Por fim, em nosso percurso no terceiro capítulo argumentamos que uma das possibilidades de se reconhecer o inconsciente para além da sonoridade, a partir do entendimento do inconsciente enquanto o movimento da cadeia significante seria a partir da letra, do traço. Ou seja, do que escapa ao sentido, escapa às palavras, reconhecendo a dimensão do gozo.

Concordamos com o que nos diz Rosa (2009)

Com a introdução da noção de letra nos anos 1970, a teoria lacaniana afasta-se do significante saussuriano fundado sobre uma prevalência da dimensão falada sobre a dimensão escrita da língua. À medida que deixa para trás a hegemonia da linguística estrutural em sua dimensão significante e representativa, Lacan torna evidente que o fenômeno essencial da língua não é o sentido, mas o gozo: é a pulsão, e não a significação, que move o ser falante (p.69).

Mesmo tomando a dimensão da letra, mantemos a ênfase na fala do sujeito. Contudo, em uma perspectiva que se orienta para além da busca de um sentido permeável em um movimento de equivalência ao código fonético (oral ou gestual). Afinal, este além da fala do sujeito propicia reconhecer o inconsciente que irrompe na fala do sujeito. É no momento do lapso, do esquecimento, do trocadilho, que o sujeito se perde e ao mesmo tempo, se reconhece. E é disto, que irrompe na fala do paciente que é possível localizar a letra, neste traço singular

que marca o sujeito e pelo qual ele tece, pelas vias do simbólico, da linguagem, um modo de conseguir se reconhecer enquanto sujeito de desejo.

Conforme discutido, é no registro do Real que Lacan localiza o conceito de *lalíngua* e a diante disto que ele coloca o poeta e a poesia ao lado do Real. Ele entende que o artista lidar com um saber-fazer com a língua que também apresenta o inconsciente. O que pode ser denominado como uma função poética que tem relação com o Outro.

Função poética que tem a ver com a função do Outro. Proposta de demonstrar que em LS, especificamente em Libras, é possível lermos o sintoma, ou seja, reconhecermos o inconsciente, para além da fala dos pacientes surdos. Isto é, reconhecer o dizer por trás do dito. E neste sentido, fizemos uso da performance literária das competições de *Slam* em Libras demonstrando o saber fazer com as palavras e os sinais, além de como o sujeito faz uso deste recurso enquanto um saber fazer com seu corpo enquanto corpo afetado por significantes e que demonstra esta relação com o Outro. Com os vídeos do *Slam* do corpo, demonstramos que existe um saber-fazer com a língua de sinais, inclusive em parceria com a língua portuguesa. Tal recurso se mostra frutífero para a elaboração de questões próximas da pessoa surda.

Por fim, consideramos que este percurso de pesquisa nos possibilitou defender que a psicanálise pode acolher e contribuir com a discussão sobre as LS e a pessoa surda uma vez que o campo da linguagem se faz presente desde o começo dos trabalhos de Freud. Ademais, demonstramos que a teoria do significante proposta por Lacan sustenta o reconhecimento do funcionamento das LS enquanto meio de manifestação do inconsciente. Diante disto, caminhamos na defesa de que a dimensão sonora não se coloca como meio exclusivo para a constituição subjetiva do sujeito uma vez que o que está em jogo é a presença do Outro que insere a pessoa surda no campo da linguagem. Ou seja, a discussão desta questão se desloca, portanto, para o entendimento da linguagem para além da materialidade física.

Por fim, para além da dimensão sonora, podemos nos valer da noção de letra, que por não ser tomada pela perspectiva fonológica, mas da marca, do traço e que nos leva ao campo do Real, do sem sentido. Isto é, daquilo que escapa ao sujeito. Enquanto letra, o sintoma não é para ser *escutado*, mas para ser lido.

Apontamos, orientados pela psicanálise, que é possível ler o inconsciente. E como demonstramos, a possibilidade de reconhecer que o inconsciente também dá seu testemunho em sujeitos que se apresentam por uma língua de modalidade gestual. Assim, não é a dimensão fonológica, uma dimensão que exerce primazia no reconhecimento do inconsciente.

Com este trabalho buscamos nos inserir no campo de pesquisa deste fenômeno da língua de sinais, somando com outros pesquisadores que já abriram possibilidades de discussão e com

isto, oferecer novos subsídios para que novas investigações aconteçam e que haja a possibilidade de uma maior compressão do fenômeno do inconsciente em pessoas falantes de LS. Afinal, muito ainda há o que se pesquisar. Não concluímos esta jornada, mas demarcamos um novo ponto de saída.

## 5. Referências

- Agamben, Giorgio (1996/2008). Notas sobre o gesto. Tradução. Vinicius Nicastro Honesko. *Artefilosofia*, Ouro Preto, n.4, p. 09-14, jan.2008
- Aguiar, Fernando. (2006). Questões epistemológicas e metodológicas em psicanálise. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 105-131. Recuperado em 30 de maio de 2018, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352006000100007&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100007&lng=pt&tlng=pt).
- Aires, Suely. 2020 (?). Da Quase Equivalência à Necessidade de Distinção: significante e letra na obra de Lacan. Disponível em < [http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/textos/significante\\_e\\_letra.pdf](http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/textos/significante_e_letra.pdf)>
- Albares, Raquel Servino da Silva; Benassi, Claudio Alves. (2015). Comunicação gestual caseira e Libras: semelhanças e diferenças oriundas das necessidades comunicacionais. Em: Revista Diálogos: linguagens em movimento. Ano III, N. I, jan.-jun.
- Almeida, V. A. R. (2003). *O Primeiro Ensino de Lacan: O Sujeito, Entre Saber e Verdade*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.nucleosephora.com/biblioteca/corpo1/dissertacoes/vanda/Vanda%20cap3.pdf>. Acesso em 14 jun 2010.
- Alvez, C. B.; Ferreira, J. de P.; Damázio, M. M. (2010). *A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: Abordagem bilíngue na escolarização de pessoas com surdez*. Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação. Brasília.
- Alves, Elizabete Gonçalves, & Frassetto, Silvana Soriano. (2015). Libras e o desenvolvimento de pessoas surdas. *Aletheia*, (46), 211-221. Recuperado em 04 de fevereiro de 2020, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942015000100017&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942015000100017&lng=pt&tlng=pt).
- Amati-Mehler, J., Argentieri, S., & Canestri, J. (2005). *A Babel do Inconsciente: Língua materna e língua estrangeiras na dimensão psicanalítica*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Andrade, C. S. (2013). *A interpretação analítica e a escrita poética chinesa*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
- Andrade, C. B. (2016). A escrita de Derrida: notas sobre o modelo freudiano de linguagem. *Psicologia USP*, 27(1), pp. 96-103. doi:<https://dx.doi.org/10.1590/0103-656420140050>
- Arrivé, M. (1994). *Linguística e psicanálise. Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e outros*. São Paulo, SP: Edusp.
- Azzi, Rafael Domingues; Lyra Netto, Edgar de Brito (Advisor). In the beginning was the logos: language, truth and experience in Walter Benjamin. Rio de Janeiro, 2015. 128p. Doctoral dissertation – Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
- Bastos, A. (2014). *A voz na experiência psicanalítica*. *Ágora* (Rio de Janeiro) v. XVII n. 1 jan/jun 2014. pp. 59-70
- Barros, Mariângela Estelita. (2008). *Elis - Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Florianópolis. Disponível em < <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91819>>
- Barros, Mariângela Estelita. (2016). Princípios Básicos Da Elis: Escrita Das Línguas De Sinais .Revista Sinalizar, v.1, n.2, p. 204-210, jul./dez. 2016. Disponível em < <https://repositorio.bc.ufg.br/xmlui/bitstream/handle/ri/17493/Artigo%20-%20Mari%20Estelita%20Barros%20-%202016.pdf?sequence=5&isAllowed=y>>

- Barroso, Adriane de Freitas. (2012). Sobre a concepção de sujeito em Freud e Lacan. *Barbaroi*, (36), 149-159. Recuperado em 26 de setembro de 2019, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-65782012000100009&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782012000100009&lng=pt&tlng=pt)
- Barroso, A. d. (2015). Lacan: entre linguagem e pulsão, por uma psicanálise do sujeito. *Revista Subjetividades*, 15(1), pp. 57-66. Acesso em 2018 de Março de 30, disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2359-07692015000100007&lng=pt&tlng=p](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692015000100007&lng=pt&tlng=p)
- Benassi, C. A.; Duarte, A. S. (2014). *Números Semânticos*: O recurso didático e sua aplicação no ensino de língua portuguesa para surdos e de Libras para ouvintes. In.: *IV SIMELP*. Disponível em [http://www.simelp.letras.ufg.br/anais/simposio\\_48.pdf](http://www.simelp.letras.ufg.br/anais/simposio_48.pdf). Consulta em 20 de julho de 2019.
- Bernardino, Leda Mariza Fischer. (2003). Escrita e escrita na psicanálise com crianças neuróticas. *Estilos da Clínica*, 8(14), 12-19. Recuperado em 25 de fevereiro de 2020, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282003000100002&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282003000100002&lng=pt&tlng=pt).
- Bento, Conceição Aparecida. (2004). A escrita e o sujeito: uma leitura à luz de Lacan. *Psicologia USP*, 15(1-2), 195-214. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642004000100020>
- Birman, J. (2007). Escrita e psicanálise: Derrida, leitor de Freud. *Natureza humana*, 9(2), pp. 275-298. Acesso em 04 de março de 2018, disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302007000200003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302007000200003&lng=pt&tlng=pt).
- Bisol, C. A., Simioni, J., & Sperb, T. (2008). Contribuições da psicologia Brasileira para o estudo da surdez. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(3), pp. 392-400. Fonte: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722008000300007>.
- Bispo, F. S., & Souza, M. G. (2013). O discurso psicanalítico entre outros: considerações sobre Radiofonia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v.13 n.2, pp. 625-645. Acesso em 02 de Março de 2018, disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v13n2/v13n2a13.pdf>
- Bittencourt, E. (2002). Da letra e da leitura na clínica do literal. *Revista Literal - Letra e Escrita na Clínica Psicanalítica*, nº 5.
- Bittencourt, Maria Vitória. (2014). A letra do desejo: um relato de sonho. *Stylus (Rio de Janeiro)*, (29), 143-149. Recuperado em 26 de agosto de 2020, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-157X2014000200014&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2014000200014&lng=pt&tlng=pt).
- Bernardino, E. L. A. O uso de classificadores na língua de sinais brasileira. *ReVEL*, v. 10, n. 19, 2012.
- Brandão, Ruth Silviano. (2005). Pascal Quignard: escrever é ouvir a palavra perdida. *Alea: Estudos Neolatinos*, 7(2), 235-244. <https://dx.doi.org/10.1590/S1517-106X2005000200005>
- Brasil. Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/Leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Leis/2002/L10436.htm)> Acesso em: 16 nov. 2018.
- Brasil. Decreto nº5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm)> Acesso em: 16 nov. 2018.

- Brentari, D. (2012). Chapter 3: Phonology. In: Sign Language: an international handbook. Pfau, R.; Steinbach, M.; Woll, Bencie (eds.) Walter de Gruyter GmbH & Co. KG, 10785 Berlin/Boston, p. 21-54.
- Boonen, Carolina, & Calazans, Roberto. (2017). A noção de sujeito do inconsciente como situação imanejada. *Tempo psicanalítico*, 49(1), 98-122. Recuperado em 26 de setembro de 2019, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382017000100006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382017000100006&lng=pt&tlng=pt).
- Brochado, Sonia Maria Dechandt (2003). *A apropriação da escrita por crianças surdas usuárias da Língua Brasileira de Sinais*. (tese de doutorado). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de ciências e letras de Assis. São Paulo, Assis. Disponível em <[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102476/brochado\\_smd\\_dr\\_assis.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102476/brochado_smd_dr_assis.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>
- Buzar, Edeilce Aparecida Santos. (2009). A singularidade visuo-espacial do sujeito surdo: implicações educacionais. 2009. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade de Brasília, Brasília.
- Cabas, A. G. (2006). *O sujeito no discurso analítico – seus fundamentos (De Freud a Lacan – Da questão do sujeito ao sujeito em questão)*, Tese de doutorado, Programa de Pos-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ.
- Cabas, A. G. (2010). *O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Caldas, H. (2007). *Da voz à escrita: clínica psicanalítica e literatura*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007.
- Cavalcante, M., & Brandão, L. (2012). Gesticulação e fluência: contribuições para a aquisição da linguagem. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 54(1), 55-66. doi: <https://doi.org/10.20396/cel.v54i1.8636971>
- Campello, Ana Regina, & Rezende, Patrícia Luiza Ferreira. (2014). Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. *Educar em Revista*, (spe-2), 71-92. <https://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.37229>
- Campos, S. S. A. U. de S., & Silva, T. dos S. A. da. (2013). <b>A escrita de sinais no Brasil sob olhar da comunidade acadêmica </b>- doi: 10.4025/imagenseduc.v3i2.20762. *Imagens Da Educação*, 3(2), 54-61. <https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v3i2.20762>
- Caneppele, Alessandra. (2007). O ouvido, a boca e o olho: a psicanálise entre o apagamento e a memória dos lugares da linguagem. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 10(1), 61-74. <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982007000100004>
- Carniel, Fagner. (2018). A reviravolta discursiva da Libras na educação superior. *Revista Brasileira de Educação*, 23, e230027. Epub May 03, 2018. <https://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782018230027>.
- Caropreso, Fátima, & Simanke, Richard Theisen. (2008). Uma reconstituição da estratégia freudiana para a justificação do inconsciente. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 11(1), 31-51. <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982008000100003>
- Cardoso, L. M., Capitão, C. G. (2007). Avaliação psicológica de crianças surdas pelo Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister. *Psico-USF*, v. 12, n. 2, p. 135-144, jul./dez.
- Carvalho, Maura Cristina de, & Lazzarini, Eliana Rigotto. (2019). A enunciação do analista como (tradução) poética: um percurso pela poesia concreta para roçar a língua da técnica lacaniana. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 22(2), 219-227. Epub May 27, 2019. <https://doi.org/10.1590/1809-44142019002009>
- Capovilla, F. & Raphael, W. (2001). *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue Língua de Sinais Brasileira – VOL. II: M a Z*, USP.

- Capovilla, F. & Raphael. (2004). Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue Língua Brasileira de Sinais – Vol. I: A a L, USP.
- Capovilla, F., Raphael, W. & Rauricio, A. (2009). Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue – Vol. I: A e H, USP.
- Checchia, Marcelo Amorim. (2004). Considerações iniciais sobre lógica e teoria lacaniana. *Psicologia USP*, 15(1-2), 321-338. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642004000100028>
- Costa, A. M. (2003). Algumas reflexões sobre a inscrição da letra. Em N. d. Leite, *Corpolinguagem: Gesto e Afetos* (pp. 115-124). Campinas, SP: Mercado das Letras.
- Coutinho, J. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*. vol. 1: *As bases conceituais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002
- Chomsky, N. (1965). *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Massachusetts, the MIT Press.
- Chomsky, N. (1995). *The minimalist program*. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- Chomsky, N. (2002). *On Nature and Language*. Cambridge University Press.
- Chomsky, N. (2008). *Arquitetura de Linguagem*. São Paulo: EDUSC.
- Chomsky, N. (2010). *Linguagem e Mente*. 3ª ed., São Paulo: Unesp.
- Costa, André Oliveira. *De palavras e inconsciente: a função da linguagem na origem da psicanálise*. Tempo Psicanalítico, Rio de Janeiro, v. 47.2, p. 69-89, 2015
- Cruz, I. d. (2015). *Contribuições da psicanálise lacaniana às práticas de grupo nas Instituições de Saúde*. São Paulo: Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação da Universidade de São Paulo.
- Cukiert, Michele. (2004). *Considerações sobre corpo e linguagem na clínica e na teoria lacaniana*. *Psicologia USP*, 15(1-2), 225-241. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642004000100022>
- Dalcin, Glades (2005). *Um estranho no ninho: um estudo psicanalítico sobre a constituição da subjetividade do sujeito surdo*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Curso de Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/102698/223932.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- D'Agord, Marta Regina de Leão. (2013). Do grafô do desejo aos quatro discursos de Lacan. *Psicologia USP*, 24(3), 431-451. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642013000300005>
- Demo, P. (1994). *Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Demo, P. (2000). *Metodologia do conhecimento científico*. Atlas Ed. São Paulo.
- Derrida, J. (1995). *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva.
- Derrida, J. (1998). Carta a um amigo japonês. Em P. Ottini, *Tradução: uma prática da diferença* (É. Lima, Trad.). Campinas: Unicamp.
- Dunker, C. I. (2003). As escansões do gesto: esboço para uma teoria psicanalítica da ação. Em N. d. Leite, *Corpolinguagem: gestos e afetos* (pp. 31-38). Campinas, SP: Mercado das Letras.
- Dor, J. (1989). *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como uma linguagem*. Porto Alegre, Artes Médicas.

- D'Alva, Roberta Estrela. (2011). Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o *poetry slam* entra em cena. *Synergies Brésil*, n.º 9, 2011. p.119-126. Disponível em <<https://gerflint.fr/Base/Bresil9/estrela.pdf>>
- d'Escragnolle Cardoso, Maurício José. (2012). Retorno sobre a influência de Saussure sobre Lacan. *Analytica: Revista de Psicanálise*, 1(1), 28-44. Recuperado em 08 de agosto de 2019, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2316-51972012000100003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972012000100003&lng=pt&tlng=pt).
- de Paula, Janaina Rocha. (2010). Pascal Quignard: o silêncio, o ruído, a palavra na ponta da língua. *Revista Estudos Lacanianos*, 3(4), p-pp. Recuperado em 21 de agosto de 2020, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-07692010000100013&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-07692010000100013&lng=pt&tlng=pt).
- Evangelista, Kácio de Lima (2018). Ser. 1. ed. – Fortaleza, CE: [s.n]. Disponível em <[https://www.signwriting.org/archive/docs13/sw1213\\_Brasil\\_Previa\\_Livro\\_SER\\_Kacio\\_de\\_Lima.pdf](https://www.signwriting.org/archive/docs13/sw1213_Brasil_Previa_Livro_SER_Kacio_de_Lima.pdf)>
- Elia, Luciano. *O conceito de sujeito. Psicanálise passo a passo*. 50. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- Emmorey, K. (2002). *Language, Cognition, and the Brain: Insights From Sign Language Research*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Fingermann, Dominique. (2007). O que falar quer dizer?. *Ide*, 30(45), 24-27. Recuperado em 06 de agosto de 2019, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31062007000200005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062007000200005&lng=pt&tlng=pt).
- Ferreira-Brito, L. (1995). *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Ferreira-Lemos, PP. *Sujeito na psicanálise: o ato de resposta à ordem social*. In: SPINK, MJP., FIGUEIREDO, P., and BRASILINO, J., orgs. *Psicologia social e personalidade* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais; ABRAPSO, 2011, pp. 89-108. ISBN: 978-85-7982-057-1. Available from SciELO Books .
- Ferreira, Nadiá Paulo. (2002). Jacques Lacan: apropriação e subversão da lingüística. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 5(1), 113-131. <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982002000100009>
- Fingermann, Dominique. (2007). O que falar quer dizer?. *Ide*, 30(45), 24-27. Recuperado em 17 de setembro de 2019, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31062007000200005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062007000200005&lng=pt&tlng=pt).
- Figueiredo, Ana Cristina, & Machado, Ondina Maria Rodrigues. (2000). O diagnóstico em psicanálise: do fenômeno à estrutura. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 3(2), 65-86. <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982000000200004>
- Figueiredo, A. C., Nobre, L., & Vieira, M. A. (2001). Pesquisa clínica em psicanálise: a elaboração de um método. Em A. C. Figueiredo, *Psicanálise: Pesquisa e Clínica* (pp. 11-23). Rio de Janeiro: Edições IPUB/CUCA.
- Filho, Kleber Prado & Teti, Marcela Montalvão (2013). *A cartografia como método para as ciências humanas e sociais*. *Revista Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n.38, p., jan./jun. disponível em <<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/2471/2743>>
- Forrester, J. (1983). *A linguagem e as origens da Psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora Ltda.
- Freitas Junior, R.; Soares, L.A.A.; Freita, H.S.R.X., Nascimento, J.P.S. (2018). Será um grande de aprendizado?: uma análise descritiva dos aspectos linguísticos da escrita de surdos em pbl2 – interfaces entre textualidade, uso e cognição no estado de interlíngua. *Pensares em Revista*, São Gonçalo-RJ, n. 12, p. 07-29, 2018. Disponível em <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/33200/24954>>

- Friedman, L. A. (1975). Space, time, and person reference in American Sign Language. *Language*, 51(4), 940–961.
- Freud, S. (1891/2013). *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Freud, S. (1895/1974). *Projeto para uma psicologia científica* (1895). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (E.S.B.), vol. 1. Rio de Janeiro: Imago. p.301-409.
- Freud, S. (1900). A interpretação dos sonhos In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- Freud, S. (1901-1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Freud, S. (1915). O Inconsciente. Em S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. XIV* (pp. 163-222). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915b). Conferências introdutórias sobre psicanálise. Vol. 15. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1922/2006). Dois verbetes de enciclopédia (E. A. M. Souza, Trad.). Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII, pp. 253-280). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1922)
- Freud, Sigmund. (1922). Além do princípio de prazer. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Freud, S. (1923a). E Ego e o Id. Em S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. XIX* (pp. 11-83). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1923b). A dissolução do complexo de Édipo . In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- Freud, S. (1925). Uma nota sobre o Bloco Mágico. Em S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. XIX* (pp. 255-261). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1933). O mal-estar na civilização. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas de Sigmund Freud. v. 10: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 51.
- Guarinello, Ana Cristina (2007). O papel do outro na escrita de sujeitos surdos. Plexus. São Paulo
- Guerra, A. M. C. (2001). A lógica da clínica e a pesquisa em psicanálise: um estudo de caso. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 4(1), 85-101. <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982001000100006>
- Goeppert, S. C. (1980). *Linguagem e Psicanálise*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Gonçalves, C. (2012). *Ensino e aprendizagem do Português Língua Não Materna: necessidades e representações dos alunos*. Revista Portuguesa de Educação, 2012.
- Goulart, A. T. (2003). Notas sobre o desconstrucionismo de Jacques Derrida. (P. d.-g.-L. Portuguesa, Ed.) Belo Horizonte. Acesso em 31 de Março de 2018, disponível em [http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC\\_DSC\\_NOME\\_ARQUI20120903143756.pdf](http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20120903143756.pdf)
- Grenha, T. (2004). Herança e Escritura: um estudo sobre Freud em Derrida. *Dissertação de Mestrado*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

- Greco, Musso (2011). Os espelhos de Lacan. Opção Lacaniana online, nova série. Ano 2. Número 6. Novembro 2011. Disponível em: <[http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_6/Os\\_espelhos\\_de\\_Lacan.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/Os_espelhos_de_Lacan.pdf)> Acesso em maio de 2019.
- Halabe, D.J.E. (2018). A psicanálise realizada em Libras: Demandas e desafios da clínica com pacientes surdos. Tese de doutorado. Pós-graduados em Psicologia: Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.
- Iglesias, Eny Lima. (1996). Aspectos topológicos do grafo do desejo. *Cógitto*, 1, 29-33. Recuperado em 25 de setembro de 2019, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-94791996000100006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94791996000100006&lng=pt&tlng=pt).
- Jackendoff, R. (2009). *Language, Consciousness, Culture: Essays on mental structure*, Massachusetts, The MIT Press.
- Joffily, Sylvia Beatriz. (2010). Origem motriz da linguagem sonora dos homens: um estudo exploratório. *Ciências & Cognição*, 15(3), 62-68. Recuperado em 18 de maro de 2019, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-58212010000300007&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212010000300007&lng=pt&tlng=pt).
- Johnson, R. E.; Liddel, S. K. (2011) *A Segmental Framework for Representing Signs Phonetically*. Sign Language Studies. vol. 11, nº. 3. Spring.
- Jorge, M.A.C. (2005). Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: as bases conceituais. (vol.1). Rio de Janeiro: Zahar.
- Jorge, M.A.C. (2017). Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: a prática analítica. (vol.3). Rio de Janeiro: Zahar.
- Keller, H. (1938/2001). *A história de minha vida*. São Paulo: Antroposófica: Federação das Escolas Woldorf no Brasil.
- Klima, E. S., & Bellugi, U. (1979). *The Signs of Language*. New York.
- Lacan, J. (1949). *O estádio do espelho como formador da função do eu*. In: Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- Lacan, J. (1953-1954/1986). O Seminário, Livro 1: Os Escritos Técnicos De Freud (1953-1954). io de Janeiro: Jorge Zahar Editor
- Lacan, J. (1953/1998a). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Em J. Lacan, *Escritos* (pp. 496-533). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
- Lacan, J. (1954/1998b). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. Em J. Lacan, *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1955-1956). *O seminário. Livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1988 (Trabalho original publicado em 1955-1956)
- Lacan, J. (1957 - 58). *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- Lacan, J. (1958/1998), Juventude de Gide ou a letra e o desejo. In\_ Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. pp. 749-775
- Lacan, J (1962/63). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- Lacan, J. (1964/1985). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1970a). *Seminário 17: O Avesso da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Lacan, J. (1970b). Radiofonia. Em J. Lacan, *Outros Escritos* (pp. 400-447). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1971/2003). Lituraterra. Em J. Lacan, *Outros Escritos* (pp. 15-25). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
- Lacan, J. (1972/2003). O aturdido. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1972-1973/1985) O Seminário, livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1975/1998c). Conferência em Genebra sobre o sintoma. *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise* (23), 10
- Lacan, J. (1998c). O seminário sobre "A carta roubada". Em J. Lacan, *Escritos* (pp. 13-66). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1998c). Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval. In J. Lacan, *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2005a). O simbólico, o imaginário e o rel. in\_ Nomes do Pai. Jorge ZAHAR Editor. Rio de Janeiro.
- Lacan, J. (2005b). Nomes-do-pai. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lacet, C. (2003). Considerações sobre a letra e a escrita na clínica psicanalítica. *Estilos da Clínica*(8(14)), pp. 50-59. Acesso em 2018 de Março de 29, disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282003000100005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282003000100005&lng=pt&tlng=pt).
- Leite, T.A. (2008) *A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea sobre surdos*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês. São Paulo.
- Liddell, S. K. (1980). *American sign language syntax*. The Hague: Mouton.
- Liddell, S. K., & Johnson, R. E. (1989). American Sign Language: The Phonological Base. *Sign Language Studies*, 64(Fall), 195-277.
- Lillo-Martin, D.; Klima, E. S. (1990) Pointing out differences: ASL pronouns in syntactic theory. IN: *Theoretical Issues in Sign Language Research*, Vol. I: Linguistics, eds. S.D. Fischer & P. Siple, 191-210. Chicago, IL: The University of Chicago Press.
- Lourenço, G. (2014a). Capítulo 2: Introdução à gramática das línguas de sinais. In: \_\_\_\_\_. *Concordância, Caso e Ergatividade em Língua de Sinais Brasileira: uma Proposta Minimalista*. 2014. 161 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Lourenço, G. (2014b). A manifestação da concordância nas Línguas de Sinais. *Revista e-escrita: revista do curso de Letras da UNIABEU*, v. 5, p. 46-58, 2014.
- Lourenço, G. (2017). A assimetria entre verbos de concordância e verbos simples em Língua Brasileira de Sinais. *Revista Entrepalavras*, v. 7, p. 15-35, 2017.
- Lourenço, G. (2018). Layering de informações visuais e a estrutura morfofonológica dos verbos em Libras. In: *II Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística e Libras, 2018, Florianópolis. II Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística e Libras*. Florianópolis.
- Lourenço, G.; Quadros, R. M. (2018). The syntactic structure of the clause in Brazilian sign language. In: *Ronice Müller de Quadros. (Org.). Brazilian Sign Language Studies*. 1ed. Boston/Berlin/Munich/Preston: De Gruyter Mouton / Ishara Press.

- Lourenço, G.; Wilbur, R. B. (2018) Are plain verbs really plain?: Colocalization as the agreement marker in sign languages. *Feast* (2).
- Lourenço, G. (2019) Testando a Hipótese de Visibilidade do Evento na Língua Brasileira de Sinais. (artigo em avaliação).
- Lowenkron, A. M. (2006). Pesquisa clínica na psicanálise: caminhos. *Jornal de Psicanálise*, 39(71), 171-188. Recuperado em 30 de maio de 2018, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352006000200010&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000200010&lng=pt&tlng=pt).
- Lyons, J. (1897). *Lingua(gem) e Linguística: uma introdução*. Editora Guanabara Koogan S.A. Rio de Janeiro
- Machado, Zilda. (2013). Diztrincar a interpretação. *Stylus (Rio de Janeiro)*, (27), 113-119. Recuperado em 03 de setembro de 2019, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-157X2013000200011&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2013000200011&lng=pt&tlng=pt).
- Machado, A. M. N. (1998). *Presença e implicações da escrita na obra de Jacques Lacan*. Ijuí, RS: Ed. Unijuí.
- Machado, Zilda. (2013). Diztrincar a interpretação. *Stylus (Rio de Janeiro)*, (27), 113-119. Recuperado em 03 de setembro de 2019, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-157X2013000200011&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2013000200011&lng=pt&tlng=pt).
- Magalhães, S. (2016) *A psicanálise e o mistério do corpo falante*. Disponível em <<http://www.campopsicanalitico.com.br/media/1035/a-psicanalise-e-o-misterio-do-corpo-falante.pdf>> Acesso em Mar. 2016
- Major, R. (2002). *Lacan com Derrida* (F. Abreu, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Matos, R. P., Carvalho Filho, J. G., Castro, J. E., Dias, M. V., Calzavara, M. P., & Chaves, W. C. (jan./jun. de 2008). Articulações entre Conceitos Fundamentais da Psicanálise, sua clínica e a pesquisa na Universidade. *Interação em Psicologia*, 12(1), pp. 133-140. Acesso em 30 de Maio de 2018, disponível em <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/7853>
- Medeiros Santos, E (2017). *Letra: semblante e gozo*. Opção Lacaniana online nova série. Ano 8, Número 22, Março. Disponível em <[http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_22/Letra\\_Semblante\\_e\\_gozo.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_22/Letra_Semblante_e_gozo.pdf)>
- Meirelle, V.; Spinillo, A. G. (2009) Uma análise da coesão textual e da estrutura narrativa em textos escritos por adolescentes surdos. In: *Estudos de Psicologia* 2004, 9(1), 131-144. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n1/22389.pdf>. Consulta em 20 de julho de 2014.
- Miller, Jacques-Alain. (2011). A salvação pelos dejetos. In V. A. Ribeiro (trad.). *Perspectivas dos Escritos e Outros escritos de Lacan: entre desejo e gozo* (pp. 227-233). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 2010.)
- Miller, Jacques-Alain (2011b). *Ler um sintoma*. Escola Brasileira de Psicanálise. *On-line*. Disponível em <<https://ebp.org.br/sp/ler-um-sintoma/>>
- Miller, Jacques-Alain. (2012). A psicanálise, seu lugar entre as ciências. In: Coelho dos Santos, T.; Santiago, J.; Martello, A. (Orgs.). *De que real se trata na clínica psicanalítica?: psicanálise, ciência e discursos da ciência*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Miller, Jacques-Alain (2012b). *O escrito na fala*. Opção Lacaniana online nova série. Ano 3. Número 8. Julho 2012
- Miller, Jacques-Alain. (2013) *Jacques Lacan e a voz*. Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. São Paulo: Eolia. Ano 4, Número 11, Julho 2013

- Miller, Jacques-Alain. (2014). *O inconsciente e o corpo falante*. Disponível em <<http://www.wapol.org/pt/articulos/TemplateImpresion.asp?intPublicacion=13&intEdicion=9&intIdiomaPublicacion=9&intArticulo=2742&intIdiomaArticulo=9>> Acesso em Mar. 2016. Versão estabelecida por Anne-Charlotte Gauthier, Ève Miller-Rose e Guy Briole. Texto oral, não revisto pelo autor.
- Milner, Jean-Claude. (2010). Linguística e Psicanálise. *Revista Estudos Lacanianos*, 3(4), p-pp. Recuperado em 08 de março de 2020, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-07692010000100002&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-07692010000100002&lng=pt&tlng=pt).
- Milner, Jean-Claude (2012). O amor da língua. Campinas, Editora Unicamp.
- Menicucci, Juliana Gonçalves, & Santiago, Jésus. (2012). A metáfora enquanto ponto de basta: uma articulação possível entre a noção de metáfora e a teoria dos nós. *Mental*, 10(19), 203-220. Recuperado em 20 de fevereiro de 2019, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-44272012000200003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272012000200003&lng=pt&tlng=pt).
- Monteiro, Cleide Pereira. (2012). *A noção de língua: uma contribuição da psicanálise lacaniana à concepção de língua*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal da Paraíba. Programa de Pós-graduação em Letras. João Pessoa.
- Moraes, M. S. (2003). Como a língua separa a fala do corpo. Em N. d. Leite, *Corpolinguagem: Gestos e Afetos* (pp. 61-64). Campinas, Sp: Mercado das Letras.
- Moraes, Maria R.S. (2014). *Resenhas de Traduções/Translations Reviews*. Cadernos de Tradução nº 33, p. 367-396, Florianópolis.
- Moreira, J. O. (2010). Pesquisa em psicanálise na pós-graduação: diferentes possibilidades. In F. Kyrillos Neto & J. O. Moreira (orgs.). *Pesquisa em psicanálise: transmissão na universidade* (pp. 146-155). Barbacena: UEMG
- Moreira, R. L. (2007). Uma descrição da dêixis de pessoa na língua de sinais brasileira: pronomes pessoas e verbos indicadores. Dissertação (Mestrado em Linguística)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Nasio, J.-D. (1993). *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Nascimento, Luis Vinicius do, & Mello, Denise Maurano. (2016). O que se inscreve é o que se transmite: escrita, estilo e transmissão. *Trivium - Estudos Interdisciplinares*, 8(1), 16-24. <https://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2016v1p.16>
- Nogueira, Luiz Carlos. (2004). A pesquisa em psicanálise. *Psicologia USP*, 15(1-2), 83-106. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642004000100013>
- Nunes, Lúcia Maria. (2004). A escrita em gesto : um caso de surdez. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.
- Oliveira, L.E.C. (2017). Sobre o esquecimento inesquecível da voz do Outro: O objeto voz na psicanálise. (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia da PUC-Rio. Rio de Janeiro
- Oliveira, Vânia M.R. de; Campista, Valesca do R. (2007). O silêncio: multiplicidade de sentidos. In: SINAIS - Revista Eletrônica - Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.02, v.1, Outubro. pp.107-120. (disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/sinais/article/viewFile/2850/2316> )
- Pacco, A. F., & Silva, É. R. (2015). A surdocegueira no contexto escolar. *Educação*, v.5, n.2, pp. 141-166. Acesso em 15 de Maio de 2018, disponível em <https://claretiano.edu.br/revista/77/revista-educacao>
- Padden, C., & Humphries, T. (1988). *Deaf in America: voices from a culture*. London: harvard University Press.

- Paiva, Edson Prazeres Ribeiro. (2019). *Batalhas de poesia slam: representatividade sócio-literária*. João Pessoa. Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências Humanas Letras e Artes. Coordenação dos Cursos de Graduação Presenciais de Licenciatura em Letras. Licenciatura em Língua Portuguesa. Monografia. Disponível em < <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/14457/1/EPRP07052019.pdf>>
- Pereira, E. L. (2016). Sobre a pulsão invocante na reabilitação auditiva com sujeitos surdos: um estudo teórico. *Dissertação de Mestrado*. Natal, RN, Brasil: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Pereira, P. F. (2007). *Psicanálise e surdez: metáforas conceituais da subjetividade em Libras*. Curitiba: Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Paraná.
- Perlin, G. (1998). Identidades Surdas. Em C. Skliar, *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação.
- Paula, Janaina Rocha de. (2010). Pascal Quignard: o silêncio, o ruído, a palavra na ponta da língua. *Revista Estudos Lacanianos*, 3(4), p-pp. Recuperado em 02 de julho de 2019, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-07692010000100013&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-07692010000100013&lng=pt&tlng=pt).
- Pfau, R.; Steinbach, M; Woll, B. (2012). *Sign Language: an international handbook*. Walter de Gruyter GmbH & Co. KG, 10785 Berlin/Boston.
- Pinker, S. (2004). *O Instinto da Linguagem*. 1ª. ed., São Paulo: Martins Fontes.
- Pizzuto, E. et al. (2009). Dêixis, anáfora e estruturas altamente icônicas: evidências interlinguísticas. In: TISLR9 Sign Languages: spinning and unraveling the past, present and future. Petrópolis: Arara Azul. p. 147-166.
- Pereira, E. L. (2016). *Sobre a pulsão invocante na reabilitação auditiva com sujeitos surdos: um estudo teórico*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal
- Ramos, C. (org.). A interpretação como valor de verdade e como função poética. *STYLUS: revista de psicanálise*, n. 26, 2013. Rio de Janeiro.
- Rosa, Márcia (2009). *Da cadeia significante à constelação de letras: os signos do gozo*. *Ágora* (Rio de Janeiro) v. XII n. 1 jan/jun. pp.53-73. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/agora/v12n1/04.pdf>
- Quadros, R. M. (1995). *As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na língua de sinais brasileira e reflexos no processo de aquisição*. PUCRS.
- Quadros, R. M. (1999). *Phrase structure of Brazilian Sign Language*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Quadros, R. M. (2004). Gramática da língua de sinais brasileira: os diferentes tipos de verbo e suas repercussões na sintaxe. *Revista Anpoll*, 1(16), 289–320.
- Quadros, R. M.; Karnopp, L. B. (2004). *Língua de sinais brasileira: Estudos linguísticos*. Porto Alegre: ArtMed.
- Quadros, R. M. de.; Schmiedt, M. L. P. (2006). *Ideias para ensinar português para alunos surdos*. Brasília : MEC, SEESP.
- Quadros, Ronice Muller; Pizzio, Aline Lemos. (2011). *Aquisição da Língua de Sinais*. Florianópolis: UFSC. Disponível em: < [http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/aquisicaoDeLinguaDeSinais/assets/748/Texto\\_Base\\_Aquisi\\_o\\_de\\_L\\_inguas\\_de\\_sinais\\_.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/aquisicaoDeLinguaDeSinais/assets/748/Texto_Base_Aquisi_o_de_L_inguas_de_sinais_.pdf)>. Acesso em: 08/08/2016.

- Rego, C. M. (2005). Traço, letra e escrita na/da psicanálise. *Tese de doutorado*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Rastier, François. (2009). Tem a linguagem uma origem?. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 43(1), 105-117. Recuperado em 14 de março de 2019, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2009000100013&lng=pt&tlng=](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2009000100013&lng=pt&tlng=)
- Rengifo, F. (2008). Psychanalyse et clinique de la surdité. *La clinique lacanienne*, 14(2), 71-87. doi:10.3917/cla.014.0071.
- Rossi, Emiliano De Brito (2012). *Tradu o como sobre-vida: no exemplo de Sobre a concep o das afasias – um estudo crítico, de Sigmund Freud*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Letras Modernas. Programa de p s-gradua o em língua e literatura alemãs. Tese de doutorado. USP. São Paulo.
- Rodrigues, G. (2010). *A psicanálise pelo avesso: uma leitura do seminário O Avesso da psicanálise*. Belo Horizonte: Ophicina de Arte e Prosa.
- Rosa, M. D. (2004). *A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamenta o teórica*. *Revista Mal-Estar 3 Subjetividade*. V. IV. N . 2. P. 329 – 348. Fortaleza.
- Sandler, W; Lillo-Martin, D. (2006). *Sign Language and Linguistic Universals*. Cambridge, UK: Cambridge University Press
- Santana, Ana Paula, Guarinello, Ana Cristina, Berberian, Ana Paula, & Massi, Giselle. (2008). O estatuto simbólico dos gestos no contexto da surdez. *Psicologia em Estudo*, 13(2), 297-306. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722008000200012>
- Santos, Raquel. A aquisi o da linguagem. In: FIORIN, J. L. (Org). *Introdu o   Linguística I – Objetos Teóricos*. Porto Alegre: Editora Contexto, 2008. p. 211-226.
- Saussure, F. (1978) *Curso de Linguística Geral*. Lisboa: Dom Quixote.
- Saussure, F. (2006). *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Sauret, M.-J. (2003). A pesquisa clínica em psicanálise. *Psicologia USP*, São Paulo, 14(3), 89-104.
- Sacks, O. (1998). *Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos*. Rio de Janeiro: Imago.
- Silva, R. F. (2013). O objeto voz na experiência de uma análise. *Op o Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*. São Paulo: Eolia. Ano 4, Número 11, Julho, 2013
- Silva, Guilherme C. Oliveira, & Silva Junior, Nelson da. (2017). Letra e escrita na obra de Jacques Lacan. *Jornal de Psicanálise*, 50(92), 129-140. Recuperado em 25 de julho de 2020, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352017000100010&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352017000100010&lng=pt&tlng=pt).
- Skliar, C. (1998). Os estudos surdos em Educa o: problematizando a normalidade. Em C. Skliar, *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Ed. Media o.
- Solé, M. P. (2005). *O sujeito surdo e a psicanálise: uma outra via de escuta*. Rio Grande do Sul : UFRGS Editora.
- Sternick, Mara Viana de Castro. (2010). *A imagem do corpo em Lacan. Reverso*,32(59), 31-37. Recuperado em 25 de março de 2016, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952010000100004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952010000100004&lng=pt&tlng=pt).
- Stokoe, W. C. (1960). *Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication System of the American Deaf*. *Studies in Linguistics Occasional*.

- Strathern, P. (2002). *Derrida em 90 minutos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Solé, M. P. (2005). *O sujeito surdo e a psicanálise: uma outra via de escuta*. Rio Grande do Sul : UFRGS Editora.
- Stokoe, W. C. (1960). Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the American deaf. In *Studies in linguistics, Occasional papers 8*. Silver Spring, MD: Linstok Press.
- Souza, G. de, Andrade, M. A. T., Santos, A. A. dos, Silva, J. de L., Cunha, D. G. da, Oliveira, C. C. A., Bagnoli, R. A. de M., Couto, A. de S., & Andrade, I. M. T. de. (2019). A Língua Brasileira de Sinais em seus dezesseis anos: avanços e desafios. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, (24), e288. <https://doi.org/10.25248/reas.e288.2019>
- Tavares, P. H. (2012) O vocabulário metapsicológico de Sigmund Freud: da língua alemã às suas traduções. In: *Pandemonium*. São Paulo, v. 15, n. 20, Dez./2012.
- Tha, F. (2004) *Categorias conceituais da subjetividade*. Tese de Doutorado. Curso de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Paraná. Curitiba.
- Triviños. A.N.S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. Editora Atlas. São Paulo.
- Torezan, Z. C., & Aguiar, F. (2011). O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. *Revista Mal estar e Subjetividade*, 11(2), pp. 525-554. Acesso em 2018 de Março de 30, disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482011000200004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200004&lng=pt&tlng=pt).
- Vorcaro, A. R. (2003). Gestos que descarrilam. Em N. d. Leite, *Corpolinguagem: Gestos e Afetos* (pp. 125-140). Campinas,SP: Mercado das Letras.
- Van der Hulst, H. (1993). Units in the analysis of signs. *Phonology*, 10(2), 209–241.
- Viana, Beatriz Alves, Furtado, Luis Achilles Rodrigues, Vieira, Camilla Araújo Lopes, & Stervinou, Adeline Annelise Marie. (2017). A dimensão musical de la língua e seus efeitos na prática com crianças autistas. *Psicologia USP*, 28(3), 337-345. <https://dx.doi.org/10.1590/0103-656420170011>
- Vinciguerra, Rose-Paule (2016). Prefácio. In: Aubert, Jacques. *Lacan, o Escrito, a Imagem*. Autência. Belo Horizonte.
- Vicenzi, Eduardo. (2009). Psicanálise e linguística estrutural: as relações entre as concepções de linguagem e de significação de Saussure e Lacan. *Agora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 12(1), 27-40. <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982009000100002>
- Viera, M.A. (2009). *A Presença do Outro*. Curso Livre do ICP-RJ realizado no primeiro semestre de 2009 na Seção-Rio da Escola Brasileira de Psicanálise por Marcus André Viera. Transcrição e pesquisa inicial de referências: Leandro Reis.
- Vives, J. M. (2009). A pulsão invocante e os destinos da voz. *Psicanálise & Barroco*. 7(1), 186-202.
- Vives, Jean-Michel (2013). *A voz na psicanálise. Reverso. Ano 35. N. 66. Pp. 19-24. Belo Hozironte. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v35n66/v35n66a03.pdf>>*
- Vives, Jean-Michel (2020). *A voz no divã*. São Paulo: Aller.
- Vorcaro, A. (2010). Psicanálise e método científico: o lugar do caso clínico. In F. Kyrillos Neto & J. O. Moreira (orgs.). *Pesquisa em psicanálise: transmissão na universidade* (pp. 146-155). Barbacena: UEMG
- Wanderley, Débora Campos. (2012). *Aspectos da Leitura E Escrita De Sinais: Estudos De Caso Com Alunos Surdos Da Educação Básica e De Universitários Surdos E Ouvintes*. Universidade Federal De Santa

Catarina. Centro De Comunicação e Expressão Pós-Graduação em Linguística. Dissertação de Mestrado. Florianópolis. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/100775/308896.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Wilcox, S. & Shaffer, B. (2005). Towards a cognitive model of interpreting. In: JANZEN, Terry. *Topics in Signed Language Interpreting: Theory and Practice*. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam. 2005. p. 27-50.

Witkoski, Sílvia Andreis. (2009). Surdez e preconceito: a norma da fala e o mito da leitura da palavra falada. *Revista Brasileira de Educação*, 14(42), 565-575. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782009000300012>